

TERÊNCIO

comédias



TERÊNCIO

comédias

Cr. \$ 50.00

SÉRIE CLÁSSICA UNIVERSAL

"OS MESTRES DO PENSAMENTO"

Em Literatura - Filosofia - Religião e História

Sob a direção de José Pérez

43

TERÊNCIO
COMÉDIAS

Tradução clássica portuguesa
de
Leonel da Costa Lusitano



TERÊNCIO



EDIÇÕES CULTURA

Av. 9 de Julho, 872 e 878 - 1.º andar - Fone: 4-2228

São Paulo - Brasil

1945

Síntese bibliográfica
de
TERÊNCIO
185-159 A. C.

- 185 — Nasceu em Cartago.
158 — Viajou pela Grécia.
159 — Morreu num naufrágio.
1470 — Editio: princeps Strasbourg.
1558 — Hemlbold (Vita Ternt).
1678 — Runknen; *Dictata in T. Comædias.* —
Baret, *De jure apud Terentium.*
1717 — Mme. Dacier (tradução francesa).
1771 — De Monire (tradução francesa).
1821 — Bergeron (en vers).
1821 — Schopen (De Ter).
1854 — Guill. Guizot, *Ménandre.*
1854 — Benoist, *La comédie de Ménandre.*
1858 — Taunay (en vers).
1860-73 — Talbot.
1862 — Du Belloy (en vers).
1869 — Wagner.
1874 — Dziatzko.
1876 — Umpfenbach.
1879 — Bertin *De Plautinis et terentianis adolescen-*
tibus amatoribus.
1889 — Fabia, *Les prologues de Terence.*
1896 — Cartaud, *Questions sur l'Eunuque.*
1907 — Th. Reinach, *Ménandre.*

TERÊNCIO
C O M É D I A S

TERÊNCIO E O
TEATRO DE CLASSE

José Pérez

Duplo interêsse suscita Terêncio.

De um lado, nêle, incide-se na questão, de primordial importância, das origens do teatro, já que é, cronologicamente, dos mais antigos autores dramáticos da literatura latina. De outro, é o valor que, como autor emérito desse genero literário, desperta pela sua técnica, pelo conteúdo ético-político, humano e histórico e pela visão filosófica que se desdobra da sua conceituação teatrológica.

I

Quem se detiver no estudo da gênese e da evolução do teatro, verifica que penetrou num mundo encantado da cultura, onde a vida se plasma numa síntese irrepreensível, apanhada na fragrância dos seus gestos, na realidade das suas aspirações ou na dourada idealidade dos seus almejos, embora duplamente mascarada de tragédia e comédia.

Os filósofos deviam ler muito os teatrológicos. Não se diga só os filósofos, toda a gente deveria ler esses fotografos da alma. Passam êles, como se fôsem os notários fiéis da vida social e dos movimentos psicológicos, para as dialogações das suas personagens, os anseios, os costumes, os ideais que animam e aviventam os homens em certa época — o que equivale a documentar e bem arquivar a natureza humana, surpreendida, com fina penetração, em frases e situações definitivas. Diga-se assim do teatro que remonta de Esquilo e vem até Shakespeare, parte dos siracusanos e chega aos soviéticos, dimana dos primeiros escritores do teatro romano, com Enio, Plauto, Cecílio e Terêncio e se nimba de glória imarcescível na Espanha com Tirso, Calderon, Lope, "el monstruo de la naturaleza", os Moratin, Cervantes, Gil Vicente — de obra bilingue, luso-espanhola — na França

com Scarron, Corneille, Racine e Molière, na Itália com Goldoni, Alfieri, Maffei, D'Annunzio, na Alemanha com Schiller e Goethe, na Inglaterra com o Shakespeare, Wilde, Shaw. Sem cessar, esse gênero literário produz envergaduras geniais e modalidades extremamente interessantes que saem da Grécia com Manandro ou se dão formas estupendas, para o delírio das platéias dos seus dias, no "culto de Dionísio", nas cenas dos "mistérios", das "laudas representativas" italianas do Sec. XIII, das "representações sacras", das "fábulas mitológicas", dos "dramas pastoris", das "commedie dell'Arte" do Sec. XVII e XVIII, das "alegorias renascentistas", do "Teatro Olímpico", das finuras dos "intermezzos", das mavidades madrigálicas das "pastorais" e do "Pastor Fido", das brutezas dos "autos", das licenciosidades populares do "carnaval", das "paixões", verdadeiro teatro religioso de massas, como se realizava em Sevilha, cujas procissões da semana Santa não passam de "mistérios" coletivos, das "comédias", das "tragédias", dos "dramas", das "farsas", das "loas", dos "teatros de feira", em que levava as suas peças Shakespeare. Emanações de genialidades teatrais com Lessing, Manzoni, Byron, Shelley, Talma, Hugo, Scribe, Tieck, Kleist, Ibsen, Strinberg, Reinhardt, e as peças do teatro judeu de que o Dibouk ficou sendo o modelo imperecível, do teatro tcheco, do búlgaro, do negro pela esquisitice, até Mayerkold, o Theater Trust, o Guild, e o Little Theater.

Não é de crer-se que qualquer outra manifestação da inteligência e da cultura humana apresente produção mais significativa e pomposa do que a teatral, onde a vida se cristaliza numa condensação irizada e vai da experiência cotidiana mais comensinha e terra a terra, ao pensamento se alcandorando às alturas da moral e da filosofia. Esta polarização que concentra pensamento, ação, arte, literatura e vive do gesto e da voz humana animando-a e servindo-a, faz do teatro algo de privilegiado. Mesmo só lidando com a obra escrita — abstraída da representação dos proscênios, das ribaltas, dos palcos, sem mesmo o efeito dominador da voz, do gesto, do canto, da dança, da música, da pintura, dos vestuários, do jogo de luzes que desce das gambiarras — ainda assim, só lida a peça de teatro, basta, muita vez,

apenas a dialogação e a movimentação das personagens numa suposta cena, para dar-lhe estuantes movimentos e grandeza soberba. É que a vida se vai desdobrando da obra levando-nos da imaginação cênica à profundidade das cogitações humanas, como quando se lê o Timon de Atenas ou o Coriolano. É que há, ao alcance das massas, incontinenti, fulgurante e fulminante, em linguagem quase sempre acessível — ao contrário, verbi gratia, da língua filosófica, abstrusa e intransponível — conceitos envolventes de moralidade e crítica, de estalão fundamental que faz do teatro uma cátedra pedagógica de insuperável e insubstituível padrão.

Aqui, antes de entrar a versar Terêncio, pretendeu-se lançar um lembrete da evolução e do valor do teatro como aflora da obra catedralesca de Joseph Gregor, Weltgeschichte Des Theaters, Wien, 1933, de erudito texto histórico-crítico, fartamente ilustrada, com um sentido de sabedoria e modernidade que a recomenda sem favor e a torna obra básica no gênero: dos estudos de Freedley e Reeves, A History of the Theatre, New York, 1941, apreciável na feição literária e expositiva como nas reproduções fotográficas que sobremaneira a valorizam; da pequena obra de Gaehde, de que há tradução acessível, em espanhol, Barcelona, 1930, em que se funde um escorço memorável da evolução teatral; do celebrado volume de Paul de Saint Victor, Les deux Masques, onde a finura crítica atingiu a quase perfeição, sendo de bem notar-se a formosa edição argentina dessa obra, ricamente impressa, soberbamente transposta a castelhano, enchida de ilustrações nítidas de precioso sentido informativo.

Salta aos olhos o interesse de obras tais, que nos deixam conhecimento seguro dessa arte que põe a vida em diálogos e cenas, arte, ainda agora, enricada de dois livros cuja leitura é deveras aconselhável — El Teatro y sus enemigos, de Enrique Dias Canedo, México, 1939, e L'Art du teatre, de Henri Gheón, Montreal, Canadá, 1944.

II

Pois a grandeza da tradição dramática liga-se, em suas origens, o nome de Publio Terêncio Afer.

Tirar as linhas gerais da sua biografia é pairar na incerteza. De certo pouco ou nada dela se sabe. Tudo é fugidio. De que foi nascido em Cartago, como a maioria dos autores dá por assente, é coisa que não tem base sólida. Suetônio (Vita Terenti) assim o confirma, fazendo derivar daí o Afer que lhe está no nome. Mas Emile Chambay, (Térénce, Comédies, 2 vols.), contesta o parecer do velho biógrafo. Da data do nascimento, em 160 a. C., nada se pode dizer que não sejam conjecturas, já que há quem lhe designe o ano de 185. Da data da morte (159?) e da forma por que morreu ficamos ainda no domínio das probabilidades. Para uns, teria morrido de pesares ao saber da perda de manuscritos que enviara da Grécia, aonde fôra levado pela sua paixão pelo teatro grego, (158?) especialmente de Menandro, de quem fôra apaixonado imitador, num desastroso naufrágio. Para outros, morrera nesse próprio naufrágio que lhe trouxe os manuscritos. Morio no mar, junto às Leocades, na Arcadia, ou em Estinfale, é certo que morreu jovem, aí pelo seus trinta e cinco anos.

Tem-se que como escravo tivesse sido trazido para Roma e, aí, vendido por piratas, vindo às mãos do senador Terêncio Lucano por compra ou presente. Seduzido da sua beleza e da sua inteligência, educou-o a primor, manumitindo-o depois. Assim, em ambiência refina, aí se repoliu nos modos e se ligou à granfinura da época e as suas peças refletem esses climas moderados e distintos. Aprimorou-se no estudo do grego, e teve por modelo a Menandro, a quem imita de tal jeito que chega a só fazer tradução do autor grego, porque entendia, e não entendia mal, que se o original era do autor, a tradução pertencia ao tradutor. É a tese que em nossos dias desenvolveu Albat, da lingua francesa fundada por Amyot, o inclito tradutor de Plutarco e a pleiade de geniais tradutores que, transplantando para ela os modelos de Grécia e Roma, os incorporaram cultural e linguisticamente a esse belo idioma. Homens de cultura formalidosa, capazes de assimilar para a sua lingua as próprias peculiaridades doutros falares, adaptando-as com génio e arte. Veja-se se é isso o que se dá com o opróbrio da tradução que se usa entre nós, em que analfabetos petulantes são os transplantadores de obras antigas e modernas, mutilando textos,

destroçando intenções, estraçalhando literatura. E, isto, que, infelizmente, na atualidade nacional, não temos por que apresentar quase exceção boa. — Assim tomando a tradução, como obra própria a entendia Terêncio, eis que já estavam chegados os dias que Horácio tornaria famosos no seu distico — da Grécia vencida começando a vencer o vencedor. A cultura grega dominava aqueles climas de seleção social que se apuravam em Roma já ao tempo de Terêncio, que enveredou literariamente pela palliata, forma de comédia grega que Lívio Andrônico introduziu em Roma e foi depois cultivada por Nêvio, Plauto, Ênio, Cecílio e Terêncio.

Para narrar ainda algo de sua vida, deve-se lembrar que deixou uma filha que se acabou casando com um cavaleiro romano e cuja recebeu por herança uma quinta na via Apia, junto ao Templo de Marte, sendo também protegida por Cipião e Nêvio.

Em vida, teve de polemizar com os adversários que o acoimavam de plagiário e o acusavam de fazer as suas comédias com o auxílio de amigos, principalmente de Cipião e Nêvio. Muitos séculos depois, Montaigne, que nos Essais não regateia elogios à comédia terenciana, se faz eco dessa acusação, embora seja dos responsáveis pela fortuna de Terêncio na lingua e na literatura francesa, endossado mais tarde nessa admiração por Fenelon, Bossuet e Diderot que escreveu em 1762 as substanciosas Reflexions sur Terence. É que a dramaturgia clássica francesa aproveitou Terêncio para modelo e lembre-se Molière, nas Fourberies de Scapin. Mas já o próprio Terêncio se defendia das acusações nos prólogos das suas peças, especialmente de Andria, do Eunuco, e dos Adelfos. Na Andria, confessa:

Fêz Menandro a comédia Andria, e Pirintia,
Aquele que tiver conhecimento
De qualquer delas bom, o terá dambas.
De argumento não são mui diferentes,
Mas feitas, e compostas com palavras
Mui diversas, e diferente estilo.

Adotou o processo original da contaminação — contaminação, que consistia em ligar duas comédias,

aproveitando de cada uma aquilo que, num convívio harmónico, pudesse se apresentar como uma só peça.

Aos vinte anos estreitou com as suas primeiras peças, de que nos restam seis: *Andria*, *Eunuco*, *Hecira*, *Héautontimoruménos* (térmo grego que significa O carrasco de si mesmo), *Adelfos* e *Formion*.

Não obstante as críticas de que foi alvo por peças, de que nos restam seis: *Andria*, *Eunuco*, *Hecira*, *gões* romanas exaltaram a glória de Terêncio. Suetónio cita versos de Cícero:

Tu quoque qui solus lecto sermone, Terenti,
Conversum expressunquē latina voce Menandrum
In medium nobis sedatis motibus effers,
Quiddam come loquens atque omnia dulcia miscens.

E César o celebra, também em versos:

Tu quoque, tu in summis, ô dimidiante Menander,
Poneris, et merito, puri sermonis amator;
Lenibus atque utinam scriptis adjuncta foret vis
Comica, ut aequato virtus polleret honore
Cum Græcis, neve hac despectus parte jaceres!
Unum hoc maceror ac doleo tibi desse, Terenti.

De Horácio ficou o dístico: Vincere Celilius gravitate, Terentius arte.

Quintiliano por sua vez o recomenda com entusiasmo, com esse entusiasmo que se vai reacender na fase humanística e renascentista clássica francesa.

Mas, e aqui fazendo o fecho destas considerações prefaciais, deseja-se destacar o aspecto caracteristicamente clássico da comédia terenciana. Ele é o comediógrafo das classes de elite do período de ferro da literatura latina. Nêle se pule, se desbasta, se refina aquela linguagem, aquelas rudes intenções, aquela baixa intriga, soezes e sórdidas, que se acoitaram no teatro de Plauto. As graças grosseiras, os calembours contundentes do teatro plebeu de Plauto se aristocratizam no teatro patricio de Terêncio. É isto que faz de Terêncio um autor digno de estudo como documento da classe. As finuras, as limpezas de palavra e de frase, as distinções de modos, as elegâncias mesmo quando se trata da "cociage" da granfinagem social da época, tudo aí se passa em formas, exteriorizações e intenções repolidas.

Ele funda em Roma, refletindo a classe patricia em que se educa, o teatro dessa classe.

Mas há em Terêncio, sobre esse sentido de classe, e para além de considerações puramente sociais, intuitos e vasta compreensão humana que o leva até ao slogan que fazia o lema predileto de um internacionalista de corpo inteiro como Marx. É uma frase como poucas há, de transunto humana e universal, e que, ao perguntarem a Marx qual a que preferia, citou-a elle como da sua diletta afeição. É a que está no *Héautontimoruménos*, ato I, verso 77: Homo sum: humani nil a me alienum puto. (Sou homem e nada que seja humano me é indiferente).

É pensamento que vale por uma inteira e sã filosofia social, muito sólida e pouco praticada mesmo nas esferas das cogitações puras, onde o exclusivismo e o vesgo particularismo dão a norma do comportamento egoístico.

O que o portentoso gênio de Marx vislumbra para lema-guia de sua preferência, no-lo deu a serena grandeza do comediógrafo romano: é a síntese final da grande compreensão cósmica das coisas humanas consideradas no interesse da sua totalidade.

ÂNDRIA

INTERLOCUTORES DA FÁBULA:

Simão, *velho*.

Sósia, *criado*.

Davo, *criado*.

Mísis, *criada*.

Pânfilo, *mancebo*.

Carino, *mancebo*.

Bírria, *criado*.

Lésbia, *parteira*.

Glicério, *cantoneira*.

Cremes, *velho*.

Crito, *hóspede*.

Dromo, *criado*.

ARGUMENTO DE TÔDA A COMÉDIA

Havia em Atenas um Cidadão chamado Cremes; veio êste a ter duas filhas, uma se chamou Filomena, e a outra Glicério, digo Pasíbula; e sendo esta Pasíbula menina ainda pequena, se perdeu. Depois, per vários casos veio ter a Atenas, em companhia de uma mulher de partido, chamada Crísis: mas porque a mãe desta Crísis a criara juntamente com ela, sem diferença alguma, todos cuidavam que eram irmãs. Desta Pasíbula, debaixo do nome de Glicério, se namorou um mancebo chamado Pânfilo, filho de um certo Simão, Ateniense, de maneira que veio a conseguir o efeito do seu amoroso desejo, e ela veio a ter um filho. Simão, pai do dito mancebo, estando alheio dêstes amores, pediu a Cremes lhe desse por mulher a sua filha Filomena; Cremes lha prometeu. Estando já concertados se deu ordem para se fazerem as bodas: mas tanto que Cremes soube dos amores de Pânfilo, não quis estar pelos concertos: polo que Simão descontente, e pesaroso do negócio, roga de novo a Cremes, e o persuade a que não impida as bodas; porém êle, tornando a saber que o mancebo tinha um filho da chamada Glicério, o negócio se arruína de todo. Estando as coisas nestes termos, se vem a saber que esta Glicério era aquela Pasíbula, filha do mesmo Cremes, que êle perdera, sendo

menina. Pola qual razão a dá a Pânfilo por mulher, e casa a outra filha, chamada Filomena, com Carino, outro mancebo que ardentissimamente a amava. E desta maneira se vêm a fazer as bodas entre todos quatro.

PRÓLOGO

Quando para 'screver o nosso Poeta
 A vontade applicou, primeiramente
 Creio que só se lhe dava êste trabalho;
 Que as fábulas as quais êle fizesse
 Ao povo contentassem: mas entende 5
 Que diferentemente lhe acontece;
 Porque não usa bem dêste trabalho
 No 'screver dos seus Prólogos; não sendo
 Tal, que conte da fábula o argumento,
 Mas que responda às pragas criminosas 10
 Dum antigo, e malévolô Poeta.
 Agora que atenteis vos peço, e rogo
 De que coisa viciosa o vituperem.
 Fêz Menandro a Comédia Ândria, e Piríntia,
 Aquêlê que tiver conhecimento 15
 De qualquer delas bom, o terá d'ambas.
 De argumento não são mui diferente,
 Mas feitas, e compostas com palavras
 Mui diversas, e diferente 'stilo.
 Confessa o nosso Poeta haver tirado, 20
 E traduzido da Piríntia, e pôsto
 Nesta sua Ândria o que foi conveniente;
 E ter usado delas como próprias:
 Isto que êle fêz, êstes vituperam,
 E sôbre isto argumentam, e disputam, 25
 Dizendo não ser lícito que sejam

Desmembradas as fábulas dos Gregos.
Eles fazem que pouco, ou nada entendam,
Entendendo, ou querendo entender muito:
Os quais acusando êste, accusam Névio,
E Plauto, e Enio de grande autoridade,
Que por autores tem o nosso Poeta:
Dos quais a negligência antes deseja
Imitar, e seguir, que a demasiada
Diligência dos tais obscura, e cega.
Mas eu daqui por diante os aconselho,
Que para o porvir queiram estar quietos:
Deixem de praguejar, porque não venham
A saber as suas faltas, e seus vícios.
Favorecei-nos vós estando atentos;
E a Comédia que se vos representa
Entendei, para que perfeitamente
Julgueis qual esperança das que ficam
Tenhais, que êle fizer de novo, d'hoje
Em diante, se de vós hão de ser vistas,
Se, primeiro que o sejam, excluídas.

30

35

40

45

ATO I

CENA I

SIMÃO, velho. SÓSIA, criado

ARGUMENTO

Nesta primeira Cena introduz o Poeta a Simão velho, contando a Sósia seu criado a vida, e os amores de Pânfilo seu filho, e tôdas as ocasiões porque fingia de lhe querer dar mulher: e há-se de notar que é próprio da arte Cômica introduzir-se sempre na primeira Cena uma figura, a qual sòmente fala nela, e nunca mais torna ao teatro até ao fim da fábula; e a esta figura chamam os Gregos παρατιχοι, protaticon; figura protática; e Sósia é o que representa esta figura. Ora Simão, porque Sósia fique falando só com êle, e para que os outros criados não suspeitem que lhe quer comunicar seus segredos, busca ocasião para os despedir e deixar ficar só a Sósia: polo que tendo não sei que coisas de comer diante, para se haverem de concertar na cozinha, lhe diz que as levem para dentro, e só faz ficar a Sósia; e assim entra dizendo:

- Si. Levai vós outros estas coisas dentro
I-vos logo daqui; fica tu Sósia,
Que te quero dizer quatro palavras.
Só. Cuida que mas disseste: dizer queres

- Que tenha bom cuidado destas coisas. 5
- Si.* Antes te quero coisa diferente.
- Só.* E que coisa há na qual a minha indústria
Te possa ser melhor, que nesta agora?
- Si.* Essa arte, e indústria tua não me importa
Para esta coisa que de novo intento: 10
Mas importam-me as coisas, que em ti sempre
Entendi serem postas: confiança,
Lealdade, e sêgrêdo. *Só.* Já desejo
Saber o que me queres. *Si.* Tu bem sabes
Depois que te comprei, como tiveste 15
Desde menino sempre em minha casa
Cativoiro clemente, brando, e fácil.
Eu fiz, que de cativo fôsses livre,
Só porque me servias francamente,
Sem ter ao teu particular respeito. 20
Dei-te o que sempre tive em grande estima,
Paguei-te com a doce liberdade.
- Só.* Não me esquece a mercê que me fizeste.
- Si.* Do que, Sósia, te fiz não me arrependo.
- Só.* Eu me alegre, Simão, se te fiz coisa, 25
Ou faço, que te agrade, e te contente;
E tenho-te em mercê, e folgo muito
que isto acêrca de ti seja agradável.
Mas uma coisa me molesta, e aflige,
Porque êste teu lembrar-me o que me deste
É quase um querer lançar-me em rosto, 31
Como se eu dela não fôra lembrado.
Enfim, dize o que queres que te faça.
- Si.* Assim o farei: primeiramente digo,
E te faço a saber isto; que as bodas 35
Que tu cuidas, e crês, que o são de siso,
Verdadeiras não são, senão fingidas.
- Só.* Pois por que razão logo as dissimulas?
- Si.* Ouvirás tôda a coisa de princípio;

- E tu conhecerás desta maneira 40
A vida de meu filho, e o meu conselho,
E o que quero que tu me faças nisto.
Porque depois, que, ó Sósia, êle da idade
De moço se apartou, de viver teve 45
Um poder, e licença mais isenta:
Que como poderias saber dantes
A sua má natureza, enquanto o mêdo,
A pouca idade, e o Mestre o proibiam?
- Só.* Assim é como dizes. *Si.* Não se dava
Nem se inclinava a uma mais que a outra 51
Daquelas coisas a que a mais da gente
Manceba pola mor parte se inclina;
Ou cavalos criar, ou cães de caça;
Ou freqüentar as casas dos Filósofos;
Para aplicar a algum honesto 'studo 55
O desejo; e contudo êle fazia
Com moderação tôdas estas coisas.
Eu m'alegrava certo. *Só.* Não sem causa:
Porque isto me parece sobretudo 60
Ser na humana vida de proveito;
Que não se intente, nem se faça nada
Demasiadamente, e com excesso.
- Si.* Dêste modo vivia como digo.
Sofria, e suportava facilmente 65
Todos aquêles com quem conversava:
Com êles se entregava ao que queriam,
A vontade fazia a seus desejos;
E jamais a ninguém era contrário,
Não se tendo por mais do que êles eram: 70
De maneira que tu fazendo o mesmo
Fácilmente louvor granjear puderas,
E sem inveja amigos verdadeiros.
Só. Dos sábios escolheu da vida o modo:
Porque andar à vontade neste tempo

- Si.* Doutrem, adquiere amigos; e a verdade
 Adquire malquerença, ódio granjeia.
 Entretanto, vivendo dêste modo,
 Uma certa mulher há já três anos
 Se passou de Andro a esta vizinhança,
 Constrangida, e obrigada da pobreza,
 E do descuido torpe dos parentes;
 De extremada beleza, e de perfeita
 Idade, e para o seu nada faltava.
Só. Ai, tenho medo que esta mulher de Andro
 Traga algum mal, ou seja causa dêle.
Si. Esta mulher Andriana no princípio
 Passava a vida casta, e honestamente;
 ganhando, e granjeando com trabalho
 O comer sempre; fiando por dinheiro.
 Mas depois que um amante, e outro amante
 Se lhe chegou à porta; (como seja
 A natureza humana quebradiça
 Do trabalho às lascívias inclinada)
 O partido aceitou, e logo o ganho
 Torpe, e sujo, dali teve princípio.
 Os que naquele tempo a namoravam
 Acaso (como às vêzes acontece)
 Consigo lhe levaram um meu filho,
 Para comer com êles juntamente.
 Eu comigo dizia de continuo:
 Certo que está do Amor prêso, e ferido.
 Logo pela manhã a ver me punha
 Os criados que vinham, e tornavam;
 Sempre lhe perguntava, assim dizendo:
 Ó lá, dize-me tu, moço, se sabes
 Quem gozou ontem Crísis? porque Crísis
 Era desta mulher Andriana o nome.
Só. Estou mui bem senhor no que me dizes.
Si. Diziam: Pedro, ou Clínia, ou Nicerato,

75

80

85

91

95

100

105

- Porque êstes três então amor lhe tinham.
 Ou, dizei-me vós outros, que fêz Pânfilos?
 O que fêz? respondiam os criados,
 Deu sua parte para cear com êles,
 E ceou finalmente; eu me alegrava.
 O mesmo perguntava ao outro dia,
 E achava que nenhuma coisa destas
 A Pânfilos tocava; e certamente
 O tinha por modesto, e circunspeto,
 E por de consciência exemplo raro:
 Que aquêles que pratica, e que conversa
 Com naturezas desta qualidade,
 E se abstém de fazer o que êles fazem;
 Sabe tu que êste tal na mão ter pode
 O timão, e o governo de sua vida.
 Isto me contentava sumamente,
 E todos a uma bôca apregoavam
 Os meus bens, e louvavam minha sorte,
 De que tivesse um filho tão modesto,
 E de tal gênio, e natureza ornado.
 Para que quero usar de mais palavras?
 Desta sua fama Cremes impellido,
 A mim se veio, sem que eu lhe falasse
 Para dar a meu filho uma sua filha
 Única, por mulher com grande dote.
 Fiquei contente; prometi fazê-lo.
 Hoje se determinam estas bodas.
Só. Logo, que coisa põem impedimento,
 Para que não se façam verdadeiras?
Si. Ouvirás tudo: Quase em poucos dias
 Que aconteceram estas coisas, Crísis
 Vizinha nossa morre. *Só.* Ó bom sucesso!
 Deste-me a vida: tive grande medo
 Que desta Crísis algum mal nascesse.
Si. Neste tempo meu filho ali presente

110

115

120

125

131

135

140

Estava freqüentando de contino 145
 A casa, juntamente com aquêles
 Que lhe queriam bem; tinha cuidado
 Das coisas pertencentes ao enterro.
 Enquanto isto fazia estava triste,
 E cos outros chorava juntamente. 150
 Folgava ver aquilo; e assim dizia
 Comigo: êste por causa duma breve
 Conversação a morte sente desta
 Tão familiarmente; que fizera
 Se lhe quisesse bem? Que fizera êle 155
 Por mim, que sou seu pai? cuidava, e cria
 Que tôdas estas coisas procediam
 De natureza fácil, e benigna
 E de um ânimo brando. A que te tenho
 Com mais palavras? Eu por seu respeito, 160
 Eu mesmo saio a acompanhar o enterro,
 Não suspeitando coisa que má fôsse.
Só. Oh, que me contas tu? *Si.* Saberás tudo.
 Levou-se o corpo morto à sepultura:
 Imos com êle: neste meio tempo, 165
 Entre aquelas mulheres que ali estavam
 Presentes, uma moça vejo acaso
 De beleza... *Só.* Extremamente porventura?
Si. E de um aspecto, ó Sócia, tão modesto, 170
 E tão airoso, que ser mais não pode:
 A qual me pareceu naquele tempo,
 Que mais que as outras tôdas lamentava;
 E porque mais formosa era que tôdas,
 As criadas me chego, e lhe pergunto
 Quem seja: elas respondem, que de Crísis
 Era irmã. Logo, logo esta resposta 176
 Me deu no coração: tá, tá já caiu;
 Isto a obriga a chorar: daqui procedem
 Aquelas tão sentidas lagriminhas,

E daqui nasce aquela piedade. 180
Só. Oh como temo o fim dêste teu conto!
Si. Vai a fúnebre pompa entanto andando:
 Seguimo-la, e chegamos ao sepulcro:
 Foi posta na fogueira, pranteou-se.
 Entretanto esta irmã, que já te disse, 185
 À fogueira chegou-se descuidada,
 E sem cautela, e com perigo grande.
 Então Pânfilo todo esmorecido
 Ali descobre o amor que êle cuidava,
 Que estava simulado, e bem coberto: 190
 Ao fogo se chegou correndo, e leva
 Nos braços a mulher, bem pelo meio,
 E diz: Glicério minha, tu que fazes?
 Por que razão te vás a matar? ela
 (De modo que puderas facilmente 195
 Considerar o amor usado entr'ambos)
 Cair sôbre êle então se deixa logo,
 Chorando tenramente como amiga.
Só. Que é isso que me dizes? que me contas?
Si. Dali me torno irado, mal sofrendo 200
 Aquilo: causa não tinha bastante
 Para ali o repreender; dizer pudera:
 Que fiz meu pai? que mereci? que culpa
 Cometi contra ti? quis na fogueira
 Lançar-se, proibi-lho; e defendia. 205
 É honesta desculpa. *Só.* Mui bem dizes.
 Que se tu repreenderes quem socorro
 À vida deu; a quem lhe fôr de dano
 E lhe fêz todo mal, que lhe farias?
Si. Um dia depois disto veio, Cremes 210
 Ter comigo bradando, ó grão maldade!
 Que soubera, e que achara, que meu filho
 Tinha por mulher esta peregrina:
 Eu com instância grande lhe negava

- Que não fizera tal: êle aporfia 215
 Que sim fizera. Enfim dêle me aparto
 Assim desconsolado, e descontente
 Como daquele o qual negava dar-lhe
 A filha. *Só.* Então aí não repreendeste
 Teu filho? *Si.* Ainda causa não havia 220
 Bastante para haver de repreendê-lo.
Só. Dize por que razão? *Si.* Dizer pudera:
 Vós mesmo, ó pai, pusestes a estas coisas
 O fim determinado. Está já perto 225
 O dia, no qual à vontade alheia
 Hei de viver: agora neste meio
 Deixai-me, e consenti viva a meu modo.
Só. Que lugar fica pois de repreendê-lo?
Si. Se casar não quiser por seus amores,
 Aquêlê agravo que êle fêz às bodas 230
 Se deve castigar primeiramente,
 Dêle tomando aspérrima vingança:
 E por isso trabalho quanto posso
 Agora que haja causa verdadeira
 Por estas falsas, e fingidas bodas 235
 De repreendê-lo, se casar não queira:
 E também para que se Davo astuto,
 E malvado, tiver algum conselho
 Lhe fique nulo, e vão agora quando
 Os teus enganos nenhum nojo fazem; 240
 O qual eu creio que há de fazer tudo
 Com mãos, e pés, e com tôda sua fôrça
 Mais por me desgostar por amor disto,
 Do que por dar algum gôsto a meu filho.
Só. Dize, e por que razão? *Si.* Tu mo perguntas?
 Tem ânimo danado, e perversa alma. 246
 O qual se eu sentir certo...

mas que quero

Usar de mais palavras? se contúdo

- Acontecer (o que eu desejo muito)
 Que não haja detença alguma em Pânfilo:
 Resta Cremes, o qual de mim rogado 251
 Há de ser, para que lhe entregue a filha,
 E que isto venha a ser, espero, e creio.
 Agora a obrigação que tens, ó Sósia,
 É que bem dissimules estas bodas, 255
 Atemorizes Davo, o filho espreites
 O que faz, e que conselho co'êlê
 Toma. *Só.* Basta, eu terei bom cuidado;
 Vamo-nos já daqui lá para dentro.
Si. Vai-te tu diante, que eu te irei seguindo.

CENA II

SIMÃO, velho, e DAVO, criado

ARGUMENTO

Tinha-se ido Sósia para dentro, para não tornar mais, como figura protática; e Simão ficando no teatro, polas conjecturas do mêdo que vira em Davo antes que falasse com Sósia, não duvida que seu filho haja de aceitar a mulher que êle finge dar-lhe, e de fazer tudo o que êle mais quizer. A qual coisa, segundo a conjectura que fazia, era verissímil: porque vendo, como digo, dantes a Davo triste, e sabendo quanta pena lhe dava que Pânfilo casasse, não podia julgar outra coisa; polo que começa a falar para o povo o que se segue; até entrar Davo, do qual êle se quer certificar se tem seu filho amores, por razão dos quais êle finge de lhe dar mulher; e o ameaça, que se êle naquelas fingidas bodas usar de suas astúcias, malícias, e enganos, para que senão façam o há de meter em um moinho, ou atafona, para que nela moendo acabe a vida.

- S. Não há dúvida que casar não queira
Meu filho: porque agora senti Davo
Temê-lo, quando ouviu que se fariam
Estas bodas. Mas êle sai fora.

- D.* Maravilha-me que isto assim passasse; 5
 E sempre receava onde ter fôsse
 A' benigna brandura de meu amo;
 O qual, depois que ouviu que não se havia
 De dar mulher ao filho, nunca disse
 A' algum de nós, nem uma só palavra 10
 Nem isto sofreu mal, nem sem paciência.
- S.* Mas agora o fará, não, como cuido,
 Sem teu grão dano, e mal. *D.* Isto quis êle,
 Que nós desta maneira, persuadidos
 Duma falsa alegria, sem cuidado, 15
 Esperança tivéssemos, passado
 De todo o mêdo; e neste meio tempo
 De sobressalto fôssemos tomados
 Descuidados, e como dorminhocos;
 A fim de não haver lugar, nem tempo,
 De discursar, para turbar as bodas. 21
 Fê-lo êle mui sagaz, e astutamente.
- S.* Que coisas fala aquêlê algoz malvado?
D. Êste é meu amo, e não o tinha visto.
S. Davo. *D.* Oh que coisa é esta? *S.* Vem cá logo.
D. Que me quer êste agora? *S.* Que é o que dizes?
D. Tu para que me chamas? que me queres?
S. Perguntas-mo tu Davo? dir-to-ei logo.
 É fama que meu filho tem amores.
D. Em verdade que o povo não se ocupa
 Senão em o saber. *S.* Entendes isto? 31
D. Bem entendo o que dizes. *S.* Mas é certo
 De pai injusto, e estranho, que estas coisas
 Inquire: porque aquilo que êle dantes
 Fêz pelo tempo atrás, nada me toca. 35
 Enquanto se ofereceu tempo para isso
 Consenti que fizesse sua vontade.

- Mas êste dia agora traz consigo
 Outra vida, e requer outros costumes.
 Quero de hoje por diante, e assim to peço,
 Ou, se é justo, muito to peço, Davo, 41
 Torne ao caminho já perdido dantes.
- D.* Não sei que possa ser. *S.* Todos aquêles
 Que têm amores, sentem por extremo
 Que se lhe dê mulher. *D.* Assim o dizem.
- S.* Demais disto se alguém elegeu mestre 46
 Para o negócio péssimo, e perverso,
 Aquêlê ânimo mesmo namorado
 As mais das vêzes vira à pior parte.
- D.* Em verdade Senhor, que não te entendo. 50
S. Não me entendes tu? *D.* Não. *S.* Oh bom é isso!
D. Não te entendo: sou Davo, e não Édipo.
S. Queres logo que fale finalmente
 Mais claro as coisas, que por dizer ficam?
- D.* Se por certo, isso quero. *S.* Se em tal dia 55
 Sentir que tu maquinas, e fabricas
 Algum engano nas presentes bodas,
 Só para que nenhum efeito tenham;
 Ou que queres mostrar neste negócio
 Quanto sejas astuto, e malicioso, 60
 Eu te meterei já bem açoitado
 Numa atafona, até que nela morras,
 Com esta condição, e juramento,
 Que por ti moa, se te tirar dela.
 Pois que me dizes tu? entendeste isto?
 Ou nem isto mui bem inda entendeste?
- D.* Antes entendi bela, e astutamente:
 Tão claro propuseste a mesma coisa:
 Não te foi necessário usar rodeios.
- S.* Mais fâcilmente sofrerei que seja 70

Enganado de ti no que quiseses,
Que sê-lo no negócio destas bodas.

- D. Rogo-te fales palavras mais brandas.
S. Zombas? Tu não me enganas, mas te digo,
Porque não digas, que te não foi dito,
Que olhes mui bem primeiro, e que te guardes
Não faças coisa alguma sem conselho.

CENA III

DAVO

ARGUMENTO

Ficando Davo só no teatro, faz grandes discursos, se dará ouvidos aos rogos, e aos preceitos do Senhor, obedecendo-lhe em tudo o que quer dêle, ou se ajudará, e dará favor a Pânfilo: pola qual razão, está (como dizem) em talas: porque senão faz o que seu Senhor lhe manda, teme suas ameaças; e senão socorre a Pânfilo, receia que morra de nojo; e por isso diz desta maneira, falando de si na segunda pessoa.

Ó Davo, não é tempo, não por certo
De preguiçoso ser, nem descuidado.
Segundo entendi agora dêste velho
O parecer acêrca destas bodas;
As quais, se com engano, e com astúcia 5
Senão provêm; sem falta serão causa
Da minha perdição, e de meu amo.
Estou suspenso do que fazer deva,
Se favoreça a Pânfilo, ou se faça
A vontade a êste velho, e lhe obedeça. 10
Se aquêlê desamparo, tenho mêdo,
E muito temo que lhe custe a vida:
Mas se lhe dou favor as ameaças

Temo dêste,

a quem é dificultoso

Enganar. Ele já primeiramente 16
 Dêste amor a verdade tem sabido;
 E trás-me em olho irado, sôbremodo
 Que nas bodas não faça algum engano:
 Se o sentir, nenhum remédio tenho 20
 Ou, se gôsto lhe der, buscará causa;
 E com razão, ou sem razão alguma
 Me lançará como precipitado,
 Segundo já me disse, na atafona.
 Isto também se ajunta a êstes males, 25
 Que esta mulher Andriana, ou seja amiga,
 Ou lhe seja mulher, prenhe é de Pânfilo:
 E é coisa para ouvir maravilhosa
 O disparate dêstes, e ousadia.
 O princípio é de doidos, não de amantes,
 Mandar determinaram se criasse 31
 O que parisse, ou fôsse macho, ou fêmea.
 Agora entre si fingem um engano;
 Que esta mulher é Cidadã de Atenas.
 Houve já noutro tempo um certo velho 35
 Mercador; êste velho fêz naufrágio
 Pegado à Ilha de Andro, e ali morreu.
 Donde fingem que então o pai de Crísis
 A recolheu do mar lançada fora
 Órfã ficando, e sendo inda pequena. 40
 Patranhas, enfim, tudo, e tudo fábulas.
 A mim não se me mete na cabeça,
 E a êles lhe contenta o fingimento.
 Mas Mísis sai de casa de Glicério.
 Contudo quero-me ir daqui à praça, 45
 Para que busque a Pânfilo, e lhe fale,
 Que não no tome o pai de sobressalto
 Acêrca dêste amor, que ele já sabe.

CENA IV

MÍISIS, criada

ARGUMENTO

Nesta Cena se há de pressupor que Arquílis, criada de Glicério, tinha dito a Mísis outrossim criada da mesma, fôsse buscar a Comadre, por andar a ama já com dores de parir; e que estando já à porta lhe tornou a perguntar se ouvira o que lhe tinha dito; ao que elle responde o que se segue:

Arquílis, bem ouvi quanto disseste.
 Mandas, e queres que se traga logo
 Lésbia. Per Pólux ela é mulher doida,
 Bêbada, temerária, e nada digna 5
 A quem cometas no primeiro parto
 Uma mulher: contudo a trarei logo.
 O disparate vêde da velhinha,
 Porque no beber é sua companheira,
 Por isso manda que se traga a mesma.
 Ó Deuses, dai poder a esta coitada 10
 De parir sem perigo; e àquela modo
 De errar antes em outras, que não nela.
 Mas por que vejo eu Pânfilo turbado?
 Já suspeito, e receio o que isto seja.
 Um pouco 'sperarei para que saiba
 Esta perturbação que mal nos traga.

CENA V

PÂNFILO, mancebo, MÍSIS, criada

ARGUMENTO

Mete o Poeta nesta Cena a Pânfilo sobremodo agastado, e mui sentido, de que o pai o queira casar tão depressa, sem lho fazer a saber: o que é causa de prometer a Misis, e lhe dar sua palavra, que não há de quebrar a que tem dado a Glicério de casar com ella, ainda contra vontade de seu pai, se doutra maneira o não puder fazer.

- É isto porventura feito humano,
Ou princípio? é de pai piedoso officio?
M. Que quer isto dizer? *P.* Ó fé suprema
Dos Deuses, e dos homens socorrei-me.
Isto que pode ser senão afronta? 5
Determinou de dar-me mulher hoje;
Não fôra justo que o soubera dantes?
E que primeiro mo comunicara?
M. Ai de mim, que palavra é esta que ouço?
P. Que faz Cremes? Que diz? o qual negava 11
De me dar por mulher a própria filha?
O parecer mudou, porque imudável
Me vê. Com tal instância trabalha elle,
Porque me aparte triste, e sem ventura

De Glicério? a qual coisa se acontece 15
 Acabado, e perdido sou de todo.
 Porventura é possível que haja homem
 Como eu tão infeliz, e desgraçado?
 Valha-me a fé dos Deuses, e dos homens.
 Não serei poderoso de algum modo, 20
 Para me desviar do parentesco
 De Cremes, e de vir a ser seu genro?
 Por quantos modos fico escarnecido
 E desprezado! tudo está acabado.
 Ah, depois de engeitado sou de novo 25
 Repetido. Por que razão o fazem?
 Se certo não é isto que suspeito,
 Algum monstro meu pai, e Cremes eriam,
 E a noiva porque não pode lançar-se
 Às costas de ninguém, se lança às minhas.
M. Ó desaventurada, estas palavras 31
 De Pânfilo, com medo me tem morta.
P. Que direi de meu pai neste intervalo?
 Ah! lícito, e decente é que êle trate
 Um negócio tão importante, e grande 35
 Com tanta negligência, e tal descuido?
 Agora passando êle junto à praça
 Hoje te hás de casar, me disse, ó Pânfilo,
 Apercebe-te, e vai-te para casa:
 E a mim me pareceu que dissesse isto: 40
 Vai-te enforçar daqui, logo nesta hora.
 Embaçado fiquei: cuidais que pude
 Proferir, ou dizer palavra alguma?
 Ou desculpa buscar, inda que injusta,
 E despropositada? fiquei mudo. 45
 Porém se isto soubera de princípio
 Eu fizera, e fingira alguma coisa.
 Se alguém mo perguntara, respondera:
 Por isto não fazer fizera muito.

Mas que farei primeiramente agora? 50
 Tantos cuidados, tantas desventuras
 Me impedem, que me levam como arasto
 Para diversas partes o desejo:
 O amor, e compaixão desta coitada,
 A vergonha do pai, que me atormenta, 55
 O qual sofreu com ânimo tão brando,
 Que eu fizesse o que quis sempre até'gora,
 Êle sofreu tudo isto porventura,
 Para quê eu sem razão lhe contradiga?
 Ai de mim, que não sei que diga, ou faça.
M. Temo, triste de mim, desaventurada 61
 Em que êste seu não sei que faça, pare.
 Porém, agora é muito necessário,
 Ou que Pânfilo fale com Glicério,
 Ou que eu fale com êle acêrca dela. 65
 Com pequeno intervalo, e facilmente
 A vontade para esta, e aquela parte
 Se move enquanto assim está duvidosa.
P. Quem fala aqui? Ó Mísis, Deus te guarde.
M. Pânfilo, Deus te salve. *P.* Que faz ela?
M. Perguntas-me que faz? está com dores; 71
 E também afligida está por isto:
 Porque já muito dantes estas bodas
 Para êste dia estão determinadas.
 E de mais disto teme a coitadinha, 75
 Que a deixes, e de todo a desampares.
P. Ah, possível será, que isto que dizes
 Intente, e determine? Porventura
 Poderei consentir, que essa mofina,
 Por minha causa, e amor fique enganada?
 A qual fiou de mim sempre alma, e vida, 81
 E a quem sempre em lugar tive de'sposa.
 E poderei sofrer que a natureza
 Dela, modestamente doutrinação,

- E bem instituída, constrangida 85
Da pobreza, se muda? Não por certo.
- M.* Isso não temo, sem ti só estivera:
Mas duvido sofrer possas violência.
- P.* Por tão fraco me tens? tão para pouco; 90
Tão ingrato, tão desumano, e fero,
Que nem conservação de tanto tempo
Nem amor, nem vergonha me comova,
Nem me obrigue a guardar fidelidade?
- M.* Uma coisa sei certo; que esta triste 95
Te merece, que não te esqueças dela.
- P.* Que não me esqueça dela? ó Misis, Misis
Escritas tenho no ânimo inda agora
Aqueelas no fim últimas palavras
De Crísis morta acêrea de Glicério.
Estando quase no último da vida 100
Me chama: cheguei-m'eu: vós outras tôdas
Vos pusestes de parte: sós ficamos.
Começa a me dizer: amigo Pânfilo,
Tu bem vês desta a idade, e formosura,
E bem sabes quanto uma, e outra coisa 105
Sejam prejudiciais, e mui danosas
Para guardar intata a castidade,
E para ter também mão na fazenda.
Pola qual razão, Pânfilo, eu te peço,
E grandemente rogo; e te esconjuro 110
Por esta tua direita, e pola boa
Inclinação, e tua fidelidade,
Pela solidão dela, e desamparo,
Que de ti nunca apartes, e nem deixes
Esta coitada: se te tive sempre 115
Em lugar de irmão caro: ou se ela muito
Te estimou sempre, ou fêz sempre a vontade
Em tudo, sendo em tudo obediente.
Dou-te a esta por amigo, e por marido,

- Por pai, por defensor; e tôdas estas 120
Alfaias, e bens meus, tudo te entrego,
E encomendo à tua fidelidade.
Logo a Glicério pela mão me entrega;
E logo dela tomou posse a morte.
Por minha a aceitei logo; e aceitaada 125
A defenderei sempre. *M.* Assim o 'spero
Em verdade. *P.* Mas dize por que causa
Te apartas de Glicério, e só a deixas?
M. Vou chamar a Comadre. *P.* Vai depressa.
Mas, Misis, ouves tu, guar-te não digas
Nem uma só palavra destas bodas;
Para que isto também não se lhe ajunte
Ao trabalho do parto. *M.* Bem t'entendo.

ATO II

CENA I

CARINO, mancebo, BÍRRIA, criado, e PÂNFILO

ARGUMENTO

Contém esta Cena um colóquio entre Carino, e Pânfilo, no qual se mostra a outra parte da fábula: porque dos desgostos, e dos gostos dêstes dois mancebos se compõe tôda esta Comédia chamada Andria. Mostra-se finalmente nela, como Carino, pela fama que havia de que Pânfilo casava com Filomena, pola qual êle andava perdido, querendo-se melhor certificar, o pergunta a Bírria seu criado com quem se aconselha sôbre o que há de fazer: e não lhe respondendo êle a seu gôsto, o desonra. Chega nisto Pânfilo enfadado, e queixoso das bodas, com o qual êle comunica todo êste seu amor, e lhe pede não queira receber por mulher a Filomena; e no fim êle lho promete. Entra logo Carino falando com Bírria, seu criado, dizendo assim:

Que dizes, Bírria, dá-se ela hoje a Pânfilo
Para casar? B. Se dá. C. Tu como o sabes?

B. Agora o ouvi a Davo lá na Praça.

C. Ai de mim desventurado, e triste;

- Assim como antes disto em temor sempre, 5
 E na 'sperança o ânimo ocupado
 Esteve, assim depois que essa 'sperança
 Se me tirou de todo êle já aflito,
 E consumido do cuidado, pasma.
- B. Eu te rogo por Pólux, ó Carino, 10
 Que aquilo queiras que fazer se pode,
 Pois fazer senão pode o que tu queres.
- C. Não quero nada mais que a Filomena.
- B. Ah quanto melhor é que tu trabalhes 15
 Por isto: de que modo lances fora
 Êste penoso amor de teu desejo
 Do que falar aquilo que tu falas,
 Polo qual teu desejo, e apetite
 Debalde, e sem proveito mais se inflama.
- C. Quando todos estamos com saúde 20
 Mui fâcilmente, e sem trabalho damos
 Aos que estão faltos dela bons conselhos.
 Tu, se êste que eu sou foras, doutro modo,
 E diferentemente o entenderas.
- B. Ora sus, ora sus; como quiseres. 25
- C. Mas eu vejo Pânfilo, e primeiro
 Que pareça determinado tenho
 Provar, e experimentar tôdas as coisas.
- B. O que faz êste triste. C. A êste mesmo 30
 Rogarei, a êste mesmo humildemente
 Pedirei; a êste mesmo os meus amores
 Contarei; dêle creio certo, e cuido
 Alcançarei, que a estas tristes bodas
 Estenda pelo menos alguns dias:
 E neste meio tempo que as dilate 35
 Espero que se faça alguma coisa.
- B. Êste seu coisa alguma, é vento, e nada.
- C. Bírria, que te parece, irm'ei a êle?
- B. E por que não irás? para que cuide,

- Se tu nada alcançares, e êle case 40
 Com ela, que tu estás aparelhado
 Para traidor lhe sêres. C. Ó maldade,
 Vai-te daqui com todos os diabos
 Pôr na forca com esta tua suspeita.
- P. Carino vejo: Deus te salve, e guarde. 45
- C. Ó Deus te guarde, Pânfilo, a ti venho
 Pedindo-te me dês socorro, e ajuda,
 Esperança, favor, conselho, e vida.
- P. Polo templo de Pólux, que não tenho 50
 Lugar de aconselhar-te, nem licença
 Alguma, nem poder de socorrer-te.
 Mas que é isto que queres? C. Casas hoje?
 Assim dizem. C. Ó Pânfilo, se o fazes
 Hoje só me verás tu para sempre.
- P. Por que? C. Ai que a dizê-lo não se atrevo: 56
 Muito te rogo, Bírria, que lho digas.
- B. Eu lho direi. P. Dize, que coisa é essa?
- B. Êste quer grande bem a tua espôsa.
- P. Êste por certo está de mim diverso. 60
 Ó lá, Carino, dize: porventura
 Tiveste tu com ela mais que amores?
- C. Nenhuma coisa mais. P. Como folgara
 Que tu, Carino, dela mais tiveras!
- C. Primeiramente, ó Pânfilo, te rogo 65
 Pela nossa amizade; e polo grande,
 E ardente amor, que tenho a Filomena,
 Que por mulher não queiras recebê-la.
- P. Trabalharei por isso de verdade.
- C. E se isto ser não pode, e destas bodas
 Tens vontade, e desejo. P. O quê? vontade?
- C. Ao menos as dilates alguns dias, 71
 Enquanto para algum lugar me aparto.
 Para que não as veja. P. Ouve-me agora.
 Eu certo para mim, Carino, tenho

- Não ser de homem de bem officio digno 75
 Querer se lhe attribua a beneficio
 Aquilo que êle faz, se o não merece.
 Eu desejo fugir mais destas bodas
 Do que alcançá-las tu. *C.* Deste-me a vida.
P. Agora se tu podes coisa alguma 80
 Ou pode êste teu Bírria, fazei ambos,
 Fingi, modos buscai, fazei de modo
 Que ela te seja dada; e eu farei certo
 De modo isto, que não me seja dada.
C. Isso me basta. *P.* Eu vejo Davo a tempo,
 No conselho do qual estou confiado. 86
C. Mas tu por certo nunca me dás novas,
 Senão as que saber me não importam.
 Não foges tu daqui? Não te vás logo?
B. Eu sim, me vou por certo, e de boamente.

CENA II

DAVO, CARINO, e PÂNFILO

ARGUMENTO

Davo se introduz alegre nesta Cena, porque teve para si que havia alcançado, e percebido por conjecturas o conselho do velho; e assim para que lhe seja de dano, e livre a Pânfilo do cuidado que o molesta, vem mui apressado em busca dêle, e achando-o com Carino, os livra a ambos do medo, e da ânsia em que cada um está: e como quem vem faltando de prazer diz:

- Ó Déuses soberanos, que boa nova
 Trago! Mas onde agora acharei Pânfilo
 Porque lhe tire o medo em que está pôsto,
 E lhe encha o 'sprito de contentamento?
C. Alegre está mas não sei por que causa. 5
P. Tudo nada. Não tem sabido ainda
 Meus trabalhos, e minhas desventuras.
D. O qual eu creio se tiver ouvido,
 Que estas bodas lhe estão aparelhadas...
C. Ouves tu porventura o que diz Davo? 10
D. Que me andarás buscando perturbado,
 E sem sentido por tôda a Cidade.
 Mas onde o buscarei? para que parte

- Primeiramente tomarei o caminho?
- C.* Não lhe queres falar? *D.* Vou-me a buscá-lo.
- P.* Davo, vem cá, não passe mais adiante. 16
- D.* Este que homem é que por mim chama?
Ó Pânfilo, a ti mesmo a buscar venho.
Ó lá, Carino, e tu não te entristeças.
Ambos estais aqui a pedir por bôca.
A' vós busco ambos. *P.* Davo, sou perdido.
- D.* Mas antes ouve o que dizer te quero.
- P.* Já de todo acabei. *D.* Bem sei o que temos.
- C.* Por Hércules, que a vida tenho em dúvida.
- D.* Eu também sei, Carino, o que receias. 25
- P.* Estas bodas me estão... *D.* Sei também isso.
- P.* Aparelhadas hoje. *D.* Tu me môis,
E matas, repetindo-o tantas vêzes,
Pôsto que já sei tudo. Tu tens mêdo
Disto: que por mulher inda a recebas: 30
E tu que nunca possas recebê-la.
- C.* Bem no negócio estás, Davo. *P.* Isso é mesmo.
- D.* E isso mesmo não é nenhum perigo.
Olha tu para mim, se estou contente.
- P.* Rogo-te que me livres infeliz 35
Dêste mêdo, e receio logo, logo.
- D.* Hora sus, eu te livro: porque Cremes
Por mulher te não quer já dar sua filha.
- P.* E como o sabes tu? *D.* Sei-o sem falta.
Teu pai me tomou agora de improviso 40
E me disse te dava mulher hoje;
E muitas outras coisas, que nem tempo,
Nem há lugar agora de contá-las.
Logo por vir a ti, dando-me pressa
À Praça corro para dizer-te isto. 45
E tanto que não te acho ali na Praça,

- Em um lugar me subo levantado,
Lanço os olhos à roda, e não te vejo;
Acaso vejo a Bírria servo dêste:
Pergunto se te viu, diz te não vira. 50
Enfadei-me; e comigo considero
O que devo fazer: mas entretanto
Tornando-me da Praça, uma suspeita
Me veio do aparato que vi pouco.
Este é pouco comer (disse eu) e estava 55
O mesmo teu pai triste. D'improviso
Bodas apregoadas, não concordam.
- P.* Onde vai dar pois, tudo o que nos dizes?
- D.* Eu dali logo me encaminho a casa
De Cremes: lá chegando solitária 60
A entrada vejo: então muito me alegre:
C. Dizes bem. *P.* Dize mais. *D.* Ficar me deixo;
Ninguém então entrar em casa vejo,
Nem sair dela alguém, nem dona alguma:
Em as casas nenhum ornato havia, 65
Nenhum tumulto. Chego dentro, e tudo
Vi mui bem. *P.* Sei que é grande sinal êsse.
- D.* Parece porventura que concordam
Estas coisas com bodas? *P.* Não por certo, 70
Assim o cuido, Davo. *D.* Dizes cuido?
Tu não o entendes bem; a coisa é certa.
Também dali saindo, encontro acaso
O criado de Cremes que levava
Para ceiar o velho, misturadas,
E peixinhos, comprados por vil preço. 75
- C.* Por tua indústria, Davo, hoje sou livre.
- D.* Inda o não estás, não. *C.* Com'assim, Davo?
Ele certo a não dá de todo a êste:
- D.* Ridícula cabeça, homem grosseiro;

Como se siga, e seja necessário; 80
 Que não na dando a êste; seja tua.
 Se não tens providência no negócio:
 Se do velho os amigos não rogaes;
 Apeteces o que alcançar não podes.
 C. Bem me avisas. Irei, farei o que dizes: 85
 Pôsto que esta esperança muitas vêzes
 Já me enganou. A Deus, êle te guarde.

CENA III

PÂNFILO, e DAVO

ARGUMENTO

Nesta Cena se contém o conselho, e deliberação de Davo, e de Pânfilo: e porque Davo lhe tinha dito, que o querer seu pai casá-lo era tudo fingimento; e as bodas eram fingidas: êle lhe pergunta por que razão as finge; e Davo lhe dá conta de tudo, e o aconselha, que em nenhuma maneira mostre descontentamento, nem tristeza, quando o pai lhe fale nelas; antes muito alegre lhe diga está aparelhado para fazer tudo o que êle quizer.

Logo, que quer meu pai, e o que pretende?
 E por que finge as bodas? D. Dir-to-ei logo.
 Se teu pai se agastar por isto agora.
 Porque Cremes te não quer dar a filha,
 Pode-lhe parecer te fêz injúria, 5
 Nem lho parecerá certo sem causa,
 Antes de ter primeiro conhecido
 De que modo o teu ânimo, e vontade
 Se haja, e se disponha para as bodas.
 Mas se tu não quiseses recebê-la, 10
 Então te pode pôr a culpa tôda,
 E nascerão daqui aquelas grandes

- Turbações, e contendas costumadas.
- P.* Sofrerei qualquer coisa. *D.* É teu pai Pânfilo,
E resistir-lhe é mui dificultoso. 15
De mais disto, esta moça amiga tua
Não tem ninguém que possa defendê-la,
E o que disser fará sem falta logo.
Achará porventura algu'a causa,
Pola qual fora a lance da Cidade. 20
- P.* Pola qual fora a lance? *D.* Mui depressa.
- P.* Pois logo que farei me dize, Davo?
- D.* Dize-lhe tu que queres recebê-la.
- P.* Ah. *D.* Que tens? *P.* Poderei dizer tal coisa?
- D.* E por que não dirás? *P.* Não direi certo. 25
- D.* Não no negues. *P.* Não queiras persuadir-me.
- D.* Considera o que disto nascer pode.
- P.* Pode nascer que seja totalmente
Dela excluído, e com estouta prêso.
- D.* Não é como tu cuidas. Certo eu creio 30
Que teu pai dirá: quero, e tenho gôsto
Que tu Pânfilo filho, hoje te cases.
Tu lhe dirás que sim. Dize-me agora,
Por que há de pelejar êle contigo?
Os conselhos então que tem por certos 35
Farás sejam incertos sem perigo;
Porquanto isto não têm dúvida algu'a,
Que Cremes
te não queira dar a filha
- Por mulher; e nem tu por esta causa
Deixarás de fazer tudo o que fazes. 40
E para que não mude o seu conselho,
Dize a teu pai, que queres recebê-la;
Para que quando contra ti se indigne
O não possa fazer com justa causa.
E quanto o que tu temes, facilmente 45
Logo to tirarei da fantasia.

- Ninguém dará para casar a filha
A um homem que tenha os teus costumes:
E se êle vir que tu não tens vontade
De casar, buscará qualquer pobreta 50
Com quem antes te case, que consinta
Seres de más mulheres depravado.
Porém se êle entender que facilmente,
E de boa vontade sofres isto,
Fa-lo-ás negligente, frouxo, e túbio, 55
E buscará depois devagar outra:
E neste meio que êle mulher busca
Sucedder pode alguma boa sorte.
- P.* Assim o crês? *D.* Por certo duvidoso
Isto não é. *P.* Vê, Davo, em que me metes.
- D.* Por que não te aquietas? *P.* Finalmente 61
Direi que casar quero. Mas contudo
Há-se de fugir muito, que não venha
Êle a saber que tenho dela um filho:
Porque lhe prometi, que o criaria. 65
- D.* Ó feito temerário! *P.* Esta palavra
Me rogou que lhe desse;
porque fôsse
Certa que eu não houvesse em nenhum tempo
De deixá-la. *D.* Terei disso cuidado.
Mas teu pai é conosco; fuge, e guar-te
Que não te sinta triste. *P.* Farei tudo.

CENA IV

SIMÃO, velho, DAVO, criado, PÂNFILO

ARGUMENTO

Simão entra no teatro de modo que não vê a Davo, nem a Pânfilo: pelo que Davo o torna a aconselhar de novo, que faça o que lhe tem aconselhado: isto é; que diga ao pai, que está aparelhado para fazer tudo o que elle quizer. Simão finalmente entrando a saber o conselho que tem tomado, sobre se quererá, ou não seu filho casar, diz assim:

Torno a ver o que fazem, ou que dizem
Ou que conselho tomam. D. Este velho
Não duvida que negues recebê-la:
De alguma parte vem premeditado
De lugar solitário. 'Spera, e cuida
Que acha caminho pelo qual te aflija:
Portanto faze estejas em teu siso.

5

P. Farei; contanto que fazer o possa.
D. Ó Pânfilo, eu te digo, e tu crê-me isto,
Que nunca teu pai hoje uma palavra
De desavença altercará contigo,
Se disseres que queres recebê-la.

CENA V

BÍRRIA, SIMÃO, DAVO, PÂNFILO

ARGUMENTO

Contém esta Cena a vinda de Bírria a espreitar a Pânfilo sobre o que diz, ou que faz acêrca de casar, ou não casar com Filomena, e juntamente o consentimento do mesmo Pânfilo, e promessa a seu pai feita de tomar a mulher que lhe dá. No fim Bírria, entendendo o negócio se parte descontente a dar as más novas a Carino.

Meu senhor me mandou, pôsto de parte
Tudo o mais, hoje a Pânfilo espreitasse,
Só para saber dêle o que tratava,
E o que fazia acêrca destas bodas:
Após êste me vou por isto mesmo. 5
Com Davo, certamente, o mesmo vejo
Presente; isto farei a que sou vindo.

S. Eu vejo estar a um, e outro presente.

D. Ó guar-te, olha por ti. *S.* Pânfilo, filho

D. Olhá par'êlc, como de emproviso. 10

P. Ó meu pai! *D.* Bem por certo. *S.* Quero tomes
Neste dia mulher, como te disse.

B. Agora temo seja à nossa parte
Muito danoso o que êste lhe responde

- P. Nem no negócio agora destas bodas, 15
Nem em outro nenhum em parte alguma
Terás por minha causa impedimento.
- B. Oh. D. Ficou mudo o velho. B. Que disse êle?
- S. O que te convém fazes; pois aquilo 20
Que com razão te peço, e com justiça,
Com graça, e com amor de ti alcanço.
- D. Falei-te verdade eu? B. Perdeu meu amo
As esperanças dêste casamento
Com Filomena, polo que ouço agora. 25
- S. Logo daqui te vai lá para casa
Porque por ti não fique, quando seja
Necessário. P. Já vou. B. É porventura
Verdade que algum homem tem palavra
Em coisa alguma? certo, e verdadeiro 30
Aquêlê adágio é, que comumente
Se costuma a dizer: que todos querem
Para si o melhor, mais que para outrem.
Vi aquela donzela de extremada
Beleza, e me parece a vejo agora: 40
Pola qual razão sou mais compassivo
De Pânfilo, do que êle de meu amo,
A quem desculpo, se a quis gozar antes
Como mulher no leito, que Carino.
Ir-lhe-ei com estas novas de desgosto,
Para que êle me dê muita pancada.

CENA VI

DAVO, SIMÃO

ARGUMENTO

Com admirável artificio mostra o Poeta nesta Cena os enganos de Davo, e de Simão, fazendo que cada um engane, e fique enganado por maravilhoso modo. Davo que ficara no teatro com Simão, anda falando consigo, de modo que o não ouça êle, salvo se o faz artificiosamente, para alterar com o amo, e ver se o pode enganar, e por isso diz:

- Este tem para si que algum engano
Lhe traga agora, e que por tal respeito
Fiquei neste lugar. S. Que diz lá Davo?
- D. Eu por certo nenhuma coisa agora 5
Diferente do que primeiro, disse.
- S. Nenhuma coisa mais? Oh. D. Não por certo.
- S. Em verdade esperava que o dissesse.
- D. Fora lhe sucedeu, do que 'sperava 10
A resposta do filho; assim o entendo:
Esta resposta trata mal ao homem,
- S. És tu pola ventura poderoso,
Ou poder-me-ás dizer uma verdade?
- D. Não há coisa mais fácil que dizer-ta.
- S. São algum tanto duras porventura

- A meu filho estas bodas, por respeito 15
Da conversação desta forasteira?
- D. Nenhuma coisa certo: ou quando sejam
Esta moléstia será, quando muito
De dois dias, ou três: entendes isto?
Passados êles, passará a moléstia: 20
Porque considerou per via reta
Este negócio. S. Louvo isso que dizes
- D. Enquanto lhe foi lícito, e enquanto
O permitiu a idade de mancebo
Quis bem; além de que êstes seus amores 25
Foram secretamente, e com resguardo,
Para que jamais nunca êste negócio
Lhe fôsse a descrédito imputado,
Como convém a homem que estima honra.
Agora é tempo já de tomar vida, 30
Em se casar tem já pôsto a vontade.
- S. Pareceu-me que estava um pouco triste.
- D. Não era por amor dêste negócio.
Mas há coisa porém pola qual êle
Tem bem razão de estar de ti queixoso. 35
- S. E por que? que coisa é? D. Coisa é de moço.
- S. O que é? D. Não é nada. S. Dize-o logo
- D. Diz êle, que tu muito parcamente
Vás o gasto fazendo destas bodas.
- S. Eu? D. Tu: porque diz êle estas palavras:
Meu pai escassamente por dez dracmas 41
Comprou para estas bodas mantimento;
Parece-te (me disse) porventura
Dará mulher ao filho quem faz isto?
A quem convidarei dos meus amigos 45
Para cear, principalmente agora?
Tu também, o que só dizer se deve
Aqui entre nós, escassa, e parcamente
E com muita miséria o gasto fazes.

- Isto não louvo. S. Cal-te. D. Comovi-o. 50
- S. Eu proverei sem falta, e darei ordem,
Para que sejam feitas estas coisas
Diretamente, e como fôr mais justo.
Isto que quer dizer? e que pretende
Este já na malícia envelhecido? 55
Porque se mal algum há nestas bodas
Aí de todo êste mal êle é a origem.

ATO III

CENA I

MÍISIS, SIMÃO, DAVO, LÉSBIA parteira,
e GLICÉRIO

ARGUMENTO

Nesta Cena Simão confiado no seu saber, e na sua grande sagacidade, fica enganado; tendo para si que o parto de Glicério é fingido per indústria de Davo, a fim de perturbar as bodas; e assim o não crê. Em o que mostra o Poeta, que aquêle que mais se fia no seu saber, mais fâcilmente se engana.

Assim passa o negócio na verdade,
Amiga Léssia, como já disseste.
Difícultosamente acharás homem,

Que seja à mulher fiel. *S.* Esta criada
É daquela Andriana, tu que dizes? 5

D. Sim é. *M.* Mas êste Pânfilo. *S.* Que diz?

M. Confirmou com palavra o prometido.

S. Oh! *D.* Prouvera a Deus que êste ensurdecera,
Ou que esta não falara, e fôra muda.

M. Porque a criar mandou que se levasse 10
O que quer que parisse, ou macho, ou fêmea,

S. Ó Júpiter me valha, que ouço agora?

Se esta verdade fala, certamente,
Que não há que tratar da minha vida.

- L. Tu me contas a boa natureza,
E bela inclinação dêste mancebo. 15
- M. Boníssima: mas tu segue-me dentro,
Para que ela por ti não se detenha.
- L. Eu te sigo. D. Que cura, e que remédio
A êste mal acharei? S. Que coisa é esta?
É Pânfilo tão doido porventura, 21
Que tome o filho de uma forasteira?
Ah, já sei, já me lembra; escassamente
Pressenti êste engano. D. O que diz êste
Haver sentido? S. Dêste falso servo 25
Primeiramente me é feito êste enrêdo:
Fingem estas mulheres, que esta pare,
Para que a Cremes danem a vontade,
De dar a filha por mulher ao filho.
- G. Teu socorro me dá, Juno Lucina, 30
Peço-te que me guardes, e defendas,
S. Hui, tão depressa já; coisa de riso.
Depois que soube, e viu que estava à porta
Se deu pressa a parir. Davo, estas coisas
Não são de ti per ordem distribuídas 35
Cômodamente, bem, nem a seu tempo.
- D. De mim? S. És esquecido porventura
Do discípulo teu? D. Não sei que dizes.
- S. Se desaparecido me tomara 40
Nas verdadeiras bodas; quais escárnios
De mim fizera? agora com perigo
Dêste corre o negócio: eu estou seguro.

CENA II

LÉSBIA, parteira, SIMÃO, DAVO

ARGUMENTO

Exprime maravilhosamente o Poeta nesta Cena o costume daqueles, ou daquelas que curam, quando vêm saindo de casa do enfermo; que dos sinais que vêm nêles dão as novas à gente dela, de estar bem, ou mal, tornando-lhe a dizer, que lhe façam os remédios, que já lhe tem aplicado; como aqui faz Léssia, parteira, falando com Arquilis, criada de Glicério: e saindo de casa vai gabando polo caminho a beleza do menino que ela pariu, e a boa natureza de Pânfilo em o mandar criar. O que tudo serve de Simão cuidar, que é feito de indústria, a fim de o enganarem. Diz finalmente Léssia, da porta, falando com Arquilis, criada que estava em casa:

Ó Arquilis, eu vejo que até'gora
Esta os finais tem todos, que costumam,
E convém serem bons para a saúde.
Primeiramente faze agora que ela
Se lave: depois disto a beber dá-lhe 5
Aquilo que mandei: dai-lhe vós outras
Quanto tenho mandado finalmente.
Eu me tornarei logo a visitá-la.

- Per Castor que nasceu belo menino
A Pânfilo: com rogos peço aos Deuses
Lho guardem; e lhe viva muitos anos: 11
Porque é certo de boa natureza;
E porque se pejou fazer injúria
A esta moça boníssima, Glicério.
- S. Quem (se te conhecer) não crerá, Davo, 15
Que inda êste enrêdo é de ti nascido?
- D. Que coisa é essa? S. Lésbia não mandava
Lá diante das criadas, o que fôsse
Necessário à parida se fizesse:
Mas depois que saiu fora de casa, 20
Brada da rua àquelas, que estão dentro.
Assim sou desprezado de ti, Davo?
Ou tão disposto, e idônio te pareço,
Que tão aberta, e manifestamente
A tratar me comeses com enganos? 25
Deves fazê-lo ao menos com destreza
Por que pareça ser de ti temido,
Se eu viera a sabê-lo certamente.
- D. Eu certo não no engano, êle se engana. 30
- S. Não to disse eu primeiro, porventura,
E não te ameacei, que o não fizesses?
Tiveste, dize tu, mêdo, ou vergonha?
Que aproveitou dizer-to, e avisar-te?
Dou-te eu crédito nisto; que Glicério 35
De Pânfilo parido tenha um filho?
- D. Já sei no que se engana o nosso velho,
E sei que hei de fazer. S. Porque te calas?
- D. Porque crerás tu tal? como se dantes
Estas coisas te não fôssem já ditas, 40
Que haviam de ter êste sucesso.
- S. A mim mo disse alguém? D. Oh, porventura
Entendeste tu mesmo que êste parto
Fingido era? S. Sou dêste escarnecido.

- D. Sim to disseram, que era simulado: 45
Porque, de que maneira tal suspeita
Te veio? S. Porque dantes já te tinha
Bem conhecido. D. Como se disseras
Que tudo isto se fêz per meu conselho.
- S. Porque decerto o sei. D. Não me tens inda 51
Qual eu seja, ó Simão, bem conhecido.
- S. Não te conheço a ti? D. Mas s'eu começo
A dizer coisa alguma logo cuidas
Que te engano. S. Sim falsamente o cuido.
- D. Assim que já não ousa certamente 55
Aboquejar, nem a falar palavra.
- S. Uma só coisa sei, que nesta casa
Ninguém pariu. D. Cuidaste-o porventura?
Mas contudo trarão logo o menino
A deitar a esta porta. Desde agora 60
O que há de ser, senhor, te denuncio,
Para que logo o saibas; e não digas
Depois, que per conselho, e per engano
De Davo foram feitas estas coisas.
Desejo de ti seja removida 65
Esta opinião tua totalmente.
- S. Onde o sabes? D. Ouvi-o, e certo o creio.
- S. Concorrem juntamente muitas coisas,
Pelas quais eu faço esta conjetura.
Primeiramente já Glicério disse 70
Que era prenhe de Pânfilo; isto mesmo
Se achou ser falso. Agora, nestas bodas,
Depois que vê, que em casa se aparelham,
Manda a criada logo, por que chame,
E lhe venha a parteira, e juntamente 75
Para que também traga êsse menino.
- D. Se isto não fôr assim, que o filho vejas.
- S. As bodas não se movem, nem perturbam.
Que dizes? quando tu, dize, entendeste

Tomarem tal conselho, porque logo 80
 O não disseste a Pânfilo? D. E quem dela
 O fez logo apartar, senão eu mesmo?
 Que bem sabemos todos quão perdida,
 E miseravelmente amor lhe tinha.
 Deseja se lhe dê mulher agora: 85
 Encarrega-me enfim dêste negócio;
 E contudo tu mesmo continua
 Em fazer estas bodas, como fazes:
 E espero que darão favor, e ajuda
 Os Deuses ao negócio que pretendes. 90
 S. Mas antes te vai logo para dentro,
 E lá me espera em casa, e aparelha
 O mais que é necessário aparelhar-se.
 Não me persuadiu Davo que lhe crê-se
 Estas coisas agora totalmente; 95
 Nem sei se as que êle tem já dito sejam
 Verdadeiras, e certas; mas contudo
 Não faço caso delas: mais o faço
 Disto; de que me tem dado palavra
 Meu filho. Agora irei buscar a Cremes,
 E rogar-lhe-ei que dê mulher a Pânfilo.
 E se eu dêle isto alcanço, por que quero
 Que mais se façam noutro tempo as bodas
 Que neste? porque se meu filho agora 105
 O que me prometeu cumprir não queira;
 Não há dúvida que com justa causa
 O não possa obrigar: mas certo eis Cremes
 Ao encontro me vem no próprio tempo.

CENA III

SIMÃO, e CREMES

ARGUMENTO

Dois velhos Simão, e Cremes se introduzem nesta Cena, que se buscam um ao outro. Simão busca a Cremes, para lhe rogar queira casar sua filha com seu filho, na ocasião das contendas, e desavenças entre êle e Glicério: e Cremes busca a Simão para se queixar com êle da fama que tem lançado, que casava seu filho com sua filha: e tão boas razões lhe dá Simão, que Cremes se acorda com êle para fazerem aquelas bodas verdadeiras, que Simão fingia. Pelo que tendo Simão, que ficou no teatro, já visto a Cremes, o saúda, dizendo:

Desejo que tu, Cremes, salvo sejas.
 C. Oh a buscar te vinha. S. E eu te buscava.
 C. Vens a pedir por bôca, e desejado.
 Alguns homens vieram ter comigo,
 Os quais diziam ter de ti sabido, 5
 Que minha filha hoje com teu filho
 Casava: a saber venho se estás doido,
 Ou se êles não têm siso, nem juízo.
 S. Ouve em poucas palavras, e o que quero

- Que faças saberás, e o que perguntas. 10
C. Eu te escuto já, dize o que quiseses.
S. Rogo-te, amigo Cremes, polos Deuses,
 E por nossa amizade, a qual princípio
 Tendo dos anos tenros, foi crescendo
 Co tempo, e com a idade juntamente 15
 Pola única tua filha, e por meu filho,
 Cujo sumo poder de conservá-lo
 Sòmente nas tuas mãos hoje está pôsto;
 Que nisto tu me dês favor, e ajuda.
 Peço-te que se façam estas bodas 20
 Da maneira que houveram de ser feitas.
C. Ah, não me rogues mais: como se seja
 Importante que tu de mim alcances
 Isso com rogos. Cuidas porventura,
 Que sou mudado agora, e diferente 25
 Do que era quando dava minha filha?
 Se a cada qual de nós é proveitoso
 Que estas bodas se façam, manda logo
 Que êles sejam chamados; mas se disto
 Mais perda a cada um vem, que proveito,
 Eu te peço portanto, que provejas 31
 Em comum ao proveito de nós ambos;
 Como se minha filha fôsse tua,
 E eu fôsse pai de Pânfilo. *S.* Mas antes
 Assim o quero, ó Cremes, e te rogo 35
 Que se faça; nem certo te pedira,
 Senão o requerera a mesma coisa.
C. E que há de novo? *S.* Há paixões, e brigas
 Entre Glicério, e meu filho. *C.* Bem ouço.
S. E tão grandes, que 'spero certo, e creio 40
 Que se possa apartar Pânfilo dela.
C. Patranhas. *S.* Assim certo é como digo.
C. É por certo; porém de tal maneira,
 Que eu te digo o rifão que diz o vulgo:

- As quebras, e paixões dos namorados 45
 É de novo, do amor uma inteireza.
S. Ah, por isso te rogo que nos vamos,
 Enquanto se nos oferece tempo;
 E enquanto o seu, sem ordem, apetite
 Está com os agravos reprimido: 50
 Demos mulher a Pânfilo, primeiro
 Que as maldades, e lágrimas fingidas
 Com engano dos tais, o apaixonado
 Ânimo dobrem à misericórdia.
 Sem falta 'spero, Cremes, que enredado 55
 Ficará na amizade, e amor da filha,
 E no honesto, e nobre ajuntamento.
 E que mais facilmente depois disto
 Se apartará daquelas desventuras.
C. A ti te parece* isso, mas eu cuido 60
 Que nem êle possuir eternamente
 À filha poderá, nem eu sofrê-lo.
S. Como podes sabê-lo, se primeiro
 O não experimentares? *C.* É pesado
 Fazer-se experiência em minha filha. 65
S. Certo que tôda a perda, e todo o dano
 Se houver divórcio (o que Deus não permita)
 Sòmente sôbre mim cai, sem falta.
 Mas se se êle emendar, tu considera
 Quantos proveitos podem nascer disso. 70
 Restituirás primeiramente o filho
 A um amigo, e a ti um genro firme,
 E acharás um marido para a filha.
C. O que me dizes tu? se isto entendeste,
 E se ser útil coisa te parece, 75
 Não quero que per meu respeito seja
 Algum cômodo teu diminuído.
S. Sempre te estimei muito, amigo Cremes,
 E com muita razão. *C.* Mas tu que dizes?

- S. Quê? C. Como sabes tu que êles agora
Têm brigas entre si? S. Disse-mo o mesmo
Davo, que é dêles ambos secretário.
E o mesmo me persuade que me apresse
Quanto puder no efeito destas bodas.
Por ventura parece-te o fizera, 80
Se não tivera já mui bem sabido,
Que meu filho também quer isto mesmo?
Tu mesmo o que êle diz ouvirás logo.
Ou lá vós outros, chamai-me cá Davo.
Mas eis que o mesmo vejo sair fora.

CENA IV

DAVO, SIMÃO, CREMES

ARGUMENTO

Mostra-se nesta Cena como Davo, cuidando que as bodas fôsem fingidas (como na verdade o eram dantes) persuade a Simão, por zombar dêle, que as faça logo, e que mande vir a espôsa: mas depois que comprehendeu das palavras de um, e de outro velho que elas eram verdadeiras, fica como morto, vendo que todos os seus enganos, e tôdas suas astúcias lhe vêm a dar na cabeça: donde se pode notar que muitas vêzes cai na cova aquêle que a faz para outrem.

- D. A ti me vinha agora. S. Que há de novo?
D. Por que razão não é chamada a noiva?
Isto já se faz tarde. S. Ouves a Davo?
Eu, Davo, não há muito que temia
Que fizesses o mesmo que costuma 5
Fazer a multidão, e os mais dos servos
Para que me tratasses com enganos,
Por meu filho de amor andar eprido.
D. Eu faria tal coisa? S. Pareceu-mo;
E temendo isto muito, encobri a todos 10
O que agora direi. D. Que coisa é essa?
S. Logo o saberás tu: porque já quase

- Eu de ti me confio, e te dou crédito.
- D.* Enfim já conheceste quem eu seja. 15
- S.* As bodas não houveram de ser feitas...
- D.* E por que não? *S.* Porém dissimulei-as
Só por esta razão: porque fizesse
De vós, criados meus, experiência.
- D.* Que me dizes? *S.* Assim passa o negócio.
- D.* Ora olha por tua vida, nunca pude 20
Entender êsse enrêdo! oh, sagacíssimo
Conselho! *S.* Ouve isto que dizer te quero.
Depois que mandei fôsses para dentro,
Aqui se me fez êste enconradoço
Muito a pedir de boca. *D.* Ah, porventura
Acabamos de todo? *S.* Então lhe conto 26
As coisas que pouco há me tu contaste.
- D.* Que coisa ouvindo estou? *S.* Peço-lhe muito
Que dê sua filha por mulher ao filho;
E escassamente dêle alcançar pude 30
Isto com rogos. *D.* Sou de todo morto.
- S.* Ahn: que disseste tu? *D.* Digo nosso amo,
Que está tudo mui bem. *S.* Por êste agora
Não há detença alguma. *C.* Vou-me logo
Para casa, e direi que se aparelhem 35
E aviso a minha filha. *S.* Agora, ó Davo,
Te rogo; pois que tu só me fizeste
Estas bodas. *D.* Eu só, sim fiz por certo.
- S.* Trabalha de hoje em diante por que ensines,
E me emendes o filho. *D.* Com cuidado 40
O farei certamente. *S.* Agora podes,
Enquanto está com ela desavindo.
- D.* Descansa. *S.* Faze pois o que te digo.
Onde estar pode agora? *D.* Maravilha
Será senão está metido em casa. 45
- S.* Irei falar com êle; e estas mesmas

- Coisas lhe direi, Davo, que te disse.
- D.* Perdido, e morto sou. Que coisa pode
Haver, porque não vá fio direito
Caminho d'atafona? não me fica 50
Lugar para poder pedir com rogos.
Já tudo emburilhei, perturbei tudo,
Enganei meu senhor, lancei per força
Como num precipício o filho em bodas:
Hoje fiz se fizessem; constrangido, 55
E não 'sperando Pânfilo tais coisas:
Eis-aqui meus enganos, meus enredos.
Mas s'eu me aquietara, nada certo
Sucedera de mal. Mas eis que eu vejo
Ao mesmo: morto sou. A Deus prouvera 60
Que tivera eu daqui dalguma parte
Lugar donde pudera despenhar-me.

CENA V

PÂNFILO, e DAVO

ARGUMENTO

Mostra-se nesta Cena Pânfilo queixoso de Davo, como aquêle que fôra causa de seu pai acabar com Cremes, fizesse verdadeiras as bodas, que dantes fingia; e que casasse sua filha com êle. E (segundo as queixas) parecee que já seu pai lhe teria dito os têrmos em que estava o negócio; e assim sai furioso em busca de Davo, e queixando-se dêle diz:

- Onde está aquela fonte de maldades,
Que a perder me lançou. *D.* Já sou perdido.
- P.* E confesso que com razão mui justa
Isto me aconteceu; pois fui tão parvo,
E de tão vão conselho, e vão discurso. 5
E de quem tem prudência porventura
Fiar os seus sucessos, e fortunas
Dum criado inconstante, e sem juízo?
Por isso tenho o prêmio merecido,
Pola minha doicida; porém êle 10
Não levará fora isto sem castigo.
- D.* Eu sei se dêste mal escapo agora,
Que daqui por diante estou seguro.
- P.* Mas que lhe hei de dizer, e de que modo

- Me haverei com meu pai? hei porventura 15
 De dizer-lhe, que receber não quero
 A mulher que lhe tenho prometido
 De receber agora? com que rôsto
 Ousarei fazer tal? com que confiança?
 Não sei que de mim faça. *D.* Certamente 20
 Nem eu também; e com cuidado o cuido.
 Dir-lhe-ei que hei de inventar alguma coisa,
 Para que possa por espaço, e tempo
 A' êste tão grande mal. *P.* Oh! *D.* Já fui visto
P. Ó lá homem de bem, pois que me dizes? 25
 Vês tu como me tens embaraçado
 Com teus conselhos vãos? *D.* Contudo logo
 Serás livre. *P.* Serei? *D.* Sim certo Pânfilo.
P. Assim sem mais nem menos como agora?
D. Antes muito melhor; assim o 'spero. 30
P. Que te dê crédito eu, digno da fôrça?
 Tu remédio darás àquela coisa
 Já de todo perdida, e sem remédio?
 Ah; de quem me confiei? de ti que hoje
 De um estado quieto me lançaste 35
 A fôrça nestas bodas? Porventura
 Não disse eu, que isto havia dêste modo
 De acontecer? *D.* Disseste. *P.* Que mereces?
D. Mereço a fôrça. Deixa-me contudo
 Que torne a mim; e logo num momento 40
 Farei, e inventarei algum remédio.
P. Triste de mim, porque não tenho tempo
 De te dar o castigo que desejo:
 Porque êste tempo só permite tenha
 Conta comigo, e não que te castigue.

ATO IV

CENA I
CARINO, PÂNFILO, DAVO

ARGUMENTO

Contém esta Cena as queixas de Carino contra Pânfilo, de quem se queixa, que lhe não cumpriu a palavra, dizendo, que é daqueles que dizem uma coisa, e fazem outra, segundo lhe vem mais a propósito ao seu particular: porém diz isto, não sabendo a verdade; mas depois que a ouviu do mesmo Pânfilo, se aquieta.

É coisa para crer-se, porventura,
Ou para se dizer; que tenha tanta
Malícia alguém nascida dentro n'alma,
Que cos males alheios se deleite,
E com alheias perdas, e trabalhos 5
Os seus ganhos adquira, e seus descansos?
Ah, será porventura isto verdade?
Antes aquêlê gênero de homens
É péssimo; os quais têm uma pequena
De vergonha, e de pejo tão sômente 10
Em deixar de fazer o que lhe pedem.
Depois, tanto que o tempo se oferece
De cumprir as promessas, descobertos
Então se mostram necessariamente;
Temem negar; mas o negócio mesmo 15

- Os obriga a negar; as suas palavras
Então sem pejo são, e sem vergonha.
Tu quem és? ou que me és? ou por que causa
Para ti pedes a mulher que é minha?
Ó lá, sou mais chegado a mim que a todos.
E se contudo lhe fazeis pergunta 21
Onde está a fé que destes? não se pejam.
Não se pejam negar onde forçado
Não é; porém se pejam, e envergonham
Onde negar então é necessário. 25
Mas eu que farei? devo ir ter com Pânfilo,
E queixar-me-ei com êle dêste agravo?
Pragas lhe lançarei, dir-lhe-ei afrontas,
E se alguém me disser: nenhuma coisa
Te pode aproveitar lançar-lhe pragas; 30
Responder-lhe-ei que muito: quando menos
Molesto lhe serei; e a meu desejo
Satisfarei. *P.* Carino, eu sem cautela
A mim, e a ti perdi; se já piedosos
Os Deuses nos não forem algum tanto. 35
C. Sem cautela o fizeste? finalmente
Tu para me perder achaste causa.
A palavra quebraste, que me deste.
P. Que dizes finalmente? *C.* Ainda agora
Enganar-me pretendes com tais ditos? 40
P. Que falas, e que é isso que me dizes?
C. Depois que te dei conta, e que te disse
Que amava a Filomena, logo logo
Te contentou: ai triste sem ventura,
Que polo meu, julguei que tal seria 45
Teu coração. *P.* Sem falta te enganaste.
C. Não te pareceu firme, nem bastante
Este contentamento, se a mim triste
Que amava, me fôsses sustentando,

- E prolongando com 'sperança falsa? 50
Logra como desejas Filomena.
P. Que a logre dizes tu? ah, que não sabes
Enquanto males, e desaventuras
Estou metido desaventurado:
Quantas inquietações, quantos desgostos 55
Êste algoz meu me deu com seus conselhos.
C. E que maravilha é tão grande, se êle
Exemplo de ti toma? *P.* Não disseras,
Se tu me conheceras, o que dizes.
Ó se souberas a quem amor tenho. 60
C. Sei tudo; não há muito que tiveste
Contenda com teu pai grande, e por isso
Se indigna contra ti: nem hoje pode
Obrigar-te a casar com Filomena.
P. Mas antes para mim não se ordenavam 65
Essas bodas; nem mais pessoa alguma
Dar-me mulher agora pretendia.
Pelo que tu não sabes meus trabalhos.
C. Bem sei tudo; e que fôste constrangido
Do teu próprio querer. *P.* Escuta, 'spera 70
Inda não sabes nada. *C.* Eu sei por certo,
Que hás hoje per mulher de recebê-la.
P. Para que me atormentas, e me matas?
Ouve isto: não deixou de importunar-me,
Que dissesse a meu pai que casaria: 75
Nem de me pedir muito, e persuadir-me;
Entanto que me constrangeu fazê-lo.
C. Isso que homem será. *P.* É Davo. *C.* É Davo?
P. Ele perturba tudo. *C.* Por que causa?
P. Não sei: senão sòmente sei, que os Deuses
Contra mim justamente se indignaram 81
Que ouvindo obedeci ao que me disse.
C. Isto fizeste tu, Davo? *D.* Eu fiz isso.

- C. Oh; que dizes maldade? mas os Deuses
Te dêem castigos dignos de teus feitos. 85
Ah, dize-me, se todos os inimigos
Quiseram que precipitado fôsse
Este em bodas, que conselho lhe deram,
Senão este que tu lhe deste há pouco?
- D. Enganei-me: porém não estou de todo 90
Cansado. C. Bem o sei. D. Não pode agora
Sucedder isto por este caminho?
Faremos que per outro se acometa:
Se não tens para ti, que porque dantes
Nos não sucedeu bem, que já não pode
Este mal converter-se em bom sucesso. 96
- P. Mas antes sim: bem pode ter remédio:
Porque eu creio, se muito vigiares,
Que me farás de uma só, duas bodas.
- D. Eu, Pânfilo, te devo pela minha 100
Servidão trabalhar com todo corpo,
E pôr a vida em risco noite, e dia,
Contanto que te seja de proveito:
Tu tens obrigação de perdoar-me,
Se alguma coisa fora de 'sperança 105
Aconteceu. Não teve bom sucesso
Isto que fiz, e faço: mas contudo
O faço com cuidado, e com vontade.
Ou tu busca outra coisa que te seja
Melhor, e a mim me deixa. P. Isso desejo;
Põe-me tu no lugar onde me achaste. 111
- D. Farei. P. Mas é forçado seja logo.
- D. Oh, mas escuta: a porta de Glicério
Rangeu. P. Nada te importa que rangesse.
- D. Cuidando estou como fazê-lo devo.
- P. Oh, bom por certo, ainda agora o cuidas?
- D. Eu to darei depressa, e logo achado.

CENA II

MÍISIS, PÂNFILO, CARINO, DAVO

ARGUMENTO

Nesta Cena se introduz Míisis, criada de Glicério, que vem da sua parte a chamar a Pânfilo; o qual lhe promete de a não desamparar, ainda que tenha por inimigos os homens, e o mundo todo. Davo acha o modo de desfazer, e perturbar as bodas, e conforta a Pânfilo, e a Carino que se alegrem, e não tomem paizão porque tudo há de succeder bem. Entra logo Míisis; e como que fala da porta com Glicério, sua ama, diz:

- Eu terei bom cuidado que o teu Pânfilo
Onde quer que estiver seja buscado,
E trazido ante ti logo comigo.
Tu minha alma; entretanto não te queiras
Atormentar. P. Ó Míisis. M. Quem me chama?
Ó Pânfilo: a bom tempo aqui te encontro.
- P. Que há de novo? M. Mandou que te rogasse
Minha ama; que se bem algum lhe queres,
Vás ter com ela logo; diz que muito
Deseja ver-te. P. Ah, sou de todo morto,
Este mal se acrescenta: porventura 11
É possível que dêste modo os tristes,

- E desaventurados, eu, e Glicério
Perseguidos sejamos, e afligidos
Per teu conselho agora? que por isso 15
Sou chamado; porque sentiu que as bodas
Se m'aparelham. *C.* Pelas quais oh quanto
Fácilmente, por certo, se pudera
Estar em paz, se Davo se aquietara.
D. Ora sus; faze tu que êste endoideça, 20
Se não está por seu querer bem doido.
M. Polo templo de Pólux, isto é mesmo
Porque agora a coitada está mui triste.
P. Ó Misis, eu te juro pelos Deuses
Todos, que em nenhum tempo, inda que saiba
Por inimigos ter todos os homens 26
Jamais a deixarei. Para mim esta
Elegi, desejei, caiu-me em sorte:
Dizem muito cos meus, os seus costumes.
Apartem-se de nós os que desejam, 30
Que entr'ambos haja alguma diferença.
Ninguém ma tirará senão a morte.
C. Uma alma nova cobro. *P.* Não mais certo
É de Apolo a resposta verdadeira,
Do que isto que te digo: se fazer-se 35
Poder, que meu pai creia que estas bodas
Não deixaram por mim de ter efeito,
Isso desejo, e quero: porém quando
Se não puder fazer; farei somente
O que deixar não pode de fazer-se, 40
Para que creia, que por meu respeito
Se não fizeram. Pois que te pareço?
C. Igualmente como eu desventurado.
D. Imaginando estou como desfaça
Estas bodas. *C.* És forte, e valoroso. 45
P. Eu bem sei que maquinas. *D.* Certamente

- Te darei logo feito o que maquino.
P. É necessário que se faça logo.
D. Antes o tenho já mui bem traçado.
C. E que tens tu traçado? *D.* Isto que eu tenho
Traçado para ti não é: para êste. 51
Não te enganes, nem erres. *C.* Basta-me isso.
P. Dize-me, que farás? *D.* Reccio certo,
Que inda todo êste dia me não baste
Para fazer o que traçado tenho. 55
Não cuides tu que estou tão ocioso
Para haver de contar-te agora tudo.
E portanto daqui vos ide logo,
Que para isto me sois impedimento.
P. Eu vou ver a Glicério. *D.* E tu, Carino,
Para onde vás daqui? *C.* Queres te diga 61
A verdade? *D.* Sim certo. Ainda agora
Me começa o princípio de seu conto.
C. Oh que será de mim? *D.* Oh, tu por certo
És desenvergonhado, e importuno. 65
Não basta que de um dia mui pequeno
Te dou somente 'spaço; enquanto as bodas
A êste estendo. *C.* Ó Davo, tu contudo...
D. Que queres pois que faça? *C.* Que a receba.
D. É coisa para rir. *C.* Se tu puderes 70
Fazer alguma coisa, faze venhas
Ter comigo onde estou. *D.* Não tenho nada
Traçado para ti. *C.* Contudo, Davo,
Se tiveres... *D.* Acaba, eu virei logo.
C. Se tiveres... em casa estarei. *D.* Misis,
Aqui me espera um pouco, enquanto saio
Lá fora. *M.* Para quê? *D.* É necessário
Fazer-se como digo. *M.* Vai depressa.
D. Digo que serei logo aqui correndo.

CENA III

MÍISIS, DAVO

ARGUMENTO

Nesta Cena contém a administração do engano de Davo, com o qual determina fazer que Cremes não dê a filha a Pânfilo: para isto sai com o menino nos braços, que Glicério parirá; e chegando onde está Míisis lhe diz o que há de fazer com aquêlê menino. Estando assim informando sai Cremes, que é causa de êle não acabar de informar a Míisis: e porque ela ficara só no teatro, indo-se Pânfilo, Carino, diz a mesma Míisis o que se segue.

Porventura é possível que alguém tenha
Alguma coisa estável, ou perpétua?
Vosso socorro imploro, ó Deuses altos.
Eu cuidava que tinha por bem sumo
A Pânfilo, minha ama; por amigo,
Por amante fiel, e por um homem
Disposto, e aparelhado em tôda a parte.
Mas que desgosto dêle a coitadinha,
E dor recebe agora? certamente
Mor mal há no desgosto, e na dor desta
Do que bem na amizade, e amor daquele.
Mas Davo vem saindo: ó lá meu homem,

- Pego-te que me digas o que é isso?
Para onde levas, dize, êste menino?
- D.* Mísis necessidade tenho agora 15
De tua memória pronta, e aparelhada
Para esta coisa, que de novo intento,
E da sagacidade, e astúcia tua.
- M.* O que hás tu de fazer? *D.* Êste menino
Toma das minhas mãos depressa, e logo; 20
E num momento o põem à nossa porta.
- M.* E pô-lo-ei no chão? *D.* Toma verbenas
Dali daquele altar; e por debaixo
Lhas vai lançando. *M.* E tu por que o não fazes?
- D.* Porque se fôr acaso necessário
Jurar a meu senhor que o tal menino
Ali não pus; o possa puramente.
- M.* Bem te entendo: porém dize-me adonde
Esta religião nova, e novo 'scrúpulo
Te entrou? *D.* Acaba, abala-te depressa, 30
Para que daí saibas o que faço:
Ó Júpiter, valei-me vós. *M.* Que é isso?
- D.* O pai da noiva vem: deixo o conselho
Que primeiro tomei. *M.* Não sei que dizes.
- D.* Eu fingirei também, que daqui venho, 35
Desta parte direita. Tu vê, Mísis,
E advirte que respondas, e que sirvas
Ao que te perguntar tôdas as vêzes
Que necessário fôr usar palavras.
- M.* Eu nada entendo do que fazer queres: 40
Mas se há coisa na qual a minha indústria
Vos seja necessária, ou tu mais sabes,
E mais vês; ficarei: porque não possa
Impedimento ser ao vosso cômodo.

CENA IV

CREMES, MÍISIS, DAVO

ARGUMENTO

Esta Cena mostra como os fingimentos de Davo, sem primeiro dar dêles conta a Mísis, lhe aproveitaram mais para perturbar as bodas, e desviar a Cremes de dar a filha a Pânfilo, do que se a tivera industriada nêles: tinha-lhe dado pressa Davo, que acabasse de pôr o menino à porta de seu amo; porque vira vir a Cremes; e desviou-se dela, e dêle de modo, que o não podiam ver; e depois vindo da parte direita, como tinha dito; e fingindo não ver a Cremes, se põe a perguntar a Mísis, cujo era o menino, com o mais que se segue. Entra logo Cremes dizendo:

- Torno, depois de ter já pôsto em ordem
As coisas que me foram necessárias
Para as bodas de minha filha; para
Que mande que se chame... mas que é isto?
E, por Hércules juro, uma criança: 5
Puseste aqui, mulher, êste menino?
- M.* Onde está aquêlo? *C.* Tu não me respondes?
- M.* Ah, coitada de mim, não aparece
Em parte alguma: foi-se, e aqui deixou-me
Aquele homem. *D.* Ó Deuses socorrei-me!

- Que multidão de gente está na audiência!
Ó quantos homens têm ali demandas!
É, depois disto, caro o mantimento.
Não sei que diga mais. *M.* Dize te rogo,
Por que razão aqui só me deixaste? 15
- D.* Oh que fábula é esta? ouves tu, *Mísis*,
Donde é êste menino? ou quem o trouxe
Aqui? *M.* Tens tu juízo quanto baste?
Tu que isso me perguntas? *D.* A quem logo
Perguntarei; que aqui não vejo a outrem? 20
- C.* Eu não sei de quem seja êste menino.
D. Hás tu de responder ao que te digo?
M. Ai. *D.* Passa-te para a direita parte.
M. Estás doido? tu não me deste mesmo
Êste menino? *D.* Guar-te se me dizes 25
Uma palavra só fora daquilo
Que te pergunto. *M.* Tu certo me afrontas.
D. Donde é? fala claro. *M.* É de vós outros.
D. Ha, ha, ha; é grande maravilha
Certo, se uma mulher que vive à larga 30
Faz seu negócio, sem vergonha, e pejo.
C. Esta criada, pelo que compreendo,
É daquela *Andriana*. *D.* Tão dispostos
Vos parece que somos porventura,
Que façais de nós tantas zombarias? 35
- C.* A tempo vim. *D.* Apressa-te depressa,
Por tirar desta porta êste menino.
Espera um pouco: guar-te, não te apartes
Dêste lugar para outra qualquer parte.
M. Desarreiguem-te os Deuses dos vivos;
De tal maneira triste me atormentas. 41
- D.* Falo eu contigo, dize, ou com quem falo?
M. E tu que queres? *D.* Ainda mo perguntas?
Cujó é, dizes o menino que puseste

- Aqui? dize-mo, acaba. *M.* E tu não sabes?
D. O que sei deixa; e dize o que pergunto. 46
M. De vós outros. *D.* De qual de nós? *M.* De
[*Pânfilo*.
D. Oh, que dizes, de *Pânfilo*? *M.* Ó lá, *Davo*,
Pois não é? *C.* Bem fugi sempre estas bodas.
D. Ó grão maldade, digna de castigo! 50
M. Que estás gritando? *D.* O qual ontem à tarde
Porventura não vi ser-vos trazido?
M. Ó homem atrevido, e sem-vergonha.
D. Eu vi contudo *Cântara* pejada.
M. Per *Pólux* que dou mil graças aos Deuses,
Porque quando pariu foram presentes 56
Algumas donas livres, e não servas.
D. Ela por certo não conhece a *Cremes*,
Por cuja causa faz êstes enredos,
Dizendo: se vir *Cremes* pôsto à porta 60
O menino, não lhe dará sua filha;
Certo antes lha dará de melhor mente.
C. Antes o não fará *Cremes* por certo.
D. Enfim, para que sejas sabedora,
Se tu daqui não levas o menino,
Agora logo, o lançarei rodando 65
No meio dessa rua; e juntamente
Te envolverei no lodo. *M.* Tu per *Pólux*,
Ó homem não estás em teu juízo.
D. Um engano lança outro engano fora. 70
Ouço por hi rugir-se, que esta moça
É Cidadã de *Atenas*. *C.* Oh! *D.* Sem falta
Se casará com ela constangido
Das *Leis*. *M.* Ó lá, por vida tua me digas,
Não é Cidadã ela porventura? 75
C. Quase tenho caído, sem sabê-lo
Em um mal, de que todos rir se podem.

- D. Quem fala aqui? ó Cremes vens a tempo:
Ouve agora. C. Já tudo tenho ouvido.
- D. Ouviste, e sabes tôdas estas coisas? 80
- C. Digo-te que ouvi tudo de princípio.
- D. A fé que ouviste tudo? ó grão maldade!
É justo que seja esta pelos ares
Logo daqui levada ao tormento.
Este é aquêlê bom velho experimentado;
Não cuides que de Davo escárnio fazes. 86
- M. Ó coitada de mim! nada per Pólux,
Disse que fôsse engano, ó meu bom velho.
- C. Muito bem entendi todo o negócio.
Mas está Simão dentro? D. Está. M. Malvado,
Não me toques, se queres que não diga, 91
Per Pólux, estas coisas a Glicério.
- D. Ó párvua, tu não sabes que negócio
Se tenha feito. M. Que hei de saber? D. Este
É sogro, não podia doutro modo 95
Fazer-se que soubesse o que queremos.
- M. Ah, tiveras-mo dito. D. Porventura
Cuidas tu que vai pouca diferença
Em que de coração faças as coisas,
Segundo to persuade a natureza,
Ou fazê-las por arte, e por indústria?

CENA V.

CRITO, forasteiro, MÍSIS, DAVO.

ARGUMENTO

Nesta Cena se introduz Crito, primo de Crísis, o qual tendo ouvido dizer, que ela era falecida, se vem a Atenas para tomar posse da herança, que lhe vem por sua morte; e conhecendo a Mísis lhe pergunta se achara já Glicério a seus pais: e sabendo que não, determina de se tornar, e de perder antes o direito que tem na fazenda da prima, que ter demanda com Glicério, que estava de posse dela; e assim entra dizendo:

- Disseram-me morava nesta rua
Crísis, que quis aqui na terra alheia
Riquezas granjear, antes sem honra,
Que na pátria viver pobre com ela.
Pela morte de Crísis me pertencem 5
Os bens que ela adquiriu, conforme a lei.
Mas vejo a quem pergunte. Deus vos salve.
- M. Que vejo, Davo, rogo-te mo digas:
Não é porventura êste Crito, primo
De Crísis? Sim é. C. Deus te guarde, ó Mísis 10
- M. Guarde-te Deus, ó Crito. C. Assim Crísis
A vida acabou? ah! M. Perdidos todos,

- Per Pólux nos deixou desventurados.
- C.* Vos outras que fazeis? de que maneira
A vida aqui passais? bem porventura? 15
- M.* Nós? passamos assim como podemos,
Quando, como queremos, não é lícito.
- C.* E Glicério que faz? teve notícia
Já de seus pais aqui? *M.* A Deus prouvera.
- C.* Inda não? não vim cá com bom agouro; 20
Porque se isto soubera, certamente
Um pé para vir cá não levantara:
Porque ela foi chamada, e sempre tida
Por irmã desta Crísis: e logra hoje
Os bens que dela foram: os exemplos 25
Dos outros me aconselham quanto seja
Fácil, e proveitoso a mim, que agora
Siga demandas, sendo forasteiro;
E juntamente me parece, e cuido
Que Glicério já tenha algum amigo, 30
Que fale em seu favor; porque já quase
Grandezinha partiu dessa Ilha de Andro.
Podem bradar, que eu sendo um sicofanta,
E um pedinte, pretendo, e quero a herança.
De mais disto, não é lícito certo 35
Desapossá-la, e deixá-la sem nada.
- M.* Mui bem guardas, ó forasteiro Crito,
O teu costume antigo. *C.* Lá me leva,
Já que até aqui cheguei, para que a veja.
- M.* De muito boa vontade. *D.* Irei seguindo
Com cautela êstes ambos: que não quero,
Que me veja o meu velho neste tempo.

ATO V

CENA I
CREMES, SIMÃO
ARGUMENTO

Nesta Cena se mostram de uma parte as importunações de Simão em pedir a Cremes com rogos case a filha com o filho, como já lhe tinha prometido; e da outra negação, e repreensão de Cremes; porque o repreende em querer instar naquilo que podia ser de dano a um, e ao outro não se doendo dos trabalhos de ambos; sendo assim, que Pânfilo tinha pôsto o seu amor em outra, de quem já tinha um filho; e finalmente lhe nega a promessa pelo mesmo respeito: entra logo Cremes respondendo aos rogos, e importunações de Simão, a quem tinha já contado o que lhe acontecera com Davo, e Misis.

Assaz para contigo é conhecida,
Ó amigo Simão, minha amizade.
Pus-me por teu respeito em grande risco;
Deixa de importunar-me já com rogos.
Enquanto trabalhei por comprazer-te, 5
A vida desprezei quase da filha.

S. Antes te rogo, e peço, ó Cremes, muito,
Que tu confirmes com efeito agora
A mercê feita há pouco, de palavra.
C. Considera, e vê tu quanto és injusto, 10
Por êsse teu sem ordem apetite.

- O modo, e têrmo tu não consideras
De ser benigno; nem o que me pedes,
Enquanto aquilo fazes, que desejas.
Porque certo se o bem consideraras, 15
Não quizeras com petições injustas,
Nem com êstes agravos carregar-me.
- S. Com quais agravos? C. Ah, tu mo perguntas?
Constrangeste-me a dar a minha filha
A um homem mancebo embaraçado 20
Em outro amor; e que não quer casar-se.
Para contínua guerra, e incertas bodas:
Para que com a dor, e nojo dela
A teu filho curasse; isto alcançaste.
Dei-lhe princípio enquanto foi honesto: 25
Agora que o não é, é fôrça o sofras.
Dizem que é Cidadã aqui de Atenas;
Ela pariu um filho; não nos canses.
- S. Pelos Deuses te rogo, amigo Cremes,
Que não queiras dar crédito àqueles, 30
Aos quais é grandemente proveitoso,
Que êle seja de todo depravado.
Fingidas foram tôdas essas coisas,
E principiadas por razão das bodas.
Como esta ocasião lhes for tirada, 35
Pola qual fazem tantos fingimentos,
Deixarão de fazerem mais enredos.
- C. Muito enganado estás, Simão, eu mesmo
A criada vi com Davo pelejando.
- S. Tudo sei. C. Mas com rosto não fingido: 40
Sendo isto assim, que então nem um, nem outro
Tinha sentido que presente estava.
- S. Creio: e Davo me tinha dito dantes,
Que haviam de fingir êstes enganços.
E quis hoje dizer-to; e não sei como
Me fugiu, e passou pela memória.

CENA II

DAVO, CREMES, SIMÃO, DROMO, criado

ARGUMENTO

Mostra-se Simão nesta Cena indignado contra Davo, por afirmar diante de Cremes, que dizia Crito ser Glicério Cidadã de Atenas; pelo que o manda atar, e nêle exprime o Poeta maravilhosamente o costume de um pai, e de um senhor ofendido. Sai enfim Davo de casa de Glicério, saltando de prazer, e dizendo:

- Já me dou por seguro desde agora.
- C. Ó lá, tens Davo ali. S. Donde vem êle?
- D. Por meu favor, e do estrangeiro Crito.
- S. Que mal, e que desventura é aquela?
- D. Não vi homem mais útil, e oportuno, 5
Nem vinda mais a tempo; nem vi tempo
Mais a pedir por bôca. S. Este malvado
A quem louva? D. Já tudo está seguro.
- S. E posso-me ter eu, que lhe não fale?
- D. Meu amo é: que farei? S. Oh Deus te salve,
Bom homem; D. Ó, Simão venhas embora;
Ó nosso amigo Cremes, tudo dentro
Está já aparelhado. S. Bom cuidado
Tiveste certo. D. Chama os convidados

- Quando quiseses. *S.* Bem por vida minha. 15
 Isso em verdade aqui sòmente falta.
 Dizes tu também isto? Que negócio
 Tens aqui, dize? *D.* Que negócio tenho?
S. Sim, que negócio tens? *D.* Eu, que negócio?
S. Tu pois. *D.* Agora entrei. *S.* Como se agora
 Lhe fizesse pergunta: quanto tempo 21
 Há que Pânfilo entrou naquela casa.
D. Com teu filho, e meu amo juntamente.
S. Está Pânfilo dentro porventura?
D. Em grande apêrto estou desventurado. 25
S. Ó lá, dize-me algoz, tu não disseste,
 Que entre êles ambos houve diferenças?
D. Sim há. *S.* Pois logo como está aqui dentro?
C. E que cuidas que faz êle lá dentro?
 Tem com ela demandas, e contendas. 30
D. Mas antes farei, Cremes, logo agora,
 Que ouças de mim um caso indigno, e grave.
 Chegou nesta hora um não sei que velho,
 Ei-lo ali está na casa de Glicério,
 Confiado, sagaz; quando lhe vejas 35
 O aspecto, parece é de tanta estima,
 De quanta de cada um pode ser tido:
 Severidade grave tem no rosto,
 E nas palavras crédito, e verdade.
S. Com que vens, ou que trazes? *D.* Nada trago,
 Senão o que lhe ouvi dizer sòmente. 41
S. Enfim, e que diz êle? *D.* Diz que sabe,
 Que esta Glicério é Cidadã de Atenas.
S. Ó lá, tu Dromo, ó Dromo. *Dr.* Que me queres?
S. Dromo. *D.* Ouve. *S.* Se sòmente uma palavra
 Disseres, Dromo. *D.* Rogo-te que me ouças.
Dr. Eis-me aqui, que me queres? *S.* Arrebata
 Este às costas, e leva-o para dentro,

- Quanto tu mais puderes. *Dr.* Quem me dizes?
S. Davo. *Dr.* E por que razão? *S.* Porque é
 [meu gôsto 50
 Leva-o digo. *D.* Que fiz? *S.* Acaba, leva-o.
D. Se achares que só disse uma mentira
 Mata-me. *S.* Nada te ouço. Eu farei logo
 Que sejas apressado. *D.* Isto que eu digo
 É contudo verdade. *S.* Tu contudo 55
 De guardá-lo assim prêso tem cuidado:
 E ouves-me tu? de pés, e mãos o prende
 Agora: acaba, faze o que te digo.
 Eu te mostrarei logo hoje por certo
 Quão perigoso seja enganar o amo: 60
 E àquele mostrarei quão perigoso
 Seja enganar seu pai. *C.* Ah, não te agastes.
S. Ó Cremes, tu não tens de mim piedade,
 Por amor da piedade de meu filho?
 Nem te dói tomar eu tanto trabalho 65
 Por amor de tal filho? Acaba Pânfilo,
 Ó Pânfilo, sai cá: de que te pejas?

CENA III
PÂNFILO, SIMÃO, CREMES

ARGUMENTO

Mostra-se nesta Cena a queixa de Simão contra o filho, com as verdadeiras, e próprias demonstrações de quem se indigna com razão; e a concessão do filho na culpa, pela qual de todo se submete à vontade, e querer do pai, a quem Cremes no fim com boas razões abrandava algum tanto. Sai enfim Pânfilo de casa de Glicério, a quem o pai tinha chamado: e porque não cuidou que o era, se não algum amigo, sai dizendo:

Quem me chama? de todo sou perdido:

Este é meu pai. *S.* Que dizes mais que todos...?

C. Ah, dize antes o que dizer lhe queres,
E deixa de falar apaixonado.

S. Como se coisa alguma já contra este 5
Dizer se possa, a qual seja mais grave
Que sua culpa. Tu dizes finalmente,
Que é Cidadã Glicério? *C.* Assim o dizem.

S. Assim dizem? Ó grande atrevimento! 10
Porventura o que diz considera êle
Ou porventura do que fez lhe pêsse?
Vê tu se esta sua côr em parte alguma
Mostra algum sinal claro de vergonha.
É verdade, ou possível que êle seja

- De tão apoucado ânimo, que morra 15
 Por gozar esta com eterna infâmia,
 Contra o costume, e lei dos Cidadãos,
 Contra o querer do pai, vontade, e gosto?
- P.* Ah coitado de mim, desventurado.
S. Ó Pânfilo, inda agora isso sentiste? 20
 Muito dantes essa palavra, dantes
 Essa mesma palavra caiu certo
 Sôbre ti só, no mesmo dia, quando
 A haveres de fazer te persuadiste,
 De qualquer modo, aquilo que querias. 25
 Mas eu por que... por que razão me mato?
 Por que me aflijo enfim? por que perturbo
 Minha velhice com a amência deste,
 Para que só padeça, tenha, e sofra
 Pelos seus desconcertos o castigo? 30
 Antes êle o padeça. Vá-se embora,
 Viva com ela. *P.* Ó meu pai... *S.* Que meu pai?
 Como se tu necessidade tenhas
 Dêste pai. Já tens casa, e juntamente 35
 Mulher, filhos achados; e tudo isto
 Contra o querer, e paternal vontade.
 Foram trazidos homens que dissessem,
 Que ela era Cidadã aqui de Atenas.
 Tu venceste. *P.* Ó meu pai, dai-me licença
 Para que diga só quatro palavras. 41
- S.* E tu que me dirás? *C.* Simão, contudo
 Ouve o que quer dizer. *S.* Ouvir-lhe-ei isso?
 Cremes, que lhe hei de ouvir? *C.* Porém consente
 Que diga. *S.* Ora sus, diga; eu lho consinto.
- P.* Confesso amar Glicério; se isto é culpa 46
 A confesso também: eu, pai, me entrego
 A vós, dai-me o castigo que quiseres;
 Mandai-me o que quiseres. Quereis tome

- Mulher, e que deixe esta? da maneira 50
 Que possível me fôr sofrer o quero.
 Isto sômente, ó pai, vos peço, e rogo,
 Que não creais que foi de mim trazido
 Êste velho: consenti me desculpe,
 E que diante vós o traga logo. 55
- S.* Que o tragas tu? *P.* Meu pai, consenti nisto.
C. Pede o que é justo: dá-lhe enfim licença:
 Consente que isto alcance, que eu te peço.
S. Consinto. Ó Cremes, eu desejo certo
 Ver qualquer outra coisa que me aflija 60
 Contanto que não me ache dêste filho
 Ser enganado. *C.* Por pecado grave
 Basta ao pai dar castigo moderado.

CENA IV

CRITO, CREMES, SIMÃO, PÂNFILO

ARGUMENTO

Crito, a rogo de Pânfilo, vem diante de Simão, e lhe mostra como Glicério é Cidadã de Atenas; e tendo com êle palavras pesadas, estiveram quase em se descompor; mais que em elas: mas no fim, manifestando-se a verdade, e caíndo todos nela, se desata, e resolve todo o êrro da fábula. Entra logo Crito, como que vem perseguido dos rogos de Pânfilo, dizendo:

Deixa de importunar-me já com rogos:
Uma só destas três coisas me move,
Qual tu quiseses a que o faça: ou tu,
Ou porque o que direi não é mentira,
Ou porque tenho amor grande a Glicério.

- C. Vejo eu pola ventura Crito Andriano? 6
Este é sem falta: Deus te salve, ó Crito.
Por que razão vieste agora a Atenas,
Não costumando entrar nesta Cidade?
- Cr. Succedeu vir agora aqui. Mas dize: 10
É Simão porventura este? C. Esse é mesmo.
- S. Em minha busca vens? ó lá, tu dizes,
Que é daqui Cidadã desta Cidade

- Glicério? *Cr.* E tu, Simão, tens o contrário?
- S.* Assim vens dêsse modo subornado?
- Cr.* E tu por que razão me dizes isso?
- S.* Inda tu mo perguntas? porventura
Hás de fazer tal coisa sem castigo?
Trazes os mancebinhos enganados,
Os quais não têm das coisas experiência;
Sendo criados nobre, e livremente? 21
Entretens, e sustentas seus desejos,
Afagando, inquietando, e prometendo?
- Cr.* Estás em ti? *S.* Misturas, e confundes
Co matrimônio santo, amores torpes? 25
- P.* De todo me perdi: tenho grão medo
Que êste Estrangeiro possa resistir-lhe.
- C.* Se tu Simão em conheceras êste,
Tal opinião dêle não tiveras.
Êste é homem de bem. *S.* Será bom homem 30
Êste? como vem êle neste tempo
Das bodas, senão tem vindo aqui noutro?
Cremes, há se de dar crédito a êste?
- P.* Se meu pai não temera, eu tenho certo
Para dar-lhe um aviso mui bom nisto 35
- S.* Ó Sicoftanta. *Cr.* Ó lá. *C.* Deixa isso, Crito,
Êle é assim de avessa natureza.
- Cr.* Veja êle quem é Crito; se prossegue
Em dizer o que quer, ouvirá certo
O que não quererá. Pola ventura 40
Estas coisas perturbo, ou me dá delas?
Não sofrerás teu dano com paciência?
Porque saber se pode logo logo,
Se as coisas que te eu disse as tens ouvido
Falsas, ou verdadeiras. Noutro tempo 45
Um certo homem de Atenas, junto de Andro,
Feita de todo a nau tôda em pedaços

- Foi lançado na praia, e juntamente
Esta donzela, sendo pequenina.
Achando-se êle então necessitado, 50
Acaso foi primeiro ao pai de Crísis.
- S.* Já começa a contar fábulas. *C.* Deixa.
- Cr.* Desta maneira turba êle a verdade?
- C.* Dize por diante. *Cr.* Então naquele tempo
Aquêlo que em sua casa o recolheu 55
Era parente meu; dêle ali certo
Ouví dizer ser de Ática: êste mesmo
Ali morreu. *C.* E como se chamava?
- Cr.* Queres te diga tão depressa o nome?
O seu nome era Fânia. *C.* Ah, sou perdido.
- Cr.* Mas em verdade cuido que era Fânia. 61
Dizia que era natural de Rano.
Isto sei certo. *C.* Ó Júpiter supremo!
- Cr.* Muitos outros, ó Cremes, neste tempo
Em Andro ouviram estas mesmas coisas. 65
- C.* Praza a Deus, que seja isto que eu desejo.
Ora sus, Crito, dize-me que coisa
Dizia ser Glicério? ou de quem filha?
Dizia porventura que era sua?
- Cr.* Não. *C.* Pois logo de quem? *Cr.* Dizia que era
Filha dum irmão seu. *C.* Minha é sem falta.
- Cr.* Que dizes? *S.* Tu que dizes? *P.* Ouve atento,
Ó Pânfilo estas coisas. *S.* Como o cuidas?
C. Irmão meu foi sem falta aquêlo Fânia.
S. Conheci-o mui bem, e o sei de certo. 75
C. Êste daqui fugindo à dura guerra
Indo após mim seguindo-me; para Ásia
Se parte. Então temeu aqui deixá-la
Neste lugar. Depois daqueles tempos,
Esta vez é a primeira que sei dêle. 80
- P.* Escassamente estou em meu juízo,

- De tal maneira o ânimo abalado
 Ficou do medo, e do contentamento,
 E da doce esperança com tão grande,
 E tão súbito bem, tão admirando. 85
- S.* Por muitas razões folgo que esta tua
 Glicério seja achada. *P.* Eu, pai, o creio.
- C.* Mas ainda um escrúpulo me fica,
 Que me inquieta muito, e mal me trata.
- P.* Com este escrúpulo teu és digno de ódio: 90
 Andas buscando nó no junco liso.
- Cr.* E que dúvida é essa que te aflige?
- C.* Não quadra o nome. *Cr.* Certamente teve
 Esta sendo pequena, outro. *C.* Qual, Crito?
 Lembraste porventura? *Cr.* Isso vou vendo. 95
- P.* Sofrerei porventura que a memória
 Dêste resista ao meu contentamento?
 Podendo remediar nisto a mim mesmo?
 Não sofrerei. Ó Cremes, êsse nome
 De que lembrar te queres é Pasíbula. 100
- Cr.* Essa é mesma. *C.* Essa é. *P.* Dela mil vezes
 O tenho ouvido. *S.* Eu creio que tu, Cremes,
 Crês que com este bem folgamos todos.
- C.* Sim creio, assim me queiram bem os Deuses.
- P.* Meu pai, que resta agora? *S.* A mesma coisa
 Me trouxe, não há muito, à graça tua. 106
- P.* Ó pai gracioso, amigo, grato, e caro:
 Cremes quer que ela minha mulher seja,
 Da maneira que a tenho possuída.
- C.* A causa é boa, e justa; se outra coisa 110
 Teu pai não diz. *P.* Não diz certo mais nada.
- S.* Digo isso mesmo certo, que diz Cremes.
- C.* O dote, ó Pânfilo, é seis mil escudos.
- P.* O dote aceito. *C.* Vou correndo á filha:
 Ó lá, Crito, vem tu comigo, que ela 115

- Creio me não conhece. *S.* E por que causa
 Não mandas tu que seja aqui trazida?
- C.* Bem me avisas: a Davo êste negócio
 Entregará. *S.* Não pode. *C.* Por que, dize?
- S.* Tem outro mal de si maior, mais grande.
- P.* Que mal tem? *S.* Está atado. *P.* Pai, por certo
 Que não foi bem, nem justamente atado.
- S.* Pois não no mandei eu que mal se atasse.
- P.* Rogo-te muito, mandes se desate.
- S.* Ora sus, assim seja; assim se faça.
- P.* Porém faze-o depressa. *S.* Vou-me dentro.
- P.* Ó dia alegre, e para mim ditoso!

CENA V
CARINO, PÂNFILO
ARGUMENTO

Nesta Cena se contém o grande contentamento de Pânfilo, por lhe succeder tudo como elle queria: concludindo enfim que se lhe não sobrevier alguma coisa que lhe turbe, se tem por um dos seus Deuses vãos. Entra logo Carino a ver o que faz Pânfilo, para saber em que estado estão as coisas.

- Venho ver que faz Pânfilo: mas ei-lo.
- P. Porventura que alguém cuida, que eu cuido,
Que isto não é verdade. Mas agora
Muito me agrada que verdade seja:
Portanto tenho para mim que a vida 5
Dos Deuses é somente sempiterna;
Porque também seus gostos só são próprios:
Que se não sobrevier a este meu gosto
Alguma inquietação, tenho adquirido
Ser imortal! Mas quem principalmente 10
Desejarei que agora se me of'reça
Ao qual possa dar conta destas coisas?
- C. Que gosto será aquêlê que este mostra?
- P. Vejo a Davo. De todos nenhum certo
Mais quisera encontrar, nem desejara;
Porque sei que este só mais firmemente
Há de ter de meus gostos gosto grande.

CENA VI

DAVO, PÂNFILO, CARINO

ARGUMENTO

Nesta última Cena, com maravilhoso artifício se declaram, e mostram brevemente as coisas, que da Comédia ficam; a qual se conclui alegremente com as bodas de Pânfilo com Glicério, e de Carino com Filomena. Entra logo Davo, que vem em busca de Pânfilo, dizendo:

- Em que parte está aqui Pânfilo? *P.* Ó Davo?
D. Quem é? que homem me chama? *P.* Eu, Davo
[*D.* Ó Pânfilo.
P. Não sabes que me tem acontecido?
D. Isso não sei por certo: sei sòmente
O que me aconteceu. *P.* Também sei isso. 5
D. Segundo é dos homens o costume,
Agora aconteceu que tu soubesses
Primeiro desta minha desventura,
Que eu soubesse do teu contentamento.
P. Já Glicério querida, e amada minha 10
Achou seus pais. *D.* Ó bem afortunado
Sucesso! *C.* Oh! *P.* Seu pai dela é grande nosso
Amigo. *D.* Quem é? *P.* Cremes. *D.* Dás boa nova.
P. Não há detença alguma por que deixe

- De recebê-la por mulher legítima. 15
- C.* Porventura sonha êle aquelas coisas,
Que desejou desperto; e acordado?
- P.* Mas depois, que faremos do menino?
- D.* Ah, deixa isso: que aquêles a quem os Deuses
Amam, de ninguém tem necessidade. 20
- C.* Se estas coisas que diz são verdadeiras;
Seguro estou: falar-lhe quero. *P.* Que homem
É êste? Oh vens, Carino, a mui bom tempo.
- C.* Tudo está mui bem feito. *P.* Oh tudo ouviste?
- C.* Tudo ouvi. Ora sus, de mim te lembra 25
Nessas tuas fortunas: todo agora
É teu Cremes; bem sei que fará tudo
Quanto quiseses tu. *P.* Sei que é meu todo,
Mas é coisa comprida, e prolongada
'Sperá-lo até que saia. Tu me segue 30
Aqui por esta parte: êle está dentro
Agora em casa de Glicério. Ó Davo,
Tu vai-te para casa: vai depressa,
Chama aquêles, que a tirem dali fora.
Que estás? que te detens? *D.* Eu vou contigo.

CALIÓPIO

Não espereis, senhores, que cá saiam;
Lá dentro se farão os desposórios.
Se resta alguma coisa que se faça,
Lá se perfeigoará de todo dentro.
Ide embora, e louvai o nosso Poeta.

FIM DA "ANDRIA".

EUNUCO

FIGURAS QUE ENTRAM NA COMÉDIA:

Fédria, *mancebo*.
Parmeno, *criado*.
Tais, *mulher de partido*.
Gnato, *chocarreiro*.
Quérea, *mancebo*.
Traso, *soldado*.
Pítias, *criada*.
Cremes, *mancebo rústico*.
Antifo, *mancebo*.
Dórias, *criada*.
Doro, *eunuco*.
Sanga, *aguadeiro*.
Sofrona, *ama*.
Laches, *velho*.

ARGUMENTO DE TÔDA A COMÉDIA

Roubaram os Piratas no mar a um certo Ateniese, e entre as coisas que lhe tomaram foi uma menina, a qual elles levaram a Rodes, onde a venderam; e quem a comprou a deu de presente a uma mulher de partido, natural da Ilha de Samo, que então vivia aí em Rodes. Esta boa mulher tinha uma filha que se chamava Taís, com a qual ela criava, e tratava de maneira esta menina, que todos a tinham por irmã sua, não sabendo o seu princípio. Aconteceu pois, que Taís, deixando a mãe, se foi com um mercador amigo seu para Atenas; êste morrendo ali, lhe deixou isso que tinha. Traso, que era um soldado Ateniense, e muito rico, vendo que ela ficava sem amante, a tomou por amiga; mas sendo necessário ir a Rodes, por certos negócios seus, comprou, sendo já morta a mãe de Taís, esta menina aos herdeiros da morta, com tenção de a dar à amiga; tornando a Atenas, achou que Taís tinha amizade com um certo Fédria Ateniense: pola qual razão lhe não quis dar a menina, sem que ela primeiro excluísse o seu competidor. Mas como Taís conhecesse a moça, como aquella que com ela se criara, e era tida por irmã sua, desejou-a grandemente para a restituir a seus pais. E pôsto queria grande bem a Fédria, alcançou contudo dêle, depois de muitos rogos, que por espaço de dois dias se ausentasse, para que assim

pudesse tirar a moça das mãos do soldado: fê-lo êle assim, ainda que muito contra seu gôsto. E porque não parecesse que era vencido em dádivas do seu competidor, mandou a Taís, por Parmeno, de presente um Eunuco, e uma escrava. Tinha Fédria um irmão chamado Quérea, êste vendo acaso em uma rua a moça, que o soldado tinha dado a Taís, se namorou dela tão ardentemente, que fêz com que Parmeno o levasse a casa de Taís, em lugar do Eunuco que êle lhe levava de presente; onde lhe foi entregue da mesma Taís a moça em guarda, tendo-o por Eunuco: e desta maneira, e com êste engano a desflorou. O negócio se descobriu logo; e depois se veio a saber ser ela Cidadã de Atenas; polo que lhe foi dada por mulher: e Fédria, e o soldado Traso competidores vieram a ser amigos per via do Chocarreiro Gnato, e ambos de comum consentimento o ficaram sendo de Taís.

PRÓLOGO

ARGUMENTO

No Prólogo da "Andria" disse que coisa era Prólogo, e quantas maneiras havia dêles: ora êste é relativo como o outro. Nêle se mostra que o Poeta é humano, e benigno, e que não dá moléstia, nem faz dano a alguém; e que se há quem folgue de contentar aos bons, e não ofender aos maus, é êle um dêstes. Polo que se êle agora mordido, e molestado de seus inimigos, se ressentido com justa causa das injúrias, e agravos que lhe fazem, feitos principalmente injustamente; que ninguém se deve maravilhar, se o faz contra sua natureza, considerando que o que faz, o faz constrangido, e o que diz, contra seus inimigos, o diz por se defender dos agravos que lhe fazem, e das calúnias, e falsas acusações que lhe põem: e depois de ter finalmente dito o que lhe parecer, e descobertas algumas culpas dos seus adversários; como pessoa modesta os aconselha, que para o porvir o não queiram tratar da maneira que o tem tratado; porque dirá outras coisas maiores, que êles mal imaginam; e que nisto lhe não terá aquêlle respeito, que ao presente lhe tem.

PRÓLOGO

Se há pessoa alguma a qual deseje
De contentar a muitos bons, e nunca
Fazer ofensa a muitos maus; em êstes
Confessa o nosso Poeta estar seu nome. 5
E se além disto há quem diga, e cuide
Que se falou contr'êles sem clemência;
De tal maneira o cuide, entenda, e saiba
Que foi resposta, e não dito mordente;
Qual daquele foi dito que primeiro, 10
Vertendo, e traduzindo bem Comédias,
E descrevendo-as mal; das boas Gregas
Fêz Latinas não boas; êste mesmo
Agora há pouco fêz uma Comédia
Chamada Fasma, de Menandro Grego.
E na Comédia chamada Tesouro 15
Escreveu, que primeiro propusesse
A causa aquêles, de quem demandado
Era aquêles ouro, por que razão fôsse
Seu; que aquêles que pede, e lhe pergunta
Donde chegou a haver o tal tesouro, 20
Ou donde veio ter à sepultura
De seu pai: D'hoje em diante o aconselho
Que não se engane, e diga assim consigo:
Já saí de perigo; não tem nada
Que me possa dizer. Não erre o aviso; 25
Deixe de provocar-me, porque tenho

Outras coisas assaz, as quais agora
 Se lhe perdoam, e deixam de dizer-se:
 E as quais serão depois apregoadas,
 Se passa avante em ofender do modo 30
 Que fazê-lo tem já determinado.
 Depois que os Magistrados, que têm cargo
 Das casas, e das ruas, e das festas
 Compraram a Comédia Eunuco dita,
 Que nós agora representaremos, 35
 Alcançou-se-lhe desse então licença
 De vê-la. Ali presente o Magistrado,
 Se começou de representar; êle
 Dá brados, que um ladrão, e não Poéta
 A fábula compôs; e que não dera, 40
 Nem ajuntara mais palavra alguma;
 E brada, que era a fábula chamada
Colax de Névio, e Plauto já mui velha;
 E que dela tirada fôra dêle,
 Do Chocarreiro pérfido a figura, 45
 E do soldado altivo, e vanglorioso.
 Se pecado se cometeu por isto,
 Foi só por ignorância do Poeta,
 O qual não intentou fazer tal furto.
 E passar isto assim desta maneira, 50
 Vós logo o podereis julgar agora.
 É de Menandro a *Colax*. Nesta fábula
 Um Chocarreiro há *Colax* chamado,
 E um soldado inchado, e vanglorioso
 Êle não nega, que tirou da Grega 55
 Fábula, estas figuras; e na sua
 Eunuco as trespasssou; mas que soubesse
 Que fôssem estas fábulas primeiro
 Feitas Latinas, isto certo nega.
 Porém se não é lícito aos outros 60

Escritores usar daquelas mesmas
 Figuras, de que os outros têm usado;
 Por que razão é mais lícito, e justo
 Servos introduzir que vão correndo? 65
 Fazer matronas boas, e mulheres
 De partido perversas? Chocarreiro
 Guloso, e um soldado vanglorioso?
 Pôr em baixo no chão uma criança?
 E que um velho se engane pelo servo? 70
 Introduzir o amor, ódio, suspeitas?
 Nenhuma coisa enfim jámais foi dita,
 Que muito dantes já dita não fôsse.
 Portanto, que entendais é coisa justa
 O costume dos Cômicos, e 'stilo:
 E que perdoeis também, se os Escritores 75
 Novos fazem aquilo que fizeram
 Os antigos. Estai todos atentos,
 E considerai com silêncio a coisa,
 Para que conheçais perfeitamente
 O que queira dizer a nossa Eunuco.

ATO I

CENA I

FÉDRIA, mancebo, PARMENO, criado

ARGUMENTO

Contém esta primeira Cena duas coisas, a dúvida de Fédria, se tornará à amizade de Taís, depois que o excluiu pelas razões que dissemos no argumento de tôda a Comédia, onde o Poeta exprime com maravilhoso artifício os efeitos de quem ama; e o conselho de Parmeno, com o qual persuade a Fédria, que pois não pode, ou não quer fugir das moléstias, e enfadamentos do Amor, que os sofra com bom ânimo. Entra logo Fédria duvidoso falando com Parmeno seu criado.

Logo que hei de fazer? ir lá não devo,
Nem inda agora, quando sou chamado
De seu próprio querer? ou porventura
Comigo acabarei não sofrer antes
De mulheres mundanas as afrontas? 5
Lançou-me fora enfim; torna a chamar-me:
Tornarei? não: ainda que me rogue.

P. Se tu por certo podes fazer isso,
Nada farás melhor, nem com mais brio.
Porém se começares a fazê-lo,
E não perseverares fortemente;

E quando tu sofrê-lo não puderes,
 E fores vê-la sem sêres chamado,
 Sem que ninguém o cuide, nem o 'spere,
 Estando ainda as pazes imperfeitas, 15
 Mostrando ter-lhe amor, e que não podes
 Sofrer deixar de vê-la; está acabado:
 Não há mais que fazer: logo morreste.
 Tanto que ela sentir, que estás rendido
 Alotará de ti. *F.* Por isso enquanto 20
 Há tempo, e ocasião, tu considera
 Uma vez, e outra vez que fazer devo.
P. Senhor, aquela coisa que não pode
 Ter conselho, nem modo algum, mal podes
 Governá-la, e regê-la per conselho. 25
 No Amor estão todos estes males:
 Injúrias, inimizades, suspeitas,
 Tréguas, guerra cruel, e paz de novo.
 Se tu te persuadires fazer estas
 Coisas, que são incertas, e inconstantes 30
 Com razão, firme, e certa; nada certo
 Mais farás, do que se te persuadires
 Endoidecer, estando em teu juízo.
 E aquilo que contigo agora irado
 Dizes imaginando: irei àquele 35
 Que o recolheu? Que me lançou de fora?
 Que não quis dar-me entrada na sua casa?
 Deixa-me agora tu. Morrer quero antes.
 Ela enfim sentirá qual homem seja.
 Tôdas estas palavras certamente 40
 Apagará de todo uma fingida,
 E falsa lagriminha, que esfregando
 Os olhos agramente, e com violência,
 Lançará fora com dificuldade:
 E tu te culparás, sem te culpares, 45

E te oferecerás, sem que te obriguem
 Para que sejas dela castigado.
F. Ó grão maldade, de perdão indigna!
 Agora sinto, e vejo que é perversa;
 E ser eu infelice também sinto; 50
 E de mim me aborreço, e de amor ardo;
 E entendendo, e sabendo, vivo, e vendo
 Morro. Nem sei que faça. *P.* Não no sabes?
 Que hás de fazer? senão que te resgates
 Cativo polo menos que puderes. 55
 E se tu não puderes resgatar-te
 Por muito pouco; ao menos te resgata
 Polo que podes mais; não te aflijas.
F. Dêsse modo me avisas, e aconselhas?
P. Isto farás se sabes; nem ajuntes, 60
 Nem acrescentes mais enfadamentos,
 Tirando os que Amor tem; e aquêles mesmo
 Que tem consigo, sofre com paciência.
 Mais eis que sai a mesma tempestade
 Da nossa possessão: porque ela tudo
 Leva, aquilo que é lícito levarmos.

CENA II

TAÍS, FÉDRIA, PARMENO

ARGUMENTO

Taís dá nesta Cena a razão a Fédria, pola qual o excluiu por breve tempo; o que é causa de tornar à sua amizade, e finalmente com seus afagos, e carícias, alcança d'êla, que só per espago de dois dias se absente dela, e se vá ao campo; permitindo, e concedendo ao soldado só êste pequeno tempo: e porque temia que Fédria estaria indignado contra ela, polo que tinha precedido; entra dizendo:

Triste de mim; receio que não tenha
Isto que faço Fédria bem sofrido;
E que noutro sentido diferente,
Daquelle com que o fiz, o considere;
Porque o não recolhi ontem em casa. 5

F. Todo, Parmeno, tremo, e me arrepio,
No ponto que esta vi. *P.* Tem ousadia.
A êste fogo te chega, e logo logo
Te farás quente mais do necessário.

T. Quem fala aqui? Ó, tu, meu Fédria, estavas 10
À porta, sem entrar? que te detinhas
Aqui? por que razão entravas dentro
Por direito caminho? *P.* Mas nenhuma

- Palavra diz sôbre o lançar de casa.
- T.* Porque te calas? *F.* Por certo abertas 15
E patentes me estão sempre estas portas,
Ou porque principal sempre, e primeiro
Acêrca de ti sou. *T.* Deixa essas coisas.
- F.* E por que as deixarei? Ó Taís, ó Taís, 21
Prouvera a Deus que tivera eu contigo
Igual parte de amor; e juntamente
Acontecera que isto te doesse
Do mesmo modo que me dói; ou disto
Que tu fizeste me não dera nada. 25
- T.* Pego-te muito, ó Fédria, vida minha,
Que não te aflijas; isto não fiz certo.
Porque ame mais a alguém, ou mais lhe queira;
Mas o negócio assim o requeria:
Foi forçado fazer-se. *P.* Bem o creio. 30
A coitada o lançou de casa fora
Por demasiado amor, como acontecee.
- T.* Assim, Parmeno, falas? Ora acaba.
Mas por que causa aqui mandei chamar-te
Escuta um pouco. *F.* Assim se faça: escuto.
- T.* Dize-me isto primeiro: é poderoso 36
Este para calar? *P.* Eu? belamente.
Mas ouves: eu te entrego, e te submeto
Com esta condição minha palavra:
Calo, e rétenho bem as verdadeiras 40
Coisas que tenho ouvido: mas se é falso,
Ou fingido o que dizes; logo logo
É descoberto; sou de fendas cheio;
Todo me vou por esta parte, e aquela.
Portanto, se tu queres que me cale, 45
Seja verdade tudo o que disseres.
- T.* Eu por mãe tive uma mulher de Samo;
Esta morava em Rodes. *P.* Mui bem pode

- Isto calar-se. *T.* Neste mesmo tempo
Um certo mercador lhe fêz presente 50
Ali de uma menina pequenina,
Sendo daqui levada da Cidade
De Atenas. *F.* Cidadão pola ventura?
- T.* Cuido que sim: de certo o não sabemos.
Ela do pai, e mãe dizia o nome; 55
A pátria não sabia, nem os outros
Mais sinais; e sabê-lo não podia
Por sua pouca idade: acrescentava
Mais isto o Mercador: que tinha ouvido
Dos Piratas aos quais êle a comprara, 60
Do Promontório Suno ser furtada.
Tanto que a recolheu minha mãe, logo
Começou de ensinar-lhe com cuidado
Tôdas as coisas boas, e criá-la
Como se fôra filha. Muitos eriam, 65
Que éramos nós irmãs. Eu com aquê
Forasteiro com quem naquele tempo
Tinha conversação, me vim do Rodes
Para Atenas; o qual me deixou tudo
Isto que tenho. *P.* Uma coisa, e outra 70
É falsa: não terei nelas sêgrêdo.
- T.* Isso por que razão? *P.* Porque não eras
Contente só com um; nem um sômente
Te dava: que êste também grande parte
Te trouxe. *T.* Dizes bem: mas tu me deixa
Chegar àquela parte onde desejo. 76
Entretanto o soldado, o qual a amar-me
Começara, partiu-se para Cária:
Neste tempo te conheci. Bem sabes,
Depois daqueles tempos já passados, 80
Quanto de coração te quero, e amo;
E como de ti fio meus conselhos.

- F.* Nem isto calará também Parmeno.
P. Oh, é porventura isso duvidoso?
T. Ora acabou, ouvi-me isto que digo. 85
 Minha mãe se finou ali há pouco.
 Um irmão seu, por ajuntar dinheiro
 Era um pouco levado da cobiça:
 Este tanto que viu a esta donzela
 De formosura honesta, e que sabia 90
 Tanger muito bem Cítara; 'sperando
 Mui grande prego, a pôs em almoeda.
 Vendeu-a finalmente. Acaso o amigo
 Meu naquele lugar se achou presente;
 Comprou-a para dar-ma, não sabendo, 95
 Nem entendendo nada destas coisas.
 Este veio, e depois que sentiu tinha
 Amizade também contigo estreita,
 Achaques, e cautelas busca, e finge
 Para que não ma dê liberalmente. 100
 Diz-me que se êle crer que a ti preposto
 Em casa será sempre; e que não tema
 De que eu, como a tiver, o desampare,
 Que ma quer logo dar; mas que isto teme.
 Ele contudo, polo que suspeito 105
 Tem a vontade posta na donzela.
F. Tem também dela mais? *T.* Nenhuma coisa,
 Porquanto agora ouvi dela a verdade.
 Amigo Fédria, muitas são as causas,
 Por que desejo enfim das mãos tirar-lha.
 Primeiramente, porque está já tida 111
 Por minha irmã; depois, para que torne,
 E restitua aos seus. Sou só, não tenho
 Aqui nenhum amigo, nem parente.
 Pola qual razão, Fédria, eu bem quisera
 Adquirir, e granjear alguns amigos 106

- Per benefício meu: polo que muito
 Te rogo que me ajudes: e porque isto
 Seja mais facilmente negociado,
 Consente que tenha êle em minha casa, 120
 Por êstes poucos dias o primeiro
 Lugar. Tu não respondes? *F.* Ó malvada,
 Devo eu de responder-te coisa alguma,
 Com êstes feitos teus? *P.* Ó lá, nosso amo,
 O que disseste louvo. Finalmente 125
 Doeu-se ela, e sentiu-se. És homem macho.
F. Eu porém não sabia onde atiravas
 Dizendo tais palavras: pequenina
 Dêste lugar per fôrça foi levada:
 Minha mãe a criou como sua filha, 130
 E foi por minha irmã de todos tida;
 Para que a torne aos seus tirar-lha quero:
 Tôdas estas palavras certamente
 Aqui param enfim: eu sou lançado
 Fora de tua casa; êle admitido. 135
 Porque causa, senão porque lhe queres
 Muito mor bem que a mim; e agora temes
 A esta, que de Rodes foi trazida
 Não te furtê este tal. *T.* Eu porventura
 Isso temo? *F.* Pois logo que te aflige? 140
 Dize-me, porventura sòmente êle
 Te faz presentes? ou pola ventura
 Experimentaste ser para ti estreita
 Minha benignidade em parte alguma?
 Porventura depois que me disseste 145
 Desejar uma escrava de Etiópia,
 Não ta busquei, deixando tudo à parte?
 Pouco depois disseste, que querias
 Um Eunuco de mim; porque sòmente
 Usam dêstes Rainhas, e Princesas: 150

- Busquei-o com trabalho, e dei por ambos
Inda ontem vinte minas; e contudo
Desprezado de ti tive em memória
Isso que me pediste; e de ti fico
Por isso que te fiz escarnecido. 155
- T.* Porque me lanças isso, ó Fédria, em rosto?
Eu pôsto que desejo por engano
De lha tirar das mãos; e cuido pode
Isto per esta via ter efeito;
Farei contudo só quanto mandares, 160
Antes que ter-te a ti por inimigo.
- F.* Prouvera a Deus que tu d'alma disseras,
E fôra verdade essa palavra:
Antes que ter-te a ti por inimigo.
E se eu pudera crer que se diz isto 165
Sinceramente, suportar pudera
Tudo quanto quisesas.
- P.* Quão depressa
Vencido duma só palavra, cai!
- T.* Triste de mim; não digo eu isto d'alma?
Que coisa inda de escárnio, dize Fédria,
De mim quiseste, que não alcançastes? 171
E eu não posso de ti alcançar isto,
Que ao menos sós dois dias me concedas.
- F.* Por certo sim, se foram sós dois dias:
Mas êstes dois receio sejam vinte. 175
- T.* Não serão mais de dois; ou quando muito...
- F.* Ou quando muito? digo que não quero.
- T.* Não será dêste modo que tu cuidas.
Consente agora que de ti o alcance.
- F.* Fazer-se deve enfim o que tu queres. 180
- T.* Amo-te com razão. *F.* Fazes bem certo.
Para o campo me irei; e êsses dois dias
Aí me afligirei; deliberado

- Tenho fazê-lo assim. Fazer se deve
A Taís vontade, e gôsto. Tu Parmeno 185
Faze que aqui trazidos sejam êsses.
- P.* Assim o farei. *F.* Tu, Taís, nestes dois dias
Fica-te embora. *T.* E tu, meu Fédria, queres
De mim mais outra coisa porventura?
- F.* Se quero mais perguntas? Que com êste 190
Soldado corporalmente assistindo
Com a alma, e coração absento estejas,
E de dia, e de noite me ames sempre:
Só me desejês, só comigo sonhes,
E que me 'speres certo, e de mim cuides,
E me 'speres incerto: e te recreis 196
Só comigo, comigo tôda estejas.
- Faze enfim que tu sejas a minha alma,
Pois eu tôda tua sou. *T.* Desventurada
E coitada de mim; porventura êste 200
Me não dá muito crédito, e me julga
Agora pelas condições das outras.
Eu, que por Pólux sei minha consciência,
Isto decerto sei; que nem engano
Algun fingi, nem tenho na minha alma 205
Alguém, a quem mais queira, que êste Fédria
E que tudo o que fiz por amor dêste,
O fiz por causa só desta donzela:
Porquanto 'spero que hei de achar mui cedo
A um seu irmão, mancebo muito nobre; 210
Êste haver de vir hoje a minha casa
Falar comigo tem determinado.
Para casa me irei daqui, e enquanto
Não vem, o 'sperarei até que venha.

ATO II

CENA I

FÉDRIA, PARMENO

ARGUMENTO

Nesta Cena se mostram as ações vãs, e importunas dos amantes; onde Fédria repete muitas vêzes o que já tinha dito a Parmeno, o qual lhe diz, que tudo o que manda dar à amiga é como que se o deitara no mar; e na verdade assim é; porque tudo o que se dá a más mulheres se deita a perder. Espanta-se finalmente Parmeno da mudança de Fédria, causada do amor desonesto; e louva o dom, e o presente do soldado. Entra logo Fédria dizendo a Parmeno:

Faze tu que êsses dois sejam levados
Assim como mandei. *P.* Farei sem falta.

F. Mas seja com cuidado, e diligência.

P. Far-se-á. *F.* Mas seja a tempo. *P.* Far-se-á
[logo.

F. Porventura é-te muito encomendado 5
Isto que te encomendo? *P.* Ah, maravilha
É perguntares tu: como se seja
Coisa dificultosa isso que queres.
Prouvera a Deus que tu tão facilmente
Puderas achar, Fédria, alguma coisa, 10
Como há de perecer isto que mandas.

- F.* Eu também juntamente enfim pereço:
A qual coisa me é muito mais cara.
Não sofras isto tu pesadamente.
- P.* Não; antes o porei, Fédria, em efeito:
Mas mandas-me tu mais pola ventura? 16
- F.* Orna o nosso presente com palavras
Tudo quanto puderes: e êste nosso
Competidor, também quanto puderes
De Taís, e da sua graça lança fora. 20
- P.* Inda que não me avises, eu me lembro.
- F.* Para o campo me irei: ficarei nêle.
- P.* Esse é meu parecer. *F.* Mas, ó Parmeno.
- P.* O que queres? *F.* Parece-te que possa
Eu ter-me, e suportar que neste meio 25
Não torne? *P.* Que o suportes? tal não cuião;
Não certo; porque, ou tu tornarás logo,
Ou de noite depois visões, e sonhos
Te obrigarão a vir para esta parte.
- F.* Eu me darei a algum trabalho, e obra 30
De maneira que sempre me afadigue,
Para que durma, pôsto que não queira.
- P.* Consado vigiarás, e inda mais que isto
Farás. *F.* Vai-te se queres. Nada dizes
Parmeno. Esta molície efeminada 35
D'ânimo deve ser lançada fora:
Demasiadamente sou mimoso.
Não carecerei dela eu finalmente,
Se necessário fôr, todos três dias?
- P.* Hui, três dias inteiros? vê o que fazes? 40
- F.* Estou determinado, e resolutivo.
- P.* Ó Deuses bons; que enfermidade é esta?
Ê possível se mudem tanto os homens
Per respeito do Amor, que não conheças
O mesmo ser aquêle que eras dantes? 45

Ninguém foi mais prudente, que êste Fédria;
Nenhum severo mais, nem continente.
Mas quem é que vem cá para esta parte?
Tá, tá, já caio: êste é por certo Gnato
Do soldado jogral, e chocarreiro: 50
Para esta juntamente traz consigo
Também uma donzela de presente.
Valha-me Deus, ela é de belo aspecto.
Maravilha será, se envergonhado,
E torpemente me não mostrar hoje 55
Com êste Eunuco meu velho, e decrépito.
Esta vence em beleza a mesma Taís.

CENA II

GNATO, chocarreiro, PARMENO

ARGUMENTO

Nesta Cena, que tôda é cheia de moralidade, exprime o Poeta maravilhosamente, na figura de Gnato, a pérfida natureza de um chocarreiro adulator, debaixo cujas palavras mostra os costumes corrutos dos homens dados a lisonjear, e a adular: e de tal modo que até as pessoas grandes e nobres quer que caiam neste vício. E depois que Gnato diz muitas coisas em louvor do ofício do lisonjeiro, provoca a Parmeno, com mordazes e graciosas palavras: polo que entra logo dizendo:

Ó Deuses imortais, quanto é prestante
Este homem mais que aquêl; e quanto dista,
E difere do néscio o que é prudente!
Por certo que por esta mesma causa
À memória me tem vindo isto agora. 5
Hoje vindo, falei com um certo homem
Daqui do meu lugar, e do meu 'stado
Não avarento, o qual do mesmo modo
Como eu, gastado tinha os bens paternos;
E o vejo remendado, sujo, e triste, 10
Cercado todo de anos, e de trapos.

Que diabo de trajo, digo, é este?
 Porque tudo o que tive, me responde,
 Perdi desventurado. Eis aqui triste
 Onde vim a parar. Os conhecidos 15
 E amigos meus me desamparam todos.
 A meu respeito, nisto, zombei dêle.
 Ó homem pusilânime, lhe digo,
 Que é isso? de tal modo te paraste
 Que não te fica em ti 'sperança alguma? 20
 O conselho perdeste juntamente
 Com a fazenda? vês-me tu nascido
 De um lugar mesmo? qual cor, qual limpeza,
 Qual vestido, e que disposição tenho?
 Tudo tenho, e não tenho coisa alguma: 25
 E nada tenho, nada enfim me falta.
 Mas eu, me responde êle, sou mofino,
 E ridículo ser sofrer não posso,
 Nem pancadas levar, nem pescoçadas:
 E que cuidas, lhe torno, que aconteça 30
 Por essas coisas? Erras o alvo em claro.
 Já noutro tempo, na primeira idade
 Êste gênero de homens teve ganho.
 Mas êste é de caçar um novo modo.
 Eu certo achei primeiro êste caminho. 35
 Há um gênero de homens, que primeiros,
 E superiores querem ser em tudo
 E não no são por certo; a êstes sigo;
 A êstes não me disponho de maneira,
 Que se riam de mim; mas eu por êles 40
 Me rio por meu gôsto, e juntamente
 Louvo todo espantado seus engenhos:
 Tudo o que dizem louvo; e se de novo
 Isso que dizem negam; também louvo.
 Nego, se nega alguém, se afirma, afirmo.

Finalmente eu me tenho persuadido 46
 De louvar, adulando as coisas tôdas.
 Êste tal ganho agora é muito grosso.
 P. Ouço em verdade um homem douto, e sábio.
 Êste faz de ignorantes, e de néscios 50
 Os homens totalmente sem juízo.
 G. Enquanto nós falamos estas coisas,
 E neste meio, tanto que chegamos
 Ao lugar, onde estão postas de venda
 As coisas de comer, concorrem ledos, 55
 E vêm-me ao encontro os vendedores
 De gulodices; e os de peixe grosso:
 Vêm também magarefes, cozinheiros;
 Vêm pasteleiros, vêm os pescadores,
 E caçadores de aves; aos quais todos 60
 Tinha, salva a fazenda, aproveitado
 E depois de perdida: e muitas vêzes
 Inda agora aproveito: dão-me o salve:
 Para a ceia me chamam, e convidam:
 Os parabens me dão da minha vinda. 65
 Aquêles miserável, e esfaimado,
 Tanto que me vê pôsto em tanta honra,
 E buscar o comer tão facilmente,
 Começa o pobre homem a rogar-me,
 Que lícito lhe fôsse aprender isto 70
 De mim. Mandeí me siga se pudesse:
 E que do mesmo modo os chocarreiros
 Gnatônicos se chamem, como as setas
 Dos filósofos têm dos mesmos nomes.
 P. Vós vedes o que faz a ociosidade, 75
 E o comer, e o beber à custa alheia?
 G. Porém vou-se detendo em levar esta
 A Taís, e a lhe rogar que venha à ceia.
 Mas eu vejo a Parmeno descontente

- Ante a porta de Taís, moço, e criado 80
 Do rival do soldado. Está seguro
 O negócio. São certo nesta terra
 Os homens preguiçosos, e remissos.
 Determino fazer escárnio desta
 Cabecinha de vento. *P.* Cuidam êstes, 85
 Que por êste presente seja sua
 Taís. *G.* Com saudação mui larga, e grande
 Gnato saudá ao seu Parmeno amigo.
 Que fazes? *P.* Aqui estou. *G.* Mui bem o vejo:
 Vês tu pola ventura coisa alguma, 90
 Que aqui não queiras ver? *P.* A ti sòmente.
- G.* Eu to creio. Mas vês mais outra coisa?
P. Isso por que razão? *G.* Porque estás triste.
P. Não estou de verdade. *G.* Nem o estejas.
 Porém que te parece desta 'scrava? 95
P. Não me parece certo mal, nem feia.
G. O homem queimo, e abraso. *P.* Êste se engana.
G. E quanto cuidas tu que êste presente
 Seja de gôsto a Taís? *P.* Dirás agora,
 Que da casa de Taís fomos lançados 100
 Com êste teu presente belo, e grato.
 Ó lá, tôdas as coisas têm mudança.
- G.* Todos êstes seis meses, ó Parmeno,
 Eu te farei quieto, que não andes
 De cima para baixo; e que não percas 105
 De noite o sono, até que venha o dia.
 Faço-te porventura assim felice?
- P.* Se me fazes felice? grande espanto.
G. Assim fazer costume a meus amigos.
P. Isso louvo. *G.* Quíça que te detenho: 110
 Houveras certo de ir para outra parte.
P. Para nenhuma parte. *G.* Pois entanto
 Dá-me da tua indústria uma pequena,

- E trabalha que a Taís seja admitido.
P. Estas portas agora escancaradas 115
 De par em par te estão; porque esta levas.
- G.* Queres tu porventura, que de dentro
 De casa se te chame alguém cá fora?
P. Deixa tu que êstes dois dias se passem,
 Que eu farei que tu, o qual sendo ditoso 120
 Agora as portas me abres cum dedinho,
 As baterás por certo muitas vêzes
 Com coices por demais. *G.* Inda, Parmeno,
 Estás aqui? oh, tu pola ventura
 Aqui fôste deixado por vigia, 125
 Para que do soldado às escondidas
 Algum embaixador não venha a esta?
- P.* Salgado, e belo dito! são sem falta
 Maravilhas, que agradam ao soldado.
 Mas eu vejo que vem para esta parte 130
 O filho mais pequeno de meu amo.
 Maravilhado estou como se veio
 Do Pireu: porque está nêle por guarda.
 Agora. Isto não é certo sem causa.
 Depressa vem; não sei que olha em redondo.

CENA III

QUÉREA, PARMENO

ARGUMENTO

*Nesta Cena se mostra o amor imoderado do man-
cebo Quérea, para com a donzela, que o chocarreiro
levava a Taís, pois por ela arrisca seu crédito, e sua
opinião desamparando a fortaleza, onde estava pôsto
por vigia: (que certo é grão miséria): mostram-se os
louvores da beleza da donzela, e o desejo desordenado
de Quérea pola gozar; e o conselho de Parmeno para
se pôr em efeito; as queixas do mesmo Quérea contra
Arquimênis, que o divertiu, e deteve no alcance dela.
E tudo isto faz o Poeta com tanto artifício, que parece
não foi cuidado, nem trabalhado, mas que aconteceu
acaso. Entra logo Quérea dizendo:*

Perdi-me: morto sou: nem a donzela
Está, nem aparece em parte alguma,
Nem eu, pois a perdi diante dos olhos.
Aonde a irei buscar? onde, a que parte
A seguirei, seguindo suas pisadas?
A quem perguntarei? por que caminho
Irei? não sei que faça: estou incerto.
Uma esperança só me fica; que onde
Quer que ela está, não pode muito tempo

- Encobrir-se. Ó formoso, e belo rosto! 10
 Eu, desde agora borro, e lanço fora
 De meu desejo tôdas as mulheres.
 Já me aborrecem estas quotidianas
 Belezas. *P.* Mas eis outro: não sei certo,
 Que de amor vem falando. Ó desditoso, 15
 E sem ventura velho! *P.* Este em verdade
 É tal, que se acertar de ter amores,
 Dirás que é zombaria, escárnio, e jôgo
 O outro, em comparação daquelas coisas
 Às quais há de mover a raiva dêste. 20
Q. Praza a Deus que de todo os Deuses todos,
 E Deusas precipitem, e arruñem
 Aquêlê velho, o qual me deteve hoje:
 E juntamente a mim, que me detive,
 E por êle deixei de a ir seguindo: 25
 E além disto, porque fiz caso dêle.
 Mas eis Parmeno. Venhas muito embora.
P. Por que estás triste? ou por que alvorçado
 Te mostras? donde vens? *Q.* Eu donde venho?
 Não sei certo; nem donde, ou de que parte
 Eu venha, nem para onde os passos mova: 31
 De tal maneira estou de mim esquecido.
P. Por que razão te rogo? *Q.* Tenho amores.
P. Oh. *Q.* Parmeno, tu agóra mostrar debes
 Qual homem sejas. Tu muito bem sabes, 35
 Que me tens prometido muitas vêzes,
 Quando escondidamente te ajuntava
 Tudo quanto meu pai de comer tinha,
 E to levava a casa onde pousavas,
 Dizendo: Ó Quêrea busca alguma coisa 40
 Que agora queiras; trabalharei nisto,
 Que conheças a minha atividade.
P. Ó parvo, não duvides, busca, acaba.

- Q.* Isso tenho já feito certamente:
 Faze agora (se queres) que se cumpram 45
 As promessas; ou se o negócio é digno,
 No qual tu mostres tôdas as tuas fôrças.
 Esta donzela é mui dessemelhante
 Destas da nossa terra; as quais trabalham
 As mães, que sejam de ombros encolhidos,
 E de peito coartado, e reprimido: 51
 Para que sejam magras, e delgadas.
 Se alguma é mais um pouco corpulenta,
 Dizem que é conveniente para a guerra,
 E tiram-lhe o comer; e pôsto seja 55
 De natureza sólida, e robusta,
 Com aquêlê cuidado, e diligência
 As fazem delicadas como junco:
 Assim que só por isto são amadas.
P. Que coisa, dize, é esta tua donzela? 60
Q. É de rosto um modêlo novo, e raro.
P. Valha-me Deus. *Q.* A côr é verdadeira,
 Maciço o corpo, e mui cheio de sumo.
P. E os anos? *Q.* Dezesseis. *P.* A flor é mesma.
Q. Trabalha tu por que me entregues esta, 65
 Ou por fôrça ou por rogo; ou ocultamente.
 Não me dá seja dêste, ou aquêlê modo,
 Contanto que de qualquer modo a goze.
P. Que dizes? de quem é esta donzela?
Q. Não sei por certo. *P.* De que pátria, ou terra?
Q. Outro tanto. *P.* Onde mora? *Q.* Nem inda
 [isso...
P. Onde a viste? *Q.* Na estrada. *P.* Por que causa
 A perdeste? *Q.* Por isso certamente,
 Vindo para cá agora, me indignava
 Comigo mesmo: nem certo imagino 75
 Haver homem algum, a quem contrarias

- Sejam mais do que a mim tôdas as ditas.
- P. Que mal, que culpa, ou que pecado é êsse?
- Q. Morto sou. P. Que se fêz? Q. Tu mo perguntas? Conheces Arquidemes companheiro 80
- Nos anos a meu pai, e seu parente?
- P. E por que não? Q. Enquanto sigo a moça
- Ao encontro me vem. P. Certo a mau tempo, E sem cômodo algum. Q. Antes por certo
- Foi, Parmeno, mofina só: que os outros 85
- Se hão de chamar incômodos, e perdas.
- Lícito me é jurar não ter visto êste
- Totalmente êstes seis, ou sete meses
- Próximos, senão hoje; e agora quando
- O não quisera achar, nem me importava. 90
- Ah; não é semelhante isto a um monstro?
- Que dizes tu Parmeno? P. É sem falta.
- Q. A mim se vem correndo logo logo
- Ó de quão longe certo! todo curvo,
- Trêmulo com os beiços pendurados, 95
- Gemendo, dando brados; ó lá Querêa;
- Ó lá, contigo falo. Parei logo.
- Sabes tu porventura o que eu queria
- Que tu fizesses? dize, lhe respondo.
- Estou, me diz, para amanhã citado: 100
- Que queres inferir disso, pergunto.
- Quero, responde, que com diligência
- A' teu pai digas, que lembrado seja
- De me ser amanhã na minha causa
- Defensor, e advogado: uma hora inteira 105
- Se passou tôda, enquanto êle isto disse.
- Pergunto-lhe se quer mais outra coisa;
- Não quero mais, me diz, dêle me aparto.
- Quando torno a lançar para esta parte
- Os olhos à donzela, neste meio 110

- Se tinha para aqui cômodamente,
- Para esta nossa rua desviado.
- P. Maravilha será senão diz esta
- Que a Taís foi de presente oferecida.
- Q. Chegando aqui, não 'stava em parte [alguma. 115
- P. Seguiram companheiros a donzela?
- Q. Sim certo, dizes bem: o chocarreiro
- A seguia também com uma 'serava.
- P. Essa é certo a que buscas: mais não digas:
- Acabou-se; já sei que dizer queres. 120
- Q. Tu cuidas noutras coisas, não me entendes.
- P. Eu cuido nisto mesmo certamente.
- Q. Dize-me tu: conheces porventura
- Quem ela seja, ou porventura a viste?
- P. Digo que sim conheço, e sei para onde 125
- Seja daqui levada. Q. Ó meu Parmeno,
- Sabes? P. Sim sei. Q. E aonde esteja sabes?
- P. Aqui trazida foi à cantoneira,
- Chamada Taís, e em dom oferecida.
- Q. Quem é êsse tão grande, e poderoso 130
- Com êste tão magnífico presente?
- P. Traso o soldado é rival de Fédria.
- Q. Duras partes do irmão Fédria me contas.
- P. Antes com mais razão isso disseras,
- Se souberas qual dom oposto a êste 135
- Êle tenha comprado. Q. Qual, te rogo
- Por Hércules. P. Um triste Eunuco. Q. Aquêlo
- Dize, te rogo, aquêlo homem torpíssimo,
- Que ontem mercou já velho, e afeminado?
- P. Esse mesmo. Q. Será lançado fora 140
- O homem certo, junto ao presente.
- Mas nunca soube, que esta Taís nos era
- Vizinha. P. Não há muito que aqui mora.

- Q.* Perdido sou: possível é que nunca
A tenho visto ainda? ó lá, me dize, 145
É porventura, como dizem, bela?
- P.* Sim por certo. *Q.* Mas não é comparada
A esta nossa. *P.* Mui diferente é a coisa.
- Q.* Por Hércules te rogo, ó meu Parmeno
Trabalhes porque a goze. *P.* Com cuidado
O farei certo, e trabalharei muito; 146
Sempre te ajudarei: queres agora
Outra coisa de mim pola ventura?
- Q.* Para onde vás agora? *P.* Para casa
Para que leve a Taís êstes escravos, 150
Assim como teu irmão me tem mandado.
- Q.* Oh ditoso mil vêzes êste Eunuco,
Que se manda a esta casa de presente!
- P.* Por que, ou como assim? *Q.* Tu mo perguntas?
Em casa verá sempre a companheira 155
Conserva, de beleza peregrina:
Com ela falará; nas mesmas casas
Presente estará sempre juntamente;
E muitas vêzes comerá com ela:
Dormirá junto dela algumas vêzes. 160
- P.* Que será se tu mesmo logo agora
Fores ditoso, e bem afortunado?
- Q.* Ó Parmeno, e por que? responde, acaba.
- P.* Toma daquele eunuco o seu vestido.
- Q.* O vestido? e depois que fazer devo? 165
- P.* Em seu lugar te levarei. *Q.* Bem ouço.
- P.* Direi que és êle mesmo. *Q.* Bem entendo.
- P.* Tu lograrás aquêles mesmos gostos,
Que dizias agora lograr êle.
Come com ela, e está presente sempre: 170
Toca-lhe, zomba, e dorme junto dela;
Porque nenhuma delas certamente,

- Nem te conhece, nem quem sejas sabe.
Além disso a beleza, e a nova idade
É tal, que facilmente passar podes 175
Por Eunuco. *Q.* Disseste belamente:
Eu nunca vi melhor conselho dar-se.
Ora sus vamos dentro, e logo agora
Me enfeita cos vestidos dêsse Eunuco,
E me leva o mais cedo que pudies. 180
- P.* Que dizes? Eu zombava certamente.
- Q.* Dizes patranhas? *P.* Sou de todo morto:
Que fui fazer, desventurado, e triste?
Para onde aos empuxões me vás levando?
Hás tu de derrubar-me tão depressa? 185
Contigo certo fallo: 'spera. *Q.* Vamos.
- P.* Tu perseveras inda porventura?
- Q.* Tenho determinado de ir avante.
- P.* Considera não seja êste conselho
Agora mais sagaz do necessário. 190
- Q.* Não é por certo: deixa tu que eu faça...
- P.* Mas esta fava em mim será batida.
Ah, grão culpa, e maldade se comete.
É culpa porventura que na casa 195
Duma mulher devassa, e de partido
Entre, e seja levado; e que na mesma
Moeda pague aquelas grandes cruces,
E tormentos, as quais nos têm a todos
Desprezados, e a nossa mocidade;
E as quais sempre nos vão atormentando, 201
Com modos, e maneiras diferentes;
E que as mesmas engane da maneira
Que nós das mesmas fomos enganados?
Ou sofrer antes delas estas coisas?
É lícito aconteça que enganada
Seja sempre de mim, e escarnecida.

A qual coisa é possível porventura,
Que culpem os que vierem a sabê-lo?
Antes cuidarão todos que foi feito
Aquilo com razão. *P.* Que me vai nisso? 210
Faze-o já, se fazê-lo determinas.
Mas tu depois a culpa não me ponhas.

Q. Não porei. *P.* Tu me mandas que te vista?

Q. Eu to mando, e te obrigo, e com império,
E autoridade o mando. *P.* De tal modo
Não fugirei jamais. Vem-me seguindo

Q. Os Deuses em bem virem o que obrarmos.

ATO III

CENA I
TRASO, soldado, GNATO, PARMENO
ARGUMENTO

Mostra-se nesta Cena a ignorância, e jactância de um soldado vanglorioso; e a adulação de um chocarreiro maldito, com a qual o vai enchendo de vento para lhe vasar a bolsa, louvando-lhe suas palavras jactanciosas, e admirando-se delas: e juntamente mostra o conselho do mesmo chocarreiro, com o qual o persuade senão desculpe diante de Taís, acêrca do amor de Pânfila, antes em tudo lhe acrecente, quanto mais poder, a suspeita; para que lhe pague na mesma moeda. Entra logo Traso soldado dizendo para o chocarreiro:

- Mas Taís me dava muito grandes graças?
G. Grandíssimas. T. Tu dize isto, alegrou-se?
G. Não tanto por amor do teu presente,
Quanto só por lhe ser de ti mandado.
Por isto certamente só triunfa, 5
Sem fingimento algum. P. Aqui me venho
A ver só, para que, quando fôr tempo
Leve êste 'scravo. Mas eis o soldado.
T. Certo isto me concede a natureza,
Que tudo quanto faço seja grato. 10
G. Sempre em verdade fui disso advertido.

- T.* O mesmo Rei me dava grandes graças
Por tudo, ou qualquer coisa que fazia;
Mas não do mesmo modo as dava aos outros.
- G.* Aquêlê que tem sal, graça, e polícia, 15
A qual sempre em ti está; transfere, e passa
Muitas vêzes em si com suas palavras
Aquela glória, e fama granjeada
Com o trabalho alheio. *T.* Bem o entendes.
- G.* Por isso o Rei nos olhos te trazia. 20
- T.* Sim certo. *G.* E se alegrava no seu gesto.
- T.* E de mim todo o Exército fiava,
E todos seus conselhos. *G.* Maravilha.
- T.* Além disto, se em parte alguma tinha
Dos homens nojo, ou se enfadava dêles; 25
Ou se quando os negócios lhe enfadavam
Tanto que descansar queria, quase:
Entendes o que digo? *G.* Bem te entendo.
Quase quando lançar queria fora
Da mente aquêlê grande enfadamento. 30
- T.* Bem no que digo estás: no mesmo tempo
A comer me levava só consigo.
- G.* Hui; falas-me de um Rei muito elegante.
- T.* Antes tal homem é, que poucos homens
Lhe são em coisa alguma semelhantes. 35
- G.* Antes nenhuns, segundo me parece,
Se vive, e comunica só contigo.
- T.* Invejavam-me todos; e com ditos
Por detrás me mordiam; eu zombava,
E desprezava tudo o que diziam: 40
Eles tristes de inveja arrebetavam;
Mas um contudo mais que os outros todos,
A quem El-Rei o mando tinha dado,
Mando, e cuidado sôbre os elefantes,
Quando êste se me mostra mais molesto 45

- Que os outros; por tua vida que me digas,
Lhe digo; ó Strato, tu pola ventura;
Porque só sôbre bestas tens império
Te mostras tão feroz? *G.* Belo por certo,
Galante, e sábio dito; Deus me valha. 50
O homem degolaste. E que disse êle?
- T.* Êle súbitamente ficou mudo.
- G.* Por que não ficaria? *P.* Ó Deuses altos,
Invoco vossa fé, vosso socorro. 55
O homem miserável, e perdido,
E aqueloutro sacrilego, e nefário.
- T.* Que te pareceu, Gnato, aquêlê dito?
Disse-te eu porventura de que modo
Mordera, motejando no banquete
O mancebo de Rodes? *G.* Não por certo.
Mas eu te rogo muito que mo contes. 61
Já mil vêzes, e mais lho tenho ouvido.
- T.* Êste mancebo Ródio que te digo,
Estava no banquete juntamente;
Acaso então ali tive uma amiga, 65
Começa a galantear com ela; e logo
A escarnecer de mim. Que dizes homem
Sem-vergonha, lhe digo, tu tu mesmo
Ês a lebre, e nos outros buscas polpa.
- G.* Ah, ah, ah: *T.* De que ris? *G.* Lindo, galante,
Regalado; não pode mais dizer-se. 71
Rogo-te que me digas; porventura
Êste dito era teu? por velho o tive.
- T.* Ouviste-o tu dizer? *G.* E muitas vêzes,
E se traz entre os ditos mais galantes. 75
Pêsa-me de ser dito a um mancebo
Ignorante, imprudente; e moço honrado.
- P.* Oh, os Deuses, malvado, te confundam.
- G.* Rogo-te que me digas, que disse êle?
- T.* Ficou perdido, e todos os que estavam 80

- Presentes arrebetavam com riso.
 Todos já finalmente me temiam.
- G. Não sem causa. *T.* Mas ó tu me responde,
 Desculpar-me-ei com Taís acêrca desta,
 Porque suspeita que eu lhe quero muito?
- G. Em nenhuma maneira faças isso: 86
 Antes mais a suspeita lhe acrescenta.
- T. Isso por que razão? *G.* Tu mo perguntas?
 Sabes se quando faz menção de Fédria,
 Ou o gaba, e louva como te atormenta?
- T. Sei muito bem, e entendo. *G.* Esta só coisa
 É remédio porque isso senão faça.
 Tanto que ela nomear Fédria, tu logo
 Pânfila lhe nomeia; e se alguma hora
 Ela disser; chamemos dentro a Fédria 95
 Para Cear conosco; tu, chamemos
 Pânfila, lhe dirás, para que cante.
 E se ela gabar dêle a formosura,
 Polo contrário tu a dela gaba.
 Enfim, paga-lhe tu na mesma moeda 100
 A qual coisa a molesta, morde, e abraça.
- T. Se ela certo bem me quisera Gnato,
 Então aproveitava isso que dizes.
- G. Há muito já que te ama: pois que aquilo
 Que tu lhe dás, espera, e ama há muito.
 É fácil vir-lhe coisa que lhe doa. 106
 Temará sempre que tu passes a outra
 Aquêlê fruto que recebe agora,
 Se alguma hora estiveres agastado.
- T. Disseste muito bem; mas não me vinha 110
 Isso à memória. *G.* É coisa para rir-se.
 Não te lembravas, porque o não cuidaste.
 Mas ó quanto melhor, tu mesmo Traso
 Em isto deras mesmo, se o cuidaras!

CENA II

TAÍS, TRASO, PARMENO, GNATO, PÍTIAS

ARGUMENTO

Dá Taís as graças ao soldado Traso, pelo presente que lhe fêz da moça; e recolhe o de Fédria, que Parmeno lhe traz; isto é: a Quêrea, disfarçado nos trajos do Eunuco e a escrava, Parmeno louva grandemente o presente de Fédria; e polo contrário o soldado, e o chocarreiro fazem escárnio dêle.

- Ta. Pareceu-me que ouvia a voz agora
 Do soldado; mas ei-lo. Amigo Traso,
 Deus te guarde. *Tr.* Ó Taís minha, e meu
 [confôrto,
 Que vai por cá? que fazes? porventura
 Tens-nos algum amor por esta moça 5
 Música, que te dei? *P.* Oh que galante!
 Oh que princípio deu logo em chegando!
- Ta. Mui grande só por teus merecimentos.
- G. Vamos pois a cear: que te deténs?
- P. Oh, bem podes dizer, que estoutro néscio
 É nascido dêste homem. *Tr.* Quando queiras 11
 Não me detenho mais. *P.* Ir-me-ei a êles;
 E fingirei como que agora saio.
 Ó Taís, hás-te tu de ir para outra parte?

- Ta.* Fizeste bem, Parmeno; hei-me de ir hoje.
P. Para onde? *Ta.* Que é o que dizes? não
 [vês êste? 16
P. Sim vejo, e me aborrece. Quando queiras
 Aqui de Fédria tens os dons presentes.
Tr. Que nos detemos mais? por que não imos
 Dêste lugar? *P.* Por Hércules te rogo 20
 Que lícito me seja (o que se faça
 Com tua licença) dar o que queremos;
 E falar-lhe, e tratar também com ela.
Tr. Eu creio que serão os dons mui belos;
 Mas não serão aos nossos semelhantes. 25
P. A coisa o mostrará: ó lá vós outros,
 Fazei que saiam êsses cá depressa,
 Da maneira que já mandado tenho.
 Passa tu para cá. De Etiópia é esta.
Tr. Aqui nesta não há mais que três livras. 30
G. E ainda escassamente. *P.* Onde estás, Doro?
 Aqui te chega. Aqui tens um Eunuco,
 Oh de que belo rosto! Oh de que idade
 Perfeita! *Ta.* Assim me queiram bem os
 [Deuses,
 Que é muito belo. *P.* Tu que dizes, Gnato?
 Tens porventura aqui que lançar fora? 36
 E tu que dizes, Traso? Estão calados:
 Assaz o tem louvado assim calando.
 Faze agora nas letras experiência:
 Faze-a na luta, e faze-a na Arte Música: 40
 Solerte to darei naquelas coisas,
 As quais saber é lícito um mancebo
 Nobre. *Tr.* Se relevar aquêlê Eunuco
 Inda estando abstinente... *P.* Mas aquêlê
 Que estas coisas mandou, não quer, nem pede
 Que vivas só para êle; e os mais amantes

- Que sejam excluídos por sua causa:
 Nem reconta batalhas, nem te mostra
 Os sinais das feridas; nem te tolhe 50
 Fazer o que quiseses: a qual coisa
 Um certo faz; mas sòmente lhe basta,
 Não te sendo molesto, nem pesado,
 E quando tu quiseses, e fôr tempo,
 Que seja então de ti bem recebido.
Tr. Bem se mostra ser êste servo humilde, 55
 De um senhor pobre, humilde, e miserável.
G. Eu sei bem isso; porque na verdade
 Ninguém, o qual tivesse modo, e via
 Pola qual buscara outro; êste pudera
 Sofrer. *P.* Cal'-te tu, Gnato, que bem creio
 Que entre os homens estás mais apoucados:
 Porque cuido que ao mesmo fogo podes
 Pedir o comer; tu que te persuades
 A êste lisonjear.
Tr. Pola ventura
 Imo-nos já daqui? *Ta.* Levarei dentro 65
 Primeiro a êstes dois, e juntamente
 Mandarei o que quero que se faça,
 E depois disto feito logo torno.
Tr. Eu me parto daqui. Por esta 'spera.
P. Não convém a um Príncipe como êste 70
 Ir pola rua junto com a amiga.
Tr. Para que te direi muitas palavras?
 Tu te pareces com teu senhor muito.
G. Ha, ha, ha. *Tr.* De que ris? *G.* Disto que agora
 Disseste: e aquêlê dito sôbre o Ródio 75
 A memória me vem. Mas Taís sai fora.
Tr. Anda, vai-te diante muito apressa,
 Para que tudo esteja aparelhado
 Em casa. *G.* Assim se faça. *Ta.* Faze ó Pítias

Tenhas cuidado diligentemente,
 Se acaso aqui vier Cremes, lhe rogues,
 Primeiramente, que na casa fique;
 E que se isto não fôr cômodo, e lícito
 Que torne: e se também não puder isto,
 A mim mo manda. *Pí.* Fâ-lo-ei dêsse modo. 85

Ta. Quê? que outra coisa mais dizer queria.
 Oh, já me lembra: tende bom cuidado
 Desta donzela; e trabalhai que em casa
 Estejais sempre. *Tr.* Vamos. *Ta.* Vós segui-me.

80

CENA III

CREMES, mancebo, PÍTIAS

ARGUMENTO

Mostra-se nesta Cena a suspeita de Cremes mancebo rústico, de que Taís lhe quer tirar das unhas pela guilha, como dizem, alguma coisa; com lhe dizer, que tinha sabido como a donzela que Traso lhe dera, era sua irmã. E persuadindo-se de que no negócio havia engano, determina furtar-lhe o corpo. Entra logo dizendo:

Certo quanto mais cuido, e considero
 Sem dúvida acho que esta Taís perversa
 Em algum grande mal fará que eu caia.
 Assim me vejo dela com malícia
 Ser perturbado. Já desde aquela hora, 5
 Quando mandou chamar-me no princípio:
 (Alguém perguntará, que tens com ela?
 Nem certo a tinha ainda conhecido)
 Tanto que cheguei, logo inventou causa,
 Para que ali com ela me ficasse. 10
 Diz-me que tinha feito sacrificio,
 E que tratar queria ali comigo
 Uma coisa de siso, e de importância.
 E já naquele tempo eu suspeitava

Fazerem-se estas coisas com engano. 15
 Ela comigo se sentava à mesa:
 Tôda se me entregava: e perguntando,
 Trabalhava entreter-me com palavras.
 Tanto que de falar acaba, e deixa,
 A parar veio nisto finalmente: 20
 Pergunta-me quanto há que me morreram
 Meu pai, e minha mãe: digo que há muito.
 Que campo tenha em Súnio; e quanto esteja
 Longe do mar. Eu creio lhe contenta
 Êste campo, e de mim havê-lo 'spera. 25
 Enfim pergunta-me em que tempo, e dia
 A minha irmã pequena se perdesse,
 E quem também com ela juntamente:
 E quando se perdeu que era o que tinha;
 E se alguém conhecê-la poderia. 30
 Por que razão pergunta ela estas coisas,
 Senão porque trabalha porventura
 Por mostrar ser aquela mesma a minha
 Irmã, que se perdeu sendo pequena,
 Como é destas tais o atrevimento? 35
 Porém ela se é viva, terá agora
 Dezesseis anos, e não mais de idade:
 E Taís parece que eu mais velha um pouco.
 A rogar me mandou depois que viesse,
 Sem falta alguma ter com ela a casa. 40
 Ou me diga o que quer, ou me não seja
 Importuna, e molesta. De verdade
 Que aqui não tornarei a vez terceira.
 Ó lá, ó lá. P. Quem é? C. Sou Cremes.

[P. Linda,

Sôbre modo engraçada cabecinha. 45

C. Bem digo, que traições aqui me ordenam.
 P. Taís te rogava muito que tornasses

Amanhã. C. Chego ao campo. P. Por tua vida
 Que faças isto. C. Digo que não posso.
 P. Ou fica aqui conosco em nossa casa 50
 Até que torne. C. Nada menos que isso.
 P. Por que, meu Cremes? C. Vai-te na má hora.
 P. Se finalmente o tens deliberado
 Da maneira que dizes; por tua vida,
 Que por onde ela está passes agora. 55
 C. Já vou. P. Tu Dórias vai também com êle,
 E o leva logo a casa do soldado.

CENA IV

ANTIFO, mancebo

ARGUMENTO

Nesta Cena se introduz a pessoa de Antifo mancebo, que vem em busca de Quérea, a cuja conta estava dar ordem a uma merenda, que êles, e outros mancebos tinham determinado fazer; e assim entra êle dando a razão por que o vinha buscar. No fim vendo-o sair de casa de Taís vestido de Eunuco, se espanta em grande maneira; até que na quinta Cena, que depois desta se segue, sai dêle a causa de vir assim disfarçado.

Ontem nos ajuntamos no Pireu
Alguns mancebos, e nos concertamos
Para êste dia: para que da parte
Que cada qual de nós dêsse comêssemos: 5
E para isto fizemos, e elegemos
Por principal a Quérea. Foram dados
Os anéis: e já está determinado
O tempo, e o lugar: passou-se o tempo,
E naquele lugar, no qual estava
Determinado fazer-se a merenda, 10
Não está coisa alguma aparelhada:
E êste homem não parece em parte alguma.
Não sei que diga, nem que conjecture.

Agora os demais nossos companheiros
 Este cargo me deram porque o busque; 15
 E por esta razão verei sem falta,
 Se em casa está. Quem sai daqui desta
 Casa de Taís? Este é: pola ventura
 Não parece este? Este é sem falta alguma.
 Que diabo de homem é este, e que figura? 20
 Este que trajo é? que mal tamanho!
 Espantar-me não posso quanto baste,
 Nem chegar a saber por conjecturas
 O que quer que isto seja, se primeiro
 Me não vem à vontade desviado
 Dêste lugar, saber o que isto seja.

CENA V
 QUÉREA, ANTIFO
 ARGUMENTO

Nesta Cena se exprime maravilhosamente a natureza de um mancebo desenfreado em seus vícios, e apetites; que não só se contenta com pecar, mas ainda faz louvor do pecado, publicando-o, e dizendo-o a quem o quer ouvir; como se mostra na pessoa de Quérea: o qual não se contentando só de viciar por engano a donzela que estava em casa de Taís, mas ainda conta a Clitifo da maneira que foi: o que o Poeta também faz, para que o povo perceba aquilo que ele honestamente não podia mostrar à vista.

Há porventura alguém aqui? ninguém;
 Segue-me porventura desta casa
 Alguém? ninguém me segue: é-me já lícito
 Pôr na praça este meu contentamento?
 Ó Júpiter, agora certo é tempo 5
 Quando o posso sofrer, que morra logo;
 Para que com algum triste acidente
 A vida não corrompa este meu gosto.
 Mas não vejo nenhum curioso agora,
 O qual para onde quer que vá me siga,
 E me quebre a cabeça; e me atormente, 11
 Perguntando porque de prazer falto,

- Ou porque alegre estou; para que parte
Caminho, ou donde saio; onde alcançado
Este vestido tenho; e que pretendo; 15
E se estou em meu juízo, ou se endoideço.
- A. Ir-me-ei para êle, e lhe farei esta graça,
Que eu vejo que a pretende, e que a deseja.
Que há porque te mostras ledo, ó Quêrea,
Ou que quer dizer êste teu vestido? 20
Que há porque te alegras? que pretendes?
Estás quanto é bastante em teu juízo?
Que olhas tu para mim? porque te calas?
Q. Ó dia festival de homem ditoso!
Amigo, Deus te guarde. Nenhum homem 25
De todos quantos há mais desejara
Ver agora, que a ti. A. Muito te rogo,
Que me contes amigo, o que isso seja.
- Q. Antes te peço me ouças por tua vida.
Conheces porventura aquela amiga 30
De Fédria meu irmão? A. Conheço, e cuido
Que é Taís. Q. A mesma. A. Assim me parecia.
- Q. Foi-lhe dada hoje em dom uma donzela:
Para que te direi agora, Antifo,
Ou gabarei seu rosto, e sua beleza? 35
Sendo assim, que conheces quanto eu seja
Diligente eleitor de rostos belos.
Nesta fiquei de todo comovido.
- A. Isso dizes? Q. Eu sei decerto, Antifo,
Que disseras, se a viras, ser suprema. 40
Para que me detenho com palavras?
A amá-la comecei: acaso havia
Em casa um certo Eunuco, que comprado
De Fédria, meu irmão para Taís fôra.
Mas êste inda não era neste tempo 45
Levado a casa dela.

Persuadiu-me

- Então secretamente o nosso servo
Parmeno; o que eu ligeiro, e diligente
Arrebatei. A. Que coisa, dize, é essa?
Q. Ouvirás tudo assim estando calado. 50
Enfim me persuadiu, que o meu vestido
Troque com êle; e queira que lá seja
Em seu lugar levado. A. Por Eunuco?
Q. Assim dessa maneira, como dizes.
- A. Que proveito queria finalmente 55
Parmeno, que tivesses de tal coisa?
Q. Tu mo perguntas? Que continuo a visse,
Ouvisse; e juntamente com aquela
Com quem folgava estar, sempre estivesse.
E porventura, Antifo, a coisa leve, 60
Ou pequena a razão? fui logo entregue
Àquela mulher Taís; mas tanto que ela
Tomou posse de mim, me leva alegre
Para casa; e a donzela me encomenda.
- A. A quem? a ti? Q. A mim. A. Seguramente
Por certo, e assaz seguro. Q. A mim me avisa,
Que nenhum homem entre onde ela estava,
E me manda, que dela não me aparte.
E que com ela só na mais secreta
Parte da casa esteja solitário. 70
Com sinais mostro, que farei o que manda,
Pondo os olhos no chão modestamente.
- A. Coitadinho de ti. Q. Vou-me (diz ela)
Daqui a cear com Traso; e leva muitas
Das criadas consigo; poucas ficam 75
Criadas novas, que com ela estejam.
Estas logo a preparam, e aparelham
Para lavar-se; advirto que se apressem.
Enquanto se prepara, e se conserta
A donzela se assenta no retrete, 80

Os olhos pondo num painel pintado,
 Onde pintada estava esta pintura,
 De que modo, e maneira antigamente
 Dizem que o grande Júpiter mandara
 Ao regaço de Dânae um grão chuveiro 85
 D'ouro. Eu mesmo também a ver começo
 A pintura. E porque Júpiter mesmo
 Noutra tempo jogara o mesmo jôgo,
 Tinha muito maior contentamento,
 De que um Deus se convertesse em homem, 90
 E viesse pelas alheias telhas,
 Às furtadas pelo olho do telhado
 A fazer à mulher tão grande engano.
 Mas qual Deus digo? aquêlê que com 'strondo
 Abala dèsses Céus os altos templos. 95
 Pois eu um homenzinho não fizera
 Aquilo? Eu certo o fiz, e por meu gôsto.
 Enquanto só comigo considero
 Tais coisas; entretanto é chamada
 A donzela a lavar-se. Vai: lavou-se, 100
 E torna. Depois disto a põem as moças
 No leito. Estou-me em pé sempre 'sperando,
 Se me mandam fazer alguma coisa.
 Vem uma, e diz: ó lá, tu Doro, toma
 Este abano; e

enquanto nos lavamos 105

Abana, e faze vento a esta moça.
 Depois que nos lavarmos, se quizeres,
 Lava-te tu também. Tomo-o severo.
 A. Então certo folgara eu grandemente 110
 De ver êste teu rosto sem-vergonha,
 Que tal estavas; ver-te enfim folgara
 Um tão grande asno ter na mão o abano.
 Q. Escassamente tinha falado isto;
 Tôdas se saem fora juntamente

Com grande ímpeto. Vão-se lavar tôdas:
 Fazem grão traquinada, como se usa 116
 Quando os amos estão de casa absentes.
 A donzela entretanto oprime o sono.
 Eu de través, assim às escondidas
 Olho por entre o abano; e juntamente 120
 Lanço os olhos à roda às outras partes,
 Se estão tôdas bem vistas: vejo, e noto
 Que tudo está bem visto. Ponho a tranca
 À porta. A. E depois disso? Q. Depois disso?
 Parvo. A. Confesso sê-lo. Q. Porventura 125
 Uma ocasião tão breve, e desejada,
 E tão pouco 'sperada; oferecida
 A mim que a desejava, perdê-la-ia?
 Então fôra eu por certo de verdade
 O mesmo que fingia que era dantes. 130
 A. Por certo que assim é como tu dizes.
 Que se fêz entretanto de depósito?
 Q. Tudo está aparelhado. A. És para muito:
 Aonde, dize? em casa porventura?
 Q. Antes em casa do Liberto Disco. 135
 A. É mui longe. Q. Por isso mais depressa
 Nos abalemos. A. Muda êsse vestido.
 Q. Onde devo mudá-lo? já de todo
 Sou perdido: porque lançado fora
 Fui de casa paterna; agora temo 140
 Que meu irmão esteja dentro em casa.
 E depois disso temo que já vindo
 Seja meu pai do campo. A. Vamos logo
 A minha casa; aí lugar há perto
 Onde o possas mudar. Q. Bem dizes; vamos.
 E juntamente quero aconselhar-me 146
 Também contigo, acêrca desta moça,
 De que modo depois possa gozá-la.
 A. Faça-se dêsse modo, como dizes.

ATO IV

CENA I

DÓRIAS

ARGUMENTO

Tinha, como já dissemos atrás na terceira Cena, do terceiro Ato, Pítias criada de Taís mandado a Cremes, mancebo rústico, com Dórias, outrosi criada da mesma Taís, a casa do soldado Traso para falar com ela. Traso cuidando que ela o fizera ali vir para lhe fazer pêsames, lembrado do conselho que lhe dera o Chocarreiro Gnato, mandou que se chamasse Pânfila para tanger, e cantar: mas não querendo Taís, nasceu entre eles grande contenda. Ora tudo isto que lá passou dentro vem agora Dórias relatar ao teatro, dizendo:

Assim dos Deuses eu me veja amada,
Eu coitada polo que já vi nêle,
Temo que aquêlo doido hoje não faça
Alguma turbação, ou fôrça alguma
A Taís: porque depois que êste mancebo
Cremes, irmão da moça a casa chega,
Ela roga ao soldado, que consinta,
E mande que admitido seja; e êle
Logo se irava; mas não se atrevia
A lho negar; contudo Taís instava,

6

10

Enquanto para o campo vou, começo
Eu mesmo só comigo caminhando
A cuidar agora uma, ora outra coisa
(Assim como acontece quando alguma
Moléstia tem tomado posse da alma):
E tôdas estas coisas que eu cuidava,
As cuidava, e lançava à pior parte.
Para que quero usar de mais palavras?
Enquanto ia cuidando nestas coisas,
Passei desatentadamente a quinta:
Quando o senti, já ia um pouco longe;
Mas achando-me mal outra vez torno.
E tanto que cheguei àquella parte

Onde o caminho se diverte, e aparta,
Estive quedo, e comecei comigo 15
A' fantasiar, dizendo dêste modo:
Ah, devo eu ficar só aqui, sem ela
Dois dias? e que pode depois disto
Seguir-se?

nada enfim: que digo? nada?
Se não tiver licença de tocá-la; 20
Ah, nem inda de a ver poderei tê-la?
Se tocá-la não fôr lícito, ao menos
Será lícito vê-la. Certo importa
Não pouco, querer bem com linha extrema.
Deixo de indústria a quinta: mas que é isto?
Que repentinamente perturbada
De casa agora Pítias vem saindo?

CENA III

PÍTIAS, DÓRIAS, FÉDRIA

ARGUMENTO

Nesta Cena quer o Poeta deleitar aos ouvintes com a queixa de Pítias, e com o erro de Fédria: porque ela se queixa dêle por mandar a Taís, em lugar do Eunuço, um mancebo que o não era, e a êle lhe parece coisa dificultosa de se crer. Parece, pois, que depois do mau feito de Quêrea, e da sua fugida, foi Pítias ter com a donzela, e a achou chorando, a qual lhe deu conta de sua desgraça, de que Pítias indignada sai de casa como doida, e encontrando a Fédria, lhe conta o caso, e o desonra, por lhe mandar a casa tal mercadoria.

Onde achar poderei desventurada
Aquêlê ímpio, sacrílego, e malvado?
Onde buscá-lo irei? é coisa crível,
Que ousasse cometer tão grande insulto?
F. Perdido sou: receio que isto seja... 5
P. Além disso também êste maldito,
Depois que fêz escárnio da donzela,
Rompeu todo o vestido à coitadinha,
E lhe arrancou depois todo o cabelo.
F. Ah! P. O qual oxalá se me ofereça 10

- Agora, para que naqueles olhos
Fácilmente com estas unhas falte
Aquele bruxo, àquele feiticeiro!
- F.* Não sei certo que mal, ou que revolta
Aconteceu na casa, estando absente, 15
Chegar-me-ei. Isto que é? por que te
[apressas?
Ou quem vens tu buscar, Pítias? *P.* Ah
[Fédria,
Perguntas-me a quem busco? daqui vai-te
Para onde é bem que vás, lícito, e justo,
Com êstes teus presentes tão graciosos. 20
- F.* Isto que coisa é? *P.* Tu mo perguntas?
O Eunuco que nos deste, que revoltas
Nos deu! que sobressaltos! A donzela,
Que o soldado à minha ama tinha dado
Deflorou. *F.* Que me dizes? *P.* Sou perdida.
- F.* Bêbada estás. *P.* Prouvera a Deus que foram
Assim aquêles que mal me desejam.
- D.* Hai, dize-me, te rogo, amiga Pítias,
Isso que novidade foi? que monstro?
- F.* Doida estás. Como pôde fazer isso 30
Um Eunuco? *P.* Eu não sei quem êle seja:
Isto que agora fêz amostra a coisa.
Chora a mesma donzela, e não se atreve
A dizer o que isto é, se lho perguntam:
E aquêlê homem de bem, em parte alguma
Não parece. Também desventurada 36
Isto suspeito: que indo-se de casa
Levasse alguma coisa. *F.* Não me posso
Espantar quanto baste, aonde possa
Êste apoucado, e vil ter-se ido agora 40
Mais longe, senão tem tornado a casa.
- P.* Vai por amor de mim ver se está dentro.

- F.* Isso logo farei, para que o saibas.
- D.* Sou perdida. Eu te rogo, ó minha, viste
Porventura maldade tão nefanda? 45
Eu nem inda tal coisa tenho ouvido.
- P.* Eu certo ouvido tinha, que êstes eram
Mui grandes namorados das mulheres;
Porém que não podiam fazer nada.
Mas serem namorados me não tinha 50
Triste vindo à memória: porque logo
O fechara mui bem nalguma parte;
Nem também a donzela lhe entregara.

CENA IV

FÉDRIA, DORO, eunuco. PÍTIAS, DÓRIAS

ARGUMENTO

É para ver nesta Cena o galante, e gracioso erro de Fédria, em crer que o Eunuco tinha feito o que fizera seu irmão Quérea no trajo do mesmo; e assim o traz ao teatro aos repêlões, dizendo-lhe muitas afrontas, até que per sinais, e argumentos válidos acha que seu irmão Quérea tinha feito todo o mal.

Sai cá fora, malvado, inda resistes?

Sai, fugitivo, em meu dano comprado.

Dó. Eu te rogo... F. Oh, vê como êste algoz torpe

O rosto deformou, torcendo a bôca:

Por que, dize, tornaste a esta casa?

E que mudança é esta de vestido?

5

Que dizes? se tardara um pouco, ó Pítias,

O não achara em casa: de tal modo

Tinha já pôsto em ordem a fugida.

P. Achaste, por tua vida êsse bom homem?

F. E por que não? P. Ó belamente feito!

10

Dó. Está muito bem feito isso por Pólux.

P. Onde está? F. Não no vês, isso perguntas?

P. A quem, te rogo, queres tu que eu veja?

F. Êste. P. Êste que homem é? F. Aquêl

[mesmo, 15

- Que foi levado hoje a vossa casa.
- P.* Nenhuma de nós outras com seus olhos
Este viu, Fédria. *F.* Não no viu nenhuma?
- P.* Rogo-te que me digas; porventura
Crêste tu que este fôsse a nós trazido? 20
- F.* Sim: porque nenhum tive outro mais que este.
- P.* Hein: não deve de ser este mofino
Àquele comparado: aquêlê tinha
Um rosto belo; e nobre parecia.
- F.* Então te pareceu dessa maneira, 25
Porque estava vestido, com vestido -
Mui diferente: agora que tem outro
Te parece por isso torpe, e feio.
- P.* Cal'-te, te rogo; como se mui pouca
Diferença haja entre uma, e outra coisa. 30
Hoje nos foi levado um mancebinho,
O qual certo tu, Fédria, ver folgaras.
Este é já velho, e mole como vime,
Hidrópico, arrugado, e da côr mesma
Da doninha. *F.* Oh, que fábula, e que
[enrêdo 35
- É este? tens-me pôsto em tal estado,
Que não sei já que fiz. Ó lá, tu dize,
Comprei t'eu porventura? *D.* Sim compraste.
- P.* Manda-lhe que de novo me responda.
- F.* Pergunta-lhe. *P.* Vieste hoje a nossa casa?
Diz que não. Mas aquêlê que ontem veio,
Que Parmeno consigo a casa trouxe,
Dezesseis anos tem. *F.* Acaba, dize,
E primeiramente isto me declara.
O vestido que tens donde o houveste? 45
Tu não respondes nada? ó monstro de homem,
Não responderás hoje? *D.* Veio Quérea...
- F.* Porventura meu irmão? *D.* Sim. *F.* Quando?
[*D.* Hoje.

- F.* Há muito tempo? *D.* Agora. *F.* Com quem veio?
- D.* Com Parmeno. *F.* Tu dantes porventura
Conhecia-lo? *D.* Não: nem tinha ouvido 51
Jamais dizer quem fôsse. *F.* Donde logo
Sabias tu que meu irmão fôsse êle?
- D.* Parmeno me dizia ser êle êsse:
Êle trocou comigo este vestido. 55
- F.* Acabei: sou perdido. *D.* E vestiu logo
O meu, Depois de o ter vestido, fora
Ambos juntos de casa se saíram.
- P.* Crês tu já que estou sóbria quanto baste?
E que não te menti? já assaz é certo, 60
Que a triste da donzela está sem honra.
- F.* Acaba já selvagem. Tu crês a este
Agora o que êle diz? *P.* Que devo crer-lhe?
O mesmo efeito o mostra. *F.* Aqui te chega
Um pouco. Ouves-me tu? mais inda um
[pouco; 65
- Basta. Outra vez responde ao que pergunto.
Tirou-te o teu vestido Quérea? *D.* Sim.
- F.* E se vestiu com êle? *D.* Isso fêz mesmo.
- F.* E em teu lugar aqui foi conduzido?
- D.* Sim foi. *F.* Júpiter grande, e poderoso! 70
Ó homem perversíssimo, e atrevido!
- P.* Triste de mim! não crês inda que fomos
Escarnecidas com indignos modos?
- F.* Milagre, se não crês o que diz este.
- P.* Não sei que faça. *F.* Ó lá, outra vez nega: 75
Posso eu tirar de ti hoje a verdade?
Viste a meu irmão Quérea? *D.* Não. *F.*
[Não pode
- Confessar a verdade sem castigo;
Assim o entendo, e vejo. Tu me segue
Por esta parte. Que sim, diz às vêzes; 80

- Às vezes nega. Roga-me. *D.* Eu te peço
Misericórdia, Fédria. *F.* Vai-te dentro.
- D.* Hu, hei. *F.* Doutra maneira, não sei como
Ir-me posso daqui com minha honra;
Porque de todo está tudo acabado. 85
Tu também, servo vil, e sem proveito,
Farás de mim neste lugar, escárnio?
- P.* Assim sei que êste engano é de Parmeno,
Como sei que estou viva. *Dó.* Assim é certo.
- P.* Hoje acharei, por Pólux, modo, e via
Como lhe pague na mesma moeda. 91
Mas o que julgas tu, Dórias, que agora
Eu haja de fazer? *Dó.* Tu me perguntas
Acêrca desta mísera donzela?
- P.* Sim. Se devo calá-lo, ou se dizê-lo? 95
Dó. Se tu per Pólux és bem entendida,
Dirás que nada sabes do que sabes,
Nem do atrevido Eunuco, nem do 'stupro
Da donzela; e com isto fàcilmente
De tôda a turbação ficarás livre; 100
E a êle farás bem. Sòmente diz
Isto: que se saiu de casa Doro.
- P.* Assim o farei. *Dó.* Mas vejo eu porventura
A Cremes? Taís aqui será depressa.
- P.* Como assim? *Dó.* Porque quando eu de
[lá vinha 105
Já começava então de haver entr'êles
Contenda, e desavença. *P.* Leva êste ouro,
E eu dêste saberei tudo o que passa.

CENA V

CREMES, PÍTIAS

ARGUMENTO

*Tinha Cremes bebido um pouco mais do neces-
sário, no banquete que o soldado dera a Taís; e porque
é próprio dos bêbados dizerem aquilo que dantes ima-
ginavam, e tinham para si; e êle imaginava que Taís
o queria enganar, vem também dizendo que o enga-
naram, fazendo, como dizem, cambetas, e exprimindo
a natureza dos bêbados.*

- Oh tá, tá, na verdade me enganaram;
Venceu-me o vinho que bebi, sem falta;
E quando eu me sentava à mesa, ó quanto
Bizarramente, e bem me parecia
Que estava em meu perfeito entendimento!
Depois que a levantar me fui da mesa 6
Não fazem já seu officio inteiramente.
Nem juízo, nem pés, *P.* Ó nosso Cremes.
C. Quem é que assim me chama? Ó Pítias, quanto
Agora me parecees mais formosa, 10
Do que certo pouco há me parecias.
P. E tu, por certo, muito mais alegre.
C. Êste provérbio é muito verdadeiro:
Sem Ceres, e sem Baco é fria Vênus.

- Mas Taís é já chegada muito dantes?
- P. Já se ela foi de casa do soldado? 16
- C. Há já muito; há uma larga idade.
Houve entr'êles mui grandes diferenças.
- P. Nada te disse para que a seguisses?
- C. Nada. Senão querendo-se ir, me acena. 20
- P. Oh, isso não bastava? C. Eu não sabia,
Que queria dizer ela isso mesmo;
Senão que castigando-me o soldado,
Fêz que eu soubesse o que eu sabia menos:
Porquanto aos empuxões me deitou fora. 25
Mas ei-la mesma. Estou maravilhado,
Onde lhe vim tomar a dianteira.

CENA VI

TAÍS, CREMES, PÍTIAS

ARGUMENTO

Nesta Cena avisa Taís a Cremes, que trate de defender a irmã, e de a livrar das mãos do soldado, que lha quer vir tirar por força, de casa; e que desde logo lha dê livremente, sem preço algum. E finalmente ela se mostra na defesa da donzela mais valorosa, que elle: e assim entra dizendo:

Creio sem falta, que aqui será logo
Só para que das mãos ma tire à força,
Deixa-o tu vir: mas se elle co'um só dedo
A tocar, lhe serão logo nessa hora
Daquela cara os olhos arrancados. 5
Eu bem posso sofrer por certo as suas
Parvoíces, e palavras arrogantes
Enquanto são palavras; porém se elas
Chegarem a querer pôr-se em efeito
Será bem castigado. C. Ó Taís, há muito
Já que aqui estou. T. Meu Cremes, a ti
[mesmo 11
Esperava. Tu sabes porventura
Ser por ti feita tôda esta revolta?
E que te toca muito esta contenda?

- C.* A mim? por que razão? como se eu fôra 15
O que fui causa desta diferença.
- T.* Porque enquanto eu trabalho, e me desvelo
Por resistir, e dar-te esta irmã tua,
Tôdas estas contendas, e outras muitas
Sofri dêste teor. *C.* Onde está ela? 20
- T.* Comigo em minha casa. *C.* Oh. *T.* Que, que
[é isso?
- Criada, e doutrinação da maneira,
Que te convém, e a ela. *C.* Que me dizes?
- T.* Isto assim como passa na verdade. 25
Esta te dou de graça; nem pretendo
De ti, por ela, preço algum. *C.* Táis, esta
Mercê ser-te-á de mim agradecida,
E paga muito bem, como mereces.
- T.* Mas olha, e guar-te Cremes, que a não percas
Primeiro, ou antes que de mim a recebas:
Porque esta é aquela mesma, que por fôrça
O soldado me vem tirar agora.
Vai, tu Pítias, e traze o 'seritorinho
De casa, co'os papéis que tratam dela.
- C.* Ó Táis, tu vê-lo a êle? *P.* Onde está pôsto? 35
- T.* Na cantareira. Deténs-te, enfadonha?
- C.* Ao soldado que multidão de gente
D'armas consigo traz para ofender-te?
Tá, tá. *T.* Peço me digas, meu bom homem,
Porventura estás tu medroso, e fraco? 40
- C.* Medroso? guarda fora: nenhum homem
Que vive, menos teme, do que eu temo.
- T.* Assim é necessário, que não temas.
- C.* Ah, cuidadoso estou; temo, e receio
Em que conta me tu tenhas. *T.* Mas antes
Considera com quem tens a pendência: 46
É forasteiro, e menos poderoso

- Do que és, e muito menos conhecido;
E que na terra tem menos amigos.
- C.* Isso sei bem; mas é parvoíce grande 50
Sofrer aquilo, de que fugir podes.
Eu mais quero que em salvo nos ponhamos
Que vingarmo-nos dêste, recebida
A afronta. Vai-te para casa, e fecha
Por dentro a porta; enquanto eu vou
[correndo, 55
- Daqui té à praça: eu quero nos socorram
Defensores aqui nesta revolta;
- T.* Espera. *C.* Melhor é que vá buscá-los.
- T.* Detém-te, espera. *C.* Deixa-me, que logo
Num momento virei. *T.* Cremes, nenhuma 60
Necessidade temos dêstes: dize
Desta maneira: que ela é irmã tua,
E que a perdeste donzela pequena,
E que inda agora, agora a conheceste.
E mostra-lhe os sinais. *C.* Já vem chegando.
- T.* Toma, toma; se te fizer violência 66
A juízo chama o homem. Entendeste?
- C.* Mui bem. *T.* Trabalha que estas coisas tôdas
Digas com viril ânimo, e prestante.
- C.* Como dizes farei. *T.* Levanta a capa.
Perdida sou: porque êste a quem disponho
Por defensor, e protetor; o mesmo
Tem doutro defensor necessidade.

CENA VII

TRASO, GNATO, SANGA, criado. CREMES, TAÍS

ARGUMENTO

Nesta Cena se mostra a fanfarrice vã, e a ignorância de um soldado louco, que vai contra a amiga com exército formado; como se fôra combater uma grande fôrça. E assim entra braveando, e dando à cabeça; e pondo a gente em ordem, e ponto de guerra: mas persuadido do Chocarreiro, desfaz o exército, e só com palavras faz a guerra.

Ê, Gnato, porventura conveniente,
Que eu suporte êste agravo tão notável,
Em meu desprezo feito? é melhor muito
Perder a vida. Ó Dônax, ó Simálio
Ó Círisco, segui-me todos. Logo 5
Por armas tomarei primeiro as casas.
G. Bem dizes. *Tr.* Tomar-lhe-ei depois a moça.
G. Belamente. *Tr.* E dar-lhe-ei muito mau trato.
G. Dizes bocados de ouro. *Tr.* Vem cá Dórax,
Aqui para êste meio desta 'squadra, 10
Com ferro com que as casas se arruínam.
Tu Simálio na 'squadra da mão 'squerda;
Tu Círisco na destra. Que é dos outros?
Onde está Sanga, o Centurião? e onde

- O Alferes dos ladrões? *S.* Aqui está Sanga.
Tr. Ó para pouco, e vil; que determinas? 16
 Cuidas tu pelejar com essa 'sponja;
 Que a trazes aqui tu? *S.* Se cuido eu isso?
 Tinha já conhecido o valor grande
 Do Capitão; e a fôrça dos soldados; 20
 E que se não podia fazer isto
 Sem sangue; e a trouxe aqui para que lave
 As feridas. *Tr.* Dize onde estão os outros.
S. Que diabo os outros? Sânio guarda a casa 25
 Sômente. *Tr.* Gnato põe êstes em ordem:
 Eu detrás das legiões que são mais fortes
 Estarei; donde a todos, da batalha
 Darei sinal. *G.* Aquilo é saber grande.
 Depois que pôs em ordem a êstes, êle
 Se foi pôr em lugar firme, e seguro. 30
Tr. Muitas vêzes fêz isto mesmo Pirro.
C. Ó Taís, vês tu que faz êste soldado?
 Certo aquêlê conselho é bom acêrca
 De fechar muito bem por dentro as casas.
Ta. Sim certo; porque te parece agora 35
 Êste apoucado, e vil um grande homem.
 Não tenhas medo não. *Tr.* Que te parece?
G. Agora folgara eu te fôra dado
 Uma funda, para que daqui donde
 Te não viram, de longe os maltrataras. 40
 Sem falta se puseram em fugida.
Tr. Mas eis que eu vejo Taís. *G.* Acometemos
 Com ímpeto, e furor agora logo?
Tr. Detem-te. É conveniente ao Varão sábio 45
 Primeiro exprimentar tôdas as coisas,
 Que tentá-las com armas. Tu que sabes,
 Se sem fôrça fará aquilo que eu quero.
G. Deuses, vosso favor. Quanto se estima

- O saber! jamais nunca a ti me chego
 Que não saia mais douto, e mais ciente. 50
Tr. Ó Taís, isto primeiro me responde.
 Dando-te esta donzela, não disseste
 Que a mim só te darias êstes dias?
Ta. E então, que fiz depois? *Tr.* Tu mo perguntas?
 Que me trouxeste diante dos meus olhos, 55
 E que todos o vissem, o teu amante?
Ta. Que tens tu que fazer, dize, com êle?
Tr. E tu te me furtaste às escondidas
 Juntamente com êle. *Ta.* Foi meu gôsto.
Tr. Torna-me pois a dar a minha Pânfila, 60
 Senão queres te seja com violência
 Tirada. *C.* Que ta torne? ou que tu a toques?
 Ó mais que todos... *G.* Ah, que dizes, cal'-te.
Tr. Que queres tu dizer pola ventura
 Não porei mão no que é minha fazenda?
C. Tua, ó digno que tragas sempre a fôrça! 66
G. Tem respeito se queres: tu não sabes
 Agora a que Varão dizes afrontas.
C. Não te quer ir daqui? Sabes tu como
 Passa o negócio em teu prejuízo, e dano?
 Se alguns tumultos, hoje aqui fizeres, 71
 Eu farei que te lembres dêste dia,
 Dêste lugar também, e de mim sempre.
G. Hei compaixão de ti; que um tão grande homem
 Te faças inimigo, e adversário. 75
C. Se daqui te não vás, a tua cabeça
 Farei hoje em pedaços. *G.* Isso dizes,
 Cão? assim falas tu, dessa maneira?
Tr. Que homem, dize, és tu? que é o que queres?
 Que coisa, que negócio tens com ela? 80
C. Tu o saberás. Primeiramente digo,
 Que ela é livre. *Tr.* Oh! *C.* Cidadã de Atenas.

- Tr.* Hui. *C.* Minha irmã. *Tr.* Ó bôca sem-vergonha!
- C.* Soldado, eu te requiero desde agora
Que lhe não faças violência alguma. 85
Ó Taís, eu me vou a casa de Sofrônia
Ama de minha irmã, para que a traga,
E mostre êstes sinais. *Tr.* Pola ventura
Tolher-me-ás tu, que a que é minha não toque?
- C.* Tolho, digo. *G.* Ouves tu? êste se culpa 90
De furto. *C.* Porventura basta-te isto?
- Tr.* Tu Taís, dizes o mesmo que diz êste?
- Ta.* Busca quem te responda. *Tr.* Que fazemos
Agora aqui? *G.* Mas antes nos tornemos:
Esta logo virá, não constrangida 95
A te rogar humilde. *Tr.* Tu crês isso?
- G.* Antes certo conheço a natureza
Das mulheres: não querem quando queres:
Quando não queres, querem sem mais rogo.
- Tr.* Mui bem o consideras. *G.* Logo mando,
Que o exército se vá? *Tr.* Quando quiseres. 101
- G.* Sanga, faze, e trabalha como é lícito
Aos fortes valorosos, que te lembres
Da casa, e da cozinha. *S.* Já há muito,
Que lá nos pratos tenho o pensamento.
- G.* És um homem de prol, e para muito.
- Tr.* Vós outros por aqui me segui todos.

ATO V

CENA I
TAÍS, PÍTIAS
ARGUMENTO

Havemos de entender nesta Cena, que chegando Taís a casa, lhe disse Pítias sua criada, como Pânfila chorava, e tinha as vestiduras rôtas; e que era fugido o Eunuco: mas titubeando não lhe acabava de declarar todo o negócio. Pelo que Taís vendo que ela se embaraçava, e não lhe acaba de descobrir a verdade, sai fora cólerica, dizendo contra ela.

Inda insistes, malvada, e perseveras
Em me falar embaraçadamente?
Dizendo: eu sei que chora; e não sei que ela
Esteja desonrada: o Eunuco foi-se:
Ouvi dizer, que em casa o mal foi feito. 5
Eu não me achei presente no delito:
Não me hás tu de dizer abertamente
O que isto é? a donzela derramando
Lágrimas; tendo rôta a vestidura
Se cala, e não diz nada; o Eunuco foi-se.
Por que? que mal é feito? não respondes?
P. Que te hei de responder, desventurada?
Dizem que o que isto fêz não foi o Eunuco.
T. Quem foi logo? P. Este Quérea. T. Quem
[é Quérea?

- P. É êste mancebinho desbarbado, 20
De Fédria irmão. T. Que dizes feiteira?
- P. Eu certo achei que era êle. T. Porque (dize
Te rogo) e por que causa foi trazido
A nós. P. Não sei senão, que eu cuido que êle
Pânfila amasse. T. Ah triste, sou perdida:
Se tu falas verdade, eu sou mofina. 26
Chora por isso a moça porventura?
- P. Chora, cuido, por isso. T. Que me dizes
Sacriléga, maldita? eu não te disse,
Partindo-me daqui, com ameaças, 30
Que olhasses que ninguém chegasse a ela?
- P. Que devia fazer? ela foi dada,
E entregue àquele só, como mandaste.
- T. Entregaste, perversa, a ovelha ao lobo.
Envergonhada estou; que me enganassem 35
Assim desta maneira. Dize, aquêl
Que homem é? P. Senhora minha, espera.
Cal'-te te rogo. Estamos já seguras:
Temos presente o mesmo homem. T. Que é dêle?
- P. Ei-lo para esta parte esquerda: vê-lo? 40
- T. Vejo. P. Manda que seja logo prêso
Quanto possível fôr. T. Párvoa, ignorante,
Que lhe faremos nós? P. Tu me perguntas
O que farei? por vida tua que vejas,
Senão parece sem-vergonha, e pejo 45
Aquêl rosto, quando olhas para êle.
- T. Não é certo. P. Além disso, considera
Qual seja o seu despejo, e confiança.

CENA II

QUÉREA, TAÍS, PÍTIAS

ARGUMENTO

Mostra-se nesta Cena, que querendo Quérea ir a casa de Antifo, para se mudar dos vestidos de Eumico, não pôde, por estar aí o pai e a mãe do mesmo Antifo; polo que se vem fugindo de uma rua em outra, até encontrar com Taís, com a qual tem grande contenda; mas pedindo-lhe perdão, se fazem finalmente os amizades. Cremos, irmão de Pânfila, vem com a ama, para se averiguar quem ela seja: e entra logo Quérea contando o que lhe aconteceu.

Ambos, o pai de Antifo, e a mãe estavam
Quase de indústria, e acinte dentro em casa;
De sorte, que em nenhum modo eu podia,
Sem que pudessem ver-me, entrar lá dentro. 5
Enquanto neste tempo estou à porta,
Um conhecido meu vem dar comigo.
Tanto que o vi; me ponho a fugir, quanto
Posso cos pés correr; vou dar num certo
Beco, de gente pouco freqüentado;
E dali logo em outro; e dêste em outro. 11
Assim desventurado fui fugindo,
Só para que ninguém me conhecesse.

Mas é porventura esta Taís que vejo?
Esta, sem falta, é Taís. Estou receoso.
Ah, que devo fazer? Mas que importa isso?
Ela que me fará?

- T.* Cheguemos. Doro,
Bom homem, Deus te guarde; dize-me ora,
Fugiste porventura? *Q.* Assim foi feito:
Senhora, sim fugi. *T.* Folgas tu muito?
- Q.* Não. *T.* Tu cuidas, que te hás de ir sem.
[castigo? 20
- Q.* Perdoa-me esta culpa; e se alguma outra
Eu cometer jamais mata-me logo.
- T.* O meu rigor temeste porventura?
- Q.* Eu não. *T.* Pois logo o quê? *Q.* Temi-me desta,
Que diante de ti não me acusasse. 25
- T.* Que tinhas feito? *Q.* Pouco mais de nada.
- P.* Ó desavergonhado, pouco é isso?
Pola ventura pouco te parece
Haveres desonrado, e desflorado
Uma donzela Cidadã de Atenas? 30
- Q.* Cuidei que era criada como as outras.
- P.* Criada? escassamente, ter-me posso,
Que nos cabelos te não salte, monstro:
Outra vez vem, senhora, a escarnecer-te.
- T.* Vai-te, doida, daí. *P.* Por que, senhora?
Creio que se fizer isto que eu disse, 36
Que ficarei devendo alguma coisa
A êste, que é digno de trazer à força:
Principalmente quando êle confessa
Ser teu cativo. *T.* Agora isso deixemos. 40
Ó Quérea, não fizeste coisa digna
De ti: que pôsto eu seja digna muito
Desta afronta; contudo, que a fizesses
Es indigno. Não sei por certo agora,

- Que conselho sôbr'esta moça tome: 45
De tal maneira me tomaste todos
Os caminhos, que não posso entregá-la
Aos seus, como era justo; e como eu sempre
Trabalhei; para que, Quérea, adquirisse
Êste sólido, e firme benefício. 50
- Q.* Contudo, agora, Taís, espero que esta
Benevolência seja d'hoje em diante
Eterna. Muitas vêzes de um successo
Semelhante, e de um mau princípio; grande
Amizade nasceu: tu que dirias, 55
Se algum Deus isto quis que se fizesse?
- T.* Per Pólux, e em verdade, que o desejo.
E' nesta parte o tomo, aceito, e quero.
- Q.* Antes te rogo, e peço, que assim seja.
Sabe esta coisa só: que não fiz isto 60
Per ocasião de agravo; mas somente
De amor. *T.* Eu o sei per Pólux: e portanto
De melhormente agora te perdão.
Não sou, Quérea, de tão bárbaro engenho.
Nem tão pouco entendida, que não saiba
O quanto possa amor num peito humano.
- Q.* Assim, ó Taís, os Deuses bem me queiram,
Que já te quero bem. *P.* Por isso mesmo
Entendo, e tenho para mim, senhora,
Te hás certo de guardar dêste malvado. 70
- Q.* Nada ousarei fazer. *P.* Nada te creio.
- T.* Isso deixa. *Q.* Eu me entrego, e me encomendo
A tua palavra e fé: muito te rogo
Me sejas nisto agora ajudadora.
Muito desejo, ó Taís, que tu me sejas 75
Defensora: senão receber esta
Por mulher, morrerrei. *T.* Mas se contudo
Teu pai... *Q.* Quê? *T.* Não quiser? *Q.* Ah,
[sim sem falta

- Eu certo o sei; contanto que ela seja
 Cidadã. *T.* 'Spera um pouco, se quiseres:
 O mesmo irmão da moça em breve 'spaço,
 E logo será aqui: foi chamar a ama,
 Que lhe deu criação sendo pequena.
 Tu mesmo ó Quérea, te acharás presente,
 Enquanto da mesma ama é conhecida. 85
- Q.* Eu certo 'spero. *T.* Queres entretanto
 Que não vem, que esperemos em casa antes,
 Do que à porta. *Q.* Mas antes o desejo.
- P.* Que queres tu fazer, rogo, me digas.
- T.* Isso por que razão? *P.* Tu mo perguntas? 90
 Cuidas tu recolher êste em tua casa
 D'hoje por diante? *T.* E por que não? *P.*
 [Crê-me isto:
 Ele fará de novo outra revolta.
- T.* Ah, rogo-te que cales. *P.* Bem parece
 Não tens notado bem o seu despejo. 95
- Q.* Ó Pítias, não farei. *P.* Por certo, Quérea,
 O não creio; senão se outra donzela
 Entregue te não fôr. *Q.* Antes, ó Pítias
 Tu me guarda. *P.* Per Pólux; não me atrevo
 A guardar-te, nem dar-te coisa alguma, 100
 Para que haja de ser de ti guardada.
 Afastai-vos vós outras. *T.* O irmão mesmo
 Da donzela é chegado a mui bom tempo.
- Q.* Certo perdido sou: rogo nos vamos,
 Ó Taís lá para dentro: que não quero, 105
 Que com êste vestido aqui me veja.
- T.* E por que finalmente? porventura,
 Porque vergonha tens? *Q.* Por isso mesmo.
- P.* Por isso mesmo dizes? e a donzela?
- T.* Vai-te tu diante, Quérea, que eu te sigo,
 E tu Pítias, aqui ficar te deixa,
 Para que faças entrar dentro a Cremes.

CENA III

PÍTIAS, CREMES, SOFRÔNIA, ama

ARGUMENTO

Nesta Cena se contém a disputa de Pítias sobre como se vingará da afronta, e escárnio, que Parmeno lhe fez; e assim, ficando só no teatro, imagina como o poderá fazer. Neste meio vindo Cremes com a ama de Pânfila, faz que entrem em casa, e ela fica no teatro, espiando, e escutando o que Parmeno diz na Cena que logo se segue.

- Que coisa, que coisa há que vir me possa
 Neste tempo à memória? de que modo,
 E como pagarei na mesma moeda
 Àquele ímpio, sacrilego, e malvado,
 Que nos trouxe em lugar do Eunuco a
 [Quérea? 5
- C.* Acaba, move-te ama mais depressa.
 Sim movo. *C.* Bem o vejo, mas não fazes
 Coisa alguma movendo-te. *P.* Mostraste,
 A Sofrônia os sinais já todos? *C.* Todos.
- P.* Que diz por vida tua? Conhece-os ela? 10
- C.* E tem-nos na memória. *P.* Certamente
 Tu me dás uma nova alegre, e boa;
 Por quanto favoreço àquela moça.

I-vos para dentro ambos. Há pedaço
 Que vos espera já minha ama em casa. 15
 Eis que eu vejo Parmeno vir andando,
 Homem de bem, e honrado: vêde como
 Ocioso está. Se os Deuses o consentem,
 Eu confio saber de que maneira
 Atormente a meu modo êste velhaco. 20
 Dentro irei; para que saiba a certeza
 Dêste conhecimento: depois disto
 Sairei, e farei terror a êste sacrílego.

CENA IV

PARMENO, PÍTIAS

ARGUMENTO

Gloria-se Parmeno nesta Cena, de que sem trabalho, e sem gasto algum, desse ordem que Quêrea viesse gozar a Pânfila: e de passagem tomando ocasião, diz mal da natureza, e estado das mulheres de partido, publicando suas artes, invenções, e sujeidades. E com isto, sem saber que Pítias o está ouvindo, a provoca, e indigna mais contra si.

Torno a ver o que aqui tem feito Quêrea:
 Porque se êle tratou com arte a coisa;
 Dai-me vosso favor, Deuses, ó quanto,
 E quão grande louvor terá Parmeno!
 Porque deixando à parte o que em seu gôsto,
 Roubei de uma mulher devassa, e avara 6
 Amor dificultoso por extremo,
 E mui caro de haver: aquela moça,
 Que êle amava, venci dando-lha livre,
 E desembaraçada, sem trabalho; 10
 Sem gasto, sem dispêndio, e sem moléstia.
 Depois estoutra coisa: e certo é esta,
 Que eu cuido haver achado, e descoberto,
 Merecedora, e digna de vitória.

Per que via pudesse um mancebinho 15
 Saber as naturezas, e costumes
 Das mulheres erradas, ante tempo,
 Para que conhecendo-as lhe tivesse
 'f aborrecimento, e ódio eterno:
 As quais enquanto estão fora de casa 20
 Nenhuma coisa é mais pura nem limpa;
 Nem mais composta, nem mais elegante:
 E as quais, quando cos seus amantes ceiam,
 As coisas suaves gostam com fastio.
 Ver, e notar depois a gulodice, 25
 Destas, a sujidade, e a pobreza:
 Quão desonestas estão sempre em casa;
 Quão famintas de tudo; e de que modo
 Um pedaço de pão de rala comem,
 Molhado só no caldo do dia dantes. 30
 Conhecer isto tudo é grão remédio
 Aos mancebinhos. *P.* Juro-te per Pólux,
 Que por êstes tais ditos, e tais feitos
 Eu me vingue de ti; maldade grande,
 Para que, sem lebares o castigo
 Que mereces, de nós não escarneças.

CENA V

PÍTIAS, PARMENO

ARGUMENTO

Nesta Cena Pítias espanta, e atemoriza a Parmeno, como tinha determinado, com um alborôto fingido, ou arruído feitiço, como dizem; e insta, e faz grão fôrça, no princípio implorando a fé, e o socorro dos Deuses, como se naquele negócio nada aproveite o conselho humano: atemorizado Parmeno, se resolve finalmente de declarar, e descobrir tudo ao velho, inda que seja com seu risco. Entra logo exclamando:

Ó Deuses socorrei-me: ó grão maldade!
 Ó Mancebo infelice; ó mau Parmeno,
 Que trouxe a tal estado êste mancebo!
P. Que é isto? *Pí.* Tenho dó dêste coitado:
 Assim que para que não visse o triste, 5
 Fugi desventurada para fora.
 Que tormentos cruéis, e que castigos
 Dizem que se farão no desditoso!
P. Ó Júpiter supremo, que revolta
 Ê, Deus, esta? perdi-me porventura? 10
 Chegarei-me. Isto que é Pítias? que dizes?
 Em quem se hão de fazer êsses castigos?
Pí. Perguntas-mo, atrevido? arruinaste,

- E deitaste a perder de todo a êste
Mancebo, que trouxeste polo Eunuco, 15
Quando por enganar-nos trabalhaste.
P. Que dizes te pergunto? ou que foi feito?
Pí. Eu to direi. Tu sabes porventura,
Que esta donzela que hoje em dom foi dada
A Taís, é Cidadã daqui de Atenas? 20
E seu irmão muito nobre? P. Não sei disso.
Pí. Certamente se achou ser como digo:
Desonrou-a êste mal aventurado.
E aquêl irmão, que é muito turbulento,
Tanto que soube que isto se fizera... 25
P. Que fêz? Pí. Primeiramente atou ao triste,
Com miseráveis, e espantosos modos:
P. Oh, atou-o? Pí. E mais pedindo-lhe por certo
Muito Taís, que tal coisa não fizesse.
P. Que me dizes? Pí. Agora o ameaça 30
Lhe há de fazer depois aquilo mesmo,
Que fazer-se aos adúlteros costuma.
A qual coisa jamais eu vi fazer-se,
Nem quisera que a Quérea se fizesse.
P. Com qual atrevimento uma maldade 35
Tão grande ousa fazer? Pí. Como tão grande?
P. Esta não é grandíssima? Qual homem
Viu nunca em casa de uma cantoneira
Prender, e atar alguém por adultério?
Pí. Não sei. P. Mas para que saibais vós
[outras, 40
Eu vos digo, e declaro, que êle é filho
De nosso amo. Pí. Ah, por vida tua me dize:
Êste é êle? P. Não sofra, nem consinta
Taís, que lhe faça alguém algum agravo.
Mas eu por que não vou dentro? Pí.
[Parmeno, 45

- Olha o que fazes, para que nem sejas
A êle de proveito, e tu pereças:
Porque êles para si têm que isto tudo,
Que foi feito nasceu de ti sòmente.
P. Logo que hei de fazer desventurado? 50
Ou que hei de principiar? Mas eis-que eu vejo
O velho vir do campo. Dar-lhe-ei conta
Disto, ou não? darei certo; pôsto saiba
Que me está grande mal aparelhado.
Mas necessário é que acuda a êste. 55
Pí. És avisado. Eu vou-me para dentro:
Tu lhe conta per ordem tudo como,
E de que modo haja acontecido.

CENA VI

LACHES, PARMENO

ARGUMENTO

Pinta o Poeta nesta Cena ao velho Laches mui descansado, ocioso, e descuidado; para que depois que Parmeno lhe conte como passa o negócio, o mostre, e pinte mais inquieto, e perturbado: porque senpre os males parecem maiores a quem os não espera, e a quem está descuidado, e fora de lhe virem. Assim que cuidando ser verdade o que Parmeno lhe conta, levado do amor paterno, e juntamente da ira, entra furioso em casa de Taís.

Do meu campo, que está junto à Cidade
Esta comodidade tenho sempre:

Não me enfastio dela, nem do campo.

Tanto que me começa a vir fastio,

Mudo lugar. Mas não é este o nosso

5

Parmeno, porventura? o mesmo é certo.

Parmeno, quem esperas a esta porta?

P. Quem me chama? quem é? ó, senhor, folgo

Que venhas com saúde, e bem disposto.

L. A quem esperas? P. Sou de todo morto:

10

A língua de temor está pegada.

L. Oh, que há, por que de medo estás tremendo?

- Dize-me estão em casa as coisas salvas?
- P. Senhor, primeiramente folgaria,
Que tu cuidasses como a coisa passa: 15
O que quer que se fêz dêste negócio,
Não se obrou, nem se fêz por culpa minha.
- L. O quê? P. Bem, belamente perguntaste.
É forçado contar primeiro a coisa.
Comprou meu senhor Fédria um certo
[Eunuco, 20
Para que o desse a esta. L. A quem? P. A Taís.
- L. Comprou? perdido sou certo: por quanto?
- P. Por oitenta mil réis. L. Sou destruído.
- P. Além disto, ama Fédria nesta casa
Uma certa donzela tangedora. 25
- L. Que dizes? tem amores porventura?
Já sabe que coisa é mulher do mundo?
Veio-se do Pireu para a Cidade?
Isto é mal sôbre mal. P. Senhor não olhes
Para mim dêsse modo; não faz êle 30
Essas coisas assim per meu impulso.
- L. Acaba, deixa já de desculpar-te,
Ó digno de trazer a força sempre:
Eu te farei... se vivo... mas primeiro
Me dize, e me declara o que isto seja. 35
- P. Êste em lugar do Eunuco foi levado
A casa de Taís. L. Em lugar do Eunuco?
- P. Assim é: depois disto o compreenderão;
E como adúltero, o prenderão dentro.
- L. Morto sou. P. Considera o atrevimento 40
Das mulheres erradas, de partido.
- L. Porventura fica outro mal, ou dano
Que tu não tenhas dito? P. Não fica outro.
- L. Deixo eu de entrar com ímpeto lá dentro?
- P. Nenhuma dúvida há, que dêste feito 45

Me venha algum mal grande: senão que isto
Foi forçado fazer. Por isso folgo,
Que haja de vir algum mal grande a êstes
Por meu respeito só: porque há já muito
Que êste velho buscava alguma causa,
Por que fizesse algum famoso feito:
Agora a causa achou para fazê-lo.

CENA VII
PÍTIAS, PARMENO
ARGUMENTO

Sai nesta Cena Pítias ao teatro arrebentando de riso, polo escárnio que fizera a Parmeno; e rindo-se juntamente do velho Laches, por entrar dentro em casa tão furioso, cuidando se fazia lá dentro algum grande mal ao filho, e achando a Parmeno lhe conta o que se passou, dando-lhe vaia.

- Jamais nunca per Pólux coisa alguma
Me tem acontecido há muito tempo
Que eu mais quisera que me acontecesse,
Que aquela pola qual o velho Laches
Entrou agora dentro em nossa casa, 5
Errado na opinião falsa que tinha.
A mim só deu que rir; que eu só sabia
O que êle receava. *P.* Mas que é isto?
Pí. Saio por isto agora, porque encontre
A Parmeno: mas, rogo, onde está êle? 10
P. Esta me busca a mim pola ventura?
Pí. Mas ei-lo vejo ali, chegar me quero.
P. Ignorante, que tens? que dizer queres?
Porque te ris? ainda perseveras?
Pí. Arrebento de riso; e mui cansada 15
Estou coitada já de escarnecer-te.
P. Per Pólux, que não vi, nem verei nunca

- Homem mais ignorante. Ah, já não posso
 Dizer tanto que baste, de que jogos, 20
 E zombarias fôste a todos causa:
 E contudo te tinha no princípio
 Por um homem discreto. *P.* Que me dizes?
- Pí.* Era forçado que tu cresses logo
 As coisas que te disse? ou porventura 25
 Te parecia pouco aquêlê insulto
 Que, sendo tu o autor, fêz o mancêbo;
 Se inda além disso não manifestaras
 O desaventurado a seu pai mesmo?
 Porque, que ânimo cuidas tu que o triste 30
 Tivesse, quando o pai lhe viu vestido
 O vestido de Eunuco? *P.* Que me dizes?
- Pí.* Certificado estás que já morreste.
P. Oh, que disseste, péssima malvada?
 Porventura mentiste? Ris-te ainda? 35
 Pareceu-te, ó perversa, tão gracioso
 O zombar, e fazer de nós escárnio?
- Pí.* Muito mo pareceu. *P.* Se certamente
 Passares sem castigo. *Pí.* É verdade?
P. Certo to pagarei na mesma moeda. 40
Pí. Eu to creio: mas estas ameaças,
 Porventura, Parmeno, que compridas,
 E dilatadas sejam; mas tu cedo
 Haverás o castigo merecido,
 Que infamas o ignorante mancebinho, 45
 Com mil bargantarias, e o descobres.
 Um, e outro filho, e pai te darão logo
 Exemplares castigos. *P.* Não sou nada.
- Pí.* Tal honra, e prêmio tal tens alcançado 50
 Dêle, pola mercê que lhe fizeste.
 Vou-me. *P.* Eu desventurado per indício
 Meu próprio morri hoje como o rato.

CENA VIII
 GNATO, TRASO
 ARGUMENTO

É para considerar nesta Cena em que estado tem pôsto ao soldado a lisonjearia, e adulação do pérfido Chocarreiro: porque lhe tinha dito que Taís o havia ainda de rogar, e de sua própria vontade, sem ninguém a obrigar, se lhe havia de vir deitar aos pés pedindo-lhe misericórdia; e êle agora morre por se lhe sujeitar, e entregar de todo, polo exemplo de Hércules, o qual por fazer a vontade a Ônfale, fiou diante dela. Sai logo dizendo Gnato:

- G.* Que fazemos agora? que esperança,
 Ou com que pensamentos, e conselho
 Para aqui caminhamos? que maquinas
 Ó Traso? *T.* Eu? determino a Taís render-me,
 E obedecer a tudo o que me mande. 5
- G.* Que é isso que me dizes? *T.* Por que menos
 A servirei, do que Hércules a Ônfale?
- G.* Agrada-me êsse exemplo. A Deus apraza,
 Que co'um chapim eu mesmo veja que ela
 A cabeça te rompe. Mas as portas 10
 Da sua casa estrépido fizeram.
 Perdido estou. *T.* Que novo mal é êste?
 Eu nunca vi tal homem: e por que causa
 Virá êle apressado, e muito alegre?

CENA IX

QUÉREA, PARMENO, FÉDRIA, GNATO, TRASO

ARGUMENTO

Nesta Cena última desta Comédia pinta o Poeta a pessoa de Quérea alegre em grande maneira, como costumam os mancebos nas coisas de seu gosto, que lhe sucedem prósperamente, já certo de que há de celebrar as bodas com Pânfila. Contém-se nela a reconciliação de Fédria com Traso: escapa Parmeno do perigo em que se via: assim que todos ficam contentes, e alegres. Quérea finalmente vindo saltando de prazer pelas bodas que se aparelhavam, diz para o povo, instruindo-o de tudo o que passou em casa de Taís:

Ó vós outros que sois ao povo gratos,
Vive alguém porventura neste dia,
Mais bem afortunado, do que eu vivo?
Por Hércules ninguém: porquanto os Deuses
Todo seu poder, certo, em mim mostraram;
Com quem cômodos tantos tão repente
Concordaram. P. Por que está êste alegre?

Q. Parmeno, amigo de mus gostos todos
Inventor, perfector, principiadôr:
Sabes tu porventura em que alegrias,
E em quais contentamentos estou pôsto?

- Sabes que se achou ser a minha Pânfila Cidadã? *P.* Isso mesmo tenho ouvido.
- Q.* E sabes que me foi já prometida? 15
- P.* Assim me queiram bem os Deuses todos, Que dar-me não podias melhor nova.
- G.* Ouve-lo porventura? o que diz êle?
- Q.* Além disso me alegre sumamente, Que tenha meu irmão Fédria em seguro Todos os seus amores. Uma casa 20
- Tôda é já. Taís se tem encomendado A meu pai; e se tem de todo entregue Na nossa proteção, e na fé nossa.
- P.* Finalmente, que Taís tôda é de Fédria?
- Q.* Sem dúvida. *P.* Isto já é outra coisa, 25
- Pola qual alegrar bem nós podemos: O soldado de todo é excluído.
- Q.* Faze tu finalmente que estas coisas Onde quer que estiver meu irmão, ouça.
- P.* Quero-me ir para casa. *T.* Porventura 30
- Duvidas Gnato tu que não sou morto Para sempre sem fim? *G.* Sem falta o cuido.
- Q.* De que farei menção primeiramente? Ou a quem louvarei mais sôbre tudo?
- A quem me aconselhou que isto fizesse, 35
- Ou a mim que me atrevi dar-lhe princípio? Ou darei os louvores à fortuna, Que foi governadora? e que num dia Concluiu tantas coisas, e tão grandes, Tão oportunamente, e a tão bom tempo? Ou à facilidade tão benigna 41
- De meu pai? Ó grão Júpiter, conserva Te rogo, e nos defende êstes bens todos.
- F.* Deuses, imploro, e chamo o favor vosso. 45
- Que coisas me contou Parmeno agora

- Tão incríveis! mas em que lugar, e onde Estará meu irmão? *Q.* Aqui presente.
- F.* Muito me alegre, Quêrea. *Q.* Bem o creio. 50
- Nenhuma coisa é mais digna que se ame, Irmão meu, que esta Taís amiga tua. De tal maneira ampara, e favorece Tôda a nossa família. *F.* Hui, tu ma louvas?
- T.* Perdido sou de todo. Quanto menos De 'sperança há em mim, tanto mais amo. 55
- Muito te rogo, ó Gnato, em ti está posta Tôda a minha 'sperança. *G.* Tu que queres Que eu faça? *T.* Acaba tu isto com rogos, Ou com preço; que num cantinho ao menos Em casa estar de Taís possa. *G.* É difícil.
- T.* Se quiseste fazer alguma coisa, 60
- Acabas tudo enfim; eu te conheço. Se isto fizeres tu, de mim deseja E 'spera qualquer dom, e prêmio grande; Êste haverás de mim dom desejado.
- G.* Há de ser isso assim? *T.* Será sem falta. 65
- G.* Se eu puder acabar isso que dizes, Quero que a tua casa sempre aberta Esteja para mim a todo o tempo, Estando tu presente; e estando absente; E sempre lugar tenha não chamado. 70
- T.* Dou-te minha palavra que assim seja.
- G.* Eu me aparelharei. *F.* Mas eu quem ouço? Neste lugar? ó Traso. *T.* Deus vos salve.
- F.* Tu não sabes, ó Traso, porventura As coisas que aqui foram? *T.* Bem sei tudo. 76
- F.* Por que te vejo logo nestas partes?
- T.* Estou confiado na clemência vossa.
- F.* Sabes quão confiado, e quão seguro? Ó soldado, eu te digo, e te declaro,

- Se te achar nesta rua d'hoje em diante, 80
 Que não te há de valer dizer, buscava
 A outrem: por aqui fiz meu caminho.
 Faze conta que és morto. *G.* Eia, acaba,
 Não te está bem falar dessa maneira.
- Q.* Acabou-se; está dito. *G.* Eu não conheço 85
 Por tão soberba a vossa natureza.
- F.* Assim será. *G.* Primeiramente ouvi-me
 O que dizer vos quero brevemente:
 A qual coisa depois que tiver dito,
 Se ela vos vier bem fareis. *F.* Ouçamos.
- G.* Um pouco para ali te afasta, Traso. 91
 Eu quisera primeiramente que ambos
 Me crêreis que o que faço nesta coisa,
 Por meu proveito o faço totalmente.
 Mas se isto mesmo vos é proveitoso, 95
 Não o fazerdes é grande ignorância.
- F.* Que coisa é essa? *G.* Eu julgo, e me parece,
 Que este soldado competidor teu
 Deve ser recebido na tua graça.
- F.* Oh, recebido? *G.* Considera agora, 100
 Tu certo, Fédria, vives a teu gosto
 Com ela; porque a vida sustentando
 Vás também como queres; e é pouco
 Aquilo que lhe dás; e é necessário
 Que Taís aceite, e que receba muito,
 Para que sem despesa tua possa 106
 Servir ao teu amor: para estas coisas
 Tôdas, não há ninguém mais oportuno,
 Nem que convenha mais ao teu proveito.
 Ele primeiramente tem que dar, 110
 E ninguém há que dê mais largamente.
 É néscio, sem sabor; é mui grosseiro:
 Ronca dias, e noites: não receies,

- Que Taís lhe tenha amor: quando quiseres
 O lançarás mui facilmente fora. 115
- F.* Que fazemos? *G.* E mais também tem isto,
 A qual coisa por mais principal tenho:
 Ninguém melhor convida a qualquer homem,
 Nem mais benigna, nem mais largamente.
- F.* É maravilha certo, senão temos 120
 Grande necessidade daquele homem,
 De qualquer modo. *Q.* O mesmo me parece.
- G.* Fazeis tudo mui bem. Também vos peço
 Uma só coisa: que no vosso grêmio
 Me recebais: há já mui largo tempo, 125
 Que trabalho por ver isto acabado.
- F.* Recebemos. *Q.* E muito de boamente.
- G.* E eu por esta mercê, que me fizestes
 Fédria, e Quérea, também vos ofereço
 Este soldado, para ser comido 130
 De nós, e escarnecido. *Q.* Isso me agrada.
- F.* Disso, e de tudo o mais é certo digno.
- G.* Traso, onde quer que estás, podes chegar-te.
- T.* Rogo me digas: pois que temos feito?
- G.* Quê? não sabiam estes quem tu eras; 135
 Depois que lhe mostrei os teus costumes,
 E te louvei, segundo as obras tuas,
 Teus feitos, teu valor; alcancei tudo.
- T.* Tens tudo mui bem feito; eu te dou graças
 Infinitas, e tantas quantas posso. 140
 Nunca jamais estive em parte alguma,
 Que não me amassem todos grandemente.
- G.* Não vos disse eu que tinha este eloquência
 Ática? *F.* Por dizer nada deixaste.
- G.* I-vos por aqui todos. Vós, senhores,
 Ficai embora; e honrai ao nosso Poeta.

HEAUTONTIMORUMENON

INTERLOCUTORES DA COMÉDIA:

Cremes, *velho*.

Menedemo, *velho*.

Clitifo, *mancebo*.

Clínia, *mancebo*.

Ciro, *criado*.

Dromo, *criado*.

Báquis, *mulher errada*.

Antífila, *dama*.

Sóstrata, *matrona*.

Uma ama.

Frígia, *criada*.

ARGUMENTO DE TÔDA A COMÉDIA

Sentindo-se prenhe a mulher de Cremes, o marido a ameaça, que se pare filha, a não há de mandar criar, nem a há de ter por essa: pare ela uma menina, a qual com mêdo do marido, entrega secretamente a uma velha de Corinto, para se haver de criar. Cresce a menina, e Clínia filho de Menedemo se namora ardentissimamente dela contra vontade de seu pai; por cuja dureza, e contínuas brigas, é constrangido o mancebo a se partir para a guerra, cuja partida o pai sente tanto, e tão grandemente se arrepende de ser causa dela, que vende tudo quanto tem, e compra fora da Cidade uma herdade, e um campo, em que trabalha de dia, e de noite; de maneira que escassamente tem tempo para comer, nem para dormir; e isto faz para que em si tome vingança do agravo que fêz ao filho. Pouco tempo depois torna Clínia, e sem que o saiba o pai, se vai a casa de Clitifo, filho de Cremes: tinha êste mancebo conversação com uma mulher errada, chamada Báquis. Manda Clínia chamar a Antífila (que assim se chama a moça, per cujo respeito o pai o obrigou a se partir para a guerra) vem a moça, e Báquis juntamente com ela; e pelos enganos, e enredos de Ciro fingem que esta Báquis é amiga de Clínia: levam a Antífila a casa de sua mãe, por ocasião da qual, Ciro tira das mãos do velho Cremes duas minas, que pela conta de Budeu,

vem a ser vinte cruzados, para Báquis amiga de Clitifo. Vem-se a descobrir no fim, que esta Antífila é irmã de Clitifo; pela qual razão se dá por mulher ao amante Clínia. Cremes pressentindo os amores do filho com a Cantoneira Báquis se acende em furor, e ameaçando-o o trata mal de palavra; mas sendo intercessor, e metendo-se de permeio Menedemo, lhe perdoa, e lhe busca outra mulher com quem o casa.

ARGUMENTO DO PRÓLOGO

Neste Prólogo, que também é relativo como os outros das duas Comédias antecedentes, mostra o Poeta, pelo seu Autor, uma pequena de alteração, e paizão: porque nêle se purga, e desculpa das objeções que lhe foram postas; mordendo, e repreendendo agra, e pesadamente o adversário. E nêle acarreta o Autor ocasião, fazendo a seu caso, para dizer qual foi a razão que o moveu a tomar à sua conta representar esta Comédia: e no fim per vários modos capta a benevolência dos Ouvintes.

PRÓLOGO

Para que algum de vós se não espante
De que o Poeta desse a um velho o officio,
Que só convém, e é próprio de mancebos;
Isto direi primeiro: e depois disto,
Direi por que razão vim ao teatro. 5
Hei de recitar hoje uma Comédia
Inteira; traduzida duma inteira
Grega, chamada Heautontimorumenon;
Que sendo dúplex, Grega, e mais Latina
É só feita de simples argumento. 10
Mostrei-vos ser de novo traduzida,
Qual ela fôsse, e como se chamasse.
Se eu não cuidara agora que a mor parte
De vós sabia quem a traduzira,
E cuja fôsse a Grega; isso dissera. 15
Agora vos direi com muito poucas
Palavras, porque tomo à minha conta
Estas partes, e officio. Quis o nosso
Poeta, que autor fôsse eu, e não Prólogo.
Seguii vosso juízo, e por autor 20
Me deu: mas este autor poderá tanto
Pela facúndia, quanto inventar pode
Aquêle que compôs comodamente
Esta oração, que hei de dizer agora.
Mas porque os maldizentes têm lançado 25
Fama, que desmembrou muitas Comédias

Gregas, enquanto fêz poucas Latinas:
 Ele não nega que isto assim foi feito;
 Nem inda de fazê-lo se arrepende:
 E afirma que o fará d'hoje em diante.
 Ele tem de Varões doutos exemplo,
 Pelo qual cuida, e entende ser-lhe lícito
 Fazer aquilo que êles já fizeram.
 Vosso juízo depois, vosso discurso
 Nisto terá lugar, que aquêles antigo
 Poeta maldizente diz, que o nosso
 Se deu, e se applicou subitamente
 A compor as Comédias, confiado
 No engenho dos amigos, não na sua
 Natureza: portanto folgo, e quero
 Que todos quantos sois sejais rogados,
 Para que ter maior poder não possa
 A oração dos injustos, que a dos justos.
 Trabalhai que sejais justos juizes;
 Dai licença que vão crescendo as novas
 Comédias; dai licença digo àqueles
 Que as dão de que sem vícios sejam vistas.
 Não cuide aquêles que por si foi dito,
 Digo aquêles Poeta que há mui pouco
 Fêz que na rua o povo se afastasse
 Por dar lugar a um servo que corria.
 Por que há de obedecer a um servo néscio?
 Se êle não fizer fim de dizer males
 Dirá mais coisas de seus vícios torpes,
 Quando outras fizer novas o Poeta.
 Dai com ânimo igual favor, e ajuda;
 Dai-me licença que me seja lícito
 Representar, per via do silêncio
 A Comédia quieta, e repousada:
 Para que nem eu sempre contrafaça

30

35

40

45

50

55

60

Um criado que corre, um velho irado;
 Um Chocarreiro comilão, guloso;
 E um caluniador torpe, e sem pejo:
 Um sujo, e avarento alcoviteiro,
 Sempre com grande grita, e grão trabalho.
 E persuadi-vos que esta coisa é justa
 Por meu respeito; porque se me tire
 Dêste grande trabalho alguma parte.
 Porquanto aquêles que compõem as novas
 A mim, que velho sou, nada perdoam.
 Se alguma tem que seja trabalhosa,
 Todos se vêm a mim: mas se ela é leve
 A outro vil rebanho é lavada.
 A oração, e 'Stilo nesta é puro.
 Experimentai em uma, e outra parte
 O que valha, e o que possa o meu engenho.
 Se pus preço jamais avaramente
 À minha arte; e se tive que era ganho
 Muito grande servir aos vosso cômodos.
 O exemplo ponde em mim, para que os moços
 Trabalhem sempre só por contentar-vos,
 E não per interesse, e seu proveito.

65

70

75

ATO I

CENA I

CREMES, MENEDEMO, velhos

ARGUMENTO

Nesta primeira Cena se mostra a repreensão que o velho Cremes dá a Menedemo também velho, e amigo seu; e juntamente o conselho com o qual trabalha pelo desuadir de seu intento, o qual era atormentar-se, e afligir-se trabalhando todo o dia, sem cessar; tomando em si a vingança de sua rígida, e áspera condição, que foi causa de que o filho se absentasse, e se fôsse à guerra: e finalmente se mostra o pouco caso que Menedemo faz do conselho, e repreensão de Cremes.

Ainda que entre nós é muito novo
Este conhecimento, e amizade,
Só por esta razão; porque mereaste
Aqui junto de mim um campo, e quinta,
Nem nunca houve mais outra, que a que digo:
Contudo, ou tua virtude, ou o ser vizinho. 6
(O que eu ponho na parte mais propínqua
D'amizade) me obrigam a repreender-te
Ousada, e livremente, e como amigo.
Porque não me parece que tu fazes 10
Aquilo que convém à tua idade,
Nem o que te persuade o teu proveito.

- Porque (ó valha-me Deus!) que determinas?
 E que é o que pretendes, e o que buscas?
 És já, como compreendo, de sessenta, 15
 Ou de mais anos, e pessoa alguma
 Nestas partes não tem melhor herdade,
 Nem que mais valha; nem tem mais criados.
 E tu com tanta instância o cargo dêstes
 Abraças, como se nenhum tiveras. 20
 Nunca de casa já saio tão cedo,
 Nem tão tarde jamais a casa torno,
 Que não te veja nesta tua herdade,
 Ou cavar, ou lavar, ou fazer outra
 Qualquer coisa; nem perdes finalmente 25
 Jamais tempo; nem tens conta contigo;
 E sei decerto, que estas coisas tôdas
 Te não dão gôsto algum. Mas dir-me-ás certo:
 Pesa-me, e tenho dor de ver quão pouco
 Trabalho aqui se faz. Se tu tomares 30
 Êste tempo, que gastas trabalhando,
 Em os exercitar nesse trabalho,
 Mais proveito te fôra, e mais fizeras.
- M.* Ó Cremes, tão ocioso porventura
 Estás de teus negócios, que te metes 35
 Nos alheios, que nada te pertencem?
- C.* Sou homem, e não cuido que não tenha
 Alguma coisa fora, e alheia de homem.
 Considera, que ou nisto te aconselho,
 Ou te pergunto porque assim o fazes. 40
 Isto é justo que faça; e não é justo,
 Que te tire do teu tenaz propósito.
- M.* Fazer isto que faço é meu proveito:
 Tu faze o de que tens necessidade.
- C.* Porventura algum homem tem proveito 45
 De a si se atormentar? *M.* Eu certo o tenho.
- C.* Se houvera algum trabalho no que fazes

- Eu certo o recusara. Mas que é isto?
 Que mal tão grande é êste? Por que causa
 Tão rigoroso contra ti te mostras? 50
- M.* Ai. *C.* Não chores; e faz que eu conheça
 Qual seja êste teu mal, e não mo encubras,
 Nem te pejes; e crê-me que sem falta
 Digo te ajudarei, dando-te alívio,
 Ou com conselho, ou com efeito, e obra.
- M.* Queres saber enfim isto que pedes? 56
- C.* Por esta mesma causa que te disse.
- M.* Tudo te será dito. *C.* Mas entanto
 Põe de parte êste ancinho, e não trabalhes.
 Em nenhuma maneira. *C.* Que é o que fazes?
- M.* Deixa-me trabalhar porque não gaste 61
 Algum do tempo em vão, e sem trabalho.
- C.* Não consentirei, digo, isso que queres.
- M.* Ah, tu, Cremes, não fazes o que é justo.
- C.* Hui, dize, rogo, tão pesado ancinho? 65
- M.* Inda isso, e mais mereço. *C.* Fala agora.
- M.* Um filho-único tenho mancebino:
 Ah, mas que disse tenho? antes, ó Cremes,
 O tive; agora é coisa duvidosa
 Se o tenho, ou não. *C.* Por que me dizes isso?
- M.* Saberás tudo. Aqui reside perto 71
 Uma velha estrangeira pobrezinha,
 Que veio da Cidade de Corinto.
 Êle a amar começou desta uma filha
 Tão miseravelmente, que mui pouco 75
 Faltou, que por mulher a não tomasse.
 Escondido de mim fazia tudo.
 Tanto que sabedor fui do negócio
 Comecei de tratar sem piedade,
 E desumanamente o miserável 80
 Ânimo do mancebo; não como era
 Decente; mas per fôrça, e pelo modo

- Comum dos pais; e cada dia, e sempre
 Lhe dava repreensões, assim dizendo:
 Oh, 'speras tu, que sendo eu teu pai vivo,
 Fazer te seja lícito, estas coisas 86
 Longo tempo; e que tenhas uma amiga
 Quase já em lugar de mulher própria?
 Errado estás, ó Clínia, se crês isso;
 Não me conheces bem. Eu tão sòmente 90
 Quero que por meu filho sejas tido;
 Enquanto o que fôr justo, e de ti digno
 Fizeres: mas se não fizeres isto,
 Procurarei fazer aquilo mesmo,
 Que fazer contra ti lícito seja. 95
 De nenhuma outra coisa te nasce isto,
 Senão de ociosidade, e muito mimo.
 Eu nessa tua idade não me dava
 Ao torpe amor; mas fui-me desta terra
 Para Ásia constrangido da pobreza; 100
 E aí fazenda, e glória juntamente
 Adquiri na milícia pelas armas.
 Chegou o negócio finalmente a tanto,
 Que o mancebinho ouvindo muitas vêzes,
 E mui pesadamente as mesmas coisas 105
 Ficou vencido; e logo persuadiu-se,
 Que eu por razão da idade, e juntamente
 Pelo amor que lhe tinha, mais sabia
 Que êle o que lhe convinha: foi-se, ó Cremes,
 A militar em Ásia ao Rei dela. 110
C. Que dizes? *M.* Foi-se, não sabendo eu nada;
 Três meses há que está de mim ausente.
C. Repreensão mereceis ambos sem falta:
 Pôsto que tal propósito é mui grande
 Sinal de valoroso, e de prudente 115
 Ânimo; e não de fraco, e apoucado.
M. Quando o vim a saber daqueles mesmos,

- Que eram da sua partida sabedores,
 Deseconsolado, e triste torno a casa,
 E com ânimo quase perturbado, 120
 E pela dor, incerto, e duvidoso
 Em assento. Vêm correndo logo os servos;
 As chinelas me tiram; outros vejo
 Darem-se muita pressa; e pôr a mesa
 Aparelhar a Ceia: qualquer dêles, 125
 E cada um per si fazia aquilo
 Que tinha à sua conta com cuidado,
 Para me aliviar minha miséria.
 Tanto que vejo tôdas estas coisas
 Começo a imaginar, dizendo: ah, tantos
 Servos por minha causa andam solícitos,
 Para que só me façam a vontade?
 Que me dêem de vestir tantas criadas:
 E que eu só faça em casa tantos gastos?
 Mas eu por meu rigor, minha injustiça,
 Lancei fora de casa ao sem ventura 136
 Único filho meu, a quem convinha
 Servir-se destas coisas igualmente,
 Ou inda mais: porquanto aquela idade
 Para delas servir-se é mais idônea. 140
 Se tal coisa fizer, me terei certo
 Por digno de qualquer grande castigo.
 Porque enquanto êle aquela vida pobre
 Passando vai, da pátria carecendo,
 Polas injúrias que lhe tenho feito, 145
 Pagar-lhe-ei, entretanto êle padece,
 Com castigar-me, trabalhando sempre;
 Grangeando-lhe, poupando-lhe, e servindo-o.
 Desta maneira o faço totalmente.
 Nada deixei nas casas; nem vestido, 150
 Nem vaso: ajuntei tudo, e varri tudo:
 As escravas, e os servos: (fôra aquêles,

- Os quais mui facilmente exercitassem
O seu gasto; lavrando a terra, e campo) 155
Todos pus em pregão, e vendi todos.
As casas pus em venda por escrito:
Quinze talentos, pouco mais, ou menos
Disto tudo ajuntei: merquei êste campo;
Aqui nêle me canso, e exereito:
E persuadi-me, ó Cremes, que assim faço
Aquele filho meu menos agravo; 161
Entanto, enquanto fôr desventurado:
E que justo não é que eu goze, e logre
Aqui gôsto nenhum, senão quando êle,
Herdeiro de meus bens, se tornar salvo. 165
C. Entendo que és de natureza brando
Para teu filho, e que êle te é sujeito.
Se alguém cômodamente, e quando fôra
Tempo o tratara bem: porém nem êle
A ti, nem tu a êle conhecias. 170
Não se vive, onde há isto, retamente:
Tu nunca lhe mostraste em quanta estima
O tinhas; e êle não se atreveu nunca
De ti confiar aquelas mesmas coisas,
Que confiar de um pai é justo, e lícito.
O que se fôra feito dêste modo, 176
Estas coisas jamais te acontecerão.
M. Assim é como dizes, e o confesso:
Eu pequei gravemente. *C.* Menedemo,
Eu contudo 'sperança tenho firme, 180
Que aqui será depressa são, e salvo.
E assim confio, que será mui cedo.
M. Oxalá que isso mesmo os Deuses queiram.
C. Sim quererão. Agora se quiseres,
E se te bem vier, desejo que hoje 185
Em minha casa meu hóspede sejas;
Porque hoje são aqui as festas de Baco.

- M.* Não posso. *C.* Por que não? rogo-te muito
Que te poupes um pouco, e que descanses:
O mesmo filho absente quer que o faças. 191
M. Não é justo que fuja do trabalho
Agora, pois o constrangi ao mesmo.
C. Isso te parece? *M.* Isto. *C.* Fica embora.
M. Tu também vai-te embora. *C.* Fêz-me certo
Chorar, e compaixão dêle, e dó tenho.
Mas enquanto é de dia é necessário 196
Avisar êste meu vizinho Fânia,
Que venha ceiar comigo. Já avisá-lo
Necessário não é: muito há que dizem,
Que em minha casa está já aparelhado.
Eu mesmo só detenho os convidados. 201
Ir-m'ei logo daqui lá para dentro.
Mas as portas porque razão ringiram?
Quem sai fora de minha casa agora?
Desviar-me quero para aqui um pouco.

CENA II

CLITIFO, CREMES, CLÍNIA

ARGUMENTO

Nesta Cena se mostra, per Clitifo, a inquietação, e cuidado de Clínia vindo de Asia, acêrca da amiga; e o favor que lhe dá o mesmo Clitifo amigo, e companheiro seu, descobrindo, e contando com grande gôsto a seu pai Cremes a sua vinda de Asia. Mostra-se mais o modo, e regra de viver que o mesmo Cremes dá ao filho dela, e moralmente, com o exemplo de Clínia.

- Clit.* Inda, Clínia, não há coisa que temas:
Não tardam inda. Eu tenho por sem dúvida,
Que hoje a terás aqui coo mensageiro.
Portanto lança fora êsse cuidado
Vão, que tanto te aflige, e te atormenta. 5
- Cr.* Com quem fala meu filho? *Cl.* Está presente
Meu pai, que desejei achar nesta hora.
Falar-lhe-ei logo. Ó pai, a mui bom tempo
Chegas. *Cr.* Que coisa é essa? *Clit.* Porventura
Conheces Menedemo, êste vizinho 10
Nosso? *Cr.* Muito bem. *Cl.* Sabes tem um filho?
- Cr.* Ouvi dizer, que estava absente em Ásia.
- Cl.* Já lá não está, meu pai; na nossa casa
Está. *Cr.* Que dizes tu? *Cl.* Desembarcando

Enfado e rabujento: e rabujento: 51
E agora, pai, e senhor, nada mais temo
Que êle indignado faça alguma coisa 51
Contra o filho mais do que é razão. *Cr. Êle?*
Mas quero reprimir-me: porque a êste
É de proveito tê-lo sempre em mêdo.
Cl. Que falas tu contigo? *Cr.* Dir-to-ei logo. 55
De qualquer modo que o negócio fôra,
Justo fôra ficar, e não partir-se.
Era quiçá um pouco mais severo,
Por amor da lascívia de seu filho:
Sofrera-o: porque, a quem sofrer pudera,
Se seu pai não sofrera? Porventura 61
Era justo, e razão que vivera êle
Ao modo de seu pai; ou que ao seu modo
Seu pai vivera? e quanto ao que o acusa
D'aspereza, não no é: porque as injúrias
Dos pais, são de um modo quase tôdas 66
Contra o filho perverso, e insofrível.
Os pais não querem que andem de continuo
Os filhos velhaqueando; e menos querem
Que andem sempre em banquetes, e
[merendas. 70
Dão-lhe para seu gasto coisa pouca.
E tôdas estas coisas são contudo
Necessárias para adquirir virtude.
Porém quando uma vez a mente doida
Se enredou no desejo pernicioso,
É forçado, Clitifo, que consigas
Semelhantes conselhos. Isto é certo:
Saber tomar dos outros experiência
Naquilo que te seja de proveito.
Cl. Assim o creio. *Cr.* Ir-me-ei lá para dentro.
Tu, enquanto é de dia olha, se queres,
Que daqui não te apartes para longe.

ATO II

CENA I

CLITIFO

ARGUMENTO

Fica Clitifo só no teatro, onde se queixa do pai, como é costume dos mancebos, que sofrem mal os preceitos, e conselhos paternos, quando com elles os querem desviar de seus desconsertos, e desordenados appetites. Descobre-se mais nesta Cena o que fazem os pais inconsiderados, que vivendo na sua mocidade um pouco mais livremente do justo, e honesto contam diante dos filhos o que lhe aconteceu, e o que fizeram sendo mancebos; o que é causa de os deitar a perder.

Ó quanto os pais severos são injustos
Juizes, contra todos os mancebos!
Os quais julgam ser lícito, e ser justo
Que nós logo de moços já nasçamos
Velhos; e não que estamos já chegados 5
As coisas que requer a mocidade.
Pola sua vontade nos governam,
Não a que dantes foi; mas a que é agora.
Se eu alguma hora tiver algum filho,
Ele me terá certo por benéfico: 10
Que eu lhe darei lugar, e faculdade
De conhecer, e perdoar a culpa:

Não como o meu, que polo exemplo alheio
 Mostra o que lhe parece. Sou perdido.
 Quando êle bebe um pouco demasiado, 15
 Que façanhas me conta! dize-me agora
 Experiência toma tu nos outros,
 A qual te possa ser de utilidade.
 É sagaz; mas por certo mal sabe êle
 Que fábula me conta, sendo surdo. 20
 Mais me cansam da amiga estas palavras:
 Dá-me, e traze-me: à qual não sei, nem tenho
 Que possa responder-lhe. Não há certo
 Alguém, que mais que eu seja miserável:
 Porque êste Clínia, pôsto que se aflija, 25
 E tenha de suas coisas ânsia grande,
 Tem contudo a amiga honestamente
 Ensinada, e criada; e que não sabe
 Nenhuma coisa da arte meretrícia.
 Mas a minha é magnífica, e potente, 30
 Despejada, soberba, alagadeira.
 E de mais disto tenho eu bem que dar-lhe;
 E dizer-lhe que nada tenho, é 'serúpulo.
 Não provei dantes êste mal d'amores,
 E nem meu pai o tem sabido ainda.

CENA II

CLÍNIA, CLITIFO

ARGUMENTO

Maravilhosamente exprime o Poeta nesta Cena o cuidado, e a inquietação de um amante, a quem as horas parecem dias, e os dias anos, quando espera ver a sua amada: porque o amor, como disse Ovídio, é uma coisa cheia de inquieto, e solícito temor. Assim que Clínia se mostra aqui solícito, e afligido pola tardança da sua amiga, dizendo assim:

Se as coisas do meu amor me foram prósperas,
 Eu sei que muito há já teriam vindo:
 Mas eu tenho temor que estando ausente
 Esta mulher não fôsse convencida,
 E com dinheiro, e dádivas corruta. 5
 Muitas opiniões concorrem certo,
 Que me acrescentam mais esta suspeita:
 O lugar, a ocasião, a nova idade;
 A mãe perversa, a quem nenhuma coisa
 É grata, senão é preço, e dinheiro. 10

Clit. Clínia. Cl. Ai triste de mim desventurado.

Clit. Também te guarda que alguém te não veja
 De casa de meu pai saindo acaso.

Cl. Assim o farei: mas eu não sei por certo

- Que desventura a mente me adivinha. 15
- Clit.* Intentas tu julgar isto primeiro,
Do que saibas qual a verdade seja?
- Cl.* Já aqui fôra se algum mal não houvera.
- Clit.* Logo virão. *Cl.* E quando será isso?
- Clit.* Não consideras que estão daqui longe? 20
Nem sabes os costumes das mulheres?
Enquanto se consertam, e se enfeitam
Passa um ano. *Cl.* Ó Clitifo, tenho medo...
- Clit.* Respira. Eis Dromo, e Ciro aqui tens juntos.

CENA III

CIRO, DROMO, criados. CLÍNIA, CLITIFO

ARGUMENTO

É toda esta Cena cheia de temor, e de suspeita, que afligem grandemente a Clínia, e a Clitifo; mas Ciro socorre a ambos. livrando-os de uma, e outra coisa; e descobre a Clínia a honestidade de Antífila, sua vida, e costumes; o que lhe é causa de grandíssimo contentamento: e com admirável atrevimento leva a ceiar a casa do pai de Clitifo a Báquis sua amiga, fingindo que o é de Clínia: e isto com tal astúcia, e dissimulação, que gratifica a Clitifo, e não ofende o pai. Tinham-se adiantado Ciro, e Dromo de Báquis, e da mais companhia; e vinham parece falando sobre alguma coisa que lhe importava, e por isso entrando no teatro, diz Ciro a Dromo:

- C.* Isso dizes? *D.* Assim é, como digo.
Mas, entretanto vínhamos falando,
Elas foram de nós atrás deixadas.
- Clit.* Aqui tens a mulher; ouves tu, Clínia?
- Cl.* Agora finalmente ouço por certo, 5
E vejo, e estou, Clitifo bem disposto.
- Clit.* Maravilha não é se atrás ficaram:
Tem grande impedimento, porque trazem

- Uma multidão grande de criadas.
- Cl.* Morto de todo sou; donde tem tantas 10
Criadas? *Clit.* Isso, Clínia, me perguntas?
- C.* Não foi justo deixá-las, porque trazem
Algumas coisas. *Cl.* Ai de mim coitado.
- C.* Ouro, vestido; e vai já sendo tarde, 15
E não sabem caminho, nem carreira.
Foi feito o que fizemos nesciamente:
Vai tu, Dromo, depressa a encontrá-las.
Que 'speras? *Cl.* Ai de mim desventurado!
De que 'sperança descaí tão grande!
- Clit.* Que é isso? e que coisa te atormenta?
- Cl.* O que é me perguntas? porventura 21
Vês as criadas, os vestidos, o ouro,
Que trás aquela que eu deixei sòmente
Neste lugar com uma criadinha?
Donde cuidas que tem ela estas coisas?
- Clit.* Ah, finalmente agora entendo tudo. 26
- C.* Ó Deuses bons, que multidão tão grande!
Eu sei que escassamente as nossas casas
Capazes podem ser de tanta gente;
Que comerão, que beberão? que coisa 30
Será mofina mais que o nosso velho?
Mas eu vejo os que ver tanto queria.
- Cl.* Ó Júpiter supremo, onde está a fé?
Enquanto por ti andando desterrado, 35
Doido careço enfim da pátria amada,
Tu entretanto, Antífila, te encheste
De bens, e me deixaste neste males,
Por que estou já pôsto em suma infâmia,
E a meu pai muito menos obediente;
Do que me pês, e me envergonho agora:
Que destas os costumes me dizia: 41
E me envergonho que baldamente
Avisado me tenha; e que não pôde

- Jamais desta apartar-me; o que de fôrça
Farei agora; e então não quis fazê-lo, 45
Quando podia ser-me útil, e grato.
Não há ninguém mais que eu desventurado.
- C.* Este enganado está certo das nossas
Palavras, que entre nós aqui falamos.
Ó Clínia, diferentemente entendes 50
Este teu amor, do que êle é na verdade:
Porque a vida de Antífila é a mesma
Que sempre foi; e agora tem o mesmo
Ânimo que para contigo teve,
Por aquilo que nós da mesma coisa 55
Conjeturar podemos. *Cl.* E que é isso
Te rogo? que não há no mundo coisa,
Que eu mais querer, e desejar pudera,
Que ser o que suspeito vão, e falso.
- C.* Isto primeiramente sabe, ó Clínia, 60
Para que desta moça coisa alguma
Não haja, que não saibas, e conheças.
Aquela velha que dantes foi tida
Por sua mãe, não no era: ela é já morta;
Acaso o ouvi da mesma, enquanto o conta
A outra no caminho. *Clit.* E quem é 66
[essoutra?
- C.* Deixa, Clitifo, que primeiro conte
Isto que comecei; e depois disso,
Ao mesmo tornarei, que me perguntas.
- Clit.* Conta depressa. *C.* Já primeiramente 70
Tanto que nós chegamos a sua casa,
As portas bate Dromo; sai fora
Uma certa velhinha; tanto que esta
A porta abriu, logo êle de repente
Se lançou dentro; eu logo o fui seguindo. 75
A velha pôs a aldraba, ou tranca à porta,
E se torna à sua lá, que então fiava.

Daqui pude saber, não doutra parte
 De que modo ela estando tu absente
 Haja passado, ó Clínia, a vida sua. 80
 Tanto que de repente, e d'improviso
 Demos sôbre a mulher (porque tal coisa
 Para julgar então nos deu licença
 O costume da vida quotidiana;
 Que muito bem declara como seja 85
 O modo, e natureza de cad'uma)
 Achamo-la tecendo com cuidado,
 Vestida honestamente, com vestido
 De dó; para mim tenho, que por causa
 Daquela velha, que era dantes morta. 90
 Achamo-la sem ouro então ornada,
 Como as que para si sômente se ornam
 Não na achamos caiada, nem bornida
 Com coisa alguma suja das mulheres:
 O cabelo espalhado, e mui comprido 95
 Ao redor da cabeça com desprezo
 Lançado; tudo estava em paz, e quieto.
Cl. Rogo-te, Ciro meu, que não me metas
 Nesta alegria, e gôsto falsamente.
C. Torcia a velha o fio; e além disto 100
 Havia uma criada pequenina,
 Tecia esta com ela juntamente,
 Envolta em panos vis, e desprezada
 Com sujidade imunda, e fedorenta.
Clit. Se estas coisas, ó Clínia, verdadeiras 105
 São, como creio, quem é mais ditoso
 Do que tu és? mas sabes porventura,
 Ou conheces aquela que diz Ciro,
 Que estava enxovalhada, e fedorenta?
 Este sinal também é muito grande, 110
 Que está a senhora sem pecado, e culpa,
 Quando os seus, que lhe levam os recados

Tão desprezados são, tão mal compostos.
 Porque os amantes têm por disciplina
 Remunerar primeiro as criadas, 115
 Que abrem para as senhoras o caminho.
Cl. Eu te rogo que vás por diante, e guar-te
 Não pretendas granjear minha amizade
 Falsamente. Que diz quando falaste
 Em mim? *C.* Quando dissemos que eras
 [vindo, 120
 E lhe pedias fôsse onde tu estavas;
 Logo a mulher a teia desampara,
 E com lágrimas banha o rôsto todo;
 De tal maneira, que mui facilmente
 Saber puderas, que isto se fazia 125
 Com a saudade só que de ti tinha.
Cl. Assim me queiram bem os Deuses todos,
 Que não sei de mim parte, de contente;
 Tanto tive receio do contrário.
Clit. Mas eu sabia que era tudo nada. 130
 Acaba, Ciro, dize qual é essoutra?
C. Trazemos a tua Báquis. *Clit.* Oh, que Báquis?
 Dize, malvado, tu para onde a levas?
C. Para onde a levo? certo a nossa casa.
Clit. Porventura a meu pai? *C.* A teu pai
 [mesmo. 135
Clit. Ó despejado atrevimento de homem!
C. Não se faz, ouves tu? um feito grande,
 E memorável sem perigo, e risco.
Clit. Considera isto que te digo agora;
 Tu vás, malvado, buscar nome, e fama 140
 No perigo de minha vida incerta:
 Onde, se errares pouco mais de nada,
 Eu ficarei perdido, e acabado.
 Tu que farás então? *C.* Mas certamente...
Clit. Que dizes certamente? *C.* Se consentes 145

- Eu to direi. *Cl.* Consente. *Clit.* Sim consinto.
- C.* Passa o negócio assim desta maneira.
Digo pois que esta agora quase como...
- Clit.* Que diabo de rodeios me começa
Êste a contar? *Cl.* Ó Ciro, êste Clitifo
Diz verdade: essas coisas põe de parte,
E torna a vir ao ponto do que importa.
- C.* Calar certo não posso: em muitos modos
Ê Clitifo enfadonho, e não se pode
Sofrer. *Cl.* Há-se de ouvir por certo: cal-te.
- C.* Queres amores ter; queres gozá-los; 156
Queres se faça, e se ache o que hás de dar-lhe,
E não queres que teu seja o perigo,
Em a gozar: não sabes como parvo:
Se certo saber é, que aquilo queiras 170
Que não se pode haver: ou com aquelas
Coisas se hão de reter estas: ou elas
Se hão de perder com estas: destas duas
Condições vê tu agora qual mais queres:
Pôsto que sei mui bem que êste conselho
Que tomei, é mui bom, e mui seguro.
Porque há comodidade, e é coisa fácil,
Que esteja a tua amiga aí contigo,
Em casa de teu pai, sem algum medo.
De mais disto; acharei por esta via 180
O dinheiro que tu lhe prometeste;
Para buscar o qual tu já me tinhas
As orelhas, rogando, feitas surdas.
Que outra coisa de mim queres, Clitifo?
- Clit.* Se isto certo se faz desta maneira... 185
- C.* Se isto certo se faz? saberás tudo
Por via da experiência. *Clit.* Acaba, acaba
Êste conselho teu, dize qual seja.
- C.* Fingiremos ser dêste a tua amiga.
- Clit.* Belo. E pergunto-te eu, que fará êste 190

- Da sua? dir-se-a também pola ventura
Que é sua, quando esta só lhe é grão vergonha?
- C.* Antes te digo que esta mesma Antífila
A casa de tua mãe será levada.
- Clit.* E por que lá? *C.* Clitifo, é coisa larga,
Se te contar por que razão faço isto. 196
A causa é verdadeira. *Clit.* São patranhas.
Não vejo coisa firme quanto baste,
Pola qual me seja útil que me ponha
A êste medo, e perigo. *C.* 'Spera, eu tenho
Outra coisa, se desta tens receio, 201
A qual confessareis ambos, que seja
Sem perigo nenhum. *Clit.* Muito te rogo
Que busques coisa alguma dêsse modo.
- C.* De muito boa vontade: encontradiço 205
A fazer-me lhe vou: dir-lhe-ei que tornem
Outra vez para casa. *Clit.* Oh, que disseste?
- C.* Dês d'agora te tiro o medo todo,
Para que durmas duma e doutra parte,
Ou dambas as orelhas mui quieto. 210
- Clit.* Que faço agora? *C.* Quê? fazes aquilo
Que é lícito, e convém a um homem nobre.
- Clit.* Dize a verdade, Ciro, agora. *C.* Acaba:
Hoje à tarde a direi; e embalde certo
A quererás ouvir. *Cl.* Tempo oportuno 215
Se te concede de a dizer agora:
Enquanto lícito é dize a verdade,
Porque não sabes tu se porventura
De dizê-la terás ocasião certa.
- Clit.* Ciro, contigo falo. *C.* Persevera 220
Em me chamar: eu faço o que te disse.
- Clit.* Esta a verdade é sem falta: ó Ciro,
Ciro, contigo falo; ouves tu, Ciro?
- C.* Abrasado do amor ficou: que queres?

- Clit.* Torna, torna. *C.* Eis-me aqui, dize que
[é isso? 226
Logo dirás que isto te não contenta.
- Clit.* Antes, ó Ciro, a mim, e a minha fama,
E meus amores nas tuas mãos t'entrego:
Tu de tudo és Juiz; vê que não hajas 230
De ser por coisa alguma repreendido.
- C.* É matéria de riso, que tu disto,
Ó Clitifo, me avises, e admoestes.
Como se aqui me fôra muito menos
A mim, que a ti. Se nisto acaso alguma 235
Coisa contrária fôr, aparelhadas
Palavras só terás, mas eu açoites.
Portanto em nenhum modo êste negócio
Será de mim tratado com descuido.
Porém, roga tu a êste dissimule, 240
E que finja ser Báquis sua amiga.
- Cl.* Certo a tal termo tem chegado a coisa,
Que me seja forçado assim fazê-lo?
- Clit.* Com razão sou teu amigo, e te amo, Clínia.
- Cl.* Mas advirte, que não se embarace ela. 245
- C.* Ela está belamente industriada.
- Clit.* Certo me espanto disto; que pudesses
Assim tão facilmente persuadi-la:
Porque costuma desprezar a muitos.
- C.* Eu me fui ter com ela a mui bom tempo,
Que é no negócio o principal das coisas:
Porque em sua casa achei um miserável
Soldado, o qual a noite lhe pedia
Daquele dia mesmo: ela com arte
Entretinha o Varão; para que dêle 255
O ânimo acendesse cobiçoso,
Com a falta, e careza de alcançá-la.
E para que ela acêrca de ti fôsse
Muito mais grata, só por amor disto.

- Mas ouves tu: se queres considera, 260
Que por inadvertência não titubes.
Bem conhece teu pai quão delicado,
E quão astuto é para estas coisas.
Mas eu, há muitos dias te conheço,
Quanto costumás ser imoderado. 265
As palavras equívocas reprime;
Reprime o teu pescoço derribado;
Os gemidos, escarros, tosses, risos.
- Clit.* Meus gestos louvarás. *C.* Olha se queres...
- Clit.* Do que fizer te espantarás tu mesmo. 270
- C.* Mas quão depressa aqui nos alcançaram
Estas mulheres! *Clit.* Ciro, onde estão elas?
Por que razão as tens? deixa que cheguem.
- C.* Esta já não é tua. *Clit.* Eu mui bem sei,
Que em casa de meu pai já não é minha,
Mas agora entretanto... *C.* Muito menos.
- Clit.* Consente, Ciro... *C.* Digo que não quero.
- Clit.* Por um pouco te rogo... *C.* Eu to proíbo.
- Clit.* Ao menos saudá-la. *C.* Vai-te embora,
Se tens saber, e juízo. *Clit.* Eu me vou logo.
Êste que há de fazer? *C.* Ficaré aqui.
- Clit.* Felice, e ditoso homem! *C.* Sus, caminha.

CENA IV

BAQUIS, cantoneira. ANTÍFILA, dama. CLÍNIA,

CIRO

ARGUMENTO

Maravilhosamente mostra, e exprime o Poeta nesta Cena por Báquis a condição, e natureza das mulheres de partido, as quais sempre favorecem as semelhantes, e não pretendem do amante outra coisa mais do que tirar-lhe o dinheiro; e em Antífila, e Clínia mostra o encontro grato dos amantes, que há dias se não têm visto. Recebe finalmente Clínia a Antífila com grande alvoroço, e se entram a cear em casa do pai de Clitifo.

B. Per Pólux, eu te louvo, ó minha Antífila,
E te tenho por bem afortunada,
Trabalhando tu sempre só por isto;
Que fôssem teus costumes semelhantes
À tua beleza: e assim os Deuses me amem,
Não me espanto se todos te desejam: 6
Que o teu falar modesto me deu mostra
Qual natureza, e condição tivesses.
Quando eu mesmo comigo considero
Teu modo de viver, dentro em meu peito;
E quando a vida de vos outras tôdas, 11

- Que desprezam a multidão de amantes;
 Maravilha não é de que dêste modo
 Tôdas sejais; e nós que o não sejamos:
 Porque a vós vos importa sêres boas: 15
 Mas a nós, com quem têm negócio, e trato
 Os amadores, sê-lo não consentem:
 Que levados de nossa formosura
 Nos têm respeito, e amam; mas como ela
 Se muda, troca, e murcha, a outra parte 20
 Passam o seu desejo: assim vivemos
 Deixadas sós: se neste tempo entanto
 D'algun remédio bom nos não provemos.
 Mas vós tanto que tendes assentado
 Passar co'um só amante a vossa idade, 25
 Cujo costume ao vosso é semelhante,
 Êles a vós se entregam: só com êste
 Benefício ficais certo obrigados
 Uns dos outros, por tal maneira, e modo,
 Que nesse vosso amor cair não pode 30
 Perturbação alguma, ou desventura.
- A.* Das outra nada sei: de mim sòmente
 Sei por certo, que sempre com cuidado
 Trabalhei, que do cômodo seu dêle
 O meu proveito, e cômodo adquirisse. 35
- C.* Ah, por isso tu só, ó minha Antífila,
 Fazes que eu torne agora à pátria salvo:
 Porque enquanto de ti absente estive
 Leves me foram todos os trabalhos,
 Sofridos por teu amor: tirando aquêles,
 Que sofri por estar de ti absente. 41
- Ci.* Assim o creio. *C.* Ó Ciro, apenas soffro
 Ser tão desventurado, que não ouse,
 Nem lícito me seja usar agora
 De minha condição, e natureza: 45
 Pode isto ser verdade, ou coisa crível?

- Ci.* Antes teu pai, segundo o vi disposto,
 Te dará muito tempo paixões duras.
- B.* Que mancebo é aquêlê que nos olha?
- A.* Ah, tem-me mão, te rogo, amiga Báquis. 50
- B.* Que tens? por vida tua que mo digas.
- A.* Morta sou. *B.* Ai de mim triste, sou morta.
 Antífila, que estás como pasmada?
- A.* Vejo, ou não vejo eu Clínia porventura?
- B.* A quem vês? *C.* Alma minha, Deus te
 [garde. 55
- A.* Meu Clínia êle te salve; embora venhas.
- C.* Como estás? *A.* Eu me alegre sumamente,
 Que venhas bem disposto. *C.* Ó desejada
 Antífila desta alma, que te adora,
 É possível te logre, e te possua? 60
- Ci.* Ide-vos para dentro; que há já muito,
 Que o velho vos está dentro 'sperando.

ATO III

CENA I

CREMES, MENEDEMO

ARGUMENTO

*Descreve o nosso Poeta nesta Cena excellentissima-
mente o officio do verdadeiro amigo, em a qual faz
que não só o amigo traga a nova ao cômico de alegria
pouco dêle esperada; mas ainda o aconselha de como
se há de haver nela. Determina Menedemo, tanto que
soube a certeza da vinda do filho, de o deixar viver
daí por diante à sua vontade: Cremes eficazmente per
várias causas o aconselha que tal não faça; êle está
firme em seu propósito; mas finalmente lhe persuade,
que ao menos lhe não mostre tanta brandura.*

- C. Amanhece: que faço, que não bato
À porta do vizinho? porque saiba
De mim primeiro, que é já vindo o filho;
Pôsto saiba, não quer isto o mancebo.
Mas eu terei coberta uma alegria 5
Esperada tão pouco, vendo o triste
Atormentar-se, e trabalhar-se tanto
Pola partida, e pola'usência dêle,
Não lhe vindo perigo dêste indício.
Tal não farei por certo; porque enquanto
Puder, darei favor ao pobre velho. 11

- Da maneira que vejo êste meu filho
Favorecer o amigo, e ser-lhe em tudo,
E nos negócios todos companheiro: 15
Assim é justo, que nós outros velhos,
Aos que são também velhos ajudemos.
M. Ou certo eu mais que todos sou nascido
Para sofrer misérias, e trabalhos
Por minha natureza; ou não é certo 20
Aquêlê dito, que ouço comumente
Dizer; que o tempo longo tira aos homens
O nojo: porque o meu nojo, e trabalho
Acêrca de meu filho, cada dia
Se vai cada vez mais acrescentando.
E assim quanto mais tempo vive absente
Mais o desejo, e mais saudade tenho. 26
C. Mas eis que eu vejo, que êle sai fora:
Irei, e falar-lhe-ei. Ó Menedemo,
Tenhas saúde: trago-te uma nova,
Na qual desejas muito teres parte. 30
M. Ouviste porventura alguma coisa,
Amigo Cremes, de meu caro filho?
C. Está são: está vivo. *M.* Onde, te rogo,
E em que lugar me dize? *C.* Em minha casa.
M. O meu filho? *C.* Assim é como te digo.
M. E vindo? *C.* Certo sim. *M.* O meu Clínia
[é vindo? 36
C. Tenho-to dito. *M.* Vamos: eu te rogo
Me leves onde está. *C.* Não quer que saibas
Que tornou: inda fuge da tua vista,
Polo êrro, e pola culpa cometida:
E teme também isto; que inda seja 41
A tua dureza antiga renovada.
M. E tu não lhe disseste qual eu estava?
C. Não. *M.* Por que? *C.* Porque tu se lhe
[mostrares

- Ser de ânimo tão brando, e compassivo 45
Não farás para ti bem, nem para êle.
M. Não posso mais sofrer: assaz austero,
E assaz lhe fui já pai severo, e duro.
C. Ah, Menedemo, és muito arrebatado; 50
E pendes para um, e outro extremo;
Ou per largueza grande, e demasiada,
Ou per grande escasseza; por aquela,
E por esta cairás no mesmo engano.
Primeiramente tu já noutro tempo
Fizeste que daqui se fôsse o filho, 55
Por não sofrer-lhe que êle fôsse a casa
Duma pobre, e coitada mulherzinha;
A qual então com pouco era contente,
E a quem tôdas as coisas eram gratas;
Ela dês dêste tempo constrangida, 60
E obrigada contra sua vontade
Começou de buscar por 'í a vida.
Agora que não pode sustentar-se
Sem teu grave prejuízo, tu desejas
De lhe dar tudo quanto te pedirem; 65
Porque (para que saibas quanto esteja
Agora em dano teu bem instruída)
Primeiramente, já consigo trouxe
Dez criadas, ou mais de ouro, e vestidos
Carregadas; se um Sátrapa lhe fôra 70
Amante, sustentar jamais pudera
Seu gasto; quanto mais tu, Menedemo.
M. Está pola ventura êle lá dentro?
C. Perguntas se está dentro? eu certo o tenho
Bem sentido: porquanto uma só ceia 75
Lhe dei a ela, e às suas companheiras:
Mas se lhe houver de dar inda mais outra
Ficarei totalmente destruído.
Porque (pondo de parte inda outras coisas)

Que vinho me gastou, e só com provas! 80
 Isto dizendo dêste mesmo modo:
 Este vinho, meu pai, é mui pontudo:
 Estoutro é muito brando. Vê te rogo.
 Abri todos os meus tonéis, e pipas,
 E todos os meus potes; trouxe a todos 85
 Meu servos ocupados, e solícitos:
 E esta foi uma noite tão sòmente
 Que julgas que será de ti, a quem sempre
 Comeram polos pés, como lá dizem?
 Assim os Deuses me amem, Menedemo,
 Que tenho compaixão de tuas desditas. 91

M. Faça o que lhe vier mais à vontade;
 Gaste, consuma, lance a perder tudo,
 A sofrer isto estou determinado;
 Contanto, que comigo sempre o tenha.

C. Se estás determinado a fazer isso, 96
 Entendo, e cuido que isto importa muito;
 Que sintas êle, que tu não o entendendo,
 Nem sabendo, lhe dás o que lhe deres.

M. Que farei? *C.* Antes faze qualquer coisa
 Outra que tu quiseses, do que aquela 101
 Que tu cuidas fazer.

Outra vez digo
 Lhe dês por qualquer outro o que lhe deres;
 E que consintas ser per um criado
 Com traças enganado, e com enredos; 105
 Pôsto que isto entendi, que também êles
 Estão nisto, e o tratam às furtadas:
 O meu criado Ciro com o vosso
 Fala em segrêdo; e aquêles dois mancebos
 Entre si se aconselham juntamente: 110
 E melhor é perder per esta via
 Sessenta, que per essa dez cruzados:
 Porque agora ao dinheiro não se atenta,

Mas àquilo sòmente: de que modo
 Isto possamos dar ao mancebinho 115
 Co perigo menor que fôr possível.
 Porque se êle entender a tua vontade
 Uma só vez; que te porás primeiro
 Ao perigo da vida, e da fazenda
 Do que lançar de ti ao mesmo filho. 120
 Ah, que larga janela, e larga porta
 Lhe poderás abrir para a maldade!
 E certo será tal, que não te seja
 Doce a vida: que todos nós fazemos
 Com a licença larga inda piores. 125

Quererá tudo o que lhe der na mente;
 Nem considerará que o que êle pede,
 Seja justo, ou não justo. Tu portanto
 Não poderás sofrer que êle se perca,
 E a fazenda com êle juntamente: 130
 E se negares dar-lhe o que te pede
 Ir-se-á logo àquilo com que acêrca
 De ti sentirá ter valia grande.
 Ameaçar-te-á que de ti logo
 Se há de partir. *M.* Parece-me que dizes 135
 Verdade, como a coisa o está mostrando.

C. Por Hércules te juro, que esta noite
 O sono com meus olhos ver não pude
 Enquanto isto imagino; como possa
 Teu filho restituir-te. *M.* Dá-me a tua 140
 Mão direita: e te rogo, amigo Cremes,
 Que faças isso mesmo que me dizes.

C. Para o fazer estou aparelhado.
M. Sabes que quero agora que tu faças?
C. Dize. *M.* Porquanto tu sentiste que êles 145
 Me querem enganar, que faças logo,
 Com que depressa façam isso mesmo.
 Desejo dar-lhe quanto queira, e peça,

- E já o desejo ver. *C.* Eu darei ordem.
 Hei de ir buscar a *Ciro*, e avisá-lo. 150
 Não sei quem sai de minha casa fora.
 Daqui te parte logo para casa;
 Não sintam que entre nós de acôrdo estamos.
 Um pequeno negócio isto me impede.
 Simão, e *Crito* aqui vizinhos nossos 155
 Têm dúvidas, contendas, e demandas,
 Sôbre os têrmos, e marcos de seus campos.
 Por Juíz me tomaram: irei logo,
 E dir-lhei que não posso, como tinha
 Dito, servi-los nisso que queriam. 160
 Logo serei contigo num momento.
M. Assim to rogo, *Cremes*, que não tardes.
 Deuses, vosso favor, e ajuda imploro.
 É possível que seja a natureza
 De todos os humanos de tal modo 165
 Ordenada, que muito melhor vejam,
 E considerem as alheias coisas,
 Que as próprias? Porventura isto acontece,
 Porque no que nos toca perturbados
 Somos com muito gôsto, ou muito nojo?
 Quanto sabe êste mais em meu proveito, 171
 Do que eu para mim sei? *C.* Muito depressa
 Me desobriguei dêstes meus vizinhos,
 Para que nas tuas coisas entendesse.

CENA II

CIRO, CREMES

ARGUMENTO

*Contém-se nesta Cena o gracioso êrro com o qual
 Cremes é enganado do criado: porque crê, e tem para
 si que *Ciro* arma a rêde para que *Menedemo* caia
 nela; quando a mesma rêde se arma para êle: e assim
 o amo instrui, e instiga o criado para enganar ao
 outro, mas êle mesmo é o que fica enganado. Sai logo
Ciro falando consigo na segunda pessoa.*

- Ci.* Anda, e corre por onde tu quiseres,
 Há-se de achar contudo êste dinheiro;
 Há-se de urdir o engano contra o velho.
C. Porventura enganei-me; que êstes ambos
 Isto mesmo ordenavam, e teciam? 5
 O criado de *Clínia* certamente
 É mais que o meu um pouco vagaroso;
 Por isso se encarrega a êste a coisa.
Ci. Quem fala aqui? perdido sou: se acaso
 Estas coisas me ouviu, que agora disse. 10
C. Ó *Ciro*. *Ci.* Ham. *C.* Tu que fazes nesta parte?
Ci. O que é bem faço: Ó *Cremes*, eu me espanto
 Certamente que tu te levantasses
 Tão cedo; tu que tanto bebeste ontem.

- Ci.* Não bebi muito. *Ci.* Dizes que não muito? 15
 Parece certo tens da água a velhice,
 O que dizer se sói comumente.
- C.* Ora sus. *Ci.* Esta Báquis cantoneira
 É faceta, e mulher muito engraçada.
- C.* Pareceu-me isso mesmo certamente. 20
- Ci.* E certo de uma 'splêndida beleza.
- C.* Dessa mesma maneira, e assaz formosa.
- Ci.* Formosa é certamente; não ao modo
 Antigo, que passou, mas ao de agora:
 E não me espanto, se por esta Clínia 25
 Anda perdido, e morto: tem contudo
 Um pai muito avarento, e miserável,
 E secarrão. Conheces porventura
 Êste nosso vizinho Menedemo?
 Ausentou-se seu filho: (como se êle 30
 Não fôsse de riquezas abundante)
 Per respeito da falta, e da miséria.
 Sabes tu que assim foi como te digo?
 Por que o não saberei? ó homem digno
 De andar virando as pedras num moinho! 35
- Ci.* Quem? *C.* Êste servo digo do mancebo.
- Ci.* Ó Ciro, eu receei que mal te viesse.
- C.* Que consentiu que assim se fizesse isto.
- Ci.* Que podia fazer? *C.* Tu mo perguntas?
 Inventara, e buscara alguma coisa: 40
 Fingira enganar polos quais tivera
 O mancebo que dar à sua amiga;
 E salvara êste velho rabujento,
 Inda que constrangido. *Ci.* Estás zombando.
- C.* Isto era justo, ó Ciro, que fizesse. 45
- Ci.* Oh, dize-me, te rogo, àqueles louvas
 Que enganam seus senhores? *C.* Eu por certo
 Os louvo em parte. *Ci.* Certo mui bem dizes.
- C.* Porque em verdade é isto muitas vêzes

- O remédio de grandes desventuras: 50
 Seu filho lhe ficara a êste em casa.
- Ci.* Eu não sei se diz êle isto zombando,
 Se de siso; senão é que com isto
 O ânimo me vai acrescentando,
 Para que tenha mais vontade, e gôsto 55
 De pôder enganá-lo. *C.* Mas agora
 O que espera êle, Ciro? porventura
 Até que êle outra vez daqui se ausente,
 Não podendo sofrer os gastos desta?
 Não finge alguma astúcia, algum engano? 60
 Para enganar o velho? *Ci.* É mui grosseiro.
- C.* Pois importa que tu lhe dês ajuda
 Por causa do mancebo. *Ci.* Fácilmente
 O posso fazer, certo, se o mandastes:
 Porque sei muito bem de que maneira 65
 Isto fazer se possa. *C.* E melhor, certo.
- Ci.* Eu de mentir não tenho natureza.
- C.* Por isso mesmo o faze tu. *Ci.* Mas, ó lá:
 Enquanto eu estas coisas mesmas faço,
 Faze te lembres do que me tens dito, 70
 Se alguma vez acontecer acaso
 (Segundo passam as humanas coisas)
 Que êste teu filho faça coisa alguma,
 A qual a esta seja semelhante.
- C.* Que tal não há de acontecer, confio. 75
- Ci.* Eu por certo também o mesmo 'spero:
 Nem isto digo agora porque entenda,
 Que êle possa fazer alguma coisa;
 Mas porque me não digas coisa alguma,
 Se acontecer alguma coisa destas: 80
 Tu bem vêz qual idade seja a sua:
 E (se isto acontecer) porque não possa
 Tratar-te, ó Cremes, com magnificência.
- C.* Quando isso acontecer, então veremos

O que fôr necessário sôbre o mesmo.
 Faze isto agora tu. *Ci.* Não ouvi nunca
 Falar mais em meu cômodo meu amo:
 Nem crer pudera, quando mal fizera,
 Que lícito me fôsse sem castigo
 Fazê-lo. Mas quem sai da nossa casa?

CENA III

CREMES, CLITIFO, CIRO

ARGUMENTO

Nesta Cena persuade Citro a Cremes o que muito importa para lhe extorquir o dinheiro, que era forçado buscar a Clitifo, para poder sustentar a amiga. Principia porém Cremes pela repreensão do filho, a quem tinha achado brincando, e zombando com a cantoneira Báquis, tendo para si que era amiga de Clínia: também diz, que já tem achado o modo, e o artifício de tirar o dinheiro da mão do velho Menedemo.

- Cr.* Que coisa é esta? rogo-te mo digas.
 Dize, Clitifo, que costume é êste?
 É justo se faça isso dêsse modo?
- Clit.* Eu que fiz? *Cr.* Não te vi, desaforado,
 Meter a mão no seio à cantoneira? 5
- C.* Está tudo acabado: sou perdido.
- Clit.* A mim? *Cr.* Com êstes olos, não mo negues.
 Fazes agravo grande, certo, àquele,
 Tu que as mãos absténs: por certo é grande
 Agravo, e grande ofensa receberes 10
 Um homem em tua casa, que é teu amigo,
 E namorar-lhe a amiga. Ó como fôste
 Inda ontem desonesto no convite!

- C.* Tudo acabado está. *Cr.* Quão importuno!
De tal maneira, que temi por certo 15
(Assim me queiram bem os Deuses todos)
O que no fim acontecer pudera.
Dôs amantes conheço a natureza:
As coisas consideram gravemente,
Que tu não julgas que elles consideram. 20
- Clit.* Eu porém tenho crédito com este,
Que não farei nenhuma coisa destas.
- Cr.* Seja assim: mas ao menos do conspecto
Dêles te ausenta um pouco. O apetite
Sem ordem traz consigo muitas coisas, 25
As quais a tua presença fazer tolhe.
Eu de mim mesmo faço a conjectura:
Não há, Clitifo, algum dos meus amigos,
A quem manifestar hoje me atreva
Os meus segredos todos: diante dêste, 30
Descobri-los mo tolhe a dignidade;
E daquele, do feito me envergonho,
Por não parecer néscio, nem lascivo:
A qual coisa, crê tu, faz também Clínia.
Mas nossa obrigação é saber como 35
O possamos servir de qualquer modo,
E (quando relevar) em toda a parte.
- C.* Este que diz agora? *Clit.* Sou perdido.
- C.* Eu, Clitifo, que tenho officio, e cargo 40
Dum homem moderado, e proveitoso,
Também as mesmas coisas te aconselho.
- Clit.* Cal-te te rogo, Ciro. *C.* Bem por certo.
- Cr.* Envergonho-me, Ciro, de tal filho.
- C.* Eu to creio por certo, e não sem causa.
Antes me enfado muito do que vejo. 45
- Clit.* Por Hércules, vás inda por diante?
- C.* Eu digo o que verdade me parece.
- Clit.* Não chegarei pola ventura a elles?

- Cr.* Ó lá, rogo-te me ouças: um caminho
De te chegar a elles há sòmente. 50
- C.* Acabado está tudo: primeiro este
Se manifestará, do que lhe eu tire
O dinheiro das mãos. Ó Cremes, queres
Escutar-me, inda que homem ignorante?
- Cr.* Que farei? *C.* Manda logo se vá este 55
Daqui dêste lugar para outra parte.
- Clit.* Para onde hei de ir? *C.* Para onde tu quiseres.
Dá-lhe lugar, e vai dar um passeio.
- Clit.* Onde hei de ir passear? *C.* Ó, ó galante:
Como que lugar falte pela terra, 60
Por esta parte vai, ou por aquela,
E vai por onde mais tiveres gôsto.
- Cr.* Parece-me que diz muito bem Ciro.
- Clit.* Ciro, os Deuses, dos vivos te desterrem,
Que daqui me desterras. *C.* Tu contudo 65
Estas tuas mãos reprime d'hoje em diante.
E tu julga-lo assim desta maneira?
Que crês que há de fazer para o futuro,
Se tu, Cremes, lhe não dás bom conselho;
O não guardas, admoestas, e castigas, 70
Entanto, enquanto os Deuses to permitem?
- Cr.* Eu terei disso tudo bom cuidado.
- C.* Contudo, senhor meu, é necessário
Que este agora de ti guardado seja.
- Cr.* Far-se-á dessa maneira. *C.* Se és prudente:
Porque já muito menos me obedece. 76
- Cr.* Que tens feito? fizeste porventura
Coisa alguma daquelas que há mui pouco
Tratei contigo? ou coisa alguma achaste
Que te contente? ou não na achaste ainda? 80
- C.* Falas-me tu do engano? achado o tenho
Há mui pouco que dei num certo enrêdo.
- Cr.* És homem de prol; dize-me que é isso?

- C.* Direi, porém do mesmo modo que uma
Coisa depende da outra. *Cr.* O que é *Ciro*? 85
- C.* É muito péssima esta cantoneira.
- Cr.* Assim mo parece. *C.* Antes se o souberas:
Oh, vê tu a que maldade dá princípio.
Houve aqui uma velha de *Corinto*,
Emprestou-lhe esta mil dracmas de prata. 90
- Cr.* Que se seguiu depois? *C.* Morreu a velha,
E deixou uma filha moçazinha;
Esta como em penhor lhe foi deixada
Pola prata que digo. *Cr.* Bem entendo.
- C.* De casa trouxe a mesma aqui consigo: 95
Em casa está de tua mulher agora.
- Cr.* Que queres inferir? *C.* *Clínia* lhe pede,
Que esta lhe dê: contudo lhe promete,
Que depois lhe dará aquelas mil dracmas.
- Cr.* Promete isso? *C.* Hui, é coisa duvidosa?
- Cr.* Eu assim o cuidei. Que determinas 101
Fazer agora tu? *C.* Que determino?
A *Menedemo* irei, direi que é esta
De *Cária* uma cativa, rica, e nobre,
E que, se a resgatar, á nela grande 105
Ganho. *Cr.* Vais muito errado. *C.* Como errado?
- Cr.* Por *Menedemo* agora te responde:
Não na quero comprar: que dizer podes?
- C.* Falas o que desejas. *Cr.* Não é certo
Necessário comprá-la. *C.* Necessário 110
Necessário não é? *Cr.* Não certamente.
- C.* Espanto-me que digas isso. *Cr.* Logo
O saberás: escuta, escuta, escuta.
Que é isto que não rijamente as nossas
Portas ringindo agora ambas se abriram?

ATO IV

CENA I
SÓSTRATA, CREMES, AMA, CIRO
ARGUMENTO

*Descobre-se nesta Cena quem seja Antífila, per
meio do anel, que sua mãe Sóstrata dera à Ama jun-
tamente com a menina para a levar aonde quisesse:
nasce por isso grande contenda entre o marido, e
mulher: fazem-se depois amigos; juntamente se ofe-
rece outra ocasião a Ciro, para tirar o dinheiro das
mãos ao velho. Entra logo Sóstrata falando com a
Ama, e dizendo:*

- S. Se não m'engano, êste é sem falta aquêl
Anél, que eu ser suspeito, com que a minha
Filha foi engeitada, e posta a risco.
Cr. Que querem dizer, Ciro, estas palavras?
S. Que vai? parece-te êste porventura? 5
A. Tanto que mo mostraste, certamente
Disse no mesmo ponto, que era o mesmo.
S. Mas, ó minha ama, vê-o bem primeiro,
Para que muito bem o consideres.
A. Mui bem. S. Vai logo agora para dentro;
E se se lavou já me denuncia. 11
E entretanto não vens, ao meu marido
Andarei nesta porta aqui 'sperando.
C. A ti te busca, vê o que êle queira.
Não sei porque está triste, e descontente: 15

- Não é sem causa: temo o que isto seja.
- Cr.* Que pode ser? por Hércules, sem falta
Esta agora com grande ímpeto, e fúria
Dirá grandes mentiras, e patranhas.
- S.* Ó meu marido. *Cr.* Ó minha mulher cara. 20
- S.* A ti te busco só. *Cr.* Dize o que queres.
- S.* Primeiramente rogo-te não creias,
Que ousei fazer alguma coisa contra
O teu mandado. *Cr.* Queres tu que creia
Isso? (pôsto que incrível) eu to creio. 25
- C.* Eu não sei que pecado esta desculpa
Trás consigo. *S.* És lembrado ser eu prenhe?
E que me protestaste grandemente,
Que se filha parisse, não querias
Que se criasse? *Cr.* Já sei que tens feito: 30
Criaste-a. *S.* Assim se fêz dessa maneira.
- C.* Senhora, se a criaste, pelo mesmo
Caso está meu senhor danificado.
- S.* Em nenhuma maneira: mas havia
Então aqui uma velha de Corinto, 35
Não desonesta: enfim, dei-lhe a menina,
Para a pôr à ventura onde quisesse.
- Cr.* Júpiter poderoso, é possível
Haver aí tão pouco entendimento!
- S.* Triste de mim, que fiz? *Cr.* Tu mo
[perguntas? 40
- S.* Se eu, meu Cremes, errei, fi-lo ignorante.
- Cr.* Sim, sim isso sei eu mui bem por certo,
Ainda que tu negues fazer tudo
Sem saber, sem prudência, e sem sentido.
Neste negócio mostras muitos erros, 45
E culpas; porque já primeiramente,
Se quizeras cumprir o meu mandado,
Era forçado que ela fôsse morta,
E não fingir a morte com palavras;

- Dar da vida 'sperança com efeito. 50
Mas isto ponho à parte; a piedade,
O amor de mãe to fêz fazer: consinto.
Mas oh que bem provestes sôbre o caso!
Que quiseste fazer? cuida bem nisto.
Tu certo manifestamente deste 55
Pondo-a nas mãos daquela velha, a filha,
Para que inda por ti andasse ao ganho,
Ou para que vendida fôsse em público.
Eu creio que cuidaste isto contigo:
Contanto que ela viva, é melhor certo
Qualquer coisa outra: que farás me dize 61
Com aquêles que não têm nem justiça,
Nem sabem que é bom, nem consideram
O melhor, nem pior; ou faça nojo,
Ou faça algum proveito; mas sômente 65
Aquilo de que tem vontade, e gôsto.
- S.* Meu Cremes, eu confesso tive a culpa,
Vencida certo sou: peço-te agora,
Que quanto o teu saber é pela idade
Mais grave, tanto mais seja disposto 70
A perdoar meus erros, de tal sorte
Que tua justiça seja algum socorro
Ao meu pouco saber. *Cr.* Sim, de verdade
Eu te perdoarei êste êrro feito.
- Mas, ó Sóstrata, muito mal te ensina 75
A minha piedade demasiada.
Mas seja isto o que fôr: tu conta, e dize,
Por que causa se veio a saber isto.
- S.* Assim como as mulheres todas somos
Coitadas, e ignorantes; também tôdas 80
Somos supersticiosas: quando a filha
Lhe entreguei, para haver de ser exposta,
Do dedo tiro o anel; e então lhe digo,
Que também o expusesse coa menina;

- Para que ela sem parte não ficasse, 85
 Se morresse, de nossos bens, e herança.
Cr. Fizeste bem, a ela, e a ti salvaste.
S. Este é aquêlê anel... *Cr.* E de que parte,
 Ou donde o houveste tu? *S.* Daquela moça,
 A qual Báquis consigo agora trouxe. 90
C. Oh. *Cr.* Que diz ela? *S.* Enquanto vai lavar-se,
 O anel para guardar me deu: primeiro
 Não adverti; porém depois que o vi
 O conheci no mesmo ponto, e logo
 A ti correndo vim. *Cr.* Tu que suspeitas 95
 Agora, ou que achas dela? *S.* Eu não sei nada,
 Senão que tu da mesma moça inquiras
 De donde houve este anel, se descobrir-se
 É possível. *C.* Eu sou morto, e perdido;
 Mais esperança vejo do que quero: 100
 Se assim é como dizem, nossa é ela.
Cr. É viva aquela velha a quem a deste?
S. Não sei. *Cr.* Que te disse ela que fizera
 Então naquele tempo da menina?
S. Aquilo que eu lhe tinha já mandado. 105
Cr. Dize-me tu; qual é da velha o nome,
 Para buscada ser. *S.* É Filitera.
C. Aquela é mesma: é grande maravilha
 Se não é viva, e salva, eu sou perdido.
Cr. Sóstrata para aqui me segue dentro. 110
S. Quanto isto aconteceu fora de tôda
 A 'sperança! outrotanto temi certo
 Que tu fôsses do mesmo ânimo duro
 Agora, como então fôste em criá-la!
Cr. Muitas vêzes não é lícito seja 115
 O homem como quer, se o não consente
 A faculdade, e tempo: eu de maneira
 Agora tenho tempo, que desejo
 A filha; então naquele não o tinha.

CENA II

CIRO

ARGUMENTO

Nesta tão moral, como engraçada Cena toma Ciro novo conselho de tirar o dinheiro da mão ao velho, depois de ser reconhecida Antífila, vendo que por ela lhe era escapada das mãos a primeira ocasião de o tirar. Nela enfim se vê um dialogismo de agudíssimo engenho, occupado em muitos, e vários pensamentos.

- C.* Se não me engano, e meu juízo não erra,
 Não deve estar de mim longe a mofina;
 De tal maneira agora as minhas fôrças
 Constrangidas estão em muito estreito
 Lugar; senão procuro alguma coisa, 5
 Que não venha a saber o velho que esta
 É de seu filho amiga: porque nada
 Tenho que 'sperar possa acêrca dêste
 Dinheiro, ou que procure, e que pretenda
 Poder enganar Cremes: eu triunfo 10
 Certamente, e me alegre que escondido
 Esteja dentro em casa, ou me vá dela.
 Arreberto de dor de que um bocado
 Tão grande, num momento, e tão depressa
 Me seja arrebatado da garganta. 15

Que hei de fazer? que enrêdo, ou fingimento
 Inventarei? forçado é que de novo
 Busque algum modo. Nada é tão difícil
 Que achado ser não possa, se se busca.
 Quê? se assim der princípio a êste agora? 20
 Não presta. Que, se assim? farei o mesmo.
 Mas cuido poder ser assim? não pode;
 Antes pode mui bem: ó lá, eu cuido certo,
 Que a mim trarei sem falta aquêles mesmo
 Dinheiro, como 'seravo fugitivo.

CENA III

CLÍNIA, CIRO

ARGUMENTO

Nesta Cena se manifesta, e mostra a demasiada alegria de Clínia, depois de ter sabido que a sua Antífila foi achada ser filha de Cremes; e de tal maneira é impedido dêste contentamento, que finalmente muito apenas se pode deixar persuadir de Ciro, que favoreça ao amigo Clitifo na conservação de Báquis.

- C. Já me não pode vir d'hoje em diante
 Algum mal grande, o qual me dê tristeza:
 Tão grande é êste meu contentamento
 Que agora me nasceu: todo me entrego
 Dês d'agora a meu pai, para que eu seja 5
 Mais do que êle deseja útil, e grato.
- Ci. Certo não me enganei. É descoberta,
 Polo que entendo das palavras dêste.
 Eu me alegre, que tenha acontecido
 Isto, como querias. C. Ó meu Ciro, 10
 Ouviste-o tu dizer, te rogo amigo?
- C. E por que não? que sempre juntamente
 Presente estive. C. A quem, me dize, ouviste
 Que aconteceu alguma igual ventura?

- Ci.* A ninguém certo. *C.* Assim os Deuses me
[amem,
Que não me mostro alegre agora, tanto 16
Por minha causa mesma, e meu respeito,
Quanto polo seu dela: que eu conheço,
E sei que é de qualquer honra mui digna.
- C.* Assim o mesmo creio. Mas sus, Clínia, 20
Também agora logo me obedece:
Que se há de ver também do amigo a causa,
Para que ela em seguro seja posta:
E porque o velho agora não entenda
Da amiga de seu filho alguma coisa. 25
- C.* Ó Júpiter supremo!...
- Ci.* Aquieta-te. *C.* Comigo a minha Antífila
Sem falta casará. *Ci.* Dessa maneira
Me interrompes a prática? *C.* Meu Ciro,
Que farei? tenho gôsto: tu me sofre. 30
- Ci.* Por Hércules te soffro certamente.
- C.* Nós a vida, dos Deuses alcançamos.
- Ci.* Por demais cuido, tomo êste trabalho.
- C.* Fala, que eu te ouço. *Ci.* Já não farás isto?
- C.* Farei. *Ci.* Digo também se há de ver, Clínia,
Como se deve pôr em parte certa, 36
E segura o negócio de teu amigo:
Porque se agora tu de nós te apartas,
E deixas aqui Báquis, na mesma hora
Nosso amo saberá, que de Clitifo 40
Esta é amiga: porém se tu a lebares
Assim se encobrirá do mesmo modo,
Que encoberta atégora sempre esteve.
- C.* Contudo, não há coisa mais contrária
A minhas bodas, que isso que tu pedes. 45
Porque com qual aspecto, e com qual rôsto
A meu pai chamarei? sabes, e entendes
O que digo? *Ci.* Mui bem. *C.* Que lhe direi?

- Que desculpa darei? *Ci.* Antes não quero
Que tu mintas: abertamente dize 50
Como o negócio passa. *C.* Que me dizes?
- Ci.* Quero que digas tu que amas Antífila,
E a queres por mulher: e também quero
Que digas que esta é amiga de Clitifo.
- C.* Certo que mandas uma coisa boa, 55
E muito justa, e fácil de fazer-se.
Tu deves de querer enfim que eu rogue
A meu pai, que isto encubra ao nosso velho.
- Ci.* Mas antes quero que lhe contes todo
O negócio per ordem via direita. 60
- C.* Oh, tens tu juízo, ou tens sobriedade?
Tu certo o manifestas planamente.
Porque, dize-me tu, de que maneira
Êle poderá ser pôsto em seguro?
- Ci.* Eu dou por certo a vitória, e palma 65
A êste só meu conselho: nesta coisa
Me ensoberbeço com magnificência,
Que tenha em mim tão grão poder, e fôrça;
De tanta astúcia, e arte, que falando
Puramente verdade, ambos engane: 70
Para que quando conte o vosso velho
Ao nosso, que esta Báquis é do filho
Amiga; em nenhum modo o euide, e creia.
- C.* Porém certo me tiras dêsse modo
De novo, e outra vez tôda a 'sperança 75
Das bodas: porque quando creia que esta
É minha amiga, não quererá nunca
Dar-me a filha: e quiçá estimarás pouco
O que seja de mim no tempo, quando
Proveres ao remédio de Clitifo. 80
- Ci.* Que diabo: cuidas tu que quero eu que isto
Sempre esteja fingido, e encoberto?
Não é mais que um só dia tão sòmente,

- Enquanto êste dinheiro lhe arrebatou.
- C. Um dia só te basta? Mas te rogo 85
Me digas que será, se acaso venha
Meu pai a saber êste fingimento?
- Ci. Que será, se me fôr chegando àqueles,
Que dizem: que será se agora cai
O Céu? C. Temo o que faço. Ci. Isso receias?
Como se na tua mão não estivera, 91
Que te desembaraces quando queiras:
Faze o negócio todo descoberto.
- C. Acaba, acaba já: leve-se Báquis.
- Ci. Ela a pedir por bôca sai fora.

CENA IV

BÁQUIS, CLÍNIA, CIRO, DROMO,
FRÍGIA, criada

ARGUMENTO

Enquanto Ciro anda buscando modo para enganar ao velho Cremes, Báquis enfadada, por lhe tardar o dinheiro, que Clitifo lhe tinha prometido, determina de se ir, e de o deixar: mas Ciro a aquieta, prometendo-lhe, que sem falta lhe dará logo o dinheiro; do qual persuadida se vai Báquis a casa de Menedemo, enquanto êle engana a Cremes. Entra logo Báquis dizendo:

- B. As promessas de Ciro me trouxeram
Aqui per Pólux injuriosamente,
Por amor das dez livras; as quais certo
Me prometeu de dar: mas se êle agora
Me enganar, por demais virá chamar-me, 5
Rogando-me que venha: ou também quando
Eu disser que hei de vir, e o dia certo
Determinar, quando êste com certeza
Lho tiver denunciado, e mui suspenso
Esperando estiver então Clitifo: 10
Enganá-lo-ei sem falta, e não virei,
E pagar-mo-á Ciro pelas costas.

- C.* Assaz mui lindamente to promete.
- Ci.* E tu tens para ti, que esta que zomba?
Fará, se me não guardo. *B.* Estão dormindo;
Eu farei acordar per Pólux a êstes. 16
Ó minha Frígia, ouviste porventura,
Que quinta de Carino agora êste homem
Me mostrou? *F.* Sim ouvi. *B.* Que é vizinha
A esta erdade, ou quinta à mão direita?
- F.* Lembrada estou. *B.* Depressa, vai correndo:
Em sua casa o soldado faz as festas
De Baco. *Ci.* Esta que quer dizer agora?
- B.* Dize-lhe que aqui estou bem contra minha
Vontade; mas porém que de algum modo 25
Êstes enganarei, e que irei logo.
- Ci.* Perdido sou sem falta: 'spera, 'spera
Báquis; onde, te rogo, mandas esta?
Manda-lhe que se fique. *B.* Acaba, vai-te.
- Ci.* Está por certo prestes o dinheiro. 30
- B.* Eu fico certo. *Ci.* E logo será dado.
- B.* Como quiseses; insto eu porventura?
- Ci.* Mas sabes tu que vai por vida tua?
- B.* O quê? *Ci.* A casa hás de ir de Menedemo,
E lá se há de passar esta tua gente. 35
- B.* Maldade, que fabricas? que maquinas?
- Ci.* Eu? para que to dê bato dinheiro?
- B.* Por dígna me tens tu que de mim zombes?
- Ci.* Não é sem causa, Báquis, o que faço.
- B.* Eu tenho aqui negócio algum contigo? 40
- Ci.* Nenhum; mas o que é teu te torno logo.
- B.* Vamos. *Ci.* Segue-me tu por esta parte.
Ó lá Dromo, ó lá Dromo. *D.* Quem me chama?
Que coisa temos? *Ci.* Leva muito à pressa
Tôdas estas criadas, e família 45
De Báquis logo lá para tua casa.
- D.* E para quê? *Ci.* Não queiras perguntá-lo.

Consigo levem o que aqui trouxeram.
Cuidara ora o velho, que com esta
Partida destas tôdas, lhe é poupado 50
Um grande gasto. Certo êle não sabe
Qual dano lhe traz êste pouco ganho.
Ó Dromo, tu não sabes o que sabes:
Se o souberas... *D.* Dirás que seja mudo.

CENA V

CREMES, CIRO

ARGUMENTO

Ciro na seguinte Cena põe em efeito o seu engano: porque enfim tira das unhas de Cremes o dinheiro que pretendia. Este mesmo Cremes, o qual (como se tratou na primeira parte da Comédia) teve grande compaixão de Menedemo se afligir, e atormentar a si tão rigorosamente; agora a tem do mesmo, polo grande gasto de que lhe há de ser causa Báquis com tôda a sua gente, tendo para si que é amiga de Clínia; e por isso entra dizendo:

- C. Assim me queiram bem os Deuses todos,
Que tenho grande dó da triste sorte
De Menedemo, e que lhe tenha vindo
Um mal tão grande: sustentar com sua
Família esta mulher? pôsto que entendo, 5
Que isto não sentirá por alguns dias:
Tanta saudade teve de seu filho.
Porém quando êle vir, que tanto gastos
Se fazem em sua casa cada dia;
E que êstes que não têm termo, nem modo, 10
Desejará de novo que se ausente
Dêle seu filho. Eis Ciro a mui bom tempo.

- Ci.* Deixo eu de ir ter com êle, e de falar-lhe?
C. Ó *Ci.* Oh. *C.* Pois que vai? *Ci.* Há
 [muito tempo,
 Que desejava que tu me encontrasses. 15
C. Parece que co velho tens já feito
 Um não sei quê. *Ci.* Daquilo que tratamos
 Há pouco? como o disse feito o tenho.
C. De verdade? *Ci.* Sem falta, de verdade.
C. Não me posso já ter que não te afague: 20
Ci. Giro, chega-te cá, far-te-ei por isto
 Algum pequeno bem de boa vontade.
Ci. Mas se souberas tu quão belamente
 À memória me veio. *C.* Ah, tu te gabas
 Que succedeu do modo que quiseeste? 25
Ci. Por Hércules que não: verdade falo.
C. Dize de que maneira passa a coisa.
Ci. A seu pai Menedemo disse Clínia,
 Que esta Báquis amiga é de Clitifo;
 E por essa razão consigo a trouxe, 30
 Só para que isto tu não percebestes.
C. Bem. *Ci.* Dize por tua vida, fiz bem isto?
C. Digo que muito bem. *Ci.* Mas antes digo,
 Que fiz tudo o que basta, assim fazendo.
 Mas escuta o que fica mais de engano. 35
 Clínia mesmo dirá, que viu tua filha;
 E que depois que a viu lhe agradou muito
 A sua beleza; e que deseja que esta
 Por mulher haja. *C.* A que foi achada agora?
Ci. A mesma: e certo ta mandara logo 40
 Pedir. *C.* Por que razão, *Ci.* isto dizes?
 Porque nada te entendo totalmente.
Ci. Oh grosseiro és. *C.* Bem pode ser que o seja.
Ci. Para as bodas se lhe dará dinheiro,
 Com o qual, ouro, e mais vestido: entendes? 45
C. Compre? *Ci.* Isso mesmo é. *C.* Mas eu contudo

- A filha lhe não dou, nem lha prometo.
Ci. Não? e por que razão? *C.* Tu mo perguntas?
 Darei a filha a homem fugitivo?
Ci. Como fôr mais teu gôsto: eu não dizia, 50
 Que tu lha desses a êle para sempre;
 Mas que fingisses dar-lha. *C.* Não é minha
 Natureza fingir. Tu de tal modo
 Estas tuas coisas revolve, e confunde,
 Que a mim me não revolvas, nem confundas.
 Queres tu que prometa a minha filha 56
 Aquele homem ao qual dá-la não devo?
C. Eu cria que o fizesses. *C.* Não por certo.
Ci. Podia fazer-se isto belamente:
 E eu comecei fazer esta maranha, 60
 Porque tu mo mandavas pouco havia.
C. Eu to creio. *Ci.* Contudo, eu Cremes, faço
 Bem tudo, e justamente. *C.* Mas contudo
 Quero certo, que tu trabalhes muito
 Que se faça: porém per outra via. 65
Ci. Far-se-á; e outros caminhos buscaremos.
 Mas isto que te disse do dinheiro,
 O qual esta tua filha deve a Báquis,
 Tu sem dúvida agora dar-lho deves.
 Nem podes acolher-te a dizer isto: 70
 A mim que me vai nisso? porventura
 Foi-me dado, ou mandei que se lhe desse?
 Ou porventura a velha de Corinto.
 Podia de penhor dar minha filha
 Contra minha vontade? Ó Cremes, dizem:
 Uma grande justiça muitas vêzes 76
 É malícia mui grande. *C.* Em nenhum modo
 O farei certamente. *Ci.* Antes se a outros
 É lícito; a ti o não é fazê-lo:
 Todos te têm em muito boa conta. 80
C. Antes eu mesmo lho levarei logo.

- Ci.* Antes manda que teu filho lho leve.
C. Por que razão? *Ci.* Porque se tem passada
 A suspeita do amor a êle mesmo.
C. Que queres inferir daí? *Ci.* Porquanto 85
 Isto poderá ser mais verissimil
 No ponto que lho der, e juntamente
 Farei mais facilmente o que pretendo.
 Êle certo é conosco. Vai-te logo,
 E tira êsse dinheiro. *C.* Logo o tiro.

CENA VI

CLITIFO, CIRO

ARGUMENTO

Maravilhosamente mostra o Poeta nesta Cena aos espectadores, em Clitifo a inconstância e a impaciência de um amante; o qual grandemente se indigna contra o seu criado Ciro, solícito em o servir, e em lhe fazer a vontade, no que era de seu gosto: e no mesmo Ciro a repreensão, com a qual em um momento com muita suavidade abrandando o ânimo do mesmo enfurecido Clitifo; e juntamente lhe mostra de que modo, e de que palavras deva usar para com seu pai.

- C.* Não há tão fácil coisa, que não seja
 Difícil, a qual faças constrangido.
 Inda êste passear, não trabalhoso
 Me deu, e me entregou todo ao trabalho
 Nem coisa alguma temo mais agora, 5
 Que ser como já fui daqui lançado,
 Para outra parte mísero, e mesquinho,
 Para que ir, nem chegar, não possa a Báquis.
 Oxalá, Ciro, que a perder te lancem
 Os Deuses todos, e tôdas as Deusas: 10
 E tanto, quanto possa ser possível
 Com êste teu conselho, e fingimento.

- Sempre inventas tu coisas dêste modo,
Com as quais em meu dano me atormentes.
- Ci.* Vai-te dêste lugar, para onde és digno 15
Que vás: tua lascívia, e pouco pejo
Me lançou a perder quase de todo!
- C.* Eu tomara por certo que assim fôra:
Mereceste isso bem. *Ci.* Mereci? como?
Folgo certo de ouvir de ti tal coisa, 20
Primeiro que à mão hajas o dinheiro,
Que te houvera de dar. *C.* Que queres logo
Que te diga? tu fôste ter com Báquis:
Trouxeste a minha amiga; que tocá-la
Lícito me não foi. *Ci.* Foi-se-me a cólera 25
Já de todo: mas sabes porventura
Aonde esteja agora a tua Báquis?
C. Em nossa casa. *Ci.* Não. *C.* Pois onde logo?
Ci. Na de Clínia. *C.* De todo sou perdido.
Ci. Tem coração: tem ânimo, que logo, 30
O dinheiro que já lhe prometeste
Lhe levarás. *C.* Estás, Ciro, zombando:
Donde se há de tirar êste dinheiro?
Ci. Das unhas de teu pai. *C.* Pola ventura
Que estás de mim zombando. *Ci.* Com efeito
Logo o exprimentarás. *C.* Eu certamente 36
Sou ditoso: eu te amo, Ciro, muito.
Ci. Por que causa se faça isto que digo.
Tu sempre me obedeces, quando o tempo
O pedir. Mas teu pai sai cá fora. 40
Aviso-te que de nada te espantes:
Faze o que te mandar, e fala pouco.

CENA VII

CREMES, CLITIFO, CIRO

ARGUMENTO

Sai nesta Cena Cremes com o dinheiro para se haver de dar a seu filho Clitifo, a quem Ciro adverte de como há de responder a seu pai. E depois de Cremes ter dado o dinheiro se dói, e lamenta de ter despendido muito pelo filho; que esta é a natureza do excesso, que se alguma vez usa algum ato liberal, depois lhe pesa, e se dói de o ter feito.

- Cr.* Onde estará Clitifo agora? *Ci.* Dize:
Eis-me aqui. *Cl.* Eis-me aqui me tens presente.
- Cr.* Disseste porventura, Ciro, a êste,
Como passa o negócio? *C.* Tudo disse.
- Cr.* Êste dinheiro toma, e o leva logo. 5
- Ci.* Hui, que estás como pedra? que o não tomas?
- Cl.* Obedeço sem falta. *Ci.* Tu mo segue
Por esta parte, quanto mais puderes.
Tu, Cremes, entretanto que nos imos
Aqui 'spera: porque não temos coisa 10
Que nos possa deter lá muito tempo.
- Cr.* Já de mim tem sem falta minha filha
Dez livras, as quais cuido serão dadas
Polos seus alimentos logo agora.

Outras dez atrás destas irão logo,
 Polos seus ornamentos, e vestidos.
 E depois, estas dez pedirão certo
 Dois talentos de dote. Ó quantas coisas
 Se tornam, e se fazem más, e injustas
 Per via dos costumes! eu deixadas
 As mais coisas, hei de buscar agora
 Alguém, a quem dê todos os meus bens
 Adquiridos de mim, per minha indústria.

15

20

CENA VIII

MENEDEMO, CREMES

ARGUMENTO

Contém esta Cena o erro em que caiu Cremes, o qual cuidando que Menedemo é enganado, de Ciro, êle cai no mesmo engano; ficando enganado polos seus mesmos criado, e filho: donde parece nos quer dizer o Poeta, que muitos tendo-se por sábios, e bem entendidos, e aos outros por grosseiros, e que por isso fâcilmente os enganam, se acham muitas vêzes caídos no mesmo engano.

- M.* Ó filho, entendo, e cuido que sou hoje
 Mais bem afortunado inda que todos,
 Quando imagino, e cuido te emendaste.
- C.* Como está errado! *M.* A ti buscava, Cremes,
 Salva-me, e livra tu minha família, 5
 Porque está na tua mão poder salvar-nos.
- C.* Dize o que queres tu que faça. *M.* Hoje
 Achaste a filha? *C.* E tu que inferes disso?
- M.* Muito deseja, e quer meu filho Clínia,
 Que esta lhe seja por mulher entregue. 10
- C.* Que raça de homem és, rogo me digas?
- M.* Que raça de homem sou? *C.* Não és lembrado
 Do que entre nós se disse acêrca, e sôbre

- O fingimento, para que por êste
Caminho, das tuas mãos tirado fôsse 15
O dinheiro? *M.* Sei tudo. *C.* Esse negócio
Se faz agora. *M.* Que disseste, Cremes?
Enganei-me; o negócio está acabado.
De quão grande 'sperança caído tenho!
C. Antes esta que está dentro em tua casa 20
É de Clitifo amiga. *M.* Assim o dizem.
C. E tu crês isso mesmo? *M.* Tudo creio.
C. E dizem que quer êle minha filha
Por mulher, para que quando eu prometa
De lha dar por espôsa, lhe dê coisa 25
Com que possa comprar jóias, vestidos,
E tôdas as mais coisas necessárias.
M. Assim é dêsse modo: êsse dinheiro
Lhe será logo dado, amigo Cremes.
C. Podes crer certo, lho dará sem falta. 30
M. Ah, logo por demais desventurado
Me alvorecei cuidando se emendara.
Contudo quero mais, e mais desejo
Perder qualquer coisa antes que perdê-lo.
Que lhe direi que tu me respondeste 35
Agora, Cremes, para que não sinta
Que o tenho eu sentido, e mal o soffro?
C. Mal, Menedemo? das-lhe muito mimo.
M. Deixa, Cremes, já tenho começado:
Isto me faze tu depressa, e logo. 40
C. Dize-lhe que vieste ter comigo,
E que logo trataste destas bodas.
M. Direi: mas o que mais inda além disto?
C. Dize que farei tudo: e dize folgo
Que êle seja meu genro: últimamente 45
Também dizer-lhe podes, se quiseres,
Que por mulher lha tenho prometido.
M. Isso quisera certo. *C.* Para que êle

- O dinheiro te pessa mais depressa,
E tu com muita mais o que desejas 50
Lhe dê. *M.* Isso desejo. *C.* De verdade,
Que depressa (segundo vejo as coisas)
Te enfastiarás dêle. Porém estas
Coisas quaisquer que são, se tu és prudente
Lhe darás com cautela, e pouco a pouco. 55
M. Dêsse modo o farei. *C.* Vai para dentro;
Vê o que querem: eu estarei sem falta
Em casa, se alguma coisa me quiseres.
M. Certo isso quero: porque qualquer coisa,
Que eu fizer, a farei dando-te conta.

ATO V

CENA I

MENEDEMO, CREMES

ARGUMENTO

Na seguinte Cena, que se vai já chegando ao fim da fábula, se descobre per Menedemo a astúcia, e engano de Ciro, para que se dê Antífila por mulher a Clínia: e zombam os velhos entre si com alternadas zombarias; até que Menedemo mostra claramente, que Báquis é amiga de Clitifo, e não de Clínia.

- M. Isto sei muito bem, que não sou muito
Perspicaz, nem sutil, nem muito astuto:
Mas este ajudador, e conselheiro,
Meu Cremes, que o que está por vir me mostra,
Em isto só me faz muita vantagem: 5
Em mim bem quadra qualquer destas coisas,
Que já contra o ignorante foram ditas:
Asno, tonto, madeiro, homem de chumbo.
Mas em êle nenhuma coisa destas
Pode quadrar; porque tudo isto vence 10
A sua ignorância grande. C. Ora sus, ó lá,
Acaba já de molestar os Deuses,
Mulher, dando-lhe graças pola filha
Achada: senão é que julgas que êles
Têm a tua natureza, que não cuidas, 15

- Nem crês que entendem nada, se isso mesmo
Se lhe não diz cem vêzes. Mas meu filho
Neste entretanto, por que tarda tanto
Lá dentro em casa de Báquis com Ciro?
- M.* Quais homens dizes tu que tardam, Cremes. 21
C. Ó Menedemo, já vens? dize-me ora:
Disseste porventura o que te eu disse
A Clínia? *M.* Tudo quanto me disseste.
C. E que diz? *M.* Começou de fazer festa 25
Mui grande, como os que desejam bodas.
C. Ha, ha, ha, ha, ha, ha. *M.* Por que te riste?
C. Vieram-me à memória as sutilezas
Do meu criado Ciro, e suas astúcias.
M. Assim? disse te ris? *C.* Também o rosto 30
Dos homens a maldade dissimula.
M. Dizes isso porque meu filho finge,
Que está contente, e alegre? *C.* O mesmo digo.
M. À memória me tem vindo isso mesmo.
C. Ciro é rapôsa velha. *M.* Mais cuidaras 35
Ser assim, se melhor o conheceras.
C. Tu dizes isso? *M.* Antes tu me escuta.
C. Espera, espera um pouco: isto primeiro
Saber desejo. Quanto tens perdido?
Porque tanto que tu disseste ao filho
Lhe prometera a filha em Matrimônio, 40
Eu sei que Dromo logo te dissera
Estas palavras: que era necessário
Desses à sua espôsa jóias d'ouro,
Vestidos, e dinheiro. *M.* Tal não disse.
C. Como não? *M.* Que me não disse isso digo.
C. Nem teu filho? *M.* Não me pediu mais nada;
Antes uma só coisa mais instava;
Que inda hoje se fizessem estas bodas.
C. Contas-me maravilhas: e que disse 50
O meu criado Ciro, porventura

- Que nem êle te disse coisa alguma?
M. Nada. *C.* Por que razão? *M.* Não sei por certo,
Mas eu de ti me espanto, que o não saibas,
Sabendo tão patênte as demais coisas. 55
Mas êsse mesmo Ciro teu criado
Maravilhosamente, e com astúcia
A teu filho informou, que em nenhum modo
Não cheire, nem pareça que esta Báquis
Seja amiga de Clínia. *C.* Que me dizes?
M. Não falo no abraçá-la, e no beijá-la; 60
Isso não tenho em nada. *C.* Pois que há logo
Dize, para que mais se dissimula?
M. Oh. *C.* Tu me dize que há? *M.* Ouve-me agora.
Tenho eu nas minhas derradeiras casas
Por detrás um retrete; e dentro a êste 65
Um leito se levou coberto, e ornado
De panos. *C.* E que se fêz depois disso?
M. O que antes dito foi, logo foi feito:
Aqui Clitifo entrou. *C.* Só dize? *M.* Só.
C. Receoso estou. *M.* E logo o seguiu Báquis.
C. Só? *M.* Só. *C.* Perdido sou. *M.* Tanto
[que foram 71
Ambos dentro, fecharam logo a porta.
C. Oh, e via o teu Clínia fazer-se isso?
M. E por que não? comigo juntamente.
C. Amiga é, Menedemo, de meu filho 75
Báquis: perdido sou. *M.* Por que perdido?
C. Escassamente tenho por dez dias
Fazenda, e provisão. *M.* Por que? tu temes
Isso, porque se entrega a seu amigo?
C. Antes porque se entrega a sua amiga. 80
M. Se se entrega... *C.* Não é muito certo isso?
Porventura tu o tens por duvidoso?
Tens tu para ti, dize, que alguém hoje
É de ânimo tão brando, e tão sofrido,

- Que sofra à sua amiga a olhos vistos... 85
- M.* Ha, ha, ha, por que não pode ser isso?
Para que assim com mais facilidade
Me possam enganar. *C.* Fazes escárnio?
Com razão contra mim me indigno agora.
Quantos avisos me mostraram, onde 90
Pudera pressentir o que vi dantes,
Se uma pedra, ou um mármore não fôra!
Ai coitado de mim desventurado!
Mas certo, se eu viver, não muito tempo
Se gabarão do feito: que já d'hoje... 95
- M.* Não te moderas tu? não tens respeito
A quem és? nem te sou pola ventura
Exemplo assaz bastante? *C.* Ó Menedemo,
Em mim não 'stou de cólera. *M.* É decente
Dizeres essas coisas? não é culpa 100
Digna de repreensão, que dê aos outros
Conselho; e que saber tenhas de fora,
E que dar-te socorro a ti não possas?
C. Que farei? *M.* Faze o que tu me dizias, 105
Que eu não quis fazer: faze que êle sinta
Que és pai: faze também que êle se atreva
A fiar de ti tôdas as suas coisas;
A rogar, e a pedir a ti sômente,
Porque não busque alguma outra amizade, 110
E te deixe, e de todo desampare.
- C.* Antes muito mais quero se vá longe,
Para onde êle quiser; que per sua culpa
Obrigue o pai a mísera pobreza.
Que se eu perseverar, ó Menedemo,. 115
Em lhe dar o que quer para seus gastos;
Aquela coisa me obrigará certo
A lançar mão da enxada, e dos ancinhos.
- M.* Ó quantas desventuras, e trabalhos
Haverás nisto, se por ti não olhas! 120

- Tu lhe mostras ser áspero, e severo,
E contudo depois lhe perdoarás,
E isto te virá a ser molesto, e grave.
- C.* Ah que não sabes quanto isto me doal
- M.* Faze enfim o que fôr mais tua vontade. 125
Pois que vai? farás isto que te rogo,
Que case com meu filho a tua filha?
Se outra coisa não há que mais desejes.
- C.* Antes genro, e parentes me contentam.
- M.* E que dote direi, que tu lhe deste 130
A meu filho? por que razão te calas?
- C.* Que dote dizes tu? *M.* Digo isso mesmo.
- C.* Ah. *M.* Cremes, nada temas se fôr menos;
Nenhuma coisa o dote nos altera.
- C.* Assentei que bastavam dois talentos, 135
Segundo a nossa posse: mas se queres
Que eu seja salvo, o filho, e a fazenda
É forçado dizer-se dêste modo,
Que dei todos meus bens a minha filha.
- M.* Que coisa fazes? *C.* Finge que te espantas 141
Disto mesmo que faço; e lhe pergunta
Juntamente, porque eu faça isto mesmo.
- M.* Antes certo não sei porque isso fazes.
- C.* Eu por que o faço? para que moleste, 145
E seu ânimo dome; o qual agora
Com lascívia, e luxúria, é dissoluto,
Porque não saiba para onde se vire.
- M.* Que fazes, dize? *C.* Deixa-me, e consente,
Que eu nisto mesmo a mim me satisfaça.
- M.* Deixo: queres assim? *C.* Assim o quero. 150
- M.* Assim se faça. *C.* Faze que Clitifo
Escolha já mulher, e se prepare
Para me responder como é decente
Que respondam os filhos: convencido
Ficará com meus ditos. Porém Ciro... 155

M. Que lhe farás? C. Que lhe farei? se eu vivo,
 Eu to darei tão bem aparelhado,
 E tão bem penteado, que enquanto êle
 Viver, sempre terá de mim lembrança,
 Que cuida que me tem por riso, e jogo 160
 Assim me queiram bem os Deuses todos,
 Que não se atrevera êle a fazer isto,
 Que em mim fêz, a uma fraca, e pobre viúva.

CENA II

CLITIFO, MENEDEMO, CREMES, e CIRO

ARGUMENTO

Para que se consiga o sossêgo, e a tranqüillidade de tôdas as coisas, resta que Clitifo, atemorizado com as palavras de seu pai, pelo qual é repreendido, torne ao caminho direito, e por sua persuasão se case. Acha Ciro outro conselho com que favorece a Clitifo. Depois disto se vai a casa de Menedemo, porque senão fia muito de seu amo Cremes.

- Cl. Rogo-te, Menedemo, que me digas,
 Assim passa o negócio finalmente,
 Que tão em breve 'spaço haja tirado
 De mim, meu pai o afeto, e amor paterno?
 Por que maldade? ou que velhacaria 5
 Tão grande cometi desventurado?
 O que fiz comumente fazem todos.
- M. Eu sei que isto que faz teu pai te é muito
 Mais duro a quem se faz, e mais pesado:
 Mas eu não soffro menos agramente 10
 Isto, de que não sei, nem razão acho
 De senti-lo, e doer-me, senão fôra
 Que te tenho amor grande de vontade.
- Cl. Dizias tu que estava aqui meu pai?

- M.* Ei-lo. *C.* Por que me culpas tu Clitifo? 15
Tudo o que quer que fiz nisto, hei provido
A ti, e à tua ignorância juntamente:
Tanto que te vi de ânimo remisso,
E que tinhas por principais as coisas 20
Que eram doces, e suaves no presente;
E que para o futuro não provias,
Achei razão para que não tivesses
Necessidade; e êstes bens paternos
Não pudesses perder; quando a princípio 25
Lícito me não foi por teus costumes
Dar-tos, a quem justo era que se dessem,
Me fui aos teus parentes que ali estavam,
E todos lhe entreguei, e os fiei dêles.
Aí terás, Clitifo, nêles sempre
Socorro para a tua ignorância grande: 30
O comer, o vestido: onde te possas
Recolher dentro em casa. *Cl.* Ai de mim triste.
- C.* Isto é melhor; que sendo tu o herdeiro,
Todos êstes bens meus possua Báquis.
- Ci.* Perdi-me em muitos modos, eu malvado 35
Quantas perturbações per ignorância
Eu néscio provoquei! *Cl.* Morrer desejo.
- C.* Muito te rogo que primeiro aprendas
O que é viver: e tanto que o souberes, 40
Se te descontentar esta tal vida,
Usa disto, comer, casa, e vestido.
- Ci.* Dás licença, senhor, que fale? *C.* Fala.
- Ci.* Mas com seguridade. *C.* Fala, acaba.
- Ci.* Que injustiça tão grande, ou que doidice 45
É, dize, esta; que seja dada a êste
A culpa, na qual eu sou compreendido?
- C.* Vai-te, Ciro, daí: não te mistures
Neste negócio cá: ninguém te acusa,
Nem altar tu, nem rogador prepares.

- Ci.* Que fazes? *C.* Não me agasto, nem me 50
[indigno
Contra ti, nem contra êste: nem é justo,
Que vós outros também polo que faço,
Contra mim vos mostreis tão agastados.
- Ci.* Foi-se, e quisera logo perguntar-lhe...
- Cl.* Quê? *Ci.* Donde, e de que parte eu 55
[granjeasse
O comer para mim: de tal maneira
De si nos alienou: tenho entendido,
Que tu tens o comer já granjeado
Em casa de tua irmã. *Cl.* É coisa crível,
Que chegasse o negócio a tal estado, 60
Que de morrer de fome esteja em risco?
- Ci.* Contanto que viver nos seja lícito,
Inda 'sperança temos. *Cl.* Que 'sperança?
- Ci.* Que de comer teremos grão desejo.
- Cl.* Zombas em coisa de importância tanta? 65
Nem me dás com conselho alguma ajuda?
- Ci.* Mas antes nisso estou agora, e sempre;
E pouco há que isso fiz, quando contigo
Teu pai falava; e quanto ao que eu entendo...
- Cl.* Quê? *Ci.* Não estará longe. *Cl.* Por que 70
[dizes
Que não estará longe? *Ci.* Isto assim passa;
Entendo que tu dêstes não és filho.
Por que, Ciro, isso dizes? porventura
Tens tu siso que baste? *Ci.* Dir-te-ei logo 75
O que me vem à mente; tu discursa:
Enquanto êstes a ti só te tiveram;
Enquanto outra deleitação não tinham,
Que, mais do que eras tu, fôsse propínqua,
Tinham-te mui mimoso, e despendiam
Contigo; mas agora que foi achada 80
A verdadeira filha, achou-se coisa,

- Com a qual te excluíssem. *Cl.* É provável.
- Ci.* Cuidas tu porventura, que por esta
Culpa teu pai está contigo irado? 85
- Cl.* Não. *Ci.* Outra coisa agora considera:
Tôdas as mães aos filhos, no pecado
Favorecem; e na paterna injúria
Costumam socorrer; não se fêz isto.
- Cl.* Dizes verdade: pois que farei, *Ci.* 90
Agora? *Ci.* Inquire tu, e sabe dêles
Esta suspeita, e descobertamente
O caso lhe propõe: se verdadeiro
Não fôr moverás ambos à piedade;
Ou também saberás de quem és filho.
- Cl.* Muito bem me persuades: fá-lo-ei certo 96
Ci. Veio-me belamente isto à memória;
Porque quanto um mancebo estiver pôsto
Em uma fraca, e mínima 'sperança,
Tanto fará com mais facilidade
A paz co pai, com leis, e com partidos 101
Quais êle mais quiser, e a seu contento.
Inda não sei por certo, se consigo
A mulher levará: mas eu não tenho,
Nem graça, nem valia acêrca dêles.
Mas isto que é, que o velho sai fora?
Vou-me fugindo. Estou maravilhado,
Que não mandou lançar mão atégora 106
De mim polo que fiz: a Menedemo
Daqui me irei, e a êle determino
Por terceiro tomar; que me não fio,
Nem me quero fiar do nosso velho.

CENA III

SÓSTRATA, CREMES

ARGUMENTO

Nesta Cena seguinte se exprime, ou se pinta ao vivo uma imagem das desavenças, e brigas que há entre o marido, e a mulher, os quais per natureza são dificultosos, e ásperos. Sóstrata repreende ao marido Cremes, por haver fingido deserdar a seu filho, mostrando que nasceria daí grande escândalo: Cremes também a repreende a ela com mordazes, e graciosas repreensões; e quer que ela também finja que não é seu filho, e ela o não quer fazer.

- S.* Homem, senão provês melhor às coisas
A teu filho farás algum mal grande:
E disto, ó meu marido, grandemente
Me espanto, e maravilho: como pôde
Vir-te à memória coisa tão absurda. 5
- C.* Oh, vás, em ser mulher, inda por diante?
Quis eu pola ventura alguma coisa
Jamais, que nela, ó Sóstrata não fôsses
Contra mim? mas se agora te pergunte
Que coisa há 'í, na qual tenha pecado, 10
Ou por que razão faço também isto,
Não saberás por certo responder-me.

- Ó néscio em que, com tanta confiança
Me resistes agora? S. Não sei certo. 15
C. Mas antes certo sabes quanto torne
A prática outra vez a seu princípio
S. Oh, tu não tens justiça, tu que queres
Me cale em coisa de tanta importância.
C. Não quero, fala já: mas eu contudo
Isto farei; S. Farás? C. Farei por certo. 20
S. Não vês quão grande mal daqui levantes?
Ele suspeita é súdito, e não filho.
C. Súdito dizes tu? S. Por certo digo,
Meu marido. C. Confessa, e dize que êle
Não é teu filho. S. Ah, rogo-te que seja 26
Lá para os inimigos isso mesmo.
Hei de confessar eu não ser meu filho
Aquêlê que é meu filho? C. Por que? temes
Que não possas provar quando tu queiras,
Que é teu filho? S. Porque se achou a filha?
C. Não: porém porque mais se há de crer 31
[isto,

Que êle te é nos costumes semelhante.
Provarás facilmente ser nascido
De ti, porque êle bem te representa: 35
Porque lhe não ficou nenhum defeito,
Que tu mesma não tenhas: além disto,
Ninguém parira como tu tal filho.
Mas êle sai fora: oh quão severo!
Quando vires a coisa, então a julga.

CENA IV

CLITIFO, SÓSTRATA, CREMES

ARGUMENTO

*Nesta seguinte Cena deixa Clitifo a sua mãe
ainda mais cuidadosa, pedindo-lhe com instância lhe
declare quem foram seus pais. Pela qual causa mais
fácilmente se chega à tranqüilidade das coisas. Sós-
trata afirma com juramento, que Clitifo é seu filho,
e de Cremes. Cremes o repreende injuriosamente, e o
faz diante da mãe ficar receoso, e vergonhoso.*

- Cl. Mãe minha, se jámais houve algum tempo,
No qual, por teu querer, sendo teu filho,
Te dei gosto, e te dei contentamento,
Eu te peço te lembres disso mesmo,
E que te doas de mim pobre agora: 5
De modo que me digas, e me mostres
Meu pai, e minha mãe. S. Rogo-te, filho,
Que tu te não persuadas, que és alheio.
Cl. Sim sou. S. Triste de mim desventurada:
Rogo-te que me digas, isso achaste? 10
Assim depois de mim, e dêste velho
Tu vivas, e te logres muitos anos,
Como dêle, e de mim és tu nascido.
E guar-te que não te ouça d'hoje em diante,

- Se tu me queres bem, esta palavras. 15
C. Mas se me temes tu guar-te não sinta,
 Que em ti possam haver êstes costumes.
Cl. Quais? *C.* Se saber o queres di-lo-ei logo,
 Mentiroso, apoucado, fraudulento: 20
 Gargantão, putanheiro, pernicioso;
 O que te digo crê, crerás que és nosso.
Cl. Não são de quem é pai estas palavras.
C. Jamais por isso sofrerei, Clitifo,
 Inda que foras da minha cabeça 25
 Filho, como já dizem, foi Minerva
 Da cabeça de Júpiter, que eu seja
 Infame polas tuas grandes culpas
S. Não consintam os Deuses estas coisas.
C. Os Deuses não conheço: eu com cuidado 30
 Porei quanto puder tôdas as fôrças
 A fim que vir não possa a ser infame.
 Aquilo que já tens, que são pais, buscas.
 Não buscas o que está de ti mui longe,
 A saber: como faças a vontade 35
 A mim teu pai; e para que conserves
 O que tenho aquirido com trabalho.
 Não te corres trazer-me per enganos
 Ante meus olhos? Certo me envergonho
 Dizer palavra torpe diante desta; 40
 E tu não te pejaste de fazê-lo.
Cl. Ai quanto de mim mesmo me aborreço!
 E me envergonho! nem sei que princípio
 Busque para aplacar meu pai irado.

CENA V

MENEDEMO, CREMES, CLITIFO, SÓSTRATA

ARGUMENTO

Nesta última Cena, com a vinda de Menedemo, depois de tantas revoltas, e perturbações se fazem as pazes, de maneira que tudo se vem a aquietar, e a compor alegremente, como o pede o fim da Comédia: polo que a Clitifo se dá por mulher, pola êle escolher, e pedir a filha de Arconis. E finalmente Ciro a rogos de Clitifo alcança perdão de seu amo.

- M.* Em verdade que Cremes atormenta
 Mui dura, e desumanamente o filho:
 Portanto saio para que componha,
 E faça as pazes. A pedir por bôca 5
 Os mesmos vejo ali. *C.* Ó Menedemo,
 Por que razão não mandas que se chame
 Minha filha; e por que não ratificas
 O dote que te disse? *S.* Meu marido,
 Muito te rogo, e peço que o não faças.
Cl. Eu te rogo, meu pai, que me perdoes. 10
M. Perdoa-lhe já, Cremes, e consente
 Que eu te rogue, e persuada. *C.* Porventura,
 Pedes, que de meus bens doação faça
 A Báquis? não farei, sabendo-o mesmo.

- M.* E nós também o não consentiremos. 15
Cl. Perdoa-me, meu pai, se queres viva.
Ci. Ora sus, Cremes, faz o que te pede.
M. Ora sus, eu to peço: não te mostres
 Tão obstinado assim. *C.* Que coisa é esta? 20
 Vejo não me ser lícito ir avante
 Isto, como já tinha principiado.
M. Fazes aquilo que te convém faças.
C. Eu farei certamente isso que dizes
 Com esta condição: se fizer êle 25
 O que eu julgo ser justo que êle faça.
Cl. Meu pai, tudo farei: manda-me em tudo.
C. Que te cases. *Cl.* Meu pai... *C.* Nada
 [mais ouço.
M. Fará sem falta: à minha conta o tomo.
C. Ainda nada lhe ouço. *Cl.* Sou perdido. 30
S. Duvidas porventura tu Clitifo?
C. Antes, se quer casar, tu lhe pergunta.
M. Fará tudo o que queres. *S.* Estas coisas
 Dificultosas são, quando as começas,
 E enquanto as não conheces; mas mui fáceis
 Depois que as conheceres. *Cl.* Fá-lo-ei, Padre.
S. Eu te darei, per Pólux, ó meu filho, 36
 Uma moça elegante, e engraçada,
 A quem ames, e queiras facilmente,
 Filha do nosso amigo Fanócrates.
Cl. Dizes tu porventura aquela moça 40
 Ruiva, de olhos azuis, de rôsto largo;
 E de nariz cambudo? Pai, não posso.
C. Eia, como é elegante, lindo, e grave!
 Podes crer que há ali ânimo, e vontade.
S. Inda outra te darei. *Cl.* Que coisa é esta? 45
 Pois é fôrça tomar mulher, eu tenho
 À mão aquela mesmo que desejo.

- S.* Eu te louvo, meu filho, logo agora.
Cl. A filha de Archon. *S.* Muito me contenta.
Cl. Meu pai, uma só coisa resta agora. 50
C. Que coisa? *Cl.* Quero que a Ciro perdoes
 Essas coisas que fêz per meu respeito.
C. Faça-se como pedes. Vós, senhores,
 Ide embora, e louvai o nosso Poeta.

FIM DA HEAUTONTIMORUMENON

ADELFO S

I N T E R L O C U T O R E S :

Mício, *velho*.

Dêmea, *velho*.

Sânio, *rufião*.

Êsquino, *mancebo*.

Ciro, *servo*.

Ctesifo, *mancebo*.

Sóstrata, *matrona*.

Cântara, *ama*.

Geta, *servo*.

Hégio, *velho*.

Dromo, *servo*.

Pânfila, *nora*.

ARGUMENTO DA COMÉDIA

Esta Comédia, foi chamada Adelfos, que em Grego quer dizer irmãos; e não sem causa: porque nela se contém, que foram dois irmãos um chamado Dêmea, e outro Mício: o Mício escolheu a vida de solteiro; e o Dêmea dando-se ao trabalho do campo, tomou mulher, e dela houve dois filhos Êsquino, e Ctesifo. Ao Êsquino adotou o irmão solteiro chamado Mício, e o criou em mimos, e regalos. O chamado Ctesifo foi do pai duramente exercitado nos trabalhos do campo: êste se acendeu no amor de uma certa moça música, e tangedora, a qual era de um certo rufião. E não a podendo gozar como êle queria, pola dureza, e aspereza do pai; pede ajuda, e favor a Êsquino: Êsquino a tira per fôrça, e a leva a casa de Mício; e com dizer que era sua, a acomodava ao irmão. Demais disto o dito Êsquino se namora de uma moça, Cidadã Ática; e prometendo casar com ela, a deflora, e corrompe. Vem Dêmea a saber do negócio, e vai correndo ter com o irmão, com o qual faz grandes tumultos, não sabendo porém que a moça fôra tirada para Ctesifo. Vem-se finalmente a descobrir o negócio, e Êsquino toma por mulher a dita moça: e Dêmea, tornando-se de avaro liberal, antes pródigo; deixa, e permite, que Ctesifo goze a sua amiga.

ARGUMENTO DO PRÓLOGO

Neste Prólogo o Poeta principalmente capta a benevolência dos ouvintes, purgando branda, e honestamente as objeções do Emulo: e mais se detém nisto, que em ofender o adversário; nem se lhe dá muito do que se lhe opõe; isto é: que foi ajudado de Lélío, e de Cipião; antes tem que isso lhe redunda em grande louvor.

PRÓLOGO

Porquanto o nosso Poeta pressentiu
Ser dos maus observado o seu poema,
E que seus adversários à pior parte
Lançavam repreendendo, esta Comédia,
Que havemos de representar agora:
Mostra dará de si o mesmo Poeta:
Vós Juizes sereis, se ao que têm feito
É justo dar louvor, ou vitupério.
A Comédia é de Difilo chamada
Em nome Grego *Synapothnes Scontes*.
Traduziu Plauto a fábula chamando-lhe
Commorientes. Na Comédia Grega
Há um mancebo, que uma Cantoneira
Tirou a um rufião: o lugar mesmo,
Da fábula na entrada, deixou Plauto
Inteiro, sem tocar em coisa alguma.
Este mesmo lugar na sua *Adelfos*
O Poeta tomando, o traduziu
Palavra por palavra expressamente.
Esta havemos de representar nova.
Considerai se tendes que foi feito
Furto; ou se foi tomado o lugar mesmo,
Que foi deixado atrás por negligência.
E quanto o que êstes malquerentes dizem,
Que homens nobres, e doutos o ajudaram,
E que 'screviam sempre juntamente;

5

10

15

20

25

Aquilo que êles têm por grande opróbrio,
Tem êle por louvor imenso, e grande:
Pois a êles agrada aquilo mesmo,
Que a vós todos agrada, e ao povo todo.
De cuja ajuda cada um a seu tempo,
Na paz, e guerra, no ócio, e no negócio
S'aproveitou sem arrogância alguma.
Além disto não espereis da fábula
Argumento: que os velhos que primeiro
Viram, descobriram a parte mesma:
A parte mostraram representando.
E vós fazei que o vosso reto juízo
Acrecente a indústria do Poeta
A fazer, e compor outras Comédias.

30

35

ATO I

CENA I

MÍCIO, velho

ARGUMENTO

Contém esta Cena, que sendo Êsquino filho adoptivo, e sobrinho de Mício, e não tendo ainda vindo a casa, do lugar onde ceara o dia dantes, o pai, e Tio Mício entra em vários, e penosos pensamentos, cuidando em mil desgraças, e desaventuras que lhe poderiam ter acontecido; natureza própria de quem ama de verdade, que um momento que não tenha diante dos olhos a coisa amada tudo teme, e tudo imagina em seu dano. Entra logo falando com um criado, que ainda estava dentro, dizendo:

Ó Storax, não tornou da ceia, Êsquino,
Nem alguns dos criados, que lá foram?
Sem falta isto que dizem é verdade:
Se tu absente estás em parte alguma,
Ou se te detens nesse lugar mesmo, 5
É melhor muito te aconteça aquilo,
Que contra ti diz tua mulher mesma,
E aquilo que ela irada tem na mente,
Do que aquilo que cuidam, e imaginam
Os pais, e mães propícios, e benignos. 10
Se tardas a mulher já cuida que amas,

Ou que és amado dalguma outra amiga;
 Ou que andas a beber pelas tavernas;
 Ou que fazes enfim tua vontade;
 E que quando te vai bem, tem mal ela. 15
 Porém eu, porque não tornou meu filho,
 Que coisas imagino! e com que coisas
 Ando agora solícito, e afligido!
 Se está pola ventura enregelado,
 Ou se alguma queda deu em parte alguma; 20
 E se quebrou alguma coisa, ou membro.
 Valha-me Deus, possível é que o homem
 Disponha no seu ânimo, e procure
 Alguma coisa a qual seja mais cara,
 Do que êle é a si mesmo? porém êste 25
 De mim não é nascido, mas do irmão,
 E êste é certo de condição diversa.
 Eu logo dêes da minha meninice
 Esta vida segui clemente, e urbana:
 O descanso segui, mulher não tive; 30
 A qual coisa êstes têm por bem felice.
 Mas êle, o meu irmão tudo ao contrário:
 Passar no campo a vida, e haver-se sempre
 Áspera, dura, e miseravelmente.
 Teve mulher: nasceram-lhe dois filhos; 35
 E dêles adotei êste mais velho.
 De pequeno o criei, comigo o tive:
 Amei-o, como se fôra meu filho:
 Nele acho todo meu contentamento. 40
 Esta só coisa me é doce, e cara.
 Trabalho com cuidado para que êle
 Isto mesmo para comigo tenha.
 Dou-lhe para que gaste, e o deixo à larga.
 Não é lícito faça as coisas tôdas, 45
 Segundo meu poder, e autoridade.
 Finalmente ensinei a êste meu filho,

Que não me encubra aquelas mesmas coisas,
 As quais consigo tráz a mocidade,
 E as quais os outros fazem às furtadas 50
 Dos pais: porque o que fôr acostumado
 Mentir, ou se atrever usar engano
 A seu pai; tanto mais se atreverá
 Enganar os demais: eu creio certo,
 Retê-los ser melhor com a vergonha,
 E liberalidade, que com medo. 55
 Estas coisas não concordam, nem quadram
 A meu irmão comigo, nem lhe agradam.
 Vem-se a mim muitas vêzes dando gritos;
 Que fazes, Mício? por que razão deitas
 A perder o mancebo, em nosso dano? 60
 Por que anda namorado? por que bebe?
 Por que razão lhe dás para estas coisas
 O que êle despender, e gastar possa?
 Mais que muito o regalias no vestido;
 És certo demasiadamente parvo. 65
 Êle é demasiadamente austero,
 Muito além do que é bem, e do que é justo:
 E na minha opinião certo enganado,
 E muito errado está, que crê que o mando,
 O qual se faz per força é mais estábil, 70
 E mais firme que aquêle, o qual se alcança
 Per rogos, per amor, per amizade.
 Esta é minha opinião, e finalmente
 Me persuado que aquêle, que o que deve
 Fazer, o faz do medo constrangido, 75
 Enquanto crê, que se há de saber tudo,
 Se guarda de pecar: porém se 'spera
 Que não se há de saber, torna de novo
 À natureza péssima que tinha.
 Mas aquêle a quem tu fazes amigo 80
 Com algum benefício, de boamente,

E de boa vontade o faz: trabalha,
 E procura pagar na mesma moeda:
 E o mesmo será presente, e absente.
 Isto pertence aos pais: ter costumado 85
 O filho a fazer bem: mais por vontade,
 E per próprio querer, que per alheio
 Mêdo: nisto o senhor, e o pai difere.
 Aquêlê que não sabe isto, confesse
 Que não sabe mandar aos próprios filhos. 90
 Mas é porventura êste aquêlê mesmo,
 Do qual pouco há tratava? êle & certo êste.
 Não sei por que razão o vejo triste.
 Creio pelejará logo comigo, 95
 Como costuma. Ó Dêmea, nós folgamos
 De que tu venhas salvo, e com saúde.

CENA II

DÊMEA, MÍCIO, velhos

ARGUMENTO

Nesta Cena se propõem diversos homens, diversos pais, e diversos pareceres: êste brando, aquêlê áspero: êste galante, e Cortesão, aquêlê rústico, e grosseiro: êste fácil em perdoar, aquêlê pertinaz, e difícil em emendar, e perdoar culpas. Porque Dêmea acusa gravemente ao filho Êsquino de desavergonhamento; e pelo contrário Mício desculpa a sua mocidade com brandura, e suavidade; do qual finalmente é Dêmea de algum modo aplacado.

D. Oh, vens a mui bom tempo, que eu te busco.

M. Por que estás triste assim? D. Tu mo
 [perguntas?

Tendo nós já perdido o nosso Êsquino
 Tu me perguntas por que estou tão triste?

M. Não tinha eu dito dantes porventura 5
 Que havia de ser isto dêste modo?

Que fêz êsse coitado? D. Que fêz êle?
 Que nem vergonha alguma tem: nem teme

A alguém, nem se persuade que obrigado

A algumas leis está: porque já deixo 10
 As coisas que antes disto foram feitas;

- M. Mas o que fêz agora êle de novo!
 E que é isso que fêz? D. Quebrou as portas,
 E com ímpeto entrou na casa alheia:
 Dela o dono espancou, e tôda a gente 15
 Até quase os matar; e depois disto
 Tirou per fôrça a moça que êle amava:
 Todos bradam, dizendo foi mal feito.
 Ó Mício, quantos isto me disseram,
 Vindo para cá! tudo anda na bôca 20
 De todo o povo: e se fazer se deve
 Comparação, e exemplo; não vê êle
 Seu irmão ocupar-se na fazenda;
 E estar no campo parco, e moderado?
 Nenhuma coisa dêste é semelhante 25
 Á daquele: estas coisas quando, ó Mício,
 A êle as digo, a ti também as digo:
 Tu sofres, e consentes que se dane.
 M. Não há coisa pior, nem mais injusta,
 Que um homem ignorante, o qual não cuida 30
 Que há coisa justa mais, que a que êle
 [intenta.
- D. A que fim dizes isso? M. Porque, ó Dêmea,
 Julgas mal estas coisas? Não é culpa
 (Crê-me tu) não é culpa que um mancebo
 Ande após as mulheres; nem que beba: 35
 Nem é culpa também que quebre as portas.
 Estas coisas se tu, nem eu fizemos,
 A pobreza nos não deixou fazê-las.
 Tu daquilo louvor fazes agora,
 Que então fizeste per pobreza, e falta. 40
 É mal feito: porque se houvesse donde
 Se fizera isto, nós certo o fizéramos.
 E se tu foras homem consentiras,
 Que êsse teu filho agora isso fizera,
 Enquanto tem licença pela idade, 45

- Antes que noutra diferente desta
 Esperado te lançará de casa,
 E contudo depois isso fizera.
 D. Oh, Deus me valha: tu, homem, sem falta
 Me farás com que hoje perca o siso. 50
 Não é pecado, e culpa que um mancebo
 Faça estas coisas! M. Ah, ouve, e não queiras
 Sobre isto tantas vêzes molestar-me.
 Tu me deste para o adotar teu filho:
 Êle é meu já: se faz coisa mal feita, 55
 Para mim, Dêmea, o faz: sofrer-lhe-ei certo
 A mor parte de tôdas essas coisas.
 Anda em banquetes; bebe, anda cheiroso,
 Do meu faz isso tudo, e não do teu.
 Tem amores? dar-lhe-ei dinheiro enquanto
 Fôr cômodo, e o tiver: mas depois quando 61
 O não tiver, será pola ventura
 Fora de minha casa então lançado.
 Quebrou portas? serão restituídas.
 O vestido rasgou? será serzido. 65
 Há 'í (graças aos Deuses) donde tôdas
 Estas coisas se façam: até'gora
 Me não dão pesadumbre, nem moléstia.
 Enfim, ou deixa já de repreender-me,
 Ou me dá um juiz, qual tu quiseses, 70
 E mostrar-te-ei que nisto tens mais culpa,
 Do que eu tenho. D. Ai, de mim, ó Mício,
 [aprende
 A ser daqueles pais, que de verdade
 O sabem. M. Tu lhe és pai por natureza,
 Mas eu pai lhe sou, dando-lhe conselhos.
 D. E tu lhe dás conselho em coisa alguma? 71
 M. Ah, se vás por diante irei-me logo.
 D. Dessa maneira o fazes? M. Tantas vêzes
 Hei d'ouvir sôbre uma mesma coisa!

- D. Eu sou, Mício, de Ésquino cuidadoso. 75
 M. E eu também cuidado tenho dêle
 Porém, Dêmea, tenhamos igualmente
 Cuidado cada qual de cad'um dêles:
 Tu tem cuidado dum; eu terei doutro.
 Porque tê-lo d'ambos, é tornar-me 80
 Quase a pedir o filho que me deste.
 D. Ah, Mício, Mício. M. Assim me parece isto.
 D. A mim que me vai nisto? se te agrada
 Deite tudo a perder, e perca-se êle: 85
 Nada me toca já: d'hoje em diante
 Se eu falar, ou disser uma palavra...
 M. Dêmea, outra vez te indignas, e te agastas?
 D. Não no crês tu? torno eu pola ventura
 A pedir-te de novo o que te tenho 90
 Dado? dá-me cuidado, e tenho pena,
 E nem alheio sou, se contradigo.
 Ah, mas deixo isto: queres tu que tenha
 De um só cuidado? tenho: e graça aos Deuses,
 Pois do modo é, que quero que êle seja.
 Este teu sentirá depois; não quero 95
 Dizer contr'êles coisas mais pesadas.
 M. Nem as coisas que diz Dêmea de Ésquino
 São tôdas falsas, nem verdades tôdas.
 As que fêz algum tanto me molestam;
 Mas não lhe quis mostrar que mal o soffro.
 Porque êle é homem desta natureza 101
 Quando quero aplacá-lo grandemente
 Lhe contradigo, e faço que se espante:
 Contudo apenas sofre humanamente.
 Porém se lhe acrescento, ou de sua ira
 Ajudador lhe sou, certo com êle 106
 O juízo perderei: pôsto que Ésquino
 Nos faz neste negócio alguma injúria.

Porque, que má mulher não amou êste?
 Ou a qual deixou de dar alguma coisa? 110
 Há pouco finalmente (creio que êle
 De tôdas já se tinha enfastiado)
 Que queria casar, disse: 'sperava
 Ter-se esfriado a doida mocidade:
 Alegrava-me enfim: mas eis de novo... 115
 E o crera, senão é que saber quero
 Dêle o que quer que seja, e ir ter com êle,
 Se acaso está na praça, ou na Audiência.

ATO II

CENA I

SÂNIO, ÊSQUINO

ARGUMENTO

Contém esta Cena a diferença que Êsquino teve com o rufião, chamado Sânio per respeito de uma moça, que era do dito Sânio; porque Êsquino a queria, e êle lha não queria dar: donde, vindo a mais palavras, fica Sânio com a pior, e bem espancado. Propõe-se em ela o exemplo de um rico soberbo, e descortês, e de um pobre pertinaz em seu dano, e ruína. Entra enfim Sânio gritando; e neste interim Êsquino com Parmeno lhe vão tirar a moça de casa.

- S. Pego-vos Cidadãos, que deis socorro
A mim desventurado, e inocente:
Socorrei a êste pobre. Ê. Está seguro
Tente já aqui: não temas: para que olhas?
Não há nenhum perigo aqui: nem êste 5
Te tocará, enquanto eu fôr presente.
- S. Levarei, em que pês a todos, esta.
- Ê. Inda que êle é perverso, contudo hoje
Não fará que outra vez seja espancado.
- S. Ouve-me Êsquino; por que tu não digas, 10
Que não és sabedor de meus costumes.
Eu sou Sânio rufião. Ê. Bem sei que és êsse,

- S.* De tal maneira, que jamais não houve
Em parte alguma alguém de mais palavra.
Não sofrerei que tu depois te excuses, 15
E desculpes, dizendo, não quiseste
Que me fôsse êste agravo, e injúria feita:
Crê-me isto: seguirei minha vingança.
Nem tu me pagarás só com palavras
Os males que per obras me fizeste. 20
Estas vossas palavras bem conheço:
Não quisera te fôsse feito agravo.
Dar-se-á juramento que és indigno
Desta injúria; sendo eu tão maltratado
Com modos tão indignos. *É.* Vai com brio 25
Abre a porta. *S.* Mas não farás tu isto.
É. Agora vai tu dentro, e vai depressa.
S. Tal não consentirei. *É.* Ali te chega,
Parmeno: muito dêle te afastaste.
Chega-te perto dêste: ah, assim o quero. 30
Gua-te agora não tires os teus olhos
Dos meus, olhando para parte alguma:
E quando te acenar, não te detenhas,
Que logo lhe não dê uma punhada
Nas queixadas. *S.* Por isso que tu dizes, 35
Quero ver isso mesmo. *É.* Oh, gua-te, e deixa
A mulher. *S.* Ó maldade indigna, e grande!
É. Dobradas tas dará, se te não guardas.
S. Ai coitado de mim, desventurado. 40
É. Não te tinha acenado; mas contudo,
Parmeno, antes tu peca nesta parte.
Agora te vai tu daqui depressa.
S. Isto que diabo é? tu porventura
Possuis aqui Reino, ou senhorio?
É. Se possuís Reino honrado foras, 45
Segundo tuas virtudes o merecem.

- S.* Que tens tu que fazer aqui comigo?
É. Nada. *S.* Que tens? conheces porventura
Quem eu seja? *É.* Nem conhecer desejo.
S. Eu toquei porventura alguma parte 50
De teus membros? *É.* Se tu nêles tocaras
Levara-te o diabo. *S.* Porque causa
Reter te é lícito a mulher que é minha,
Pola qual eu paguei o meu dinheiro?
Responde. *É.* Melhor fôra não ter feito 55
Aqui diante das casas esta afronta:
Que se vás por diante em ser molesto,
Serás arrebatado para dentro,
E até à morte com louros apitado.
S. Açoitado com louros, sendo livre? 60
É. Assim desta maneira como digo.
S. Ó homem torpe, sem-vergonha alguma!
Porventura aqui dizem que é comua
A liberdade a todos em Atenas?
É. Ó Rufião, se tu tens doidejado 65
Já quanto baste; agora ouve, se queres
O que dizer-te quero. *S.* Eu doidejado
Tenho pola ventura contra ti,
Ou tu contra mim tens já feito o mesmo?
É. Deixa-te disso já, e torna ao ponto. 70
S. A que ponto? ou para onde queres torne?
É. Queres tu que te diga o que te importa?
S. Isso quero: contanto que tu digas
Alguma coisa digna, boa, e justa.
É. Oh, não quer o Rufião diga injustiças. 75
S. Eu sou certo Rufião, confesso sê-lo;
Dano comum de todos os mancebos:
Um perjuro, uma peste; mas contudo
De mim nunca te foi já feita injúria.
É. Por Hércules, inda isto resta agora. 80

- S. Ésquino, torna, rogo-te, ao ponto
 Onde tens começado. É. Tu por vinte
 Minas compraste a moça, o que mal-prol
 Te faça: dar-se-te-á tanto dinheiro. 85
- S. E que será, se vender-ta não quero?
 Poderás constranger-me? É. Não por certo.
 Porque certo temi que isso farias.
- S. Nem me parece deve ser vendida
 É. Aquela que livre é: porque eu com minha
 Mão a torno outra vez à liberdade, 90
 Polo vigor da lei. Vê tu agora,
 Se queres receber o teu dinheiro,
 Ou defender tua causa. Agora, enquanto
 Eu torno, ó Rufião, determina isto. 95
- S. Ó Júpiter supremo, não me espanto
 Daqueles, que da injúria recebida
 Endoidecem. De minha casa fora
 Me lançou: espancou-me: contra minha
 Vontade me tirou a que minha era.
 E por paga dos males que me há feito, 100
 Quer que lhe seja dada pelo mesmo
 Preço que me custou: deu-me contudo
 Inda mais de quinhentas pescoçadas.
 Mas certo, pois a tinha merecido,
 Assim seja: demanda o que merece. 105
 Ora sus, eu o quero, e o desejo,
 Contanto que me torne o meu dinheiro:
 Porém eu adivinho, que no mesmo
 Ponto que lhe disser, que per um tanto
 Eu lha quero vender; tomará logo 110
 Testemunhas, que lha tenho vendida:
 E do dinheiro será vento, e sonho.
 Logo dizer me pode: amanhã torna.
 Também posso sofrer isto, contanto

Que me dê o que é meu, inda que é coisa
 Injuriosa: mas vou cuidando a coisa 116
 Assim como ela é. Quando começares
 Exercitar esta arte que eu professo,
 Tôda, e qualquer injúria dos mancebos
 Se há de dissimular, calar, sofrer. 120
 Mas ninguém me dará: por demais logo
 Vou comigo estas coisas revolvendo.

CENA II

CIRO, servo. SÂNIO

ARGUMENTO

Esquino manda Ciro a Sânio que lhe fale como de si, e o persuada a tomar aquêlê dinheiro, que êle lhe quer dar. Ciro o faz, e de maneira, que a Sânio lhe parece bem, e ainda se tem por bem afortunado em o haver: em o que se mostra claramente o exemplo da vida dos avaros, os quais com as suas mesmas razões caem no dano da mesma cobiça.

- C. Cal-te já que eu irei falar com êle;
E farei com que tome cobiçoso
O dinheiro: e também diga se teve
Com êle todo o bom respeito, e modo.
Que coisa é esta, ó Sânio, porque tenho
Ouvido, que brigaste com teu amo? 6
- S. Eu nunca vi contenda comparada,
Mais sem razão, e mais injustamente,
Que aquela mesma, que entre nós houve hoje.
Eu sendo o espancado, êle espancando, 10
Ambos de dois ficamos bem cansados.
- C. Per tua culpa. S. Que fazer devia?
- C. Era justo o fizesses a vontade
Ao mancebo. S. Que melhor fazer pude?

- O rosto ofereci para as punhadas. 15
C. Acaba já: sabes, que dizer quero?
 Alguma vez é ganho não pequeno
 Desprezar o dinheiro a tempo, e hora.
S. Hui! *C.* Ó homem ignorante mais que todos, 20
 Receaste que se de teu direito
 Alguma coisa desses ao mancebo;
 E também lhe fizesses a vontade,
 Tal coisa te não desse algum proveito?
S. Eu não compro com preço a 'sperança.
C. Não farás coisa tu que te aproveite. 25
 Vai-te d'í, que não sabes cevar homens.
S. Eu creio ser melhor isso que dizes.
 Contudo não fui nunca tão astuto,
 Que não quisesse mais tomar aquilo
 Que enfim pudesse, estando na presença.
C. Ora sus, o teu ânimo conheço, 31
 Que não queres pedir as vinte minas
 A Ésquino, como se já noutra parte
 As tiveras; contanto que a vontade
 Faça a êste mancebo: demais disto 45
 Dizem 'stás de caminho para Cipro.
S. Ham, que é isso que dizes? *C.* E que muitas
 Coisas compraste, que daqui levasses
 Para lá: e uma nau também fretaste.
 Isto sei; que tens ânimo inclinado 50
 A Cipro, e tanto que de lá tornares
 Espero cobrarás êste dinheiro.
S. Nem o pé moverei a parte alguma:
 Per Hércules que sou de todo morto.
 Isto fizeram êles só com esta 55
 Esperança de me ir. *C.* Êle tem medo:
 Eu certo em que entender lhe tenho dado.
S. Ó maldades estranhas! isto vêde.
 Como no mesmo ponto que ir-me quero

- Me vem a perseguir: muitas mulheres 60
 Tenho compradas, e outras muitas coisas,
 As quais levo para vender em Cipro.
 E se eu lá não chegar onde se vendem
 Me será muito grande perda, e dano.
 Agora se isto deixo, perco o tempo: 65
 Quando de lá tornar não há 'sperança,
 Esfriar-se-á o negócio; finalmente
 Agora vens? dizer então me podem;
 Como sofreste estar lá tanto tempo?
 De maneira que seja melhor muito 70
 Perder o preço da vendida moça,
 Que estar aqui mais tempo reteúdo,
 Ou seguir a demanda quando venha.
C. Tens já contado o que tornar-te pode?
S. E isto porventura digno dêle? 75
 É possível que Ésquino tal intente?
 Que pretenda tirar-me esta per fôrça?
C. Êle está esmorecido: esta só coisa
 Tenho; vê tu se muito te contenta,
 Primeiro que te ponhas em perigo: 80
 Se tudo recuperes, ou se o percas.
 Esta dívida parte pelo meio:
 Êle podera haver dalguma parte
 Dez minas. *S.* Ai de mim desventurado:
 Ainda venho em dúvida, e perigo 85
 Da suma principal: não se envergonha
 Êle do que me fêz? todos os dentes
 M'abalou: além disso com punhadas
 Tenho, certo, em pulmões tôda a cabeça.
 E sobretudo privar-me quer ainda 90
 Do principal? já não quero partir-me.
C. Como tu mais quiseses. Per ventura
 Queres tu mais de mim? senão me parto?
S. Antes por certo, ó Ciro, isto te peço;

Que de qualquer maneira que estas coisas
Foram feitas; o que é meu se me torne,
Primeiro que a seguir torne a demanda:

Ao menos se me torne quanto a moça
Me custou; eu sei, Ciro, que até'gora
Minha amizade não exprimentaste:

Eu farei que tu digas, sou lembrado
Da mercê recebida, e agradecido.

C. Eu farei com cuidado se te torne.

Mas eu vejo a Clitifo: está contente
Da amiga. S. O que é aquilo que te rogo?

C. Deixa-te disso agora: 'spera um pouco.

100

CENA III

CTESIFO, CIRO

ARGUMENTO

Sai Ctesifo louvando o irmão Ésquino, e dando-lhe as graças, pelo benefício que lhe fêz de lhe granjear a amiga, pondo-se a risco, e perigo: e assim sai todo alegre de a haver gozado per respeito do irmão: em o que nos mostra o Poeta, que aquêle que tem feito hábito no vício, não só comete culpa em o fazer, mas também em mostrar que folga com isso.

- Ct. Folga tu receber de qualquer homem,
Quando convém, mercês, e benefícios:
Mas na verdade, aquêle finalmente
Agrada, o qual é feito por aquêle
A quem convém, e é lícito fazê-lo. 5
Ó irmão, ó irmão, para que é dar-te
Louvores? eu sei certo, que já nunca
Eu direi de ti coisa tão magnífica,
A qual não sobrepuje a tua virtude.
Assim que cuido tenho mais que os outros 10
Esta só coisa principal, e egrégia;
Um irmão, que o qual cuido nenhum homem
Será mais principal das artes primas.
C. Ó Ctesifo. Ct. Ó meu Ciro, onde está Ésquino?

- C. Êsquino dizes? em casa te espera. 15
 Ct. Oh. C. Que vai? Ct. O que vai? eu, Ciro, agora
 Pelo trabalho, e obra dêle vivo.
 Ó festival cabeça! homem jocundo!
 O qual cuidou haverem de pós por-se,
 Por meu cômodo todos os incômodos:
 E tomou sôbre si as pragas tôdas; 21
 A fama, o meu amor, e a minha culpa.
 Não se pode fazer coisa mais grande.
 Mas quem bate na porta? C. 'Spera, 'spera:
 O mesmo Êsquino agora sai fora.

CENA IV

ESQUINO, SÂNIO, CTESIFO, CIRO

ARGUMENTO

Tinha Êsquino saído fora em busca de Sânio, e se encontra com Ctesifo, seu irmão, com quem tem encarecidas palavras de grande agradecimento, pola favorecer em seus apetites; em que se pinta a condição de um mancebo desenfreado em seus vícios, o qual naquilo que o leva a perder, se mostra mui contente, e alegre: e por isso se conclui a Cena com se mandar preparar a ceia, para festejarem o bom sucesso daquele dia.

- Ê. Onde está aquêle mau, torpe, sacrílego?
 C. Se me busca êle a mim? pola ventura
 Traz êle coisa alguma? sou perdido:
 Nenhuma coisa traz. Ê. Oh, a bom tempo:
 A ti te busco mesmo: que há, Ctesifo? 5
 Tudo seguro está, deixa a tristeza.
 Ct. Eu a deixo por certo, pois te tenho
 Por irmão, ó meu Êsquino, ó irmão meu:
 Mas ah, temo louvar-te na presença,
 Porque não imagines que te louvo 10
 Mais por causa, e razão de lisonjear-te,
 Do que de me mostrar agradecido.
 Ê. Vai-te, ignorante, daí, como se agora,

- Ó Ctesifo, entre nós nos conhecêramos.
 Porém disto me pêsá; que o soubemos 15
 Quase mui tarde; e que é chegada a coisa
 A têrmos tais, que, se todos quisessem
 Algum socorro dar-te, não puderam.
Ct. De confessar meu amor vergonha tinha.
É. Ah, isso é parvoíce, e não vergonha: 20
 Por causa tão pequena ir-se da pátria
 É coisa de dizer-se torpe, e feia.
 Aos Deuses rogo, que estas coisas tolham.
Ct. Errei. *É.* Que nos diz Sânio finalmente?
C. Já Sânio brando está. *É.* Quero ir à praça 25
 Para que despida êste: e tu Ctesifo
 A casa te vai dela. *S.* Ó Ciro, aperta.
C. Vamo-nos já daqui, que êste se apressa
 Para ir a Cipro. *S.* Ainda eu não me apresso,
 Suposto fico aqui também ocioso. 30
C. Não temas; ser-te-á dado o teu dinheiro.
S. Mas faze que me seja dado todo.
C. Todo te será dado: cala agora,
 E por aqui me segue. *S.* Vou seguindo.
Ct. Ó lá, Ciro, ó lá Ciro. *C.* Oh, que me dizes?
Ct. Rogo-te que despidas logo êste homem 36
 Impuro, e sujo; para que não chegue
 Isto per via alguma a meu pai: logo
 Então serei perdido para sempre.
C. Não será assim; tem ânimo, e coragem: 40
 Entretanto te goza dentro, dela;
 E manda pôr os leitos, e aprestar-se.
 O demais para a ceia: eu me irei logo,
 Já passado o negócio, para casa
 Com todo o mantimento necessário. 45
Ct. Assim rogo que seja; e que gastemos
 Êste bom, festival, e alegre dia,
 Pois o negócio tem bem sucedido.

ATO III

CENA I

SÓSTRATA, CÂNTARA

ARGUMENTO

Nesta Cena se introduz Sóstrata matrona, com Cântara sua ama, dolorosa, e compadecida da filha, que era prenhe de Êsquino, e andava com as dores do parto: mas Cântara a consola dizendo, que também ela já pariu, e que nem por isso morreu, nem perigou: que assim será também a filha.

- S. Eu te rogo, minha ama, que me digas
O que há de ser agora desta moça.
- C. O que há de ser agora me perguntas?
Per Pólux será bem: assim o 'spero.
- S. Ó tu minha ama, agora lhe começam 5
Primeiramente as dores. C. Tens receio
Agora, como se nunca te acharas
Em outra, e como se nunca pariras!
- S. Triste de mim coitada; ninguém tenho: 10
Somos sós, e não temos aqui Geta:
Nem por quem a Comadre chamar mande:
E nem também quem vá chamar a Êsquino.
- C. Per Pólux será aqui logo presente,
Que nenhum dia deixa, que não venha.
- S. Ele o remédio é só de meus males. 15

- C. Senhora minha, não podia fazer-se
Melhor da coisa feita, que o já feito:
Pois se lhe fêz o 'stupro, enquanto toca,
Principalmente àquele de tal sangue
Nascido, e de família tal, e tanta.
- S. Per Pólux assim é como tu dizes:
Aos Deuses rogo, que nos seja salvo.

20

CENA II

GETA, criado. SÓSTRATA, CÂNTARA

ARGUMENTO

Nesta Cena se mostra, e exprime um servo fiel, e grandemente agastado: êste é Geta, o qual vendo como Êsquino tinha tirado aquela moça ao Rufião Sânio, cuidando a tirara para si, se vai a casa para o dizer a Sóstrata sua ama, queixando-se, e dizendo, que Êsquino prêso do amor da moça do Rufião lha tirara das mãos; desprezando a donzela Ática que já tinha desflorado, com condição de se casar com ela. O que nos mostra, que não se há de dar logo de ligeiro crédito a conjeturas.

- G. Agora passa assim êste negócio,
De tal maneira, que se todos queiram
Todos os seus conselhos dar-lhe, e busquem
A êste mal algum remédio, e cura;
Nenhum socorro poderão trazer-lhe: 5
O qual mal é só meu, e de minha ama,
E de minha ama a moça, filha dela,
Ai de mim sem ventura: tantas coisas
Nos cercam de repente, donde sair-se
Não pode: a fôrça, a falta, a injustiça: 10
O sermos sós, a infâmia; é porventura

- Isto idade? Ó maldades! Ó progenies
Sacrilegas! Ó homem sem piedade!
- S. Ai miserável, que quer dizer isto, 15
Que vejo Geta assim tão perturbado,
E que vem para cá com tanta pressa?
- G. A quem nem fé, nem juramento feito,
Nem o pôde reter, nem dobrar pôde
Misericórdia: nem porque já o parto 20
Vizinho instava à triste, a quem per fôrça
Indignamente tinha feito 'stupro.
- S. Eu não entendo as coisas que êle fala.
C. Rogo-te nos cheguemos mais um pouco.
G. Ah desaventurado, escassamente 25
Em meu juízo estou: assim me abraso
Com pura raiva, e ira. Nem há coisa
Que mais quisera, que vir-me ao encontro
Tôda aquela família, para que esta
Cólera tôda nêles vomitara,
Enquanto esta paixão é fresca, e nova. 30
Este castigo me será bastante;
Contanto que me vingue agora dêles.
Primeiramente ao mesmo velho a alma
Extinguir, e tirara; pois gerou
Aquela grão maldade, e aquêlê monstro.
E logo aquêlê Ciro conselheiro 36
Dêste mal, e impulsor: ah, com que modos
O fizera pedaços! pelo meio
O arrebatara, e logo de cabeça
Primeiramente o lançara na terra, 40
Para que salpicasse cos miolos
Todo o caminho: e então tirara os olhos
Ao mancebo; e depois o arremeçara
Abaixo de um penedo: os demais todos
Com ímpeto impelira arrebatados; 45
Movera com pancadas, e acabara.

- Mas eu deixo de dar parte a minha ama
De tanto mal? S. Chamemo-lo: ó tu Geta.
G. Hui, quem quer que és, me deixa. S. Eu
sou Sóstrata. 50
- G. Onde está ela? A ti te busco mesma,
A ti te 'spero: ó senhora, a bom tempo
Ao encontro me vieste. S. Que é que temes?
- G. Ai de mim. S. Que te apressas, Geta amigo?
O coração sossega, ânimo cobra.
G. De todo... S. Que de todo é êste agora?
- G. Perdidos somos, somos acabados: 56
Já não há que fazer. S. Fala, te rogo,
O que é. G. Já... S. Que já? me dize, Geta.
G. Êsquino... S. Êsquino? logo que fêz êle?
- G. Alheio está de tôda a nossa gente. 60
S. Ham? já perdida sou. Por que? me dize.
G. Começou amar outra. S. Ai de mim triste.
G. Nem isto fêz ocultamente. O mesmo
A tirou ao Rufião patentemente.
- S. Sabes bastante isso decerto? 65
G. Certo, Sóstrata, o vi com êstes olhos.
S. Ah, ah triste de mim, o que crer deves?
Ou a quem deves dar crédito? o nosso
Êsquino, a nossa vida de nós todos;
No qual tôdas as nossas esperanças, 70
E riquezas estavam colocadas!
O qual jurava, que sem esta um dia
Jamais havia de viver; o qual
Dizia que o menino que parisse
O poria no seu próprio regaço; 75
E que ao pai rogaria de tal modo,
Que lícito lhe fôsse recebê-la
Ainda por mulher. G. Senhora, deixa
As lágrimas; mas antes provê logo
O que convém a êste tal negócio. 80

- Se devemos sofrê-lo, se contá-lo
 A alguém. *C.* Oh, oh; ó homem, porventura
 Estás tu em teu juízo? ou te parece,
 Que hás de descobrir isso em nenhum tempo?
G. A mim isto por certo não me agrada. 85
 Primeiramente a mesma coisa mostra
 Nos tem perdido o amor, e a vontade.
 Agora se na Praça isso pusermos,
 Eu sei mui bem que negará a pés juntos.
 E tua fama, e a vida de tua filha 90
 Por isto correrá risco, e perigo.
 Depois disto, se o confessar, amando
 A outra, não é certo proveitoso
 Dar-lhe esta por mulher: pola qual causa
 É de qualquer maneira necessário 95
 Encobri-lo. *S.* Ah, em nenhuma maneira:
 Não farei tal. *G.* Que fazes? *S.* Di-lo-ei certo.
G. Ah, Sóstrata minha ama, vê o que fazes.
S. Não pode ter chegado a mais vis têrmos
 A coisa, do que agora tem chegado. 100
 Primeiramente a moça não tem dote:
 Além disto, o outro dote que ela tinha
 De todo pereceu: porque não pode
 Casar-se por donzela. Uma só coisa
 Me fica. Se negar, tenho comigo 105
 O anel que perdeu, por testemunha.
 Porque eu sei muito bem, que está mui longe
 Esta culpa de mim: e que nem prego,
 Nem outra coisa alguma há intervindo:
 Ou, Geta, provarei, que não sou digna 110
 Daquela injúria, e culpa. *G.* O que é isto?
 Quero chegar-me, porque melhor digas.
S. Tu vai o mais depressa que puderes,
 E conta a Hegião, parente desta,
 Per ordem tôda a coisa: que foi êste 115

- Grande amigo do nosso Simãozinho,
 E nos teve respeito grandemente.
G. Dizes mui bem: porquanto nenhum outro
 Nos respeita, nem tem de nós piedade.
S. Apressa-te; amiga minha, Cântara,
 Corre, e chama a Comadre: por que quando
 Fôr necessário não nos detenhamos.

CENA III

DÊMEA, e CIRO

ARGUMENTO

Tinha Dêmea entendido que seu filho Ctesifo se achara também com Êsquino no rapto daquela moça, e por esta razão se mostra queixoso. Sobrevém nisto Ciro com quem êle quer comunicar esta sua queixa mas considerando que é da facção, e parcialidade do filho, e seu amigo, e conselheiro, desiste do seu intento, e assim entra queixoso, dizendo:

- D. Sou de todo perdido em vários modos:
Ouvi dizer que o meu filho Ctesifo
Se achou também no rapto juntamente
Com Êsquino: êste mal, triste me resta;
Se êle pode levá-lo a ser velhaco, 5
O qual é pronto para qualquer coisa.
Onde o posso buscar? Eu tenho, e creio,
Que para alguma parte foi levado
Ao lugar das mulheres de partido.
Aquêle impuro, e torpe o persuadiu: 10
Isto sem falta é assim, e o sei decerto.
Mas eis que eu vejo vir a Ciro. Dêle
Saberei logo logo onde êle esteja:
Mas êste sem falta é do seu rebanho.

- Se me sentir que o busco, êste verdugo
 Não mo dirá jamais. Em nenhum modo
 Mostrar-lhe quero agora que isto quero.
C. Todo o negócio contamos ao velho
 Per ordem, da maneira que passava;
 E não vi coisa mais alegre que êle.
D. Valha-me Deus, que parvoíce de homem!
C. Dou louvores ao filho, e a mim graças:
 A mim só que lhe dei tão bom conselho.
D. Arreberto de dor. *C.* Logo o dinheiro
 Lhe contou: afora isto me deu logo
 De uma mina a metade para o gasto:
 Isto se distribuiu certo a meu modo.
D. Oh, se queres se faça belamente
 Encomenda-o a êste. *C.* Dêmea certo
 Que não te tinha visto. O que se faz?
D. Que se faz me perguntas? eu não posso
 Acabar de espantar-me tanto, quanto
 Baste do vosso modo, 'stado, e vida.
C. É temerária certo, e, porque diga
 A verdade, é mais torpe, e desonesta.
 Ó Dromo, escama todos os mais peixes,
 E deixa brincar êste congro grande
 Um pouco na água: e depois que eu torne
 Os ossos lhe serão logo tirados:
 Antes disto não quero se lhe tirem.
D. É porventura lícito se façam
 Estas velhacarias? *C.* A mim certo
 Me não agradam; e sempre clamo, e brado:
 Stefânio, faze que êste peixe sêco
 Se faça mole belamente na água.
D. Deuses valei-me: imploro vossa ajuda.
 Per ventura quer Mício se atribua
 A exercício, e 'stúdio: ou também cuida,
 Que se há de atribuir a louvor grande,

15

20

25

30

35

40

45

- Se deitar a perder o próprio filho?
 Triste de mim: parece-me que vejo
 Aquêl dia já, quando êle pobre,
 Daqui se irá fugindo a alguma parte,
 A servir na milícia por soldado.
C. Ó Dêmea, isto é saber; não ver sômente
 O que ante os pés está; mas ver ao longe
 As coisas que hão de vir. *D.* Quê? por ventura,
 Está já em vosso poder essa Cantora?
C. Já dentro em casa está. *D.* Oh, há de tê-la
 Em casa porventura? *C.* Assim o creio,
 Como é sua parvoíce, e sua demência.
D. É possível se façam tais maldades?
C. A brandura do pai desordenada,
 E a danosa, e má facilidade
 É a causa total dêste desmancho.
D. De meu irmão me pês, e me envergonho.
C. Dêmea, entre vós há muita diferença:
 E não digo isto porque estás presente:
 Que há muito grande diferença digo.
 Tu todo quamanho és, nenhuma coisa
 Outra és mais, que sapiência: êle apoucado:
 Êle vão: êle sonho: consentiras,
 Que o teu filho fizesse estas tais coisas?
D. Se o consentira dizes? porventura
 Seis meses antes que êle começara
 A fazer coisa alguma, não soubera,
 E não o cheirara eu? *C.* Estás-me contando
 A diligência tua? *D.* Assim seja êle
 Sempre como agora é. *C.* Do mesmo modo,
 Que cada um quer que seja o seu, tal é.
D. Pois quê? viste-o tu hoje? *C.* Quem, teu filho?
 Daqui o enxotarei lá para o campo.
 Eu tenho para mim, que já há pedaço
 Êle no campo faz alguma coisa.

50

56

60

65

70

75

- D.* Sabes tu bem decerto, que está êle 85
 Aí onde tu dizes? *C.* Oh que eu mesmo
 O levei. *D.* Bem está: temi por certo
 Que êle aqui se apegasse. *C.* E muito irado.
D. E isso por que mo dizes? *C.* Lá na praça 90
 Afrontou com palavras injuriosas
 A seu irmão sôbr'esta tangedora.
D. Dizes isso de siso, e de verdade?
C. Oh, êle não calou nenhuma coisa:
 Porque interveio o homem d'improviso:
 Quando acaso o dinheiro se contava: 95
 Começou de bradar: é conveniente,
 Ó Êsquino que faças tais maldades?
 E que cometas estas coisas, sendo
 Da nossa geração, e sangue indignas?
D. Oh, choro de prazer, e de alegria. 100
C. Tu não perdes, lhe diz, êste dinheiro;
 Mas perdes a tua vida. *D.* Salvo seja.
 É semelhante a seus antepassados:
 Assim o 'spero seja.
C. Hui. *D.* Ciro, dêstes
 Preceitos está cheio. *C.* Em casa teve 105
 Filósofos, de quem isso aprendesse.
D. Assim se faz com diligência; e nada
 Atrás deixo, que não lhe ensine, e diga:
 Vou-lhe dando costumes: finalmente
 Mando que ponha os olhos, como em
 ['spelho 110
 Em as vidas de todos; e que tome
 Exemplo para si dos outros todos.
 Isto farás, lhe digo. *C.* Bem por certo.
D. E disto fugirás. *C.* Astutamente.
D. Isto te dá louvor. *C.* Aí está tudo. 115
D. Isto te vitupera. *C.* Está belíssimo.
D. Mas contudo... *C.* Não tenho, certo, tempo

- Agora de escutar-te: porque uns peixes
 Achei como queria; e tenho mêdo,
 Que não se me corrompam. Que isto, ó
 [Dêmea, 120
 Nos é a nós tão grande vitupério,
 Quanto a vós não fazer aquelas coisas,
 Que tu agora disseste: e enquanto posso,
 Nesta conformidade aos meus conservos
 Mando, e aviso, dizendo: isto é salgado:
 Isto queimado está: e isto mal limpo. 126
 Aquilo está bem feito. Tem lembrança,
 Que o faças outra vez desta maneira:
 E lhe advirto com muita diligência
 Aquelas coisas, que advertir-lhe posso, 130
 Conforme o meu saber. Últimamente
 Mando que olhem nos pratos, como em 'spelho,
 E os advirto fazer o que releva:
 Eu bem conheço, e vejo que estas coisas
 Que nós fazemos são de pouco porte. 135
 Mas que farás? cada um faça a vontade,
 Segundo o homem a que estiver sujeito.
 Queres tu porventura alguma coisa?
D. Quisera se vos dera melhor mente.
C. Partes-te tu daqui para a tua quinta? 140
D. Sim, para lá me vou. *C.* Porque, que coisa
 Podes fazer aqui, onde, se mandas
 Alguma coisa bem, não te obedecem?
D. Eu me parto daqui, porquanto aquêl, 145
 Per cuja causa vim aqui, é ido
 À quinta: dêle só tenho cuidado:
 Êle me toca a mim; pois dêste modo
 Quer meu irmão que seja. Proveja êle
 Acêrca dêste. Porém quem é aquêl,
 Que vejo ali afastado? É porventura 150
 Aquêl Hégio, da nossa gente, e sangue?

Se vejo bem, êste é por certo. Ó homem,
 Dês de sua meninice amigo nosso.
 Valha-me Deus: por certo temos grande
 Falta de Cidadãos daquele modo. 155
 É um homem de fé, e virtude antiga:
 Não sei que mal virá dêste à República.
 Oh quanto folgo quando vejo agora
 De tal gente restarem inda relíquias!
 Oh, desejo viver ainda agora. 160
 Esperarei neste lugar o homem,
 Para que o saúde, e co'êles fale.

CENA IV

HÉGIO, GETA, DÊMEA, PÂNFILA

ARGUMENTO

Contém esta Cena a queixa de Hégio parente de Sóstrata, o qual se dói de sua filha ser tratada de Ésquino como não convinha; e finalmente desflorada: porque cuidavam que era dêle deixada, e desamparada, não sendo assim; e o conjecturava de muitos argumentos pôsto que falsos. Porém Hégio descobre a Dêmea todo o negócio, com o que o perturba em grande maneira: vindo enfim Hégio pelo caminho se queixa com Geta, dizendo:

- H. Ó Deuses imortais! ó grão maldade!
 Que me contas tu Geta? G. Assim foi feito.
- H. É possível que duma tal família
 Maldade tão indigna procedesse?
 Ó Ésquino, per Pólux não fizeste, 5
 Nem aprendeste de teu pai tal coisa.
- D. Certo êle alguma coisa tem ouvido
 Da tangedora: agora se dói muito
 Ser alheio: ao pai nenhuma coisa
 Lhe dá disto. Ai de mim a Deus prouvera, 10
 Que estivera aqui perto em parte alguma,
 E que estas coisas tôdas percebesse.

- H.* Se não fizerem o que lhe convém,
Não passarão do modo que êles cuidam.
- G.* Tôda a nossa 'sperança em ti está posta, 15
Ó Hégio, nós a ti sòmente temos.
Tu és senhor, tu pai: aquêllo velho
Morrendo, nos deixou encommendados
A ti: se tu agora nos deixares,
Somos perdidos. *H.* Guar-te, tal não digas.
Nem farei tal, nem cuido que piedosa 21
Mente o posso fazer. *D.* Ir-m'ei a êle:
Saúde muita desejo, Hégio, que tenhas.
- H.* Eu te buscava a ti, ó Dêmea, salvo
Sejas. *D.* Que vai? *H.* Esquino, o teu
[mais velho 25
Filho, que para ser dêle adotado
Entregaste a teu irmão, não fêz officio
D'homem de bem, nem livre. *D.* Que fêz êle?
- H.* Tinhas notícia tu de Simãozinho,
Amigo nosso, e nosso igual em tudo? 30
- D.* E por que não terei dêle notícia?
- H.* Desflorou uma filha sua donzela.
- D.* Han. *H.* Dêmea 'spera: ainda não ouviste
Aquilo que inda é muito mais pesado.
- D.* Inda mais porventura? *H.* Mais por certo,
Que isto de modo algum pode sofrer-se: 36
Fêz-lho fazer a noite, amor, e o vinho,
E a mocidade: enfim, é coisa humana.
Tanto que sente o mal estar já feito,
Sem ninguém o obrigar, à mãe da moça 40
Veio chorando, rogando, e pedindo,
E dando sua fé com juramento,
De a levar por mulher, para sua casa.
O perdão se lhe deu; calou-se a culpa:

- Também se lhe deu crédito: a donzela 45
Daquella fôrça feita ficou prenhe:
Êste é o décimo mês. Aquêllo honrado,
E bom homem granjeou em nosso dano.
Uma moça Cantora com quem vive,
E desampara a outra: se isto agrada 50
Aos Deuses. *D.* Tu decerto contas estas
Coisas? *H.* À mão está a mãe da moça;
E a mesma donzela, e a mesma coisa.
Além disso, êste Geta não inerte,
Nem mau, segundo a condição dos servos,
Êle as governa, e só sustenta tôda 56
A família: êste leva, e bem o ata,
E dêle inquire o negócio todo.
- G.* Antes, ó Dêmea, me mete a tormento,
Se não fôr feito assim, como está dito. 60
Enfim, não o negará: tu diante dêle
Lho pergunta. *D.* Em verdade me envergonho:
Nem sei que faça, nem que lhe responda.
- P.* Ai de mim triste, que de dores morro.
Juno Lucina, rogo-te me acudas.
- H.* Oh, que é isto? pare ela porventura? 65
- G.* Sim por certo, Hégio, pare. *H.* Ó lá,
[ouves, Dêmea,
Ela agora demanda o teu socorro.
Alcance ela de vós, por vosso gôsto
Aquilo a que a justiça vos obriga.
Primeiramente eu rogo aos Deuses, que
[estas 70
Coisas se façam como vos convém.
Mas se a vossa vontade é diferente,
Com grandes fôrças defenderei esta,
E aquêllo morto: que era meu parente:

- Fomos desde meninos juntamente 75
 Ambos criados: juntamente sempre
 Estivemos em casa, e na milícia:
 Ambos juntos sofremos grão pobreza.
 Polo que porci certo as fôrças tôdas:
 Obrarei, farei prova, e finalmente, 80
 Primeiro deixarei a vida, e a alma,
 Do que eu as deixe. Tu que me respondes?
D. Irei falar com meu irmão, ó Hégio,
 E o conselho que sôbre êste negócio
 Me der, êsse sômente seguirei. 85
H. Contudo, Dêmea, faze isto que digo;
 Que contigo revolvas dentro no ânimo,
 Quanto cômodamente viveis todos;
 E assim que quanto sois mais poderosos,
 Nobres, ricos, e bem afortunados, 90
 Tanto mais grandemente vos releva
 Ter notícia das coisas que são justas,
 Com igual, e justo ânimo; se todos
 Serdes tidos quereis por bons, e honrados.
D. Torna-te para casa; far-se-ão tôdas 95
 As coisas, como é lícito se façam.
H. E te convêm fazê-lo. Ó Geta leva-me
 Dentro a casa de Sóstrata. *D.* Estas coisas
 Não se fazem per meu consentimento:
 Oxalá seja agora isto acabado. 100
 Mas aquela licença demasiada
 Parará, certo, em algum mal grande.
 Ir-me-ei, e buscarei a meu irmão,
 Porque nêle estas coisas descarregue.
H. Ó Sóstrata, tem ânimo e coragem; 105
 E faze que consoles a tua filha;
 Porque o podes fazer: eu buscarei

A Mício, se estiver na praça, e logo
 Lhe darei conta do negócio, e caso
 Assim como passou; tudo per ordem. 110
 Se êle o há de fazer, como em verdade
 O deve, e tem de obrigação, o faça.
 Porém se sôbre o caso êle tem outro
 Parecer, me responda, por que eu saiba
 Logo o que hei de fazer sôbre êste caso

ATO IV

CENA I
CTESIFO, CIRO

ARGUMENTO

Em Ctesifo se exprime a pessoa de um mancebo medroso, e vergonhoso, o qual tendo entendido do criado Ciro, que seu pai era ido à quinta, deseja que tenha alguma ocasião, como não seja doença, ou coisa semelhante, para que lá se detenha, e êle mais tempo se possa dar à boa vida: e logo se aconselha com o mesmo Ciro, do que há de dizer a seu pai, e que descarga lhe dará. Eis que nisto chega o pai Dêmea: foge Ctesifo, por conselho de Ciro, e êle fica falando com Dêmea.

- C. Dizes tu, que daqui foi para a quinta
Meu pai? *Ci.* Há já pedaço. *C.* Por tua vida
Me digas se é verdade. *Ci.* Está na quinta:
E creio que alguma obra faça agora.
- C. Oxalá que assim seja. Eu tomara, 5
Que se cansara êle de tal sorte,
Que todos êstes três dias (contanto
Que tenha êle saúde) totalmente
Se não pudera erguer do leito, e cama.
- Ci.* Assim seja, e melhor ainda que isto, 10
Se é possível que seja melhor inda.

- C. Assim seja; porque desejo muito,
Como já comecei, perpétuamente
Este dia passar em alegrias.
E por nenhuma coisa outra tenho ódio 15
Àquele campo, que por estar perto.
Porque se a quinta mais longe estivera,
A noite o alcançara ali primeiro,
Que tornar outra vez aqui pudesse.
Agora, tanto que lá me não vir, 20
Bem sei que virá logo aqui correndo:
E me perguntará aonde estive,
A quem eu não vi hoje todo o dia.
Que lhe direi? *Ci.* Não tens nada cuidado?
- C. Nada certo. *Ci.* Tu és muito para pouco: 25
Não tens nenhum Cliente, nem amigo,
Nem hóspede? *C.* Se tenho, que é por isso?
- Ci.* Dize que deste teu favor a êstes.
- C. E dir-lhe-ei que lho dei, senão foi dado?
Não se pode fazer. *Ci.* Pode por certo. 30
- C. De dia sim: mas s'eu estou tôda a noite
Aqui: dize que causa darei, *Ci.*?
- Ci.* Ó quanto eu folgara que de noite
Fôra costume, se dera aos amigos
Também favor! Por que não estás seguro?
O seu humor conheço belamente: 36
Quando êle está mais fero, e agastado
Eu o faço tão manso, como ovelha.
- C. De que maneira? *Ci.* Êle ouve de boamente
Louvar-te: diante dêle um Deus te faço: 40
Conto-lhe largamente tuas virtudes.
- C. Minhas? *Ci.* Tuas, e logo as lagriminhas
Caem ao homem, como a um menino
De puro gosto. Ah convém esconder-te.
- C. Que me dizes? *Ci.* O lobo está na fábula. 45
- C. É meu pai? *Ci.* Esse mesmo. *C.* Que fazemos?

- Ó *Ci.* Que fazemos? foge agora
Lá para dentro, e eu proveerei tudo.
- C. Se te êle perguntar alguma coisa,
Dize que me não viste em parte alguma: 50
Ouviste porventura o que te disse?
- Ci.* É possível que deixes de aquietar-te?

CENA II

DÊMEA, CTESIFO, CIRO

ARGUMENTO

Nesta Cena se queiza primeiramente Dêmea de não achar seu irmão em casa. Secundariamente é outra vez enganado de Ciro, com artificio, e sagacidade. Últimamente o mesmo Ciro descreve com largos rodeios occultamente, e de duas maneiras o lugar onde o irmão de Dêmea esteja: em o que se propõe exemplo, que ninguém com mais facilidade é enganado, que qualquer homem bom, simples, e singelo.

- D. Em verdade sou homem sem ventura.
Primeiramente em parte nenhuma acho
A meu irmão: e demais disto, enquanto
O busco, vi que vinha lá da quinta
Um mercenário, o qual diz que no campo 5
Meu filho não está, nem sei que faça.
- C. Ó Ciro. Ci. Que me dizes? C. Busca-me êle?
- Ci. Sim certo, êle te busca. C. Sou perdido.
- Ci. Mas antes tem bom ânimo, e coragem.
- D. Eu. não sei bem julgar (ó mal esquivo) 10
Que má fortuna, e que desdita é esta;
Senão que creio, que para tal coisa
Nasci! para sofrer tantas misérias.

- Eu primeiro só sinto os nossos males:
 Primeiro a saber venho as coisas tôdas: 15
 Depois disto primeiro dou a nova.
 Eu só quando acontece alguma coisa
 O passo, e soffro com moléstia, e pena.
- Ci.* Estou-me rindo dêste: diz agora,
 Que êle primeiramente sabe tôdas 20
 As coisas; e êle só não sabe nada.
- D.* Torno agora, e vou ver se porventura
 É vindo meu irmão. *C.* Rogo-te *Ci.*
 Tenhas tento, não entre aqui com ímpeto.
- Ci.* Cal-te agora: eu farei com que não entre.
- C.* Não te encomendarei certo isto hoje: 26
 Porque eu com ela só em uma Câmara
 Me encerrarei, e é coisa mui segura.
- Ci.* Acaba, assim o faze; eu contudo êste
 Farei mover daqui. *D.* Mas eis lá *Ci.* 30
 Malvado, e grão velhaco. *Ci.* Aqui por certo
 Ninguém pode aturar, se fôr por diante,
 Da maneira que vai êste negócio.
 Quero, certo, saber quantos senhores
 Tenho a que sirva: que miséria é esta? 35
- D.* Que está ganindo agora? ou que quer êle?
 Homem de bem, que dizes? fica em casa
 Meu irmão? *Ci.* Que (diabo) estás chamando,
 Homem de bem? sem falta sou perdido.
- D.* Que tens? *Ci.* Perguntas tu? dir-to-ei:
 [Ctesifo 40
 A mim desventurado àsperamente,
 E a esta com pancadas tem moído.
- D.* Ham, que me contas? *Ci.* Ham? vês porventura
 Como êle me fendeu todo êste beigo?
- D.* Por que razão? *Ci.* Diz êle foi comprada 45
 Esta por minha persuasão, e impulso.
- D.* Não dizias, que agora daqui fôra

- Para a quinta? *Ci.* Sim disse: depois disso,
 Veio todo furioso, e sem respeito,
 Nem me perdoou, nem teve empacho, e pejo, 50
 A espancar, e ferir um homem velho:
 A quem trouxe nos meu braços ao colo,
 Sendo menino muito pequenino.
- D.* Ó Ctesifo, eu te louvo: a teu pais sais.
 Vai embora, eu te tenho por um homem. 55
- Ci.* Louva-lo tu? por certo, se êle sabe,
 Êle encolherá as mãos daqui por diante.
- D.* Valentemente o fêz. *Ci.* E mui valente,
 Porque venceu a uma mulher fraca,
 E a mim, um coitadinho de um criado, 60
 Que não ousou fazer-lhe outro tanto.
 Hui, andou mui valente. *D.* Mais não pôde:
 O mesmo sentiu que eu: que de tudo isto
 Tu és causa, e cabeça. Mas contudo
 Está meu irmão dentro? *Ci.* Não está
 [dentro. 65
- D.* Estou cuidando aonde achá-lo possa.
- Ci.* Eu sei bem onde está; mas contudo hoje
 Nunca to mostrarei. *D.* Ham, que me dizes?
- Ci.* Assim como te digo. *D.* Certamente 70
 Os miolos te serão diminuídos.
- C.* Não sei do homem o nome, sei contudo
 O lugar onde esteja. *D.* O lugar dize.
- Ci.* Sabes tu porventura aquêl alpendre,
 Junto do açougue, da banda debaixo, 75
 Por esta parte? *D.* E por que não? sei certo.
- Ci.* Vai passando per esta rua direita,
 Pela banda debaixo; e tanto que
 Lá chegares, está um outeirinho
 Pela banda debaixo. Tu te lança 80
 Per êle abaixo; e logo depois disto
 Uma ermida está; e aí pegado

- Um becozinho estreito. *D.* Aonde dizes?
- Ci.* Ali; onde também está uma grande Figueira baroqueira. Sabes? *D.* Sei. 85
- Ci.* Per esta parte vai. *D.* Mas êsse beco Não tem saída. *Ci.* Certamente: oh, cuidas Que sou eu homem? errei. Torna ao alpendre: Certo que por aqui muito mais perto Irás; e por aqui errarás menos. 90
- Sabes tu porventura aquelas casas Dêste Cratino rico? *D.* Belamente.
- Ci.* Tanto que as passares, à mão esquerda, Per esta rua direita: como vieres Ao templo de Diana, toma logo 95
- À direita: e primeiro que tu venhas À porta da Cidade, junto ao lago Um moinho está pequeno; e ali defronte Uma tenda também de Carpinteiro: Aqui está nesta tenda. *D.* E que faz êle? 100
- Ci.* Deu-lhe uns leitões, para haver de fazê-los Com pés de asinha; onde podes co'êles Beber ao sol, fazendo grande frio.
- D.* Bem por certo: mas eu deixo de ir logo Onde êle está? *Ci.* Vai já, ó velho, digno 105
- Daquelas mesas das infernais sombras: Hoje eu te cansarei, como mereces Esquino está ocioso, e bem seguro: O jantar se corrompe; mas Ctesifo Está todo no amor embevecido. 110
- Mas eu também de mim terei cuidado: Porque irei logo; e tôda, e qualquer coisa Que fôr mais bela tomarei sem falta: E os vasos sorvendo pouco a pouco Irei passando êste alegre dia.

CENA III

MÍCIO, e HÉGIO

ARGUMENTO

Encontrara Hégio a Mício, e queixando-se mais do devido, segundo o que se pode julgar, Mício lhe responde que não faz bem ter dêle aquela opinião; e que o não devera julgar conforme o trato dos outros homens. Ficam no fim de acôrdo, que vão ambos consolar a Sóstrata, mãe da moça donzela, que Esquino havia violado. Entra logo Mício falando com Hégio, como que lhe responde ao que já lhe tinha dito pelo caminho, dizendo:

- M.* Não acho coisa alguma em tal negócio, Pola qual de ti seja, Hégio, louvado Tão grandemente: o meu officio faço: A culpa que é de nós nascida emendo. 5
- Senão é que tu crês estou naquele Número d'homens, que desta maneira Cuidam; que se lhe faz injúria a êles, Se alguma êles fizeram, sem que sejam Provocados, se queixam, e juntamente Acusam, e dizem mal, não provocados. 10
- Tu, porque isto não fiz, me dás as graças.
- H.* Ah, não, por nenhum modo: nunca, certo,

- Por outro te julguei, do que és, ó Mício.
 Mas rogo-te, comigo juntamente
 Vás a casa da mãe desta donzela, 15
 E digas à mulher as mesmas coisas
 Que agora me disseste: isto é: que esta
 Suspeita aconteceu só por amor
 De seu irmão Ctesifo; e mais daquela
 Cantora. *M.* Se te assim parece justo, 20
 Ou se convém assim, vamos. *H.* Bem fazes:
 Porquanto aliviarás a ela o ânimo,
 Que de dor, e miséria se consome:
 E farás teu dever: porém se doutra
 Maneira o cuidas, contar-lhe-ei eu mesmo 25
 As coisas que tu agora me disseste.
M. Mas antes eu irei. *H.* Mui bem o fazes:
 Aquêles a quem são prósperas menos
 As coisas; êstes são, e não sei como
 Mais suspeitosos: em sua contumélia, 30
 E afronta tomam mais as coisas tôdas,
 Por seu pouco poder, e sua fraqueza,
 Sempre crêem êstes que são desprezados.
 Pola qual razão, coisa é mais placável,
 Que te desculpes tu diante delas. 35
M. Tu dizes muito bem, e o que é verdade.
H. Vem logo após de mim por aqui dentro.
M. Fa-lo-ei como dizes de boamente.

CENA IV

ÊSQUINO

ARGUMENTO

Parece, segundo se mostra pelo discurso da Cena, que uma velha de casa de Pânfila, a quem Êsquino perguntara o estado em que ela estava, se estava já na hora do parto, lhe disse algumas palavras injuriosas, cuidando que comprara êle para si aquela Música, ou Cantora: de que grandemente se queixa nesta Cena: e no fim determina ir a sua casa para se desculpar. E entretanto que êle quer bater à porta, vê que sai Mício de dentro; polo que se retira a uma parte.

Em vários modos sou atormentado
 Dentro n'alma: é possível que tão grande
 Mal, imposto me seja de repente,
 Que me não delibere, nem resolva
 No que faça de mim, nem no que intente? 5
 Estão com mêdo os membros já mui fracos:
 O ânimo pasmou de temor puro:
 Nenhum conselho, nem discurso pode
 Estar constante dentro no meu peito.
 Oh valha-me ora Deus: de que maneira
 De tal inquietação me verei livre? 11

De mim lhe veio agora esta suspeita,
 Não, certo, sem razão. Sóstrata cuida,
 Que eu comprei para mim esta Cantora;
 A velha a entender mo deu sem falta. 15
 Porque tanto que foi daqui mandada,
 Per caso, e sorte em busca da parteira;
 Tanto que ela de mim foi vista, logo
 Me chego, e lhe pergunto: que faz Pânfila:
 Se porventura é já chegado o parto, 20
 E se chamar por isso vai a Comadre:
 Ela brada dizendo: vai-te, vai-te
 Êsquino, assaz nos tens dado palavras,
 E assaz a tua fé nos tem enganadas.
 Oh, rogo-te me digas: o que é isso? 25
 Lhe disse: ela responde: vai-te embora:
 Tem-na, pois que te agrada. Senti logo
 Que suspeitavam isto. Mas contudo,
 Eu me retive, e não quis responder-lhe,
 Só porque não dissesse aquela velha 30
 Coisa alguma de meu irmão, e ficasse
 Tudo pôsto na praça. Mas agora
 Que farei? Direi eu que esta Cantora
 É de meu irmão Ctesifo? o que sem falta
 Nem é lícito, nem é necessário 35
 Se diga, nem publique em parte alguma.
 Ora sus, eu já esta opinião deixo;
 Bem se pode fazer que isto não saia
 À luz em parte alguma: e isto mesmo
 Temo que não o creiam: porque nisto 40
 Concorrem muitas coisas veríssimeis.
 Eu a tomei: eu mesmo fiz a paga:
 Do dinheiro: levei-a para casa.
 Eu confesso por certo que estas coisas,
 Per minha culpa são acontecidas: 45
 Que não manifestei todo o negócio

A meu pai: rogara eu que se me dera
 Pânfila por mulher. Até esta hora
 Foi engligência nossa: para o diante
 Abre os olhos Êsquino, e tem cuidado. 50
 Isto agora é primeiro: ir-m'ei a elas
 Para me desculpar: chego-me às portas.
 Morto sou; tenho horror, quando aqui bato.
 Ó lá, ó lá de dentro, eu sou Êsquino,
 Abra qualquer de vós logo esta porta. 55
 Não sei quem sai de dentro lá de casa.
 Quero-me retirar para esta parte.

CENA V

MÍCIO, ÊSQUINO

ARGUMENTO

Nesta Cena faceta, e engraçadamente é Esquino enganado do pai Mício, o qual mostra per vários modos, que Pânfila há de casar com outro: pola qual coisa êle fica perturbado, e abalado com dor não pequena: porque morria por ela; o que penosamente êle encobrirá ao pai. Mas no fim o pai o consola, e enche de admirável contentamento prometendo-lhe de lhe dar por mulher a mesma Pânfila, o mais breve que possa ser.

- M.* Fazei, Sóstrata, assim como vos disse:
Eu falarei a Esquino, porque saiba
Como passaram tôdas estas coisas.
Mas quem bate a esta porta? *Ê.* Certamente
Êle é meu pai: sem falta sou perdido 5
- M.* Esquino. *Ê.* Que negócio aqui tem êste?
- M.* Batestes porventura nestas portas?
Êle cala. Por que não zombo tu dêste
Per um pequeno 'spaço? é melhor muito?
Porque nunca me quis dar parte disto. 10
Tu não respondes nada? *Ê.* Nestas portas,
Que eu saiba não bati. *M.* Isso me dizes?

- Quê? certo, me espantava que negócio
 Tu tivesses aqui. Fêz-se vermelho;
 A coisa está segura. *É.* Pai, por vida 15
 Vossa que me digais, que de negócio
 Tendes neste lugar? *M.* Eu nenhum certo.
 Trouxe-me um certo amigo aqui, da praça,
 Para que haja de ser seu advogado.
- É.* E por quê? *M.* Dir-to-ei. Nesta paragem 20
 Moram certas mulheres pobrezinhas;
 Como cuido, eu sei que as não conheces,
 E decerto isto sei; que não há muito,
 Que aqui para esta parte se passaram.
- É.* Que queres inferir? *M.* Uma donzela 25
 Está aqui com sua mãe. *É.* Vai por diante.
- M.* Esta donzela é órfã, não tem pai;
 E êste meu amigo é muito seu parente.
 As leis a obrigam que case com êle.
- É.* Sou de todo perdido. *M.* Que é o que dizes? 30
- É.* Nada. Está muito bem: dize adiante.
- M.* Vem êste aqui para a levar consigo,
 Porque mora em Mileto. *É.* Ham: por que leve
 A donzela consigo? *M.* Sim, sem falta.
- É.* Até Mileto? rogo-te me digas. 35
- M.* Até Mileto. *É.* Ânimo me falta.
 E o que dizem elas? o que dizem?
- M.* Que te parece a ti que dizer podem?
 Nenhuma coisa, certo: a mãe da moça
 Inventou, e fingiu, que de outro homem, 40
 Não sei qual, lhe nascera um menino,
 Nem o nomeia; e diz que êle é primeiro,
 E não é justo seja dada a êste.
- É.* Ó lá, não te parece porventura,
 Que estas coisas são justas depois disto? 45
- M.* Não. *É.* Não? dize, te rogo, porventura,
 Meu pai, levá-la-á êle daqui longe?

- M.* E por que a não levará? *É.* Mui duramente
 Foi feito isto de vós, e sem piedade.
 E se se há de dizer com mais clareza, 50
 Também foi feito, ó pai, injustamente.
- M.* Isso por que razão? *É.* Tu mo perguntas
 Que ânimo crês tu que terá aquê
 Sem-ventura, que a conversou primeiro,
 (O qual triste, não sei se ainda agora 55
 Perdida, e miseravelmente a ama)
 Quando êle vir presente, de diante
 De seus olhos ser-lhe esta arrebatada?
 Esta, ó pai, é maldade indigna, e grande.
- M.* E isso por que razão? e a êle mesmo 60
 Que tu defendes, quem lha prometeu?
 Quem lha deu, e quando casou com ela?
 Nisto quem foi autor? por que razão
 Êle casa com a mulher alheia?
- É.* Porventura foi lícito estivesse 65
 Uma donzela já de tanta idade
 Em sua casa, esperando que chegasse
 O seu parente aqui, lá donde esteve?
 Isto, meu pai, bom fôra que dissésseis,
 E fôra também justo defendésseis. 70
- M.* Ó digno que se riam de ti todos!
 Devera procurar eu contra aquê,
 Por quem defensor vinha, e advogado?
 Mas que nos dá, ó Êsquino, destas coisas,
 Ou que temos com êles? anda, vamos. 75
 Que é isso? por que choras? *É.* Pai, me escuta,
 Te rogo. *M.* Tudo ouvi, Êsquino, e tudo
 Sei já: e te amo: polo que o que fazes
 Sôbre mim tomo com cuidado grande.
- É.* Assim quisera eu, pai, que vós me amásseis,
 Sendo digno de ser de vós amado, 81
 Enquanto vos durar a vida breve,

- Como me dói, pêsá grandemente,
De haver cometido êste delito:
Contra mim, e de vós tenho vergonha. 85
- M.* Certo to creio; que bem conhecido
Tenho tua natureza honrada, e nobre:
Mas temo sejas muito negligente.
Finalmente em que Cidade cuidas
Viver? Tens desflorado uma donzela, 90
A qual não era justo que tocasses.
Esta primeira culpa já foi grande;
Contudo, é coisa humana. Muitas vêzes
Outros fizeram, sendo bons o mesmo
Que fizeste: mas dize: depois que isto 95
Aconteceu, consideraste a coisa?
Tiveste tento em ti pola ventura?
Se tu vergonha tinhas de dizer-me
O que fazias, por que modo, ou via
O soubera eu? Enquanto destas coisas 100
Duvidas tu; dez meses se passaram.
A' ti enganaste, e àquela sem-ventura;
E quanto foi em ti, também ao filho.
Quê? crias tu que os Deuses estas coisas
Te haviam de fazer dormindo estando? 105
E que ela sem tua obra, e teu conselho
Te havia de ser levada a casa,
À cama? eu não quisera que tu fôsses
Sem consideração nas demais coisas,
Do mesmo modo que fizeste agora. 110
Tem bom ânimo, casarás com ela.
- Ê.* Ham, que é isso? *M.* Tem ânimo te digo.
Ê. Ó pai, zombas, te rogo, de mim agora?
M. Que zombo eu de ti? por que razão?
Ê. Não, senão porque tão grandemente 115
Quero, e desejo ser isto verdade,
E por isso mais o duvido, e temo.

- M.* Vai-te tu para casa, e aos Deuses roga,
Que a alcances por mulher: vai, vai-te
[embora.
- Ê.* Agora logo? *M.* Agora, e o mais depressa
Que puderes. *Ê.* Pai meu, todos os Deuses
Me queiram mal, se não te amo agora
Mais que os meus olhos. *M.* Como? mais
[que a ela?
- Ê.* Igualmente. *M.* Benignamente certo.
- Ê.* Mas dize-me, onde está aquêl Milésio? 125
- M.* Foi-se, morreu, embarcou-se: mas que 'speras
Tu? *Ê.* Antes vai, ó pai meu, e roga ao Deuses;
Que eu sei mui bem que de melhor vontade
Te ouvirão: tanto quanto, és melhor que eu.
- M.* Eu vou dentro para que se apercebam 130
Aquelas coisas, que são necessárias.
Tu fazes como disse se és prudente.
- Ê.* Que coisa pode ser esta? que é isto?
Isto é ser pai? ou é isto ser filho?
Se fôra meu irmão, ou companheiro 135
De que modo melhor me comprazera?
Êste digno não é de ser amado?
Não é digno de se trazer no peito?
Porém com esta sua facilidade
Me mete dentro n'alma um pensamento;
Que acaso considerado não faça. 141
- Aquilo que êle não quiser. Sabendo
Me guardarei: mas deixo eu de ir lá dentro,
Porque eu mesmo não seja às minhas bodas
Embaraço, detença, e impedimento?

CENA VI

DÊMEA

ARGUMENTO

Era Dêmea ido em busca de Mício, mal informado do velhaco de Ciro, e não o achando torna agora, e se queixa do mesmo Ciro, pelo fazer andar de uma parte para a outra cansado, e esbofado, sem o poder achar: e assim diz o seguinte:

Cansado, e quebrantado estou andando
De cá, e de lá; e duma a outra parte.
Oxalá que o grão Júpiter, ó Ciro,
Te destrua, e confunda co esta tua
Demonstração. Com passo vagaroso 5
Per tôda a Vila andei: à porta, ao lago
A que lugar não fui? nem ali estava
Fábrica alguma; nem havia pessoa
Alguma que dissesse que ali vira
A meu irmão. Determinado tenho 10
Ir-me assentar em casa, e ali tanto
Esperar, que de lá donde está torne.

CENA VII

MÍCIO, DÊMEA

ARGUMENTO

Nesta Cena se encontram os dois velhos Mício, e Dêmea. Mostra-se Dêmea queixoso, Mício lhe mostra que êle é o que não tem razão; e que se sofre aquêlê desmancho de Êsquino é porque se não pôde fazer, que êle não seja feito: e assim com galantarias, e graças vai zombando dêle, de sorte que quase o faz endoiecer.

- M.* Irei, dir-lhe-ei que em mim não há detença.
D. Mas ei-lo lá: muito há te busco, ó Mício.
M. E para que me buscas? *D.* Trago-te outras
Grandes maldades dêsse bom mancebo.
M. Eis outra turbação do nosso gôsto. 5
D. Maldades novas, e jamais ouvidas:
Enormes, capitais, dignas de morte.
M. Ó deixa, e acaba já de molestar-me.
D. Não sabes que homem seja. *M.* Não o ignoro.
D. Ah grosseiro, tu sonhas, ou tu cuidas 10
Que te falo eu da Música, ou Cantora?
Foi êste grande insulto cometido
Numa donzela Cidadã de Atenas.
M. Tudo já sei. *D.* Oh sabes tudo, e o sofres?

- M.* E por que o não sofrerei? *D.* Dize, não
[gritas? 15
Não endoideces? *M.* Certo não lhe digo
Uma palavra, que seja maldita.
D. Um menino é nascido. *M.* Deus o benza.
D. Não tem nada a donzela. *M.* Isto ouvi mesmo.
D. E há-se de levar sem dote a casa? 20
M. Certo. *D.* Que fazer se há de depois disto?
M. Aquilo se fará que o caso pede.
A donzela será trazida a casa,
De lá donde estiver. *D.* Ó Sumo Júpiter,
É lícito fazer-se dêsse modo? 25
M. Que que's que faça mais? *D.* Tu mo
[perguntas?
Senão te dói em efeito isto, ao menos
Dissimulá-lo é de homem prudente.
M. Mas antes já lha tenho prometido 30
A donzela a meu filho. Está composto
O negócio mui bem: fazem-se as bodas:
Tirei-lhe o mêdo todo: mas são de homem
Estas coisas. *D.* Contentam-te elas, Mício?
M. Se mudá-las pudera, não por certo.
Mas pois não posso agora, as quero, e soffro 35
Com ânimo quieto, e paciente.
Tal é a vida humana quase, como
Quando jogas aos dados: se não cai
Pelo lanço do lado o que se 'spera,
É forçado que aquilo, que per forte 40
Caiu, emendes com engenho, e arte.
D. É este emendador por certo grande:
Com este teu artificio pereceram
Os duzentos escudos pela Música:
A qual, o mais depressa que ser possa 45
Para algum lugar há de ser lançada;
Se por preço não fôr, será de graça.

- M.* Nem há de ser lançada, nem procuro
Vendê-la. *D.* Logo que hás de fazer dela?
M. Ela estará em casa. *D.* Ó fé dos Deuses!
Uma mulher do mundo juntamente 51
Com a mãe da família numa casa
Estarão! *M.* Por que não? *D.* Crês porventura
Que tens juízo? *M.* Certo creio, e cuido.
D. Assim me queiram bem os Deuses todos 55
(Segundo vendo estou tua doidice)
Creio que o farás; para que tenhas
Em casa com quem cantes de continuo.
M. E por que não? *D.* E a noiva as mesmas
[coisas
Aprenderá. *M.* Sim certo. *D.* E tu entre
[elas, 60
Movendo a corda guiarás a dança.
M. Mui bem: e tu conosco juntamente,
Se necessário fôr. *D.* Ai de mim triste!
Não te envergonhas, dize, destas coisas?
M. Mas deixa, Dêmea, já esta tua ira, 65
E como é justo, e bem te mostra alegre
Nestas bodas do filho. Eu vou a buscá-los,
E depois torno aqui. *D.* Ó grande Júpiter,
É lícito viver uma tal vida?
E tais costumes ter? e tal doidice? 70
Virá sem dote a casa a mulher: dentro
A Música está, e a casa suntuosa,
O mancebo perdido de luxúria;
O velho sem cabeça, e sem juízo:
Se a mesma salvação esta família 75
Salvar quiser, não poderá de todo.

ATO V

CENA I

CIRO, DÊMEA

ARGUMENTO

Nesta Cena, pinta o Poeta a Ciro bem bebido, saltando de prazer por haver ceado regaladamente; a quem Dêmea repreende mordaz, e àsperamente pola sua bebedice; o que mostra que os criados, e os que servem nenhuma coisa estimam mais, nem de coisa alguma mais se gloriam, que de comer, e beber bem. Atenda-se aqui também o exemplo da soltura dos servos, em casa dos amos que são brandos de condição.

- C. Per Pólux, ó Sirisco, te curaste
Mui regaladamente, e êste teu cargo
Administraste bela, e lindamente.
Vai-te embora. Mas depois que estou dentro
Das coisas tôdas farto, e repimpado, 5
Agrada-me passear aqui um pouco.
- D. Vê se queres aquêlê grande exemplo
De doutrina. C. Mas cá vem o nosso velho.
Que vai? por que razão estás tu triste?
- D. Oh, vai-te d'í. C. Oh vai-te d'í: tu sendo 10
A sapiência mesma a perder lanças
Aqui palavras? D. Mas se tu meu foras...
- C. Por certo, Dêmea, que tu fôras rico,

- E fôra 'stab'lecida a tua fazenda.
D. Eu fizera que tu fôsses exemplo 15
 A todos. *C.* E por que? que fiz me dize?
D. Tu mo perguntas? tu malvado, e os outros
 Nesta revolta, e nesta grande culpa,
 Que inda agora não é bem apagada,
 Bebestes como em coisa honesta, e justa. 20
C. Não quisera por certo vir cá fora.

CENA II

DROMO, CIRO, DÊMEA

ARGUMENTO

Estando Ciro com Dêmea sai fora Dromo, que era outro servo, e da parte de Ctesifo chama a Ciro que torne a casa. Dêmea sentindo nomear Ctesifo, e entendendo estar em casa, entra dentro, em que pês a Ciro.

- Dr.* Ó Ciro, ó Ciro, roga-te Ctesifo,
 Que tu tornes a casa. *C.* Vai-te embora.
D. Quem fala aqui em Ctesifo? *C.* Não é nada.
D. Ó, ó, algoz, está Ctesifo dentro?
C. Não está dentro. *D.* Como o nomeia este? 5
C. É outro chocarreiro que inda aprende:
 Conhece-lo tu? *D.* Eu saberei dêle.
C. Que fazes? onde vais? *D.* Deixa-me ir Ciro.
C. Que não te quero não deixar ir, Dêmea.
D. Não queres, servo digno dos açoites, 10
 afastar de mim as mãos? ou queres antes
 Que te sejam tirados os miolos?
C. Foi-se: juro per Pólux, que co a minha
 Parvoíce um companheiro dei sem falta,
 O qual não satisfaz principalmente 15

A Ctesifo: que hei de fazer agora?
 Se não se fôr, enquanto se aquietam
 Estas perturbações, e estas revoltas,
 A alguma parte a meter-me num canto,
 E dormindo alijar cá da cabeça
 Este pouco de vinho que está dentro.

20

CENA III

MÍCIO, DÊMEA

ARGUMENTO

Depois que Dêmea soube tudo da maneira que passava, se encontra com Mício, e se desafoça com êle; e alegadas razões de uma, e outra parte, prova Mício a Dêmea com razões mais fortes, que êle tem a culpa. O razoamento desta Cena é todo sentencioso, moral, e belo, e cheio de extremada doutrina, como se verá polo discurso dêle.

- M.* Tôdas as coisas tenho aparelhadas,
 Como te tenho, Sóstrata, já dito:
 Quando quiseres se farão as bodas:
 Quem bateu tão pesadamente às minhas
 Portas? *D.* Ai de mim triste, que farei? 5
 A quem me queixarei, e darei brados?
 Ó Céu, ó terra, ó mares de Netuno.
- M.* Ei-lo ali tens, e tudo tem sabido:
 Certo por isto brada agora, e grita.
 As contendias estão aparelhadas: 10
 Há-se de socorrer, e dar remédio.
- D.* Eis aqui vem a corrupção comua
 De nossos filhos. *M.* Tem mão finalmente
 Nessa cólera ardente, e em ti torna.

- D.* Já tenho mão, e já sôbre mim torno, 15
E deixo as maldições: consideremos
A mesma coisa: entre nós foi dito
Isto, e de ti nasceu; que não curasses,
Nem tivesses de ver tu com meu filho,
Nem eu co teu: responde. *M.* Assim foi
[dito: 20
Não to posso negar. *D.* Pois por que agora
Bebe em tua casa? para que recolhes
O meu? por que razão compras a amiga,
Ó Mício? porventura menos justo
É o direito que contigo tenho, 25
Do que tu tens comigo? pois não tenho
Do teu cuidado, tu do meu o não tenhas.
M. Não dizes o que é justo, não por certo.
Porque diz o provérbio, e dito antigo:
Que enfim tôdas as coisas dos amigos 30
Entre si são comuas. *D.* Engraçada -
Mente por certo! Agora finalmente
Há nascido êsse dito, e essa sentença.
M. Escuta um pouco, Dêmea, se pesado 35
Te não é, nem molesto isto que digo.
Primeiramente se isto te dá pena;
Eu digo o gasto que fazem os filhos,
Rogo-te faças, que contigo cuides,
E consideres o que agora digo.
Tu sustentavas êstes filhos ambos 40
Conforme tua fazenda; porque tinhas
Para ti, que seriam mui bastantes
Para ambos os teus bens: e certamente
Cuidaste, e crêste então que me casasse.
Tem a mesma opinião, e fazê aquela 45
Mesma conta, que tu dantes fazias:
Granjeia, e alcança para ti esta glória.
Conserva, aquire, e poupa: enfim trabalha,

- Que tu lhes deixes muito: e agora deixa
Que usem dêstes meus bens, os quais lhe
[vieram 51
Fora de todo o crédito, e 'sperança.
Da suma de teus bens nenhuma coisa
Se tirará; e aquilo que da minha
Fazenda se lhe fôr mais ajuntado,
Imagina que tudo isto ganhaste. 55
Se tu estas coisas, Dêmea, quiseses
Na verdade cuidar dentro na mente,
Esta moléstia a ti, e a mim, e a êles
Tirarás. *D.* Eu não falo na fazenda:
Eu falo no costume dêles ambos. 60
M. Espera: tudo sei, e a isso ia.
Muitos sinais há, Dêmea, no homem,
Dos quais fazer se pode facilmente
Conjetura, de tal modo, e maneira,
Que quando às vêzes dois o mesmo fazem 66
É lícito faça êste sem seu dano
Isto: mas não é lícito àquele
Fazer o mesmo: não que a mesma coisa
Seja dessemelhante; mas porque êste
Mesmo que a faz o é: eu todos êstes 70
Sinais em ambos vejo; de maneira
Que tenho confiança serem ambos
Assim como queremos que êles sejam.
Eu vejo que êles sabem, e que entendem
A seu tempo, e cessam; e que se pejam, 75
E se amam entre si: conhecer podes
O seu liberal ânimo, e engenho:
De maneira que podes reduzi-los,
Em qualquer dia, e tempo que quiseses.
Mas porém temer deves que êles sejam 80
Um pouco descuidados da fazenda.
Irmão, e amigo, Dêmea, nós os velhos

Para tôdas as outras coisas somos
 Pola idade sapientes; só êste vício
 D'avareza a velhice traz aos homens. 85
 Todos somos mais prontos, e inclinados
 À fazenda, do que releva, e é justo.
 Para o que largamente a larga idade
 Agudos os fará, e diligentes.

D. Por certo temo, ó Mício, que estas tuas 90
 Boas razões; e ânimo piedoso
 Agora nos desviem, e subvertam.

M. Cal-te: não será assim como receias;
 Deixa agora estas coisas, e te entrega
 Hoje a mim; e te mostra todo alegre. 95

D. O tempo certamente assim o pede:
 Fazer-se deve assim como tu dizes.
 Mas com o amanhecer irei ao campo
 Amanhã com meu filho. *M.* Antes cuido
 Que irás de noite: agora neste dia 100
 Te mostra todo alegre. *D.* E eu per fôrça
 Desta Cidade levarei a Cantora
 Comigo juntamente para o campo.

M. Tu farás uma coisa grandiosa;
 E dêste modo prenderás de todo 105
 Ali teu filho: tu trabalha, e faz
 Que a guardes bens. *D.* Eu m'haverei com isso;
 E farei que ande cheia de faíscas,
 De fumo, e de farinha; ora cozendo,
 Ora moendo, e revolvendo a pedra: 110
 E farei além disto que no pino
 Do meio-dia colha, e ajunte a palha.
 E a tornarei tão cozida, e negra
 Quanto o negro carvão. *M.* Isso me agrada.
 Agora me parece que és ciente. 115
 Constrange ao filho, pôsto que não queira,
 A que com ela durma juntamente.

D. Zombas de mim? Eu julgo que és ditoso,
 Pois de tal ânimo és, e natureza.

M. Ah, vás inda por diante? *D.* Já, já cesso. 120

M. Pois vai-te para dentro, e êste dia
 Consumamos alegre em honra, e glória
 Daquela coisa, à qual convém, e é justo.

CENA IV

DÊMEA

ARGUMENTO

Ficando só Dêmea, e considerando quão grande seja a sua miséria, vivendo da maneira que vive, se resolve em mudar vida, e dar-se todo ao ócio, e tranquillidade de irmão. A Cena tôda é cheia de moralidade, e de sentenças: concluindo que com ser amoroso, e benigno se adquire, e granjeia o amor de todos, e pelo contrário ódio. Porém, Terêncio nesta parte fala conforme o uso comum; porque coisa é justa, e honesta que nos pais verdadeiros haja uma natural acrimônia, a qual possa servir de freio aos apetites desordenados dos filhos; porque doutra maneira todos se deitariam a perder.

Não há nenhum, o qual de tal maneira
Tenha bem ordenada a sua vida,
Que pola ocasião, polo costume,
E pola mesma idade não conheça,
Que do que êle cuidava que sabia
Nenhuma coisa saiba: e aquelas coisas,
Que tu cuidavas logo no princípio
Se haviam de fazer, as não enjeite,
Depois de fazer nelas experiêcia;

O que me tem agora acontecido. 10
 Porque eu já deixo aquela vida dura
 Que até'gora vivi, sendo passado
 De minha vida quase todo o 'spaço:
 Isto por que razão? achei em efeito
 Que nenhum homem tinha melhor coisa, 15
 Que a facilidade, e a clemência.
 Que isto seja verdade, facilmente
 Cad'um conhecer pode de mim mesmo,
 E de meu próprio irmão: êle a sua vida
 Sempre passou em ócio, e em banquetes; 20
 Aprazível, clemente; a ninguém nunca
 Na presença ofendia, prazenteiro
 Êle foi sempre alegre para todos:
 Viveu para si mesmo, e despendeu
 Para si: todos dizem mil bens dêle: 25
 Todos lhe querem bem. Eu sou aquêle
 Agreste, cruel, triste, parco, e fero,
 Tenaz: tomei mulher: que desventura
 Não vi naquele 'stado! tive filhos,
 Que é certo outro trabalho, e outra pena.
 Depois, enquanto todo me desvelo 31
 Polos enriquecer, deixar-lhe muito
 Gastei em granjear-lho idade, e vida.
 E agora, sendo já passada a idade,
 Êste galardão dêles, e êste fruto, 35
 Ódio polo trabalho adquiero, e colho.
 Mas aquele outro sem nenhum trabalho
 Goza da pátria cara, e de seus cômodos.
 Todos lhe querem bem, e de mim fogem;
 E dêle fiam todos seus conselhos; 40
 Querem-lhe muito: ambos em sua casa
 Estão sempre, eu sou desamparado:
 Desejam que êle viva: e certo 'speram
 A minha morte: assim, criados êles

Com meu trabalho, os fêz êste seus próprios
 Com pequena despesa: eu só recebo 46
 Tôda a miséria; e êle logra tôdas
 As alegrias, e contentamentos.
 Ora sus, ora sus, façamos prova
 Agora contra as coisas referidas, 50
 Aquilo que eu fazer, ou dizer possa
 Benignamente, pois que me provoca
 À vida liberal, fácil, benigna.
 Porque eu também desejo ser amado,
 E ser dos meus em grande conta tido. 55
 Se isto se faz com dar, e lisonjear,
 Não sofrerei que seja o derradeiro.
 Faltar-me-á: mas isso não me importa,
 Porquanto sou de todos o mais velho.

CENA V

CIRO, DÊMEA

ARGUMENTO

Mostra o Poeta nesta Cena quanto fora de propósito Dêmea pela sua fera, e áspera natureza trabalha por se mostrar fácil, e jocundo; e quão fora de tempo, e despropositada seja a súbita liberalidade, quando um ânimo corre da demasiada escasseza ao vício da prodigalidade: e também se mostra como já Ciro tinha cozido o vinho que tinha bebido, ou a fornada, como dizem.

- C. Ó Dêmea, teu irmão te roga, e pede
Que não te vás daqui para mais longe.
- D. Que homem é este? Ó Ciro, amigo nosso,
Deus te guarde: que vai lá? que se passa?
- C. Mui bem. D. Isto vai bom: primeiramente
Estas três coisas ajuntei agora 6
Fora de minha fera natureza:
Ó nosso amigo, que vai? que se passa?
Tu mostras ser um servo honrado, e livre,
E bem te farei sempre de boamente. 10
- C. Eu to tenho em mercê. D. Ciro, por certo
O que digo é verdade, e o provarás
Com efeito, e per obras muito cedo.

CENA VI
GETA, DÊMEA
ARGUMENTO

Nesta Cena trabalha Dêmea por falar brandamente, e sem aspereza a Geta, que lhe sai ao encontro indo chamar os convidados para se acharem nas bodas. Sai logo Geta, como que fala com sua ama Sóstrata dizendo:

- G. Minha ama, eu daqui vou-me ter co'êles.
E virei quão depressa chamar mandem
A donzela. Mas eis lá Dêmea: sejam
Salvo, e são. D. Ó tu, como te chamas?
G. Geta. D. Hoje julguei na minha mente, 5
Que eras homem de grande conta, e prego;
Porque, certo, tenho eu por muito honrado
Aquêlle servo, o qual cuidado grande
Tem de seu amo, e amor lhe tem da mesma
Maneira que julguei sêres tu, Geta. 10
E de boa vontade só por isso,
Se fôr em coisa alguma necessário,
Te farei sempre bem. Vou trabalhando
Por ser benigno, e fácil; e o negócio
Vai procedendo bem. G. És bom, e honrado;
Pois que tens para ti isso que dizes. 16
D. Pouco a pouco primeiro o vulgo adquire.

CENA VII
ÊSQUINO, DÊMEA, CIRO, e GETA
ARGUMENTO

Nesta Cena se mostra Êsquino queixoso, por se gastar tanto tempo no aparato, e rito das bodas; a quem Dêmea se mostra afável, e benigno de sorte que o lisonjeia mais do que convém à urbanidade; recebendo grande gôsto, por se ver ser chamado já apazível: e manda que se arrase um muro divisório, que caía na horta, e estava entre as casas de Sóstrata, e de Mício; e isto para que mais cômodamente pudesse vir às casas a noiva já parida. E aqui se nos dá exemplo em Dêmea, e Êsquino quão doce seja aos mancebos a lisonjearia; e pelo contrário quão áspera, e amarga a repreensão.

- Ê. Matam-me certo, enquanto êles procuram
Ordenar, e fazer as santas bodas;
Em as aparelhar gastam o dia.
- D. Que vai, Êsquino? Ê. Ó pai, vós aqui estáveis?
- D. Em verdade teu pai per natureza, 5
E per amor; o qual tanto, e mais te ama
Que êstes olhos. Mas tu por que razão
Tua mulher não trazes para casa?
- Ê. Isso desejo muito, mas detem-me
A tangedoura, e os músicos que contam 10
Aquêles versos que convêm às bodas.

- D.* Oh, queres dar orelhas a êste velho?
É. Que dizes? *D.* Não te cansem estas coisas;
 Nem os versos das bodas que se cantam:
 E deixa a multidão dos convidados; 15
 As alâmpadas, deixa as tangedouras,
 E manda pôr por terra esta parêde
 Na horta; o mais depressa que puderes:
 E faz destas duas, uma casa:
 E traze-a para aqui, traze a mãe dela 20
 A nossa casa, e tôda a mais família.
É. Que me contenta: ó prazenteiro.
D. Ó lá, já sou chamado prazenteiro.
 Serão as casas de meu irmão patentes:
 Para casa trará tôda a família; 25
 Fará mais gasto, e muitas outras coisas:
 Mas que me vai a mim, ou que me importa?
 Eu fácil, entro em graça já com todos.
 Ésquino, manda, e faz logo agora,
 Que aquêl Babilon entregue, e conte 30
 Os duzentos Escudos: Ciro, deixas
 De ir logo, e de fazer o que te digo?
C. Que me mandas fazer? *D.* Derriba o muro;
 E vai, e traze aqui essas mulheres.
G. Os Deuses, Dêmea, te dêem bens imensos,
 Pois te vejo querer que seja feito 36
 De tão boa vontade, e boamente
 Isto à nossa família. *D.* Eu tenho certo,
 Que são dignos por êles faça tudo.
 Tu Ésquino, que dizes? *É.* Assim o cuido. 40
D. Êle é muito melhor que aqui se traga,
 Que não vir pela rua estando doente
 E parida de pouco. *É.* Pai desta alma,
 Eu certo não vi coisa melhor que esta.
D. Costumo fazer isto: mas eis Mício, 45
 O qual fora de casa vem saindo.

CENA VIII

MÍCIO, DÊMEA, ÊSQUINO

ARGUMENTO

Nesta Cena com várias razões é persuadido Mício a que case com Sóstrata, sogra de seu filho Ésquino, mulher já velha, não apta para o matrimônio. E há-se de advertir que (como já fica dito na Cena atrás) tinha ido Ciro fazer a saber a Mício, como Dêmea seu irmão queria, e mandava que se pusesse por terra aquêl muro, que dividia a casa de Sóstrata, e do mesmo Mício: e por isso entra êle dizendo: Manda isso meu irmão? & c.

- M.* Manda isso meu irmão? onde está êle?
 Isto mandas tu, Dêmea? *D.* Eu certo o mando;
 E que nisto, e no mais façamos uma
 Sômente, com a nossa esta família,
 O mais depressa que puder ser feito; 5
 E ajudemos, e em tudo socorramos,
 E com a nossa logo a ajuntemos.
É. Meu pai, muito vos rogo que assim seja.
M. Não cuido que se faça doutro modo.
D. Mas antes nos convém certo, e sem falta. 10
 Primeiramente Sóstrata é mãe desta
 Mulher de Ésquino. *M.* É mas tu que queres

- Inferir disso? *D.* É boa, e é modesta.
- M.* Assim dizem. *D.* E já de muita idade: Também o sei. *D.* E pelos largos anos 15
Já não pode parir; nem há quem possa
Atentar já para ela. *M.* Que faz êste?
- D.* É justo que com ela tu te cases,
E que trabalhes por que assim se faça.
- M.* E que eu case com ela? *D.* Tu. *M.* Eu
[dizes? 20
- D.* Digo que tu. *M.* Parvoejas, e endoideces.
- D.* Se tu és homem, fá-lo-ás sem falta.
- É.* Meu pai. *M.* Que dizes? asno, ouves a êste?
- D.* Nenhuma coisa fazes: não se pode
Fazer doutra maneira. *M.* Tresvarias. 25
- É.* Meu pai, querei que de vós alcance isto.
- M.* És doido? vai-te daí. *D.* Ora sus faze
A vontade a teu filho. *M.* Estás em ti?
Eu de sessenta e cinco, serei novo
Marido, e casarei com uma velha 30
Caduca? aconselhais-me vós tal coisa?
- É.* Fazei, ó pai, que já lho prometi.
- M.* Prometeste-lho tu? moço ignorante:
De ti só prometer, e dispor podes.
- D.* Ora sus, que fizeras se outra coisa 35
Maior te pedira êle. *M.* Como se esta
Não fôsse muito grande. *D.* Ora acaba
Faze a teu filho agora esta vontade.
- É.* Não me molestes. *D.* Faze-lha, promete-lho.
- M.* Não me queres deixar? *É.* Em nenhum
[modo, 40
- Se de ti não alcanço isto que peço.
- M.* Isto é certo violência. *D.* Ora sus, Mício,
Acaba, faze-o já liberalmente.
- M.* Ainda que o que pedes me parece
Coisa má, bruta, e despropositada, 45

- Fora, e alheia da vida que hoje vivo;
Se vós isto pedis com tanta instância
Faça-se assim como quereis. *É.* Bem fazes:
Com razão te amo, e quero. *D.* Mas contudo,
Eu que posso dizer? pois se concede, 50
E se faz o que tinha na vontade:
Que mais se há de fazer? que fica agora?
Este Hégio, parente mais chegado
Destas mulheres, é parente nosso
Por Cunhadio: é pobre: e é decente 55
Lhe façamos também alguma coisa.
- M.* Que é justo lhe façamos? *D.* Aqui perto
Está fora dos muros da Cidade
Um pedaço de campo, o qual arrendas
Aos de fora; demos-lhe êste campo. 60
- M.* Tu dizes que êsse campo, que é pequeno?
- D.* Inda que seja grande, contudo isso,
Assim se há de fazer: êle está pôsto
Em lugar de pai desta: é bom; é nosso:
Com razão se lhe dá. Enfim, não faço 65
Meu aquêlê rifão, que não há muito
Que tu, Mício, disseste sãbiamente:
Que é defeito comum, vício de todos
O sermos na velhice muito dados
A granjear fazenda: é mui decente 70
Fugirmos desta mácula: êle é certo
Verdadeiro o rifão: convém, e importa,
Que se faça com obras, e em efeito.
- M.* Que é isto agora? dar-se-lhe-á o campo,
Pois êste o quer. *É.* Meu pai... *D.* Agora
[és meu 75
- Irmão no corpo, e alma juntamente.
- M.* Muito me alegro, e folgo. *D.* Com a sua
Espada mesma firo, e degolo êste.

CENA IX

CIRO, DÊMEA, MÍCIO, ÊSQUINO

ARGUMENTO

Nesta Cena nona, e última do Ato quinto se conclui tudo com um alegre fim: dá-se liberdade aos servos: concedem-se aos dois filhos as desejadas mulheres. Refere Dêmea a Mício a razão de haver mudado de costumes tão repentinamente: onde também repreende a corrupção do Século, e os maus costumes. Por fim promete aos filhos daí em diante um efetivo socorro.

C. Executei, ó Dêmea, o que mandaste.

D. És um homem de lei: eu polo Templo
De Pólux te seguro que merece,
Segundo o que percebo, e o meu juízo,
Alcançar hoje Ciro a liberdade. 5

M. Este deve ser livre? e por que causa?

D. Os motivos são muitos. C. Na verdade
Qu'és, ó Dêmea, varão de probidade.
Eu eduquei lá dêes de a meninice

Ambos êstes teus filhos com cuidado: 10

Istruí, admoestei; e eu mesmo sempre

Bons preceitos lhes dei: fiz quanto pude.

D. Isso bem claro está: e maiormente

- O saber bem comprar as iguarias,
Ser fiel corretor de vãos prazeres, 15
Dispor, e preparar no mesmo dia
O que preciso fôr para um banquete:
De préstimo ordinário, e mediano
Isto não é. *C.* Ó homem engraçado!
D. Hoje enfim em comprar a cantadeira 20
Ajudou, e pôs tôda a diligência.
Merece recompensa: outros escravos
Serão muito melhores. Finalmente
Êsquino o quer. *M.* E queres que se faça?
Ê. Eu o desejo. *M.* Já que assim o queres, 25
Vem cá, ó *Ciro*: ó lá, chega-te aqui:
Livre estás. *C.* Fazes bem: eu geralmente
As graças rendo, e a ti especialmente,
Ó *Dêmea*. *D.* Muito estimo. *Ê.* E também eu.
C. Eu os creio. Oxalá que fôsse inteiro 30
Este meu gôsto, vendo juntamente
Frígia minha mulher também liberta.
D. É mui boa mulher. *C.* Ela a teu neto
D'Êsquino filho, foi hoje a primeira
Que lhe deu de mamar. *D.* Pois em verdade, 35
Se foi ela a primeira bem merece
O ser livre também. *M.* Por essa causa?
D. Por esta causa. Enfim da minha bôlsa
Receberás o preço desta escrava.
C. Satisfaçam-te, ó *Dêmea*, os Deuses sempre 40
Tudo quanto tiveres no desejo.
M. Prósperamente te foi hoje, ó *Ciro*.
D. Far-lhe-ás uns bons ofícios na verdade
Se lhe deres, ó *Mício*, alguma coisa
De que possa viver: logo ta torna. 45
M. Não lhe darei valor, nem de um cabelo.
Ê. És homem de verdade, honrado, e pródigo.
C. Eu juro de torná-la: dá-me agora.

- Ê.* Eia, meu pai. *M.* Enfim consultaremos.
D. Há de fazê-lo. *C.* Ó homem de bondade. 50
Ê. Ó meu pai graciosíssimo! *M.* Que é isto?
Que repente mudou os teus costumes?
Que profusão é esta? donde veio
Tão repentina; e súbita largueza?
D. Dizer-to vou. Eu quis fazer patente, 55
Que se te julgam êstes brando, e afável
Isto não vem de teres uma vida
Prudente, racional; nem tampouco
Da equidade tua, ou da justiça;
Porém sim da lisonja, e da indulgência 60
E da despesa, ó *Mício*, que tu fazes.
Se a minha vida, ó Êsquino, aborrece
Por vos não aprovar o justo, ou injusto
Que muito vos apraz; lá vos avinde:
Desbaratai, e comprei o que quiseres: 65
Segui por tudo os vossos apetites.
Porém se antes quereis que vos repreenda,
E emende aquelas coisas que, por moços
Conheceis menos; mais ardentemente
Desejais, e atendeis pouco; e não menos,
Que quando justo fôr eu condescenda; 71
Aqui me tendes pronto.
Ê. Ao teu cuidado
Deixamos tudo, ó pai; pois melhor sabes
De que necessitamos. Mas agora,
Que se deve fazer de meu irmão? 75
D. Dou licença que a tenha, e que a possua,
E que fim ponha nela às suas loucuras.
Ê. Isso é pôsto em razão: batei as palmas.

FIM

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>
Prefácio	VIII

ÂNDRIA

Argumento	5
Prólogo	7

ATO I

Cena I	11
" II	21
" III	25
" IV	27
" V	29

ATO II

Cena I	37
" II	41
" III	45
" IV	49
" V	51
" VI	53

ATO III

Cena I	59
" II	61
" III	65
" IV	69
" V	73

ATO IV

	Pág.
Cena I	77
" II	81
" III	85
" IV	87
" V	91

ATO V

Cena I	95
" II	97
" III	101
" IV	105
" V	111
" VI	113

EUNUCO

Argumento	119
Prólogo do argumento	121
Prólogo	123

ATO I

Cena I	129
" II	133

ATO II

Cena I	143
" II	147
" III	153

ATO III

Cena I	163
" II	167
" III	171
" IV	175
" V	177

ATO IV

	Pág.
Cena I	185
" II	187
" III	189
" IV	193
" V	197
" VI	199
" VII	203

ATO V

Cena I	209
" II	211
" III	215
" IV	217
" V	219
" VI	223
" VII	227
" VIII	229
" IX	231

HEAUTONTIMORUMENON

Argumento	241
Argumento do prólogo	243
Prólogo	245

ATO I

Cena I	251
" II	259

ATO II

Cena I	265
" II	267
" III	269
" IV	279

ATO III

	Pág.
Cena I	285
" II	291
" III	295

ATO IV

Cena I	301
" II	305
" III	307
" IV	311
" V	315
" VI	319
" VII	321
" VIII	323

ATO V

Cena I	329
" II	335
" III	339
" IV	341
" V	343

ADELFOS

Argumento	351
Argumento do prólogo	353
Prólogo	355

ATO I

Cena I	359
" II	363

ATO II

Cena I	371
" II	377
" III	381
" IV	383

ATO III

	Pág.
Cena I	387
" II	389
" III	395
" IV	401

ATO IV

Cena I	409
" II	413
" III	417
" IV	419
" V	423
" VI	429
" VII	431

ATO V

Cena I	437
" II	439
" III	441
" IV	447
" V	451
" VI	453
" VII	455
" VIII	457
" IX	461



COMPÔS E IMPRIMIU
INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA
Salles Oliveira & Cia. Ltda.
RUA AUGUSTA, 235 -- SÃO PAULO